

REVISTA CULTURAL | 2020

# Dr. Pheu Laredes



Pintura de Adelaide Morgado  
Vencedora do Prémio de Artes Plásticas "Henrique Silva"

*É preciso começar a ler logo de manhã.  
As palavras estão a nascer é preciso ver-lhes o crescimento.  
E assim na minha aldeia*

*às tardinhas  
o sol vai adormecendo  
em sabedoria.*

Zeferino Silva  
Poeta de Bitarães  
Paredes

## **FIGHA TÉCNICA**

**Revista Cultural de Paredes**  
**Direção**  
Alexandre Almeida,  
Presidente da Câmara  
Municipal de Paredes

**Coordenação**  
Beatriz Meireles, Vereadora  
da Cultura da CM Paredes

**Coordenação Editorial**  
Maria Antónia Silva

**Concepção e Paginação**  
Rui Carvalho

**Revisão:**  
Cidália Neto Geada

**Propriedade**  
Município de Paredes  
Parque José Guilherme  
4580-130 Paredes  
**Telefone** 255 788 800  
cmparedes@cm-paredes.pt  
www.cm-paredes.pt

**Impressão**  
Gráfica de Paredes, Lda.

**Depósito Legal**  
452562/19

**Tiragem**  
1.000 exemplares

**Capa**  
Adelaide Morgado,  
Vencedora do Prémio de  
Artes Plásticas "Henrique  
Silva"

**Convidados \***  
Alberta Rangel  
Adelino Sousa  
Adriana Ferreira  
Aires Montenegro  
Alberto Guimarães  
Alcina Manuela Martins  
Alda Neto  
Ana Maria Fernandes

Ângelo César Neto  
António Aresta  
António José Queiroz  
Beatriz Meireles  
Carlos Daniel  
Carlos Ferraz  
Cristiano Marques  
Daniel Lemos  
Donzília Martins  
Faustino Sousa  
Fernando Leal  
Fernando Salvador  
Gaspar Vieira  
Hernâni Gomes  
Inácio Nuno Pignatelli  
Isabel Leal  
Ivo Rafael Silva  
João Vieira  
José Leão  
José Mendonça  
Laura Guimarães  
Mafalda Ruão  
Manuel Cunha  
Manuel Ferreira Coelho

Margarida Meireles  
Maria Antónia Silva  
Maria do Rosário Pestana  
Maria Fernanda Malheiro  
Maria João Pêra  
Maria Miguel  
Marisa Leal  
Miguel Gomes  
Natália Felix  
Norberto Valério  
Nuno F. Silva  
Paulo Caetano Moreira  
Paula Correia  
Rafael Borges  
Rafael Telmo  
Rui Carvalho  
Rui Guedes  
Sara Almeida Rocha  
Serafim Rocha Ferreira  
Sónia Peixoto  
Teresa Andresen  
Verónica Rocha  
Zeferino Silva

\* Os textos são da responsabilidade dos autores, que podem não seguir as normas do novo acordo ortográfico.

- 3 Editorial
- 4 Dois anos de... Orpheu Paredes
- 6 Carta aos Amigos(as) do Café Literário
- 8 Café Literário Júnior
- 9 Culturinha sai à rua
- 10 Programa Paredes no Palco
- 11 A Guitarra. Um instrumento em ascensão
- 14 Centro Português de Nyckelharpa
- 16 Prémio Literário "António Mendes Moreira"
- 18 Workshop de Escrita Criativa
- 19 Prémio de Artes Plásticas "Henrique Silva"
- 22 Orpheu Paredes Social: "Oficina das Artes"
- 24 Workshops de Património e Pintura
- 26 "Baltar - Do Muro avisto o mar"
- 30 Azulejaria do Concelho de Paredes
- 34 Monsenhor Francisco Moreira das Neves
- 38 O Centenário do Papel-moeda
- 43 Cultura num minuto
- 46 O Zé Maria de Paredes
- 48 Comendador Pereira Inácio: Um Baltarense e a Benemerência aquém e além atlântico
- 55 Visconde de Ribeiro Magalhães: O Português e o património histórico do Brasil - A história da Vila de Santa Thereza em Bage RS, Brasil
- 64 Victorino Coelho Pereira, Torna-viagem de Baltar
- 67 José Martins da Costa Moreira
- 70 Francisco da Cunha Leão: Um pensador da terra
- 73 Serões Literários do Vale do Sousa - "Uma viagem ao mundo literário de Sophia"
- 75 Os Brasões de Marco e Agustina
- 78 Senhora do Salto: Páginas da história da terra
- 81 Toponímia pré-histórica do Concelho de Paredes nas fontes escritas
- 85 Origens e evolução do Concelho de Paredes
- 89 Caminhos de Santiago: Possibilidade de um antigo traçado já ter existido em Paredes
- 92 A complexidade da história antiga do Mosteiro de Cete
- 95 O Foral Manuelino da Honra de Sobrosa
- 98 Batalha de Ponte Ferreira: Algumas reivindicações e outras designações
- 102 Paredenses na Segunda Guerra Mundial: Dois combatentes ao serviço de Francisco e Adolf Hitler
- 106 Dinâmicas da etnografia da música em Paredes
- 109 Duas casas brasonadas de Castelões de Cepeda
- 114 Igreja de S. Cristóvão de Louredo
- 118 Os moinhos em Paredes
- 122 Poluição, culpa e omissão
- 126 @Fator\_História: Uma perspetiva sobre o uso das redes sociais no ensino da história
- 129 Glossário Interdisciplinar: Uma teia de Palavras
- 132 "Num salto, senhor"
- 135 "Sei-o"
- 137 "Rosa Barqueira"
- 138 "Baixo Douro"
- 140 Poesia também é património
- 142 Poetisa Paredense: Maria José Alves Pereira da Silva
- 144 Poeta Paredense: Daniel Faria
- 146 Regulamento Prémio de Artes Plásticas "Henrique Silva"
- 147 Regulamento Prémio Literário "António Mendes Moreira"



## Caminhada cultural de Paredes com ambição e projeção

A revista anual "Orpheu Paredes", na sua segunda edição, é a prova viva de que a aposta da Câmara Municipal de Paredes na cultura está no caminho certo. A diversidade de temas desta edição é demonstrativa de um ano cultural intenso, preenchido com diferentes iniciativas, para todos os públicos, e com diversidade de pensamentos e envolvimento dos agentes culturais e associativos locais. O investimento na cultura passa por incentivar e promover as artes, em particular as artes plásticas, sendo a capa da Revista Orpheu dedicada à obra vencedora do Prémio de Artes Plásticas "Henrique Silva" pela artista Adelaide Morgado. A estratégia da nossa política cultural pretende provocar e despertar na população o interesse pela cultura em geral, pela história e património.

Nesta edição da revista, a literatura é reconhecida pelo talento paredense com o Prémio Literário "António Mendes Moreira". A literatura vive o seu expoente, no Concelho de Paredes, com o assinalar dos dois anos do "Café Literário", agora também com o Café Literário Júnior, para dar a conhecer às várias faixas etárias a produção literária de autores locais. Na música, o destaque vai para o Nyckelharpa Meeting e para a formalização do Centro Português de Nyckelharpa, projetos que permitiram afirmar e projetar Paredes como a Capital portuguesa deste instrumento musical.

A "Orpheu Paredes" dá, ainda, a conhecer duas comemorações importantes para o Concelho: os 500 anos do Foral de Sobrosa e os 300 anos da Igreja de S. Cristóvão de Louredo, esta última celebração acompanhada pela inauguração do Núcleo Museológico Padre Amadeu Soares da Silva. À história e ao património juntam-se as tradições de um povo. Em Paredes, não se pode falar de usos e costumes sem conhecer, inevitavelmente, os moinhos de água e a arte da moagem a eles associada. E é na primeira pessoa, pelas vozes daqueles que perpetuam esta tradição, que é contado e traçado o roteiro dos "Moinhos em Paredes". As figuras ilustres e benemeritas que deixaram a sua marca no Concelho também não são esquecidas, como é o caso de José Martins da Costa Moreira e do Comendador Pereira Inácio.

A segunda edição da Orpheu é o reflexo da diversificação cultural do Concelho, que perpetua através da escrita de reportagens, histórias, contos ou poesia, contando com os contributos de munícipes que participam ativamente nas atividades culturais criadas para "dar vida a Paredes".

## Alexandre Almeida

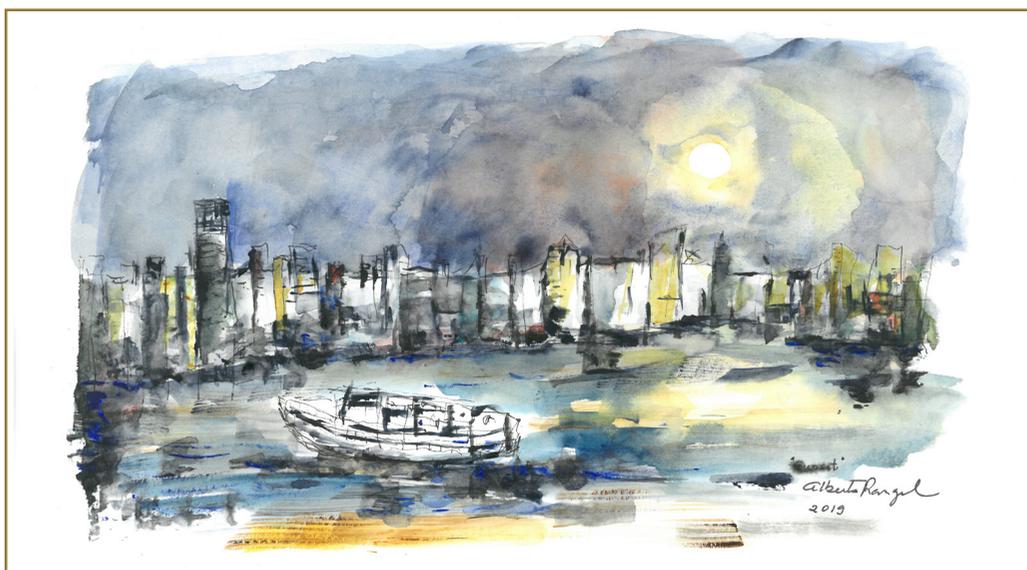
Presidente da Câmara Municipal de Paredes

# DOIS ANOS DE... ORPHEU PAREDES

**Beatriz Meireles**

Vereadora dos Pelouros da Cultura (Dinamização Cultural e Turismo,  
Património Cultural, Biblioteca e Arquivo) e da Ação Social

**Alberta Rangel**, Ilustração



*Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.*

Odes de Ricardo Reis.  
Heterónimo de Fernando Pessoa.

Já são dois anos! Como dois anos passaram! Continuamos a trabalhar absolutamente motivados, descontando todos os minutos do tempo, por forma a conquistarmos cada vez mais público cultural, de que é já notório o crescimento, aceitando a unidade e as diferenças, a história e as tradições de cada uma das freguesias do concelho de Paredes, bem plasmadas nesta segunda edição da Revista Cultural – Orpheu Paredes – renovadora, diversificada e plural.

Estamos a dar grandes passos, como é o caso do ambicionado Auditório que servirá todas as freguesias do concelho, que muito empenho tem

recebido do Senhor Presidente da Câmara Municipal. Faltam-nos dar muitos outros passos, falamos de um novo espaço físico para um Museu, que receba, entre outros, o nosso espólio arqueológico, e para um Arquivo Municipal, um espaço que preserve condignamente a memória coletiva e projete o futuro de Paredes.

Desde o primeiro momento, não quisemos descurar as pequenas coisas que comprometiam as grandes, mas que, ainda assim, estavam por resolver: uma agenda que agregasse as atividades do Município, das Juntas de Freguesia e Associações Culturais; uma newsletter

semanal digital; uma oferta de programação cultural mais variada e regular, com atividades a acontecer todos os meses (por exemplo, *Exposições* na Casa da Cultura, Biblioteca Municipal ou Loja Interativa do Turismo, *Café Literário*, *Música para Bebés e Papás*, *Culturinha Sai à Rua*), ou que ocorrem a cada três meses ou todos os anos (por exemplo, *Janeiras*, *Café Literário Júnior*, *Da Casa para as Famílias*, *Primavera Festival da Flor*, *Desfile Concelhio integrado nas Festas de Paredes*, *Paredes Nyckelharpa Meeting*, *Orpheu Paredes Social*, *Noites Negras*, *Património e Pintura*, *Tremoço & Companhia*, *Paredes no Palco*, *Festival de Jazz*, *Espalhar Magia por Paredes*), assim como outras que ainda estão em fase de criação; a aquisição de um novo programa informático que colocasse todas as bibliotecas concelhias em rede; uma reorganização do espaço da Biblioteca e do seu depósito, com a reformulação do catálogo e aquisição de novos livros; a criação de uma Biblioteca Troca por Troca; melhorias no funcionamento da Casa da Cultura e do respetivo bar, aberto para dar resposta à maioria dos eventos que decorrem no seu auditório... entre vários outros aspetos.

No imediato, torna-se imprescindível adquirirmos uma ferramenta informática que agregue toda a programação cultural concelhia.

Apoiámos as Bandas Filarmónicas de Cete, de Vilela e de Baltar, a Orquestra Ligeira do Vale do Sousa – a *Big Band* de Paredes – e o Centro Português de Nyckelharpa (estrutura criada no âmbito da Associação José Guilherme Pacheco, onde se insere igualmente o Conservatório de Música de Paredes). Estreitámos relações com o Conservatório de Dança do Vale do Sousa, estabelecendo cada vez mais parcerias.

Temos dado novos estímulos e incentivos à produção científica, literária e artística, divulgando e apoiando as exposições na Biblioteca Municipal, Casa da Cultura e Loja Interativa do Turismo de diversos artistas plásticos, mais jovens, menos jovens, mais conhecidos, menos conhecidos, assim como facilitando a publicação nesta mesma revista, de que o próprio Arquivo Municipal e os colaboradores do Município fazem parte ativa, ou apoiando a edição de livros sobre a história e importantes personalidades de Paredes (por exemplo, “Foral Manuelino da Honra de Sobrosa”, da Professora Doutora Alcina Manuela de Oliveira Martins e do “Maestro e Etnógrafo Vergílio Pereira – entre a descoberta do folclore e o compromisso de transformação social”, da Professora Doutora Maria do Rosário Pestana), de prosa ou de

poesia (como é o caso de Donzília Martins e de Nuno F. Silva). Reativámos também o Prémio Literário António Mendes Moreira, aqui publicamente divulgado, e o Prémio Artístico Henrique Silva, cuja obra vencedora foi tornada capa desta segunda edição *Orpheu Paredes*.

Para lembrarmos personalidades esquecidas no passado, encomendámos à pintora ucraniana Olesya Mohoshum um quadro nos vinte anos do falecimento de Daniel Faria, natural da freguesia de Baltar, que preservará o rosto do poeta à entrada da Biblioteca Municipal, atribuímos-lhe, a título póstumo, a medalha de ouro municipal ou criámos caminhos pedestres por onde passou na infância.

Apoiámos a criação do Núcleo Museológico Padre Amadeu Soares da Silva, uma das personalidades mais marcantes da freguesia de Louredo.

Incentivámos e agradecemos aos mecenas, honrados amigos da cultura de Paredes, as doações particulares de diversas obras de arte, algumas plantas que embelezam o jardim da Casa da Cultura, a documentação histórica ou os livros recebidos, que integram, respetivamente, o acervo do Arquivo ou da Biblioteca Municipais.

Durante o último ano, tratámos o extensíssimo acervo doado pelo Monsenhor Moreira das Neves, uma personalidade da freguesia de Gandra que também homenageámos nesta Revista Cultural. Reconhecemos o papel dos voluntários que dedicaram parte do seu tempo livre a estas e a outras causas culturais.

Estendemos os agradecimentos aos que colaboraram e participaram nesta revista, assim como a todos os outros amigos da cultura, pelos projetos que fizemos nascer juntos, ao Professor Daniel Lemos, pelo Young Guitar Masters, aos Professores Adelino Sousa, Ângelo Neto e Alda Neto, pelo Caminhar pelo Património, aos Professores Aires Montenegro e Adão Carvalho, pelo Centro Português de Nyckelharpa.

A nova geração de cultura Orpheu Paredes desenvolverá, durante o próximo ano os Amigos da Cultura de Paredes, que com o lançamento desta Revista formalizamos.

Os meninos da capa clamam desesperadamente por nós! Com eles, chegaremos à lua de que o poeta nos fala para brilharmos mais alto, até quando os meninos forem velhinhos e os seus netos também.

# CARTA AOS AMIGOS(A) DO CAFÉ LITERÁRIO

**Beatriz Meireles**

Vereadora dos Pelouros da Cultura (Dinamização Cultural e Turismo, Património Cultural, Biblioteca e Arquivo) e da Ação Social

**Alberta Rangel**, Ilustração

*Quem possui a faculdade de ver a beleza, não envelhece.*

Franz Kafka

Caros(as) amigos(as),

Hoje quis escrever-vos uma carta singela para demonstrar, desde logo, o apreço que sinto por vós. Torna-se imperioso escrever um texto mais cuidado, que fique para a posteridade, não uma mensagem de telemóvel, escrita à pressa ou até um *e-mail*. Sei que não escreverei cartas tão belas como as dos escritores, como aquelas que vi no depósito da Biblioteca Municipal, quando, ainda no início deste ano, juntos e motivados, organizávamos, com sentimentos de sofrimento e de amor misturados, os livros que, no passado, foram acumulados e amontoados, sem nenhum tratamento ou dignidade. Atrevo-me a dizer-vos que se esqueceram de ver o que eu vi, num momento de epifania – as almas das pessoas que os escreveram, cada uma delas convertida em pura literatura! Talvez, por isso, apareceu-me esta carta ou, talvez, não sei, por querer ser uma espécie de *Lady Susan*, do tempo de *Jane Austen*. Usarei convosco, no entanto, de argumentos mais sérios e verdadeiros do que usou a mais refinada senhora de Inglaterra, para lhes agradecer o facto de terem sabido valorizar a cultura de Paredes, apreciarem os livros e a beleza das coisas! Para isso, aparecem, como convidados e convidadas, amigos e amigas, todos os meses, sempre na primeira sexta-feira de cada mês, para ouvirem e falarem, opinarem com frontalidade, cara a cara, sobre os livros e sobre o que for, não para magoarem o próximo e desconsiderarem o caminho até então percorrido, com algumas falhas como qualquer um de nós comete, mas para criarem e construírem connosco, ao sabor de um café, uma nova geração de cultura. E, quando acabam estas sextas-feiras, sabem prolongar no tempo a amizade que nos une, atendendo a este fim maior que nos supera a nós próprios, aparecendo para ajudar e enviando cartas e *e-mails* diversos com sugestões, palavras de agradecimento, pinturas, textos ou poemas que nos motivam a perseguir o sonho. Desconhecem como tornam os dias mais felizes, quando até acabam já por assinar o vosso nome e acrescentam, de seguida, o epíteto de “Amigo(a) da Cultura”. Não se escondem atrás de nomes que não lhes pertencem, por vezes

em páginas da internet de maleficência. Nem pensar! Um(a) amigo(a) da cultura de Paredes, por bem fazer, sujeita-se, tal como eu, à crítica destrutiva dos que nada fizeram ou fazem! E acabamos por ver que escolhem, de forma deliberada, frequentar os espaços e as atividades culturais dos outros concelhos, mas nunca, nunca, os nossos espaços ou atividades culturais! Empenhamo-nos ainda mais a convencê-los a juntarem-se a nós, pois faremos, todos juntos, história e colocaremos Paredes na senda do progresso através da cultura. Cabe-lhes depois, aos(às) que ainda não são nossos(as) amigos(as) decidirem se querem ou não envelhecer, como nós não envelhecemos, criando, connosco, o mais bonito jardim que alguma vez Paredes teve!

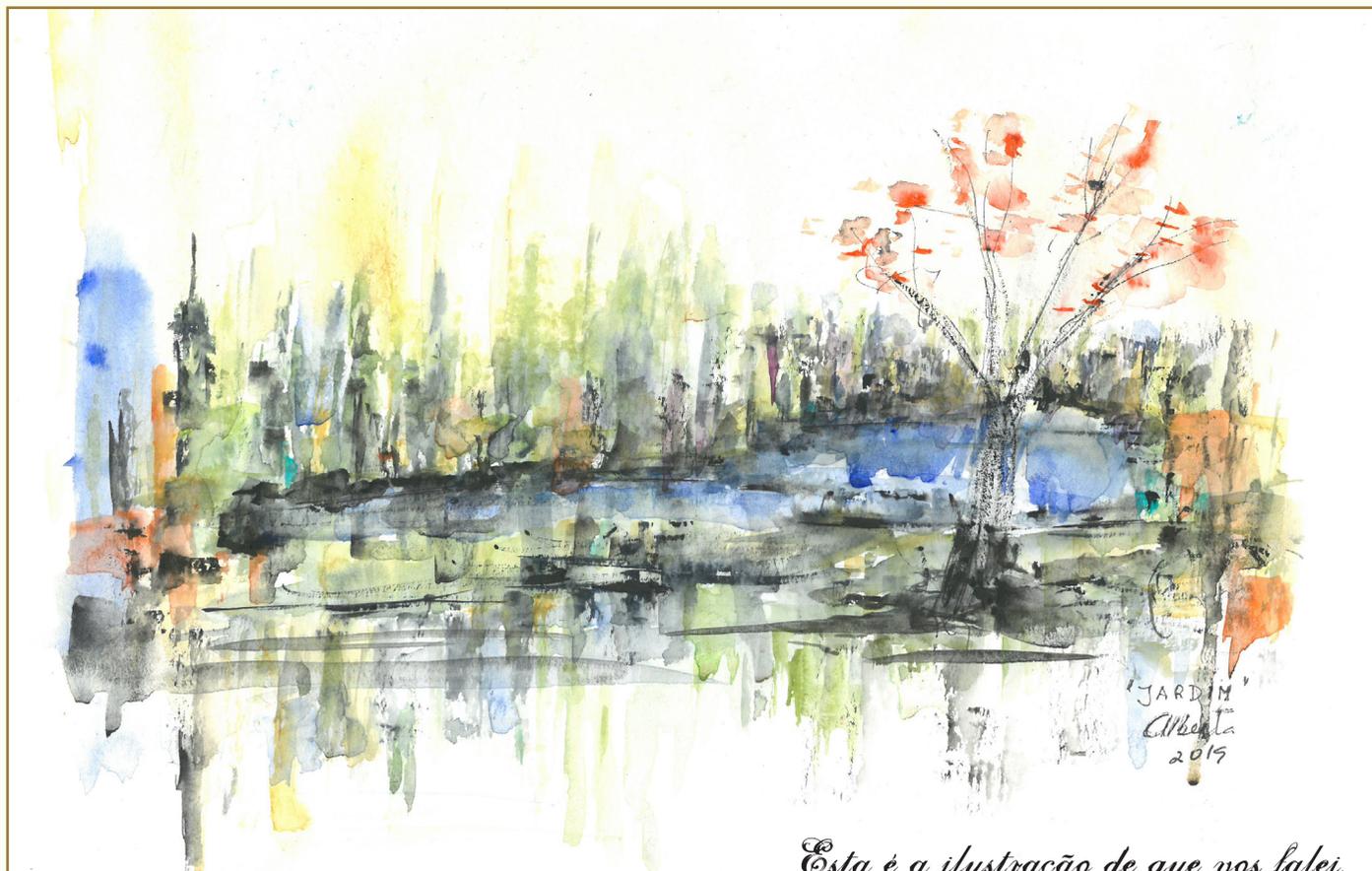
Desta vossa amiga da cultura,  
*Beatriz Meireles*

*Post scriptum:* Deixo-vos um dos muitos poemas que nos ofereceram e motivaram ao longo do ano, com a permissão simpática do seu autor, Zeferino Silva, assim como uma pintura para ilustrar esta cartinha, o mais bonito “Jardim” – aquele que estamos a construir. É da Alberta Rangel, uma das pintoras que também expôs na Casa da Cultura.

## Dois anos de Café Literário...

Escritores convidados

Aires Montenegro	Lino Augusto Tavares Dias
Nuno F. Silva	Adelino Gomes (livro tributo Zeca Afonso)
Ivo Rafael	Manuel Andrade
Rui Guedes	Tiago Sá Balão
Donzília Martins	Ana Damião
José Orlando Rocha	Ana Maria Fernandes
Serafim Ferreira	Rosário Pestana
Fernanda de Queyroz	Inácio Pignatelli
Marisa Pedrosa	Zeferino Leal
Madalena Oliveira	António Assunção



*Esta é a ilustração de que vos falei.*

*Quando morre o Sol começa outro a nascer.  
São assim os dias. Do tamanho de cada Sol.  
Vemo-lo a ficar grande a dar luz às palavras.  
No tempo escuro, começam outras palavras.*

*O Sol conhece a fonte das palavras  
e nunca é igual na maneira de dizer.*

*“Duvida da luz dos astros”, dizia o tal William  
Que não estava a pensar no Sol.*

*O tempo não vai às fontes:  
Come-nos as palavras.*

*As que eu tinha nos olhos o tempo levou-as.*

*Tenho palavras guardadas na arca do peito.  
“Não se esgotará a panela da farinha,  
nem se esvaziará a almotolia do azeite”,<sup>(1)</sup>  
ao fim da tarde quando os amigos são o Sol  
que nos conhece por dentro,*

*pelo silêncio e pelas palavras que aconcheguei.*

*Experimenta sentar-te ao acabar de nascer,  
ainda não sabes o que são os rios e o que é o mar.  
Inclina o ouvido do coração:  
o silêncio vai falar; notas-lhe o cheiro.  
As palavras são assim. Flores.*

*As flores são a casa dos frutos  
e os frutos também não sabem do tempo.  
Todas as horas são novas no tempo certo.  
E não sei o que é o tempo. E não é grave.  
Os frutos não sabem. E é bom.  
“Não se esgotará a panela da farinha”  
por o tempo não ser preocupação dos frutos.  
<sup>1</sup>(Reis, 17, 14)*

Zeferino Silva  
Colmeal, 23 de Novembro, 2018

*Duvida da luz dos astros,  
De que o sol tenha calor,  
Duvida até da verdade,  
Mas confia em meu amor.*

William Shakespeare  
Hamlet

*Este é o poema...*

# CAFÉ LITERÁRIO JÚNIOR

**Hernâni Gomes**, Técnico Superior de Assessoria e Tradução



Na infância, a leitura é extremamente importante, porque os livros possuem o poder de permitir às crianças viajar para outros lugares, onde se entrelaçam com a criatividade, imaginação e fantasia.

E, neste exercício mental, que também é de memória e conhecimento, instigam-se e formam-se competências linguísticas (como escrever sem erros e a aquisição de novo vocabulário para a expressão escrita e oral), reforça-se a capacidade de retenção de informação e a atenção e faz-se desabrochar, através da empatia despertada pela narrativa, uma reflexão que estimula o desenvolvimento emocional e “constrói-se” o Mundo.

Desta forma, propiciar uma aproximação das crianças às bibliotecas e aos livros, promovendo hábitos de leitura e formando novos leitores, é o objetivo desta atividade, transportando para um público mais novo uma que já acontece com um público adulto.

A primeira sessão do Café Literário Júnior contou com a presença de Lúcia Bessa, que apresentou o livro “Era Uma Vez... Com a Matemática”, da sua autoria. Este livro contém ilustrações feitas pelo seu filho, Pedro

Morais, sendo um trabalho em conjunto que reforça os laços de afetos e de aprendizagem.

Na segunda sessão, apresentou-se o livro “A maçã vermelha – viagem à infância de Sophia de Mello Breyner Andresen”, da autoria de Nuno Higinio. Nesta sessão, o autor, que teve contacto e partilhou momentos com a escritora de quem no ano transato se comemorou o centenário do nascimento, com inúmeras atividades e iniciativas por todo o país e no estrangeiro, e que é também autor de outros livros de literatura infantil (género em Portugal popularizado e enaltecido ao nível da genialidade por Sophia de Mello Breyner Andresen), mencionou-nos que a primeira recordação da escritora é um quarto em frente ao mar dentro do qual estava, pousada em cima duma mesa, uma maçã grande e vermelha, que foi ponto de partida para a história do seu livro sobre a escritora e que também recorre a muitos outros elementos que compõem o seu imaginário literário.

A terceira sessão do Café Literário Júnior é a apresentação do livro “Mafalda e a Luz – uma história românica”, de Joaquim Luís Costa. Este livro faz parte dos recursos do serviço educativo da Rota do Românico e tem como autor um dos seus técnicos, que narra uma história que se baseia na vida e em lendas de Mafalda Sanches, filha de D. Sancho I e de D. Dulce de Aragão, que ficou com fama de milagreira e que remonta temporalmente à Idade Média, acontecendo em territórios não distantes de Paredes.

As diferentes temáticas, Matemática, Literatura e História com que os diferentes participantes nesta atividade foram contactando, contribuem para um objetivo igual: a formação de adultos responsáveis e conscientes para formarem uma sociedade melhor.

## Um ano de Café Literário Júnior...

Escritores convidados

Lúcia Bessa

Nuno Higinio

Joaquim Luís Costa

# CULTURINHA SAI À RUA

**Marisa Leal**, Técnica Superior de Educação Social

Sabendo que nem todos, pelos mais diversos motivos, têm acesso à Cultura, nas suas mais variadas formas, nasce o projecto “Culturinha sai à rua”, do Pelouro da Cultura (dinamização Cultural e do Turismo).

Este projecto pretende através da realização de várias atividades, tais como teatros, leitura de poesias, histórias, oficina de artes, dança, música, exposições, distribuição de programas culturais, entre outras, levar a Cultura às Escolas, IPSS e Lares. Pretendemos, assim, promover o acesso de todos a uma programação cultural dinâmica, criativa, diversificada, informada e, sobretudo, construída a partir do olhar de quem as desfruta.

É de salientar que projeto conta com uma mascote, que nasceu das mãos do aluno Bruno Ribeiro, do 4º ano da Escola de Mouriz, no ano letivo de 2018/2019, um dos inúmeros participantes do concurso aberto às escolas básicas e Jardins de Infância do concelho. A autarquia presenteou os participantes deste concurso com a primeira peça de teatro do projeto “Era uma vez uma Rainha, a Branca de neve e os 3 trapalhões”.

## O que é a Culturinha?

É um programa do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Paredes, que tem como objetivo o envolvimento da Comunidade (freguesias, paróquias, associações, agentes culturais, escolas e IPSS 's) na atividade cultural de Paredes.

## Para que serve a Culturinha?

- > Divulgar as atividades culturais promovidas pelo Pelouro da Cultura, assim como pelas diferentes associações e agentes culturais do Concelho.
- > Levar a cultura para fora dos tradicionais espaços culturais (Biblioteca Municipal, Casa da Cultura e/ou Loja Interativa do Turismo).
- > Ouvir os anseios da população, trazer novas ideias, tradições e amigos da cultura.
- > Estabelecer contatos com diferentes artistas e escritores, por forma a intensificar e diversificar a oferta cultural do concelho de Paredes
- > Trocar livros, revistas, jornais, cartazes e flyers.



# PROGRAMA PAREDES NO PALCO

Sónia Peixoto, Técnica Superior de Relações Públicas



O Programa Paredes no Palco é uma iniciativa de promoção da cultura com o envolvimento dos cidadãos do Concelho de Paredes cujo objectivo é a promoção, o apoio e o desenvolvimento do teatro amador deste Concelho.

Embora a área artística a promover e a apoiar seja o teatro, o Programa Paredes no Palco entende esta manifestação artística com uma grande pluralidade de práticas, quer quanto à forma, ao repertório ou ao modo de apresentação. Podem participar organizações com entidade jurídica - Associações, Cooperativas - e Grupos informais de matriz cultural do Concelho de Paredes.

Existem duas modalidades de participação no programa, designadamente Paredes no Palco (grupos jovens e adultos com idade superior a 16 anos ) e Paredes no Palco Júnior (crianças e jovens até ao 16 anos de idade).

Nesta edição, temos 16 grupos de participantes, dos quais destacamos:

**-Expansivos de Lordelo**

Grupo de Teatro dos Expansivos de Lordelo

**-Teatro Amador de Cristelo:**

Grupo de Teatro de Cristelo

Grupo de Teatro Infantil de Cristelo

**-Centro Social de Cete:**

CêTeatro – Grupo Teatro Amador de Cete

CêTeatro – Grupo Teatro Amador de Cete Infantil

**Associação Clube de Jazz de Baltar:**

Grupo de Teatro do Clube de Jazz de Baltar

Grupo de Teatro do Clube de Jazz de Baltar Juvenil

**-Troupeça Grupo de Teatro de Rebordosa**

**-Associação de Jovens Nova Esperança- Sobreira:**

Grupo de Teatro do Grupo de Jovens Nova Esperança

Grupo de Teatro Juvenil da Sobreira

**-Associação para o Desenvolvimento de Mouriz**

Grupo de Teatro Girassol

Grupo de Teatro Infantil de Mouriz

**-Casa do Povo de Bitarães**

Grupo de Teatro de Bitarães

**-Associação Astro Fingido**

Grupo de Teatro Astro Fingido

Grupo de Teatro Infantil Astro Fingido

**-Associação para o Desenvolvimento no Lugar de Bustelo-Recarei**

Grupo de Teatro de Bustelo

**- Teatro Palco – Grupo de Teatro de Sobrosa**

# A GUITARRA UM INSTRUMENTO EM ASCENSÃO

Daniel Lemos, Professor de Guitarra/Músico

A guitarra é hoje um instrumento extremamente difundido e popular, sobretudo por se tratar de um instrumento muito portátil e robusto, de construção relativamente simples (logo económico), fácil de afinar, mas também pelo seu formato permitir uma posição de execução mais cómoda que a maioria dos outros instrumentos. Tem adquirido, ao longo da história da música, bastante notoriedade e que hoje consideramos um instrumento de elite, principalmente devido à sua capacidade de conseguir reproduzir obras com grande complexidade musical e também por cada vez mais compositores gostarem de ver o seu trabalho reproduzido por este instrumento, quer através de transcrições, quer de composições originais.

Sendo um instrumento pertencente à família das cordas dedilhadas, as vibrações são extremamente amortecidas, originando um volume sonoro reduzido que aliado, à sua pequena caixa de ressonância, é algo notório. Deste modo, para uma boa audição (sem recurso à amplificação) a guitarra exige salas de concerto de pequenas dimensões, mas sempre com uma certa reverberação. Assim, na procura de maior volume, mas sem comprometer a identidade tímbrica da guitarra, cada vez mais construtores procuram novos materiais e formas de construção:

*(...)nas últimas décadas vários luthiers realizaram experiências com novos materiais e sistemas de construção que paulatinamente estão a começar a competir com os tradicionais (Barceló, 2019).*

## História da Guitarra

De todos os instrumentos de corda que encontramos na antiguidade, podemos dizer que o alaúde do antigo Egipto é apontado como o antecessor da guitarra. Tal como nos diz o autor Luís Henrique em "Instrumentos Musicais":

*Pensa-se que a guitarra possa ter origem em alaúdes do antigo Egipto, por terem sido encontrados em escavações instrumentos de caixa de ressonância cintada com um braço longo e estreito e vestígios de três ou quatro cordas e alguns trastos (Henrique, 2004).*

Mas é no início da Renascença que o termo *gittern*<sup>1</sup> aparece em várias fontes medievais e renascentistas.

A guitarra renascentista, em relação à que hoje conhecemos, era mais pequena e mais estreita, com a curvatura das ilhargas muito menos acentuada. Esta guitarra era muito popular em França, sendo



Guitarra Renascentista

considerado o instrumento predilecto do Rei Henrique II e, já nesta época, existiam publicações a ela destinadas de Guillaume Morlaye e Adrian Le Roy<sup>2</sup>. No séc. XVI, coexistiam

em Espanha a Guitarra e a Vihuela, e compositores



Tablatura para Guitarra Renascentista (Guillaume Morlaye).

como Alonso de Mudarra e Miguel de Fuenllana<sup>3</sup> escreveram para ambos os instrumentos. De forma mais elaborada para a vihuela (mais utilizada na corte) e de maneira mais simples para a guitarra (mais direccionada para o povo) (Henrique, 2004).

A guitarra, tal qual como a conhecemos, ficou estabelecida desde meados do Séc. XIX com o construtor António Torres (1817 - 1892). Este altera substancialmente a forma da caixa, tornando-a mais larga e mais cintada, com a forma de 8 que hoje apresenta.

Mas a maior revolução que a guitarra sofreu no Séc. XX foi, sem dúvida, a substituição das cordas de tripa por cordas de nylon, que são usadas até aos dias de hoje. De realçar que atualmente encontramos novos materiais, como cordas de carbono ou titânio.

1 Termo que, segundo fontes medievais e renascentistas parece dizer respeito a formas percussoras da guitarra. Outras designações, como guitarra mourisca ou guitarra latina, aparecem desde o séc. XIV. (Henrique, 2004).

2 Compositores franceses de obras para alaúde e guitarra renascentista.

3 Compositores/intérpretes espanhóis de vihuela e guitarra renascentista.



Vihuela Espanhola

Até cerca de 1940, os guitarristas usavam cordas de tripa (habitualmente de ovelha) nas três primeiras cordas, apesar dos problemas de afinação, constantes quebras, uma grande dificuldade em adquirir estas cordas, o preço das mesmas e o processo demorado do seu fabrico, mas era o que de melhor se podia utilizar.

Pelo ano de 1946, Andrés Segóvia<sup>4</sup> (1893-1987) pediu a Albert Augustine (Luthier<sup>5</sup> de origem dinamarquesa) que investigasse a fundo o desenvolvimento deste novo tipo de corda e foi o próprio Augustine que lançou as novas cordas de nylon no mercado com o seu nome como imagem de marca. Começaram a ser comercializadas por volta de 1947.

### O papel do Intérprete

A grande difusão e popularidade que a guitarra hoje tem como instrumento erudito deve-se a vários guitarristas como Ferdinando Carulli (1770-1841), Fernando Sor (1778-1839), Mauro Giuliani (1781-1829), Francisco Tárrega (1852-1909) e seus discípulos (Daniel Fortea, Miguel Llobet ou Emilio Pujol), mas foi, sobretudo, o já aqui citado Andrés Segóvia que dedicou toda a sua vida a este instrumento com as suas inúmeras transcrições, concertos e obras a ele dedicadas, que mais se destacou na interpretação deste instrumento e que o trouxe para as grandes salas de espectáculo.

As muitas conquistas de Segóvia podem ser resumidas desta maneira:

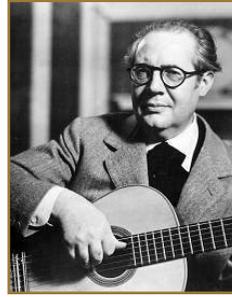


Francisco Tárrega

- Estabeleceu novos padrões de excelência técnica;
- Refinou e consolidou a técnica de execução da guitarra, baseada no uso das unhas;
- Tocou em salas de concerto maiores do que qualquer outro guitarrista anterior, atingindo assim audiências muito superiores;
- Convidou e inspirou compositores que não eram guitarristas a compor para este instrumento;

- Criou uma edição de publicações para guitarra com o seu nome, em cuja excelência os aspirantes a guitarristas podiam confiar.

Encorajados por Segóvia e inspirados pela sua música, compositores como os espanhóis Joaquín Turina, Frederico Moreno Torroba e Joaquín Rodrigo – assim com compositores polacos, mexicanos e italianos – todos compuseram para Segóvia e para a Guitarra, com



Andrés Segóvia

pouco ou nenhum conhecimento prévio do instrumento. Mas falar da evolução da guitarra sem referir o papel do guitarrista e compositor Paraguaio Agustín Barrios Mangoré (1885-1944) parece-nos uma injustiça muito grande. Barrios é, ainda hoje, considerado por muitos como o maior compositor para guitarra que existiu, quer seja pelo número de obras que compôs, quer pela beleza das mesmas que demonstram um conhecimento e exploração das capacidades do instrumento ímpar para a época. Entre muitas das suas obras destacamos aqui a famosa “La Catedral” e “Una Limosnita por amor de Dios”, também conhecida como “O último trémolo” por ter sido a última obra que escreveu e que fazem parte do repertório dos mais consagrados guitarristas da atualidade.

Apesar disso, é curioso que a sua música tenha



Agustín Barrios Mangoré

permanecido desconhecida, não sendo apreciada até cerca de três décadas após a sua morte. Em meados de 1970, aparecem edições das suas obras, tornando possível o estudo das mesmas, por novas gerações de guitarristas, mas o verdadeiro reconhecimento da sua obra acontece em 1977, através do conceituado guitarrista John Williams (1941), que grava as

obras primas de Barrios pela editora CBS Records, dando assim a conhecer este compositor. Atualmente a música de Barrios é interpretada pelos maiores virtuosos da guitarra e apreciada por público de todo o mundo.

Se considerarmos a 1ª metade do século XX como a era de Segóvia, com certeza que a segunda metade pertence ao Cubano Leo Brouwer (1939). Guitarrista e compositor, Brouwer é uma figura deveras importante para a guitarra tanto através da sua escrita vanguardista, para a época, de inúmeras obras como pela vertente pedagógica. Ainda na atualidade, apesar de já existirem vários compositores que compõem diretamente para este instrumento, os “Estudios Sencillos” deste compositor são um marco e referência para qualquer professor e aluno no seu percurso académico.

*Em artigo publicado na Classical Guitar Magazine, Collin Cooper, crítico inglês, refere-se a Leo Brouwer como sendo o maior compositor para a guitarra vivo. Muito embora advogando não dever aplicar-se uma afirmação destas de ânimo leve, considerava não ser*

<sup>4</sup> Guitarrista espanhol, considerado por muitos como o maior guitarrista do séc. XX.

<sup>5</sup> Construtor de instrumentos musicais.

*possível pensar noutro nome merecedor de tal classificação (Caldeira, 2011).*



Leo Brouwer

### **O Young Guitar Masters - Paredes**

No nosso tempo, muitos são os festivais de guitarra que acontecem um pouco por todo mundo, e que reúnem condições para proporcionar a todos os aficionados dias de partilha musical intensa, repletos de actividades como conferências, concertos, masterclasses e concursos, sempre com o principal objectivo de divulgar. Além disso, essa necessidade uma vez que a guitarra é neste momento um instrumento praticado de forma profissional a nível mundial, criar circuitos de concertos onde os músicos se possam apresentar e, assim, mostrar o seu trabalho de uma forma justa e com o reconhecimento que devem ter a par de outros instrumentistas.

Neste sentido temos que destacar o papel fundamental que o Município de Paredes tem dado a esta causa, quer na divulgação da guitarra mas, sobretudo, na aposta que tem feito promovendo jovens guitarristas que estão a dar os primeiros passos na sua carreira.

Falamos do projecto **Young Guitar Masters - Paredes!** Tal como o próprio título nos diz na sua tradução ("Jovens Mestres da Guitarra"), pretende-se com este projecto apoiar jovens músicos em início de carreira, através da criação e implementação de um circuito regular de concertos, de âmbito nacional e internacional, de guitarra clássica.

***O projecto YGM é um projeto que nasceu para apoiar jovens guitarristas em início de carreira. A criação de um circuito regular de concertos, de âmbito nacional e internacional, em locais de relevância patrimonial, é o objetivo principal.***

***Nesse sentido, este projeto, que se afirma como colaborativo, pretende preencher uma lacuna no setor da guitarra em Portugal, que não possui, de momento, nenhuma rede ou circuito organizado de concertos que permita a jovens guitarristas aceder à carreira de concertista.***

***Aproveito para enaltecer a importância do papel da Câmara Municipal de Paredes no cumprimento destes objetivos. O seu apoio tem sido fundamental para a implementação deste projecto pioneiro nas várias freguesias do concelho de Paredes, através da realização de concertos com jovens guitarristas***

***emergentes em locais de grande relevância patrimonial.***

***O meu profundo agradecimento ao Município de Paredes.***

***Nuno Cachada, Fundador do YGM e presidente da direção da Associação 3M***

O Young Guitar Masters, nascido em Guimarães, é um projeto colaborativo, que conta já com vários parceiros de Norte a Sul do País, entre Instituições privadas ou públicas, promotores individuais e amantes do instrumento.

Contudo é o Município de Paredes que mais tem apoiado este projecto, tendo já tornado possível um total de seis concertos em locais emblemáticos desta localidade tais como a Capela da Quintã – Baltar, Capela da Casa da Torre – Sobrosa, Igreja Matriz de Senande - Aguiar de Sousa, Igreja Velha – Rebordosa, Igreja Matriz de São Tomé – Bitarães e Capela do Senhor do Padrão, Terronhas – Recarei. Todos estes concertos foram da responsabilidade de jovens talentos emergentes na guitarra como Pedro Moreira, Vitor Oliveira, Francisco Luís, Gonçalo Moreira, Romeu Lourenço, Duo Sirius (Diogo João e Márcio Silva) e Daniel Infante.

### **Conclusão**

Consideramos que, apesar da evolução e difusão notória do instrumento ao longo dos vários períodos da história, muito caminho falta percorrer. As escolas artísticas do nosso país têm feito um trabalho brilhante na formação de guitarristas nacionais, criando todos os anos músicos de excelência que precisam de oportunidades para mostrar o seu trabalho. Tendo em conta que a guitarra é um instrumento "solista", não tem as mesmas oportunidades que um instrumento que integra uma Orquestra Sinfónica ou uma Banda Filarmónica, que regularmente se apresentam quer em grandes salas, quer um pouco por todo o país nas várias festividades locais. É necessário que a tutela cultural, seja nacional ou municipal, aposte e crie condições para que torne possível que os jovens que formamos possam trabalhar e ver o seu trabalho reconhecido, primeiro pelo seu país e depois pelo mundo. O papel dos municípios parece-nos fundamental neste propósito e esta é a identidade do Young Guitar Masters.

### **Bibliografia:**

- BARCELÓ, R. (2019) - *Um Instrumento em Evolução - Novas tendências e possibilidades na construção de guitarras*. Obtido em 20 de Novembro de 2019, de academia.edu: [https://www.academia.edu/17905817/UM\\_INSTRUMENTO\\_EM\\_EVOLU%C3%87%C3%83O\\_NOVAS\\_TEND%C3%8ANCIAS\\_E\\_POSSIBILIDADES\\_NA\\_CONSTRU%C3%87%C3%83O\\_DE\\_GUITARRAS](https://www.academia.edu/17905817/UM_INSTRUMENTO_EM_EVOLU%C3%87%C3%83O_NOVAS_TEND%C3%8ANCIAS_E_POSSIBILIDADES_NA_CONSTRU%C3%87%C3%83O_DE_GUITARRAS).

- CALDEIRA, A. (2011) - *Leo Brouwer Figura incontornável da guitarra*. Porto: Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo.

- HENRIQUE, L. L. (2004) - *Instrumentos Musicais* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. loja.oacustico.com.br. (2019). loja.oacustico.com.br. Obtido em 2019, de loja.oacustico.com.br: <https://loja.oacustico.com.br/marca/augustine.html>

# CENTRO PORTUGUÊS DE NYCKELHARPA

Aires Montenegro, Professor e escritor

O **Centro Português de Nyckelharpa (CPN)**, surgido na sequência da assinatura, em 18 de Abril de 2019, do protocolo entre a Câmara Municipal de Paredes e a Associação José Guilherme Pacheco, desenvolve actualmente os seguintes projectos:

1. **eNSF (ensemble Nyckelharpa Sem Fronteiras)**
2. **À Descoberta da Nyckelharpa.**

1. O **eNSF (Nyckelharpa Sem Fronteiras)** é o ensemble do **Centro Português de Nyckelharpa (CPN)**, que tem por base a Nyckelharpa e que integra outros instrumentos. Desenvolve-se em várias vertentes com um denominador comum:

- Sem fronteiras musicais, instrumentais, etárias e nacionais. Daí ter como ambição a integração de músicos com objectivos bem definidos, em articulação com Escolas, Bandas Filarmónicas e outras associações.

O eNSF tem também como objectivo divulgar nacional e internacionalmente, através da Nyckelharpa e de outros instrumentos, o nome e património do Município de Paredes.

Eis o mapa das actividades realizadas durante o ano de 2019:

- 22.03 | Encontro com Utentes | Lar da Sobreira

- 22.03 | Encontro sobre Bibliotecas Municipais | Biblioteca Municipal Paredes;

- 18.04 | Dia Internacional dos Monumentos e Sítios: - Assinatura do protocolo de criação do CENTRO PORTUGUÊS DE NYCKELHARPA | Capela da Quintã, Baltar;

- 04.05 | Paredes Cultura & Sociedade (Nyckelharpa, voz e timbalão) | Auditório da Escola Secundária de Paredes;

- 17.05 | À descoberta da nyckelharpa - Encontros: O que é a nyckelharpa; Breve História. Os primeiros passos: a posição; o arco; as teclas; A mão esquerda | Centro de Informação da Rota do Românico, Biblioteca Municipal, Conservatório de Música de Paredes;

- 08.06 | Encontros com o Parque | Senhora do Salto, Aguiar de Sousa;

- 13.06 | À descoberta da nyckelharpa - Encontros:



O que é a nyckelharpa; Breve História. Os primeiros passos: a posição; o arco; as teclas; A mão esquerda | Centro de Informação da Rota do Românico, Biblioteca Municipal, Conservatório de Música de Paredes;

- 19.06 | À descoberta da nyckelharpa - Encontros: O que é a nyckelharpa; Breve História. Os primeiros passos: a posição; o arco; as teclas; A mão esquerda | Centro de Informação da Rota do Românico, Biblioteca Municipal, Conservatório de Música de Paredes;

- 04.07 | Workshops | Biblioteca Municipal, Conservatório de Música de Paredes;

- 22.07 | Dia do Concelho de Paredes | Salão Nobre Câmara Municipal de Paredes;

- 05.08 | Orpheu Paredes Social - Encontro com crianças | Conservatório de Dança do Vale do Sousa;

- 19.08 | Orpheu Paredes Social - Encontro com crianças | Conservatório de Dança do Vale do Sousa;

- 20.08 | RTP 1, Programa: Turismo em Rede | Centro de Interpretação do Românico, Lousada;

- 29.09 | Workshops | Biblioteca Municipal, Conservatório de Música de Paredes;

- 19.10 | Concerto Carrazeda de Ansiães | Auditório CITICA - Centro de Inovação Tecnológica, Inovarural;

- 22.10 | Foral de Sobrosa | Antigos Passos do Concelho, Sobrosa;

- 15 a 17.10 | II Paredes Nyckelharpa Meeting | Casa da Cultura de Paredes, Conservatório de Música, Igreja de São Cristóvão, de Louredo | Organização do CPN, Orientação: Jule Bauer, Concerto Final: Nyckelharpa Quartet: Jule Bauer, Annette Osann, Susanne Brameshuber e Michaela Jank, E.N.S.F. Nyckelharpas Sem Fronteiras.

2. **À Descoberta da Nyckelharpa** é um projecto que tem como objectivo dar a conhecer a nyckelharpa e desenvolver um programa de iniciação à sua aprendizagem. Iniciou-se em 17 de Maio de 2019 e vai prosseguir em 2020. Decorre no **Centro de Informação da Rota do Românico** (junto à Biblioteca Municipal). Tem neste momento sete elementos a fazer a sua iniciação, sob a orientação de Aires Montenegro.

***Bem vindos ao mundo mágico da nyckelharpa!***



# PRÊMIO LITERÁRIO

## “ANTÓNIO MENDES MOREIRA”

### NOITES NEGRAS

Maria Fernanda Ruão Fontoura de Queiroz Malheiro Mesquita , Psicóloga , Arte Terapeuta



Os livros são lugares de memórias, vestígios de um ontem, de um hoje e de um amanhã. Em nós, resgatam o que foi e atualizam o que será. Melhor me expressarei pelos seguintes versos:

*Prove, abra um livro,  
cheire a essência mágica, mesmo com toda a  
explicação teórica,  
fixe a sua melhor memória porque só o livro tem  
capacidade de produzir efeitos nos sentidos e no  
“sensus fidei”.*

*Porque o escritor é um centro de criação, difusão  
e animação cultural, difunde mentes como um  
despertador de criatividade.*

*Não é vergonha nenhuma que todos nós precisemos  
de ter um pretexto para escrever, seja ele ganhar  
prêmios, seja impressionar os amigos, seja o próprio  
epitáfio.*

Antes de mais, a partir de uma reconstrução afetiva, sob a cúpula de lembranças e de memórias, partilho umas palavras sobre António Mendes Moreira, o autor paredense que empresta o seu nome ao prémio literário atribuído pelo nosso pelouro da cultura. Sobre a sua vida, ou muitas vidas, vividas nas suas escritas

ficcionais ou reais. Através delas, conquistou um espaço privilegiado na cultura e literatura paredense.

Profeta do regionalismo, construiu um caminho criativo voltado para os assuntos biográficos e culturais. Nesse sentido, é importante reconhecermos e valorizarmos a sua técnica narrativa, quer na arte do romance, quer na do conto. Foi a partir do diálogo que desenvolveu a sua essência dinâmica e plural, reveladora da sua entrega empática ao outro.

Para além de escritor, foi médico, tendo sido membro da Associação Portuguesa de Escritores e da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos. Foi delegado de saúde, em Paredes, a mesma terra onde nasceu a 5 de junho de 1926. Aqui, foi diretor clínico no hospital e professor do ensino secundário. Álvaro Salema salientou que se trata de um «autor que persevera por gosto de escrever e por mérito próprio, distanciado dos meios onde se forjam e alimentam as reputações literárias». Deixou-nos uma vasta obra literária, tendo sido incluído na coletânea *Além Texto*, da autoria do crítico e ensaísta Ramiro Teixeira.

Em 1991, o Município de Paredes instituiu um prémio

bienal de ficção com o seu nome. Mais tarde, em 20 de junho de 2011, atribuiu-lhe a medalha de ouro do conelho, justificando a homenagem pelas suas qualidades humanas, dedicação e elevado sentido de cidadania.

Aos organismos públicos, em particular ao município da nossa cidade, cabe a tarefa de proteger o acervo cultural da nossa comunidade. Só desta forma podem defender a nossa identidade passada, presente e futura. Sabemos que as instituições de guarda e preservação das obras literárias remontam ao século III a.C., aquando da instauração da Biblioteca de Alexandria por Ptolomeu II. A sua ambição passava pela aquisição da totalidade dos manuscritos concebidos no mundo e, posteriormente, pela sua catalogação e comentário.

Essa vontade, sendo transversal no tempo e no espaço, ainda transparece atualmente, volvidos mais de dois milénios. O prémio literário António Mendes Moreira é um indício dessa preocupação milenar. Nessa perspetiva, posso defini-lo como uma celebração da literatura e da memória da nossa identidade.

Mas surge, igualmente, como mais uma merecida homenagem ao seu autor homónimo que considerava a cultura o elemento edificador da sociedade: «...a cultura, a qual julgamos simultaneamente alicerce

e cúpula do nosso desenvolvimento...» (A. Moreira, 1981).

Guiado por estes ideais, o prémio literário António Mendes Moreira destaca trabalhos que versem, de forma livre e criativa, nesta edição, o tema das Noites Negras, um evento característico da nossa cidade. O autor premiado vê a sua obra publicada na nossa prestigiada revista cultural, Orpheu Paredes.

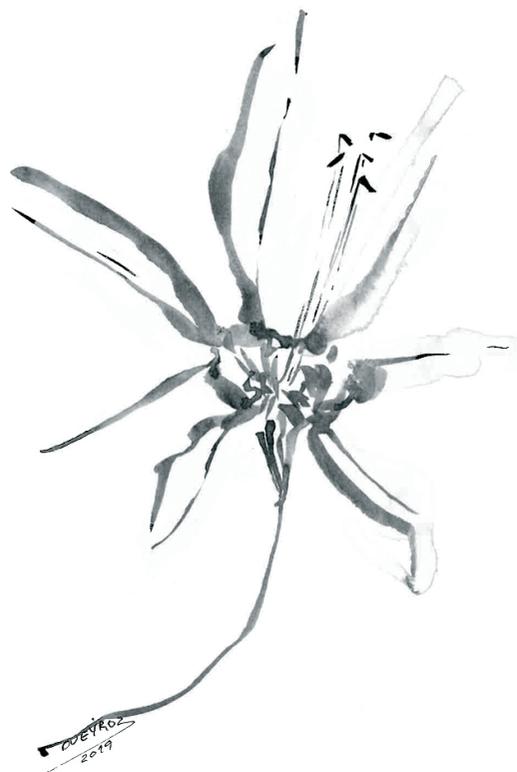
Admito que em qualquer país, mas pensando especialmente no nosso, Portugal, onde o mercado livreiro é frágil e as edições reduzidas, os apoios literários assumem uma importância fundamental. Permitem a visibilidade dos autores e auxiliam-nos, financeiramente, a manter a sua produção literária. Como nos diz F. Queyroz, «...se o livro é um átomo delicado também a literatura é uma molécula de delicadeza...».

É, por isso, de exaltar esta iniciativa do Município de Paredes, que tem continuamente demonstrado um inabalável apoio à cultura e à comunidade. Seguramente, prosseguirá, em edições futuras deste prémio, nesta importante tarefa de fomentar o gosto pela escrita e pela leitura, a par da evocação da vida e obra de António Mendes Moreira.

### **DESPEDIDA A UMA REALIDADE**

*no horto*

*reclui a memória e o corpo que declina -  
tudo morre - e deixo-me trespassar  
por um raio outonal (azul  
ainda em meus olhos)   acompanha-me  
o sereno abatimento onde se ergue a solidão  
e nada importa mais  
quando o licor servido pela vida  
é o que perturba a virtude (o fel  
sorvido em cada remorso)  
e ainda sinto o odor das rosas  
os risos francos da juventude  
a casa inteira e já ausente   o tear por onde voam os pombos  
no mundo novo que se ergue  
dias há em que a estranhez                   seu vivo olhar  
ardem na disposição do regresso  
e sou hóspede do silêncio nesta lenta despedida  
onde o desejo é próximo à cidade  
com rosas e pombos                   algun tema por escrito  
no preenchimento venturoso da velhice  
pois aí se separam as palavras e as coisas  
e tudo se reclui na escuridão da noite e nos vazios  
onde a lágrima e o riso formaram a única verdade  
inseparável  
apregoando o grande engano  
o sono mudo  
invulnerável*



**JFráguas 2019**

Vencedor do Prémio Literário "António Mendes Moreira"

# WORKSHOP DE ESCRITA CRIATIVA

Ana Maria Fernandes, Formadora e Pintora



O Workshop Escrita Criativa *O Amor não pode ser preso* realizou-se a 16 de Fevereiro de 2019, na Casa de Cultura de Paredes e contou com a presença de cinco participantes, a quem não faltou entusiasmo para escrever e expressar as suas habilidades literárias.

O que daí adveio?! Uma compilação de géneros literários vários, como a poesia e a prosa. O tema do workshop dominou dentro da criatividade, habilidade e conhecimento de cada um.

No fim, cada autor leu em voz alta os seus trabalhos que foram louvados e comentados pelos restantes participantes com palavras de mérito. De salientar que a díade gosto-empenho dos participantes são condição fundamental para o sucesso destes eventos, em que a arte e a rapidez de execução se aliam num quase-sem-tempo-de-processamento – e resulta em admiráveis trabalhos.

Foram atribuídos Certificado de Participação e um Prémio para a melhor participação. Mas todos merecem o nosso aplauso sem reservas e a nossa homenagem sincera.

Incentivo-vos a continuarem a escrever, e que o Amor seja livre de quaisquer tipo de grilhões para que todos o possamos receber com tudo o que tem de mais belo. Quem sabe se virá a ser – de novo – tema para um próximo Workshop de escrita criativa!

## Participação de Manuel Silva

### **Amor**

*“Amor de agora, amor de antigamente  
Amor é sempre igual, é sempre amor...  
Não há amor diferente, se assim for,  
Então, não é amor o que se sente...”*

*Nem há fazer amor. Erradamente  
As coisas são o que não são, chamam “de amor”  
Amor é espontâneo, é como a flor,  
É como o rio que nasce na vertente...”*

*Talvez, por isso, amor é a mais profunda  
Palavra conhecida... e a mais fecunda:  
Dizendo dela tudo, de seguida,*

*Ainda fica tudo por dizer...*

*\* “Amor é um fogo que arde, sem se ver”,  
Que aquece a Alma e dá sendo à vida...”*

\* Luís de Camões

### **À minha Susana**

*“Tu és a minha riqueza  
O meu amparo profundo.  
Contigo, tenho a certeza  
De que existe amor no mundo.  
Amor é esta harmonia,  
Esta paz, é, afinal,  
Toda esta entrega total  
Vivida no dia a dia.”*

# PRÊMIO DE ARTES PLÁSTICAS

## “HENRIQUE SILVA”

### AS ARTES PLÁSTICAS AO SERVIÇO DOS PAREDENSES...

Fernando Salvador, Técnico Superior de Ciências Históricas

Fotografia de Mafalda Ruão



“Over the rainbow”, Pintura de Adelaide Morgado, 1º Prémio do Concurso de Artes Plásticas “Henrique Silva”

novos registos de artistas plásticos , que através desta dinâmica têm acrescentado uma valorização criativa, desenvolvendo e implementando uma nova geração de interlocutores e intervenientes no panorama cultural de Paredes .

Nos diversos programas culturais que têm vindo a ser desenvolvidos no Município de Paredes, sem dúvida que a renovação das salas expositivas da Casa da Cultura de Paredes têm contribuído para que o movimento de artes plásticas ganhe um novo fôlego entre os paredenses , com o aparecimento de novos artistas , bem como a gratificação de termos no nosso território a presença de “mestres” consagrados, que nos brindam com a magnificência da sua arte exposta na “Casa” de todos nós...

Seguindo a estratégia e a linha cultural que se tem vindo a definir para o município , esta nova dinâmica que foi criada em torno das artes, mais especificamente, no que se refere às artes plásticas, já tem dado resultados significativos, na medida em que se conseguiu, numa primeira fase, atrair diferentes e

Através desta recente produção artística, embuída de uma criatividade contemporânea, que, juntamente com outras manifestações culturais (o teatro, a música, a dança, a fotografia, entre outras performances artísticas), aliadas a uma “rede” sustentada pelos “Amigos da Cultura de Paredes” – intervenientes na construção de objetivos de valorização cultural no nosso território, já que os contributos dos munícipes são essenciais para que

O Município de Paredes pretende com a promoção destes prémios (literário “António Mendes Moreira” e “Artes Plásticas Henrique Silva”), estimular a criação literária, promover, divulgar e apoiar a atividade plástica, bem como difundir a identidade cultural e artística de Paredes, reconhecendo a sua importância na cultura contemporânea como forma de criação plástica e de intervenção, conferindo um estatuto único como documento cultural e social.

Fotografia de Mafalda Ruão



“Simbiose”, Pintura de Fátima Carvalho, 2º Prémio do Concurso de Artes Plásticas “Henrique Silva”

qualquer projeto se desenvolva de forma consistente – se traduza no desenvolvimento social, económico e cultural do concelho.

Paralelamente a esta reabilitação das salas expositivas da Casa da Cultura de Paredes, seria inevitável que o município reavivasse o Prémio de Artes Plásticas “Henrique Silva”, artista paredense de renome internacional, cuja exposição “Histórias de um Paredense Emigrado”, apesar de não ser uma retrospectiva da sua obra, nos presenteou com os trabalhos que foram produzidos nos seus últimos vinte anos.

Com o objetivo de promover o aparecimento de novas manifestações criativas, foi relançado o Prémio de Artes Plásticas “Henrique Silva”, cujos trabalhos a concurso foram devidamente avaliados por um júri composto por três elementos de reconhecido mérito na área das Artes Plásticas.

A primeira edição do Prémio, após a sua reativação, contou com a participação de 23 artistas de diversos pontos do país e inclusive de artistas estrangeiros (Espanha).

Conforme estipulado no regulamento, todas as obras vencedoras estão publicadas nesta revista cultural, que apresenta na capa a imagem da obra vencedora do concurso, da artista Adelaide Morgado, intitulada de “Over The Rainbow”. A segunda e terceira obras vencedoras intituladas, respetivamente, de “Simbiose” e “Summer Paredes: Portuguese Cocktail Girl” são da autoria dos artistas Fátima Carvalho e Fábio O. Dias.

Dos trabalhos a concurso, estará patente uma exposição na galeria principal da Casa da Cultura de Paredes.



"Summer Paredes: Portugues Cocktail Girl", Pintura de Fábio O. Dias, 3º Prémio do Concurso de Artes Plásticas "Henrique Silva"

Trabalhar áreas culturais , pensar como se pode desenvolver um território na perspetiva de inovação criativa, como promover da melhor forma projetos culturais, criação de hábitos de cultura, formação e fidelização de públicos, democratização das indústrias e espaços culturais, serão sempre desafios permanentes no campo das artes. Assim, o relançamento do Prémio de Artes Plásticas "Henrique Silva " e a reabilitação das salas expositivas da Casa da Cultura de Paredes , são parte integrante de uma linha estratégica estabelecida pelo Município de Paredes, que acreditamos serem projetos que contribuem para uma valorização dos programas culturais que estão à disposição dos paredenses e para um sentimento de pertença e identidade patrimoniais.

### Sobre o Pintor Henrique Silva...

Nasceu em 1933, na Cidade de Paredes. Foi director executivo da Árvore, Coop. Atividades artísticas de 1978 a 1995, Presidente da Projecto, Núcleo de Desenvolvimento Cultural, co-fundador e director da Bienal de Cerveira, de 1995 a 2008, director do Museu de Arte Contemporânea da Bienal de Cerveira desde 2003. É director do Curso Superior de Artes e Multimédia da Escola Superior Gallaecia, desde 2009. É Co-Fundador da Fundação da Bienal de Arte de Cerveira e Presidente do mesmo Conselho. É Presidente do Conselho Científico da Escola Superior Gallaecia. Expôs em Portugal, Espanha, França, Bélgica, Estados Unidos, etc. desde 1958, com mais de 50 exposições individuais e 200 exposições colectivas.

## ORPHEU PAREDES SOCIAL “OFICINA DAS ARTES”

Maria João Pêra, Técnica Superior



Numa sociedade em que o conceito de arte e cultura está muitas vezes associado ao poder económico de cada família, se tivermos em conta que a vulnerabilidade e incidência da pobreza atingem máximos elevados quando falamos de agregados familiares com crianças (em geral), temos de considerar que a criança, inserida num sistema familiar e numa comunidade, está em desvantagem no acesso à cultura e à arte.



A necessidade urgente de facilitar este acesso, visto que a arte é muito importante quando falamos do desenvolvimento infantil, pois esta, para além de ser uma forma de comunicar sentimentos, promove o desenvolvimento da criatividade, como a capacidade de observar o mundo para além do óbvio e elaborar

alternativas para problemas, dá origem a um novo projeto ORPHEU PAREDES SOCIAL, “Oficina das Artes”.



Este projecto visa ocupar os tempos livres das crianças e jovens do concelho, priorizando-se beneficiários do RSI, comunidade cigana e habitação social e estará centrado na vertente sociocultural, proporcionando o contato com materiais e experiências diferentes, especialmente em três áreas, dramática, artística e plástica, permitindo desta forma desenvolver capacidades pessoais, sociais e conhecimento sobre o mundo.

Assim, com a realização deste projeto pretende-se colmatar esta desvantagem, de modo a proporcionar às crianças mais desfavorecidas do concelho o contato

com o meio artístico e cultural, fomentando o gosto pela arte e cultura.



Durante o passado mês de agosto, desenvolveu-se pela segunda vez consecutiva a oficina de artes "ORPHEU PAREDES SOCIAL", em diferentes pontos do concelho de Paredes, tendo como temática



Sophia de Melo Breyner Andersen "O Rapaz de Bronze". Salienta-se que esta iniciativa contou com o apoio de diversas parcerias, como por exemplo, Rebord'arte, Centro Socio-Educativo Profissional da Parteira, S. Pedro - Centro Social da Sobreira, Conservatório de Dança do Vale do Sousa, Juntas de Freguesia de Rebordosa, Sobreira e Paredes, Santa Casa da Misericórdia de Paredes,

Coordenadora de NLI-RSI de Paredes e Associação para o Desenvolvimento de Rebordosa.



Nesta segunda edição, para além das oficinas, fazia parte da planificação uma vasta gama de experiências com uma vertente mais lúdica, tais como, visitas

dentro e fora do concelho, ateliers de jornalismo e escrita criativa, sessões de cinema e momentos mais livres com a realização de jogos tradicionais inseridos num Peddy Paper.



Depois de duas edições com muito sucesso, é intenção dos Pelouros de Ação Social e da Cultura desenvolverem este projecto não só no mês de férias de agosto, como também noutras interrupções letivas.



Para os que já tinham este gosto pela arte e cultura e para os que ficaram mais motivados, deixamos aqui um cheirinho da incrível temática escolhida para a próxima edição "O Fado".



# WORKSHOPS DE PATRIMÓNIO E PINTURA

Ana Maria Fernandes, Formadora e Pintora



Os dois workshops de *Pintura do Património com pastel seco* de 2019 foram realizados nos dias 15 e 29 de Junho de 2019, na Casa e Jardim de Agrela, Duas Igrejas.

A boa notícia foi que o número de participantes aumentou para o dobro em relação ao ano anterior.

O mês de junho ia quente e solarengo quando o grupo se juntou no exterior da casa.

Depois de ouvido o enquadramento histórico, os participantes fizeram uma breve exploração do espaço exterior para memorização, recolha de imagens (com os telemóveis) e descoberta de espaços curiosos e interessantes para a execução dos trabalhos.

Após isto, houve quem procurasse um lugar à sombra, mas os bancos de pedra, construídos em redor da antiga eira, foram preferência da maioria e os trabalhos começaram com jovialidade e empenho.

A frondosa e serpenteada camélia do jardim, logo à entrada, as ameias da casa e do cerco foram vincadas em alguns trabalhos.

E foi esta geografia de círculo, como uma interpretação de vidas, proporcionada pela eira, o espaço preferido nos dois workshops.

Aqui, o trabalho e o diálogo fluíram com alegria





e imaginamo-nos nas desfolhadas que aquelas pedras guardam em recônditos só seus, os cantares de namoricos de que terão sido testemunhas silenciosas – a vida em plenitude e saudável duma casa senhoril em espaço rural...



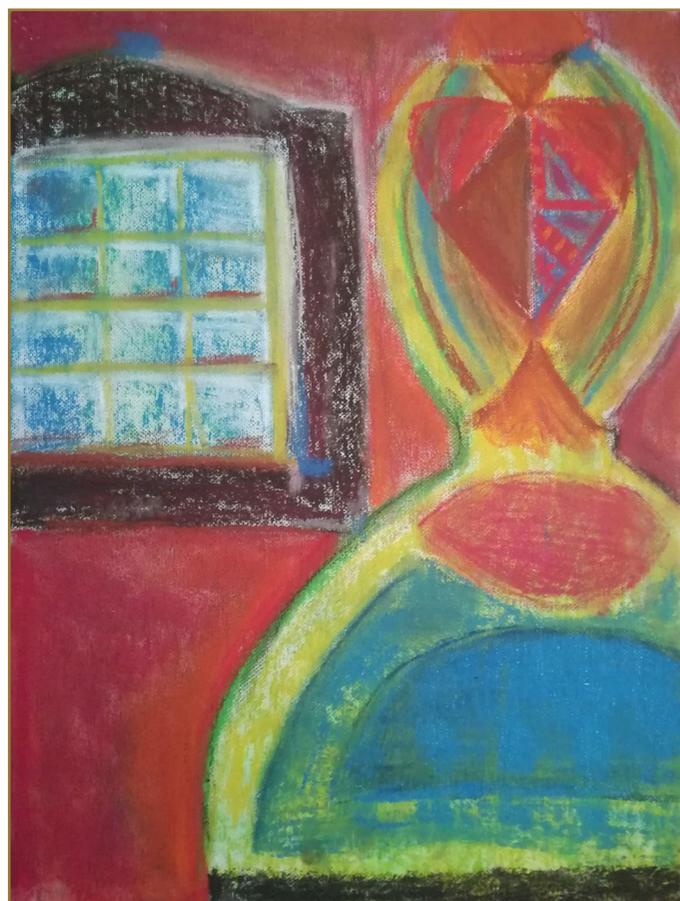
Quem pode ficar indiferente?!

De realçar o gosto dos participantes pela técnica do pastel seco e aquele brilhoso no olhar de quem executa – apesar das mãos ficarem numa miscelânea de cor –, quanto entusiasmo demonstrado... mesmo pelas crianças!

E, se da casa tudo foi motivo de interesse – mesmo o burro que ali ao pé estava ou o galho seco que serviu de expositor aos trabalhos, foi vedeta o giz: deu cor e remanescência de vidas às pedras e à história duma casa brasonada com Lisonja (heráldica em

forma de paralelograma perfeito e os quatro lados iguais, diz-se também que é o formato do escudo privativo das senhoras). E pena foi que o interior não pudesse ter sido visitado.

Outras histórias e trabalhos teriam tido oportunidade... quem sabe, se para a próxima.



# “BALTAR – DO MURO AVISTO O MAR”

Adelino Sousa , Docente aposentado  
Ângelo César Neto , Docente do Ensino Básico

*“Tenho saudades dos caminhos quando me deixas em casa”*

Daniel Faria, in “Dos Líquidos”

Ao “Caminhar pelo Património” de Paredes, quem sobe à serra do Muro consegue tomar consciência da sua excelente orientação e da sua boa localização para a contemplação ao seu redor, num raio de mais de meia centena de quilómetros. Numa das suas diversas varandas, muitas em palanques de base geológica e locais de preferência visual da paisagem da região, conseguimos ter um alcance de observação e interpretação das suas características e elementos, num horizonte superior a 180 graus, desde a serra do Alvão, passando pela do Marão, de Montemuro e outras, até ao Monte da Virgem, em Vila Nova de Gaia, facilmente reconhecível pela “Torre da RTP”. E, se o céu estiver limpo, noutra das varandas, podemos avistar com facilidade o “Isqueiro da Maia”, a refinaria de Leça e até o mar.



Neste ecrã natural, nos seus 519 metros de altitude e 195 metros de proeminência topográfica, e, quando orientados desde nascente a poente, poderemos ter a perceção ou fazer a apreciação objetiva e subjetiva da qualidade cénica da paisagem, assim como dos aspetos da gestão e planeamento do território feitos pelo Homem, pois, como se sabe, a paisagem “...é hoje reconhecida pela sociedade para garantir a qualidade de vida da população, principalmente ao nível da saúde e bem-estar” (MENDES, p.14-15).

Contudo, a cada passo, os elementos de interesse cultural/socialsobressaem pelas suas particularidades e memória coletiva associada. Da serra vemos como foi moldada a paisagem, desde a urbanização “O Ninho”, as Escolas antigas e as novas, os “Bombeiros Voluntários de Baltar” com o seu heliporto (único no concelho), o Largo Comendador Pereira Inácio (brasileiro de torna-viagem e benemérito de Baltar), com o edifício da Antiga Câmara, a “Rotunda da Família”, as Capelas da Senhora da Piedade da Quintã e de Nossa Sr.<sup>a</sup> das Necessidades, o Kartódromo de Baltar (palco, nos últimos anos, do Rally de Portugal) ...



Os valores patrimoniais culturais concorrem com os demais pela singularidade e diversidade, adocicando as frequentes deambulações físicas e quiçá as oníricas também. Pois a única transformação ou transfiguração do real terá de ser pela via interior e não de interferência nas mais-valias da paisagem e do edificado. Em termos cénicos e paisagísticos, cada manhã é uma surpresa, quer pelos nevoeiros e neblinas, assim como o ocaso pelos horizontes de nefelibata. Por estas e outras razões, estes espaços e trilhos de Baltar têm sido procurados por praticantes de atividades de ar livre, de lazer e desportivas, nas vertentes de caminhada, trail running, btt, etc.



Outro motivo de grande curiosidade é a muralha da serra do Muro, pertencente ao Castro da Serra do Muro de Vandoma e Baltar, e que não é do conhecimento geral da população. Apesar das modificações efetuadas para a construção do Cruzeiro e Posto de Vigia, bem como



outras intervenções humanas descuidadas, ainda é observável essa muralha em diferentes locais, urgindo

intervir na sua proteção, porque se trata de um Imóvel de Interesse Público, desde 30 de novembro de 1993 (há 26 anos) e pouco se fez para a sua recuperação e valorização. A perda do uso da serra, o abandono e a pressão turística e a circulação abusiva pela ignorância de utilizadores em busca de lazer, na serra, em veículos motorizados, tem vindo a provocar a destruição dessa estrutura monumental. Saber “gerir as Paisagens Milenares é um desafio do século XXI” e todos temos de “...cooperar na proteção da paisagem cultural, contribuindo para a manutenção de um equilíbrio adequado entre conservação, sustentabilidade e desenvolvimento, assegurando simultaneamente a salvaguarda dos bens do património mundial, o desenvolvimento social e económico e a qualidade de vida das comunidades” (CUNHA, M. Cristina 2018).

*Per si*, a serra devido às características do seu afloramento rochoso é um muro autêntico, cujos “diferentes níveis de ocupação humana acumulados nessas paisagens milenárias”, como descreve Lino Tavares Dias (2018), certificam a sua majestosa importância estratégica.



Os seus penedos são monumentais, alguns recheados de lendas (como o Penedo da Mansa), outros verdadeiramente antropomórficos, esculpidos pelas forças da Natureza, polvilhados de rególito ou tapetados pelos musgos e líquenes. Observam-se, nessa paisagem granítica, nesse maciço de esferas salientes, uma peculiar fauna de insetos camuflados e répteis abrigados. A beleza do caos de blocos, dos ventifactos, geoformas moldadas de corrosão, dos blocos penduculados, as redes de diáclases, os dentes

de cavalo, as cascas de cebola são de uma dimensão significativamente ímpar na zona granítica do concelho de Paredes.



No sopé da serra, a arquitetura ajuda-nos a transmitir a história de períodos diferenciados, diversos elementos determinantes na identidade dos Baltarenses. Os excelentes exemplares de arquitetura “apalaçada” dos Brasileiros de Torna-viagem locais, exaltam o seu *modus vivendi*, assim como a sua própria personalidade e alguns dos seus valores, como o altruísmo e benemerência bem vinculados nas suas ações de filantropia, ainda hoje bem clarividentes, na religião, educação, saúde e também nas festividades. Como afirmou Alda Neto: “Estas casas constituem um importante marco na história da arte portuguesa”.



Contudo, outros elementos arquitetónicos são dignos de realce, uns mais de carácter mais nobre e interesse heráldico, bem como muitos mais de cariz mais popular ou rural, fazendo jus à qualidade dos seus solos, das linhas de água e espaços agrícolas.

Os conjuntos de edificações, núcleos rurais, as quintas, as eiras, os moinhos de água, as levadas



(“fontaneiros”), as minas, as ramadas, os pomares, os bosques constituem um ótimo legado remanescente do passado, perçecionado nas ruas percorridas nos trilhos de Baltar. A ribeira de Baltar, desde a Gralheira até já quase ao Covão (Cete), provoca admiração e regozijo, pois tem características ímpares no concelho apesar do seu curto percurso por terras de Baltar. As suas nascentes frias, águas bravas e cascatas ainda poderão ser muito mais exploradas, tal como a compreensão da sua importância local, na



regrada distribuição das águas pelas propriedades agrícolas, dessa bacia, e não só.

O património religioso, nomeadamente a Capela da Senhora da Piedade da Quintã, incluída na Rota do Românico desde 2015, evoca a religiosidade desta comunidade, assim como o culto a S. Miguel, orago de Baltar: “O espaço agrícola que envolve a Capela recorda a importância protetora da invocação e a referência espiritual do pequeno templo” (rotadoromano.com).

A própria história das instituições públicas e privadas de escolarização, alfabetização ou evangelização é



digna de reconhecimento cultural, nomeadamente o Colégio Antero de Quental da OSB/F (Ordo Sancti Benedicti – Feminina) - Congregação das Irmãs Beneditinas Missionárias Tutzing, que celebrou recentemente os 50 anos - Jubileu de Ouro de Profissão Religiosa - e ainda antigo Liceu de Estado de Baltar, o EMAÚS, as escolas Preparatória (antigo Seminário) e a Secundária, o Jardim de Infância Glória Leão, Colégio Casa-Mãe, etc...

Até mesmo a história do comércio e indústria, a feira de Fagilde ou mesmo a Loja do Brasileiro deixam a pulga na orelha, porque ainda há muito para se saber. Para isso, há que voltar a Baltar, “Caminhar pelo Património”, de olhos e espírito bem abertos, visto que ainda há muitas pedras por calcorrear, estórias para escutar e artefactos e amostras de mão para explorar: o Castro de S. Silvestre, a Anta do Padrão, a Mamoá de Ramos, a Necrópole do Calvário, a Calçada e a “Cruz” da Galheira, a “Estalagem Real de Matheus Luís d’Almeida do Areal”, o sobreiro centenário, etc...

Quem sabe se, ao voltarmos a Baltar, nos lembraremos de ter em mente, tal como Daniel Faria: “Nesta caminhada, [...] revela-se como um caminhante místico”. Segundo nos diz Andrade (2018, p.20), do mesmo modo que ele, andaremos à “[...] procura, através da palavra, desvelar esses caminhos que o conduzem ao silêncio, em demanda da transcendência”.

#### Bibliografia:

ANDRADE, Margarida (2018) – Daniel Faria: o poeta que Habita a Palavra ou o Silêncio em Si, in *Revista Papel de Paredes*, n.º 10, pp 19-23, Ed. Hexágono, Paredes.

ANDRESEN, Teresa (2020) – *Leitura da Paisagem*. Parque das Serras do Porto (6 fevereiro).

BARREIRO, José do (1924) – *Monografia de Paredes*. Porto: Tipografia Barros e Costa, 1924.

*Convenção Europeia da Paisagem* – Conselho da Europa, 2000.

CUNHA, Manuel (2010) – “Antiga Casa de Julgado – Baltar”.

CUNHA, Manuel (2010) – “Casa do Areal – Baltar”.

CUNHA, Manuel (2018) – “Ponta de lança, Baltar – Paredes”.

CUNHA, Manuel (2018) – “Carta de Privilégios – Antiga Estalagem da Casa do Areal, Baltar – Paredes”, consultados em <http://manueljosecunha.blogspot.com/>

CUNHA, Maria Cristina (2018) – Apresentação, in DIAS, Lino Tavares e ALARCÃO, Pedro [Org.] *Paisagem Antiga, sua construção e (re)uso, reptos e perspectivas*, Coedição CITCEM e Ed. Afrontamento.

DIAS, Lino Tavares (2015) – *Paisagens Milenares do Douro Verde*, Ed. Caleidoscópio, Casal de Cambra.

DIAS, Lino Tavares e ALARCÃO, Pedro [Org.] (2018) – *Paisagem Antiga, sua construção e (re)uso, reptos e perspectivas*, Coedição CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» e Edições Afrontamento.

FARIA, Daniel (2000) – *Dos Líquidos*, Ed. Fundação Manuel Leão, V.N. Gaia.

FÉLIX, Natália (2008) – *Contribuições para o estudo do património geológico e mineiro do concelho de Paredes*, Vol. I, Dissertação apresentada na Faculdade Ciências da Universidade do Porto.

MENDES, Ana (2010) – *Avaliação da qualidade cénica da paisagem*, Instituto Superior de Agronomia / Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

NETO, Alda (S/D) – *As «Casas de Brasileiros» – dois exemplos no Vale do Sousa*, Ed. CEPESE, Porto.

NETO, Alda (2009) “Os Brasileiros de Paredes – dois percursos de beneficência e esquecimento”, in *Nas Duas Margens. Os Portugueses no Brasil*, Ed. CEPESE e Afrontamento, Porto.

NETO, Alda (2016) “As Casas de Brasileiros: os movimentos migratórios e a construção de itinerários no Norte de Portugal”, in *Revista Forma Breve*, n.º 13, Aveiro.

SILVA, Antónia; FÉLIX, Natália et al (2011) - O papel do Município de Paredes na valorização do património geomineiro. Contributo dos Sistemas de Informação Geográfica, in *Actas do Encontro “Arqueologia e Autarquias”*, Org. C.M. Cascais e Associação Profissional de Arqueólogos, Ed. C.M. Cascais.

SILVA, Antónia et al (2018) – Archeometalurgical analysis and archeological contextualization of a bronze spearhead from Galheira (Muro mountain range, Baltar, Paredes, north Portugal, in *Arqueologia en el valle del Duero. Del Paleolítico a la Edad Media*. pp: 204-213.

SOUSA, Adelino e NETO, Ângelo (2019) – Caminhar pelo Património, in *Orpheu – Revista Cultural de Paredes*, ed. C.M. de Paredes. pp32-34.

SOUSA, Faustino (2017) – A história da família Pereira e as «Casas dos Pereiras», in *O Progresso de Paredes*, Paredes.

SOUSA, Faustino (2019) – *Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing - 50 anos ao serviço da comunidade de Baltar*, consultado no sítio da Junta de Freguesia de Baltar, em outubro de 2019.

Voz Portugalense (2019) – *Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing: 50 anos em Baltar*, Porto.

# AZULEJARIA DO CONCELHO DE PAREDES

## UM PATRIMÔNIO A VALORIZAR

Alberto Guimarães, Historiador de Arte

O azulejo, com o seu esplendor, tornou-se parte dos cenários em que vivemos, distingue a paisagem portuguesa, fica fixado na memória de quem visita o nosso país e se fascina no deleite visual e estético proporcionado pelo seu brilho. Existiu a procura de encontrar signos e manifestações que fossem distintas para Portugal e, afinal, o azulejo espontaneamente afirmou-se como a marca visual portuguesa por excelência.

*Embora a origem do azulejo não seja portuguesa, em nenhum outro país do continente europeu este material recebeu um tratamento tão expressivo e original, bem adaptado aos vários condicionalismos económicos, sociais e culturais específicos, nem foi utilizado de maneira tão complexa e dilatada, com fins que transcendem largamente um mero papel decorativo, como em Portugal (MECO 1993, 11).*

Os azulejos, com toda a sua luminância, cor e composições, numa história que remonta ao final do século XV, início do século XVI, têm sido utilizados pela arquitetura portuguesa como elementos importantes no interior e nas fachadas de edifícios civis e religiosos. Aqueles pedaços cerâmicos tornaram-se um património urbano integrado, que, dada a sua importância artística e o relevante contributo para a arquitetura, se tornou necessário inventariar. A inventariação do património azulejar é uma missão que visa, através da criação de bases de dados, protegê-lo e criar suportes para a continuidade do seu desfrute e estudo. Com o apoio da Câmara Municipal de Paredes e o entusiasmo da Vereadora da Cultura, Dr<sup>a</sup>. Beatriz Meireles, encetamos a tarefa de fazer a inventariação dos azulejos do Concelho de Paredes. Numa primeira etapa, o desenvolvimento do inventário deteve-se na Cidade de Paredes e foram feitas tomadas fotográficas que permitiram a montagem da exposição "Azulejos em Paredes", que esteve patente na Casa da Cultura, entre 12 de Abril e 12 de Maio de 2019. Simultaneamente, foi criado um Circuito do Azulejo da Cidade de Paredes e ainda no âmbito da exposição teve lugar uma concorrida oficina de pintura de azulejos. O azulejo é uma manifestação familiar e viva para os paredenses que agora melhor a descobrem e a querem partilhar com quem visita o Concelho.

O azulejo integra-se na arquitetura do que é hoje o Concelho de Paredes desde finais do século XV, princípio do século XVI. Com efeito, no Mosteiro de Cête, na capela funerária de D. Gonçalo Oveques, vamos encontrar azulejos de inspiração hispano-mourisca que datarão da referida época. A longevidade efetiva do azulejo, enquanto material, contribuiu para evidenciar mais aquele espaço numa dádiva visual que permanece disponível nos dias de hoje.



Azulejos da fachada da Casa da Cultura de Paredes

Santos Simões (1907-1972) foi um fundamental teórico e historiador do azulejo em Portugal e noutros locais do mundo onde os portugueses chegaram. Em 1957, a Fundação Calouste Gulbenkian delegou a Santos Simões a responsabilidade pela «Brigada de Estudos do Azulejo» com a finalidade de inventariar os azulejos em Portugal e no Brasil. O longo, dedicado e metódico trabalho de Santos Simões rendeu importantes livros para quem estuda o azulejo. Na grandiosa série Corpus da Azulejaria Portuguesa, no volume Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI, 1<sup>a</sup>. edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1969, quando são elencados os azulejos da capela funerária de D. Gonçalo Oveques, no Mosteiro de Cête, por algum lapso indicou-se a sua localização no Concelho de Paços de Ferreira. O erro persistiu na 2<sup>a</sup> edição de 1990, que também consultamos. A não ter sido reposta já a informação correta, chamamos a atenção a quem de direito para que se o faça numa futura reedição. A autoridade e o grande interesse da obra merecem isso. A partir do século XIX, o azulejo passa a estar muito associado às manifestações arquitetónicas do Concelho de Paredes, o que se pode relacionar com a proximidade do centro produtor que eram as fábricas de azulejos do Porto. Essa integração está também em linha, designadamente, com o gosto dos "brasileiros", emigrantes que, retornando do Brasil, ergueram as suas sumptuosas habitações. O azulejo de fachada passou a ser sinónimo de ostentação ou distinção, bem como possibilitador de fulgor, colorido e adensar estético das edificações. O azulejo é nessas construções um tradutor identitário e de afirmação de quem as construiu e habitou.

Nos anos sessenta do século XX, ocorreu nova leva de emigração. Os destinos dessa emigração foram, principalmente, França, Alemanha e Estados Unidos da

América. A aculturação, nos lugares onde se instalaram, fez com que ao construir casa própria em Portugal nas décadas de setenta e oitenta levantassem construções



Azulejos no Largo de Nuno Álvares

diferenciadas das arquiteturas tradicionais. Ei-los que regressam construindo casas semelhantes às dos países que os acolheram. A revista *Maison Française* infundiu na paisagem portuguesa muitas edificações através dos emigrantes. Os azulejos padrão foram mais uma vez utilizados, ou não fosse grande a popularidade que esse material de revestimento alcançou entre os portugueses. Na circunstância, os azulejos aplicados nas fachadas, de qualidade inferior, provenientes de novas fábricas, são de estampagem mecânica e apresentam padrões até aí para interiores. São casas que o gosto já instalado designou por casas de azulejos casa de banho. tais casas foram também erigidas por uma classe social ascendente e nos dias de hoje estão já assimiladas na paisagem e na aceitação geral. Nas ruas de Paredes essas casas marcam presença e não devem deixar de ser observadas e analisadas.

No espaço paisagístico habitado de Paredes depara-se também com o azulejo formando painéis decorativos ou devocionais, sobrepostos frequentemente nas paredes de edificações. O azulejo é aí também tanto um valor artístico conjuntamente com as arquiteturas, como afirma o seu carácter estético, sendo olhado



Painel devocional, Capela de S. José

isoladamente. Mais elaborados artisticamente ou de forma singela, sempre as representações dos painéis denotam a religiosidade e valores culturais dos paredenses. Sacralizam as casas e evocam crenças e outras referências locais, atuando como elementos de

diálogo entre todos os habitantes dos lugares onde se mostram, favorecendo o sentido de pertença e inclusão com os locais. Esses painéis, em geral estimados e bem preservados, mas que, por vezes, são lamentavelmente cobertos ou retirados, permitem a elaboração de dados para a compreensão do Concelho. No mesmo sentido, estão os azulejos das igrejas e das alminhas, contendo iconografias sintonizadas com o sentir religioso das pessoas. Numa época de globalização e de apropriação por parte das comunidades de imagéticas externas, os azulejos fazem parte da asseveração das tradições próprias que perduram e se renovam no Concelho.

Sabe-se da importância que o comboio teve para o desenvolvimento de Paredes. E sendo as estações e pontos ferroviários por todo o país locais onde de forma utilitária e decorativa de há longa data se faz uso da azulejaria, depara-se ao chegar à cidade com dois painéis que integram placas toponímicas nas paredes laterais do corpo central do edifício da estação ferroviária. O edifício de passageiros é revestido no seu perímetro exterior por 25 painéis azulejares de tipologia padrão, monocromático de cor azul, constituídos por 4 mil unidades.

No átrio das bilheteiras, está um testemunho de que a azulejaria portuguesa no século XXI continua no seu vigor e qualidade artística. Trata-se de um painel figurativo policromático de 494 unidades em que se



pintou em quadrados cerâmicos uma panorâmica de pontos distintos do Concelho e a representação dos seus habitantes. Pelo traço, opções cromáticas e compositivas e pela bem conseguida enunciação de paisagens de Paredes no qual o comboio tem parte, constitui, numa expressividade moderna, uma acertada opção decorativa, com preocupações de enraizamento na vida local. Este painel, da autoria de Teresa Quintela e Alberto Santos, datado de 2002, fez parte de um programa, entretanto interrompido, que então a REFER levou também a outras estações ferroviárias.

É importante o corpus da azulejaria *in situ* em Paredes. Pelo que deixamos aqui exposto, o gosto dos paredenses pelo azulejo é uma realidade. Ao pretender-se classificar e estudar a azulejaria do Concelho, certamente obteremos o envolvimento das comunidades numa ação para a conservação e valorização de todo um património.

# AZULEJOS EM PAREDES





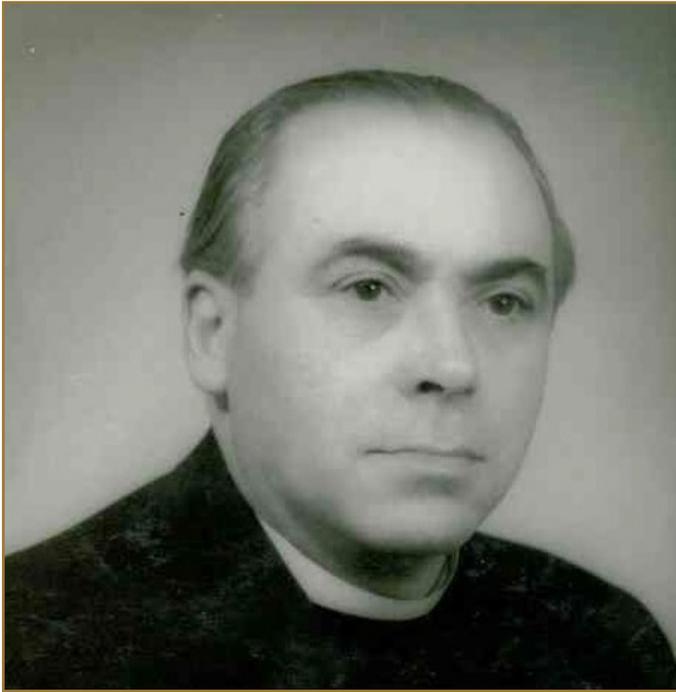
## Localização

- |      |                              |      |                              |
|------|------------------------------|------|------------------------------|
| [1]  | Casa da Cultura              | [14] | Praça José Guilherme, 47     |
| [2]  | Travessa D. Afonso Henriques | [15] | Praça José Guilherme, 4      |
| [3]  | Igreja Matriz                | [16] | Praça José Guilherme, 48     |
| [4]  | Avenida da República, 129    | [17] | Capela Nossa Senhora da Guia |
| [5]  | Avenida da República, 120    | [18] | Rua D. Rosalina Guimarães    |
| [6]  | Avenida da República, 95     | [19] | Travessa Monte da Passagem   |
| [7]  | Avenida da República, 83     | [20] | Rua Gago Coutinho, 18        |
| [8]  | Avenida da República, 41     | [21] | Rua Gago Coutinho, 12        |
| [9]  | Avenida da República, 9      | [22] | Rua Gago Coutinho, 35        |
| [10] | Largo de Nuno Álvares, 6     | [23] | Estação Caminhos de Ferro    |
| [11] | Largo de Nuno Álvares, 14    | [24] | Rua São José, 150            |
| [12] | Largo de Nuno Álvares, 9     | [25] | Capela de São José           |
| [13] | Largo de Nuno Álvares, 3     | [26] | Alminhas                     |

# MONSENHOR FRANCISCO MOREIRA DAS NEVES

Margarida Meireles, Assistente Técnica de Arquivo

Pretendemos fazer uma breve apresentação biográfica de Monsenhor Francisco Moreira das Neves, natural da freguesia de Gandra, concelho de Paredes, personalidade incontornável da cultura paredense e nacional, enquanto jornalista e poeta.



Monsenhor Francisco Moreira das Neves  
Fotografia gentilmente cedida pela prima Maria José Barbosa

**1906**

A 18 de novembro, nasceu Francisco Moreira das Neves no lugar de Moreira, freguesia de Gandra, concelho de Paredes. Tinha mais 10 irmãos, entre os quais outro sacerdote e poeta, Manuel Joaquim Moreira das Neves. Era filho de Manuel Moreira das Neves e de Maria Emília Ferreira da Silva.

Fez a escola primária em Gandra, tendo depois frequentado o seminário do Porto, onde concluiu o curso de Teologia com brilhantes classificações.

**1929**

A 25 de maio, foi ordenado sacerdote e celebrou a primeira missa no dia 29 do mesmo mês, na Igreja Matriz de S. Miguel de Gandra. Foi colaborador do D.

António Augusto de Castro Meireles no Seminário Maior, na cidade do Porto.

Em setembro, foi nomeado pároco da freguesia de Milhundos, concelho de Penafiel, onde bem se relacionou com a família de D. António Ferreira Gomes.

**1930**

Em novembro regressou a Gandra, como colaborador da paróquia, onde não permaneceu por muito tempo.

**Entre 1931 e 1934**

Foi pároco em Mosteiró, concelho de Vila do Conde.

**1934**

Assumiu a direção do diário *Novidades* em Lisboa, até à extinção, em 1974, deste que foi o diário da Igreja ao longo de muitas décadas. Durante este período, dedicou-se às *Cruzadas Eucarísticas*<sup>1</sup> e ao *Patronato*<sup>2</sup> de Santa Rita de Cássia, que fundou em Mosteiró. Para além da sua atividade evangelizadora, dedicou-se ainda a conferências e estudos eclesiais. Foi um dos principais colaboradores e biógrafo do Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa.

**Entre 1939 e 1940**

Escreveu o artigo «*Uma Cruz basta para dizer, na História, quem é Portugal*». Entre as suas realizações, encontra-se o grande impulso que deu aos microfones da *Emissora Nacional*, às comemorações do *Duplo Centenário da Independência de Portugal*. Fazendo com que, em 1940, fossem comemoradas as datas da *Fundação do Estado Português* (1140) e da *Restauração da Independência* (1640), originou uma grande quantidade de cruzeiros em todo o país sob essa égide patriótica. Participou na escrita do Hino do Concelho de Paredes.

**1944**

Acompanhou o cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, em visita aos territórios Portugueses em África, para a inauguração da Catedral de Lourenço Marques (atual Maputo). Fez também viagens à Itália, Espanha e Escócia.

<sup>1</sup> Foi um movimento que, em união com a Igreja Católica, se propôs oferecer uma formação cristã para crianças, adolescentes e jovens, nos níveis espiritual, humano, pessoal e sócio comunitário. Atualmente é designado por Movimento Eucarístico Jovem (MEJ).

<sup>2</sup> Instituição destinada a proteger e a educar.

**HINO**  
do  
**Concelho de Paredes**  
(Piano e C6ro)

POR  
**P.ª MOREIRA DAS NEVES** (VERSOS)      **PROF. VERGÍLIO PEREIRA** (MÚSICA)

Para ser cantado, pela 1.ª vez, na bênção do Cruzeiro dos Centenários e da 1.ª pedra dos Novos Paços Concelhios a 25 de Agosto de 1940

TIP. COSTA CARREGAL  
Trav. Passo Manoel, 27 - P6RTO

**Hino do Concelho de Paredes**  
Versos do P.ª MOREIRA DAS NEVES      MúSica do PROF. VERGÍLIO PEREIRA

Tempo de marcha

Jar - dim d'En-tre Dou-ro e Mi - nho, É noi - te e  
Ter - ra que Deus a-ben - ço - a Com seu o -  
di - a um ro - sal,      Deu o sol no seu ca - mi -  
lhar sem-pre bran - do,      O po-vo a flo-res-ce à to -  
nho,      Fêz - se a luz de Por - tu - gal.  
a      E dá-lhe o san-gue, can - tan - do.      Ter - ra

de fé que pal - pi - ta      A bem da Pá - tria Mai - or;  
- Bem - di - ta sejas, bem - di - ta, Ó Ter - ra  
do nos-so a - mor!      Ter - ra do nos-so a - mor!  
vez      2ª vez      ro 5

Jardim de Entre Douro e Minho, Terra que Deus abençoa  
É noite e dia um rosal. Com seu olhar sempre brando,  
Deu o sol no seu caminho, O povo a floresce à toa  
Fêz-se a luz de Portugal. E dá-lhe o sangue, cantando.

**C6ro**  
Terra de fé que palpita  
A bem da Pátria Maior:  
- Bem dita sejas, bendita,  
Ó Terra do nosso amor!

Hino do Concelho de Paredes - Documento gentilmente cedido pela Paróquia de Sobrosa

Participou em vários congressos católicos e palestras na *Emissora Nacional* e na *Rádio Renascença* (emissora de radiodifusão portuguesa de inspiração católica pertencente ao Patriarcado de Lisboa e à *Conferência Episcopal Portuguesa*).

#### 1946

Foi nomeado presidente nacional da *Obra de Proteção aos Leprosos* e elaborou imensos trabalhos na secção *Letras e Artes* do jornal *Novidades*.

#### 1954

Em maio, no momento em que celebrava as suas bodas de prata sacerdotais, foi nomeado *Monsenhor*, por Sua Santidade, o Papa Pio XII. Foi um dos diretores da RTP e membro do *Conselho de Programas*, sendo palestrante em temas de cultura religiosa e literária,



Monsenhor com o escritor Adolfo Simões Müller  
Fotografia gentilmente cedida pela prima Maria José Barbosa

da editora *União Gráfica*, colaborador da *Rádio Renascença*, onde realizou com Adolfo Simões Müller e Artur Bivar os primeiros programas infantis.

#### Entre 1964 e 1984

Foram-lhe atribuídas três comendas: Grau de Cavaleiro Comendador, da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém - Santa Sé, Grau de Comendador da Ordem de Cristo e Grau de Grande Oficial, da Ordem Infante D. Henrique.

Grau	Ordem	Data	Atribuição	Fonte	Comendas
Cavaleiro Comendador	Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém - Santa Sé	1964		<a href="http://www.santosepulcro-portugal.org/lug-ar-tenencia-de-portugal/admissoes-entre-1561-e-1912.html">http://www.santosepulcro-portugal.org/lug-ar-tenencia-de-portugal/admissoes-entre-1561-e-1912.html</a>	
Comendador	Ordem de Cristo	21/05/1968	Almirante Américo Tomás	<a href="http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=153">http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=153</a>	
Grande Oficial	Ordem Infante D. Henrique	14/05/1984	General Ramalho Eanes	<a href="http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=153">http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=153</a>	

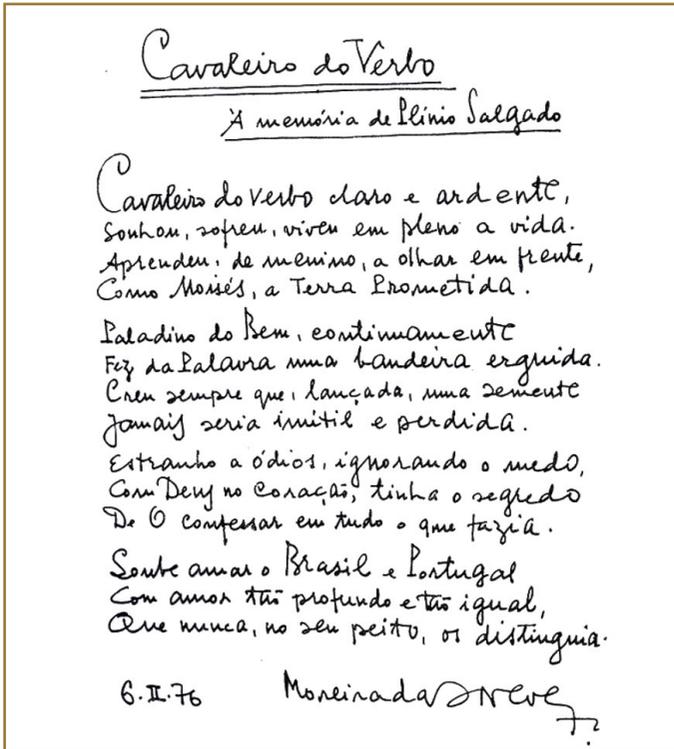
As 3 comendas atribuídas a Monsenhor Moreira das Neves

#### Entre 1966 e 1989

Foi membro da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, em Portugal.

1974

Reformou-se como jornalista, mantendo a sua dedicação à escrita e à poesia.



Manuscrito do poema Cavaleiro do Verbo

1984

Decorreu uma homenagem nacional comemorativa dos seus 50 anos de jornalismo, cerimónia essa que contou com inúmeras figuras de relevo nacional, incluindo o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro e o Presidente da República, General Ramalho Eanes.

1992

Faleceu em Lisboa a 31 de março, tendo sido sepultado na sua terra natal (freguesia de Gandra), no dia 2 de abril. Foi um homem de Deus, grande poeta, jornalista, pensador e escritor, que muito impressionou e sensibiliza Portugal no século XX.

1993

Foram levadas à reunião de Câmara, de 14 de abril, pelo Presidente Sr. Jorge Maria Fontoura de Queirós Malheiro duas propostas sobre "Alteração da denominação da Biblioteca / Museu Municipal de Paredes", para se passar a chamar "Biblioteca Municipal Padre Moreira das Neves", assim como outra para "Efetivação de uma sessão de Homenagem a Padre Moreira das Neves e implementação do Prémio Literário Padre Moreira das Neves", tendo sido ambas aprovadas por unanimidade.

2006

A título póstumo, a Sociedade Histórica da Independência de Portugal homenageou-o, promovendo

no seu Salão Nobre um Colóquio que teve como ponto central a sua obra. A Câmara Municipal de Paredes fez o mesmo por altura do centenário do seu nascimento. O programa contemplou ainda a inauguração de uma exposição sobre a vida e obra de Moreira das Neves, que esteve patente na Casa da Cultura de Paredes, entre os dias 10 e 18 de dezembro, bem como dois concertos: no dia 17, às 21h 30m, pela Banda de Vilela e no dia 18, às 21h 30m, pelo Coro Ensaio do Clube Millenium BCP. Neste colóquio, foram apresentadas várias comunicações, que recordavam a sua vida, a sua obra poética, os seus escritos, os seus interesses culturais e as suas campanhas. Eis alguns dos temas:

- *Cireneu dos tempos modernos* - Monsenhor Moreira das Neves - homem de concílio e de diálogo, por Manuel Ferreira Coelho;
- *Um Paredense em Lisboa*, por Mendes Moreira;
- *O Padre Moreira das Neves e a Diocese do Porto*, por Ângelo Alves;
- *O Padre Moreira das Neves e a sua poesia mariana intemporal*, por Ferreira de Brito;
- *O ano da morte de Moreira das Neves e outros dados*, por Manuel Correia Fernandes;
- *Moreira das Neves, descobridor de almas*, por Moura Pacheco;
- *Cruzeiro da Independência: testemunho histórico e religioso*, por Maria Antónia Silva;
- *Moreira das Neves: de Camilo à Geração de 70*, por José Valle de Figueiredo;
- *O Padre Moreira das Neves e o CADC*, por João Bigotte Chorão;
- *Moreira das Neves: Cânticos de Fátima*, por Pinharanda Gomes;
- *Monsenhor Moreira das Neves numa página de memórias*, por António Manuel Couto Viana;
- *Monsenhor Moreira das Neves, um intelectual católico*, por António Leite da Costa;
- *A Dimensão Etno-Histórica de Monsenhor Moreira das Neves*, por José Augusto Maia Marques.

#### Dele escreveu Fernando Namora:

"Há no Pe. Moreira das Neves uma árdua militância cultural, mas toda ela voltada para o investimento em valores de uma matriz «exemplar». Como homem das letras em nada se desviou da rota que se impôs, e nunca deu sinais de qualquer ambiguidade. Fez opções e por elas se bateu com argúcia e ardor generoso". De si mesmo deixou escrita a mensagem-retrato com que apreciaria ser conhecido depois da sua morte, a fim de ser aposta sobre a sua campa:

«Aqui jaz quem nunca foi Milionário nem herói  
Mas quis ser em alegria Apenas,  
em dor e amor Cantor de Nosso Senhor,  
Poeta da Eucaristia».

Foi homenageado com a atribuição do seu nome na toponímia dos concelhos de Paredes, Vila Nova de Gaia, Cascais e Oeiras. Recentemente, foi colocado

um busto em sua homenagem na rotunda em frente da Igreja Matriz de Gandra.

### O Silêncio da Poesia

Não pares na palavra.  
Deixa o vento levar para as distâncias infinitas  
O som de terra que te sai disperso.

Não prendas, com a fala, o pensamento.  
És maior sobre o mundo, se não gritas  
E deixas no silêncio o melhor verso.  
Dor que se diz é dor desperdiçada.  
Quando conversas, perdes-te no ar.  
Ensina-te o Deserto coisas puras.  
É mais bela uma lágrima calada  
Do que todos os cânticos do mar  
E todas as orquestras das alturas.  
No silêncio é que Deus acende a luz  
Mais fácil para entrar dentro de nós.  
O silêncio tem graças de tesouro.

Ama o silêncio em ti, como Jesus.  
A prece das angústias não tem voz,  
Mas o Senhor no céu a grava em oiro.

Benditos sejam os que a língua domem  
Diz-me tu se calas o que sentes,  
Eu te direi se vales o que dizes...

A própria natureza avisa o homem:  
– A flor vem do silêncio das sementes  
O fruto, do silêncio das raízes.

Faz com Deus, e contigo em oração,  
Séria promessa, bem jurada e calma,  
Como um profeta há séculos faria.

Escrever é violar a solidão.  
Não escrevas.  
Poeta, cala a alma,  
Não mates o silêncio da Poesia!

### Obras literárias

Autor de mais de uma centena de obras editadas, terá estas como as principais:

- «Sonho Azul» (Sonetos - 1931);
- «António Correia de Oliveira – biobibliografia ilustrada (1932)»;
- «Hóstia florida (1936)»;
- «As sete palavras de Nossa Senhora – Poemas Marianos» (1938);
- «Leal Conselheiro Infantil» (1940);
- «Guerra Junqueiro: o homem e a morte», Livraria Simões Lopes (1942);
- «Inquietação e Presença» (1942);
- «Mendigo de Deus» (1944);
- «O cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa» (1945);

- «Santo Agostinho – Cem Páginas» (1945);
- «O Grupo dos Cinco: dramas espirituais», Livraria Bertrand (1945);
- «A tarde e o céu», União Gráfica (1954);
- «Para um retrato de Salazar: breve “in memoriam”», Festa do Natal de Cristo, coautor com Afonso Rodrigues Queiró e António da Cruz Rodrigues (1971)
- «Caminhos de Sangue»;
- «Terra Verde: cancionero»;
- «Sílvia Cardoso: O Anjo das Três Loucuras». Braga: Editorial A.O. (1987);
- «A tarde e o céu»;
- «Cantares de Santa Maria»;
- «Nossa Senhora Mãe de Cristo».

Escreveu artigos em várias publicações como:

- *Sangue missionário em Kongolo*;
- *Na morte do Presidente Salazar*;
- *Os moinhos esses vencidos da vida*;
- *Portugal terra de cruzeiros*;
- *Paulo VI e Portugal*;
- *Nossa senhora da Conceição na restauração de Portugal*;
- *S. Francisco Xavier português por adoção*;
- *Os moinhos : esses vencidos da vida*;
- *Lareira de fogo e Saudade*;
- *Uma cruz basta para dizer na história quem é Portugal*;
- *Armas brasileiras em Goa*;
- *Santa Teresinha*;
- *África ao longe*.

### Bibliografia:

- AA.VV (2008) - *Atas do centenário do nascimento de Monsenhor Moreira das Neves* (1906-2006). Paredes: Câmara Municipal. 17 e 18 de novembro.
- FERREIRA, Nuno Alexandre (2018) - *Capela de São Sebastião de Vilarinho*. Gandra.
- NEVES, Padre Francisco Moreira e PEREIRA, Verglilio - *Hino do Concelho de Paredes*.
- SANTOS, Luís Filipe - *Moreira das Neves: padre, jornalista e poeta*.
- Arquivo Municipal de Paredes - *Livro de atas da Câmara Municipal de Paredes*, reunião ordinária de 1993-04-14, p. 22 e 23.

Disponível na internet: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/moreira-das-neves-padre-jornalista-e-poeta/>  
[https://d.facebook.com/2072191716141955/photos/a.2076167989077661.1073741828.2072191716141955/2081059248588535/?type=3&\\_tn\\_=EH-R](https://d.facebook.com/2072191716141955/photos/a.2076167989077661.1073741828.2072191716141955/2081059248588535/?type=3&_tn_=EH-R)  
[http://www.santosepulcro-portugal.org/lugar-tenencia\\_de\\_portugal/admissoes\\_entre\\_1561\\_e\\_1912.html](http://www.santosepulcro-portugal.org/lugar-tenencia_de_portugal/admissoes_entre_1561_e_1912.html)  
<http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=153>  
[https://etc.pt/VP/ler\\_seccao2d86a.html?diranter142%2A30%7C10](https://etc.pt/VP/ler_seccao2d86a.html?diranter142%2A30%7C10)  
[https://etc.pt/VP/ler\\_seccao2e406.html?diranter417%2A11%7C2](https://etc.pt/VP/ler_seccao2e406.html?diranter417%2A11%7C2)  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Moreira\\_das\\_Neves](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Moreira_das_Neves)  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento\\_Eucar%C3%ADstico\\_Jovem](https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Eucar%C3%ADstico_Jovem)  
<http://memoria-africa.ua.pt/Catalog.aspx?q=AU%20neves,%20moreira>

# O CENTENÁRIO DO PAPEL-MOEDA (CÉDULAS) DO CONCELHO DE PAREDES (1ª E 2ª SÉRIE)

Carlos Ferraz, Técnico de BAD, Arquivo da Câmara Municipal de Paredes

PAPEL-MOEDA ou mais conhecido como “NOTAS” teve a sua origem na China, no século VII, mas foi apenas no ano de ano de 812 (século IX) que o seu uso foi oficializado.

Na Europa, as primeiras “notas” surgem na Suécia, no ano de 1661, pela mão do banqueiro da Idade Média Johan Palmstruch, que as entregava como forma de “recibo” às pessoas que depositavam ouro ou outro metal no Banco de Estocolmo. Depois segue-se o Banco de Inglaterra, em 1694, e o Banco de França, em 1700.

A história do papel-moeda em Portugal aparece no ano de 1796, no Reinado de D. Maria I por força maior da decadência das minas de ouro no Brasil e dos encargos do Estado, onde Portugal acabara de sair da Guerra do Roussillon. Para resolver a situação do País, a rainha D. Maria I, assinou um alvará a autorizar um empréstimo de 10 milhões de Cruzados. Como garantia, o Tesouro Real emitiu as “Apólices do Real Erário”<sup>1</sup>.

No ano de 1797, o dinheiro passou a designar-se por “RÉIS” que duraram até à queda da Monarquia, com a Implantação da República, em 5 de Outubro de 1910. A unidade monetária da República passou a ser o “ESCUDO”. Durante um período de quase 20 anos, as notas de Réis circulavam simultaneamente com as de Escudos.

Em Portugal, podemos dizer que houve dois grandes períodos de emissão de “PAPEL-MOEDA/CÉDULAS” bem diferentes: o primeiro durante a crise financeira de 1891, o segundo no fim da 1ª Grande Guerra Mundial (1914-1918). Neste período de grande inflação, a prata praticamente já não circulava, substituída totalmente por notas, levando a que o dinheiro em metal, moedas de baixo valor, particularmente em cobre, bronze e cupro-níquel, devido à sua escassez, fossem açambarcadas para fins

industriais ou as pessoas o guardavam com receio de Portugal “receber” as consequências motivadas pela guerra.

Por esse motivo, com aprovação de legislação da época, apareceram as cédulas da Casa da Moeda de 2 e 10 cts e com privilégios à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa para emitir cédulas de 5 cts, segundo o Decreto nº 3296, de 15 de Agosto de 1917<sup>2</sup>, onde se lê, nos artigos 2º e 4º:

*“Artigo 2º - O Governo fará emitir, em série, pela Casa da Moeda, cédulas de \$10 e \$2, fornecidas em troca do equivalente em moeda corrente.*

*# único - Pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa serão também emitidas, em série, cédulas de \$5, com curso legal em todo o país, fornecida em troca do equivalente em moeda corrente.*

*Artigo 4º - Os indivíduos ou corporações que à data da publicação deste decreto tiverem em circulação cédulas, senhas ou quaisquer títulos pagáveis à vista e ao portador deverão fazer cessar essa emissão e recolher todos os títulos emitidos no prazo de dez dias, sob a pena de desobediência, além da apreensão dos títulos e demais responsabilidades legais.”*

No ano de 1918, pelo Decreto nº 4120, de 22 de Abril<sup>3</sup>, o privilégio dado à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa é suspenso, atribuindo a emissão da cédula de 5 centavos exclusivamente à Casa da Moeda.

Além das emissões das cédulas autorizadas por Decretos do Estado, aparecem na mesma época cédulas ilegalmente emitidas por numerosas Câmaras Municipais, Juntas de Freguesias, Organismos do Estado (Misericórdias, Hospitais), Associações Comerciais, Empresas Particulares (cafés, casas comerciais de produtos agrícolas caseiros, outros...), Estas cédulas eram formalmente proibidas pelo Estado, segundo o Artigo 4º do Dec. Nº 3296, que

1 Apólice de 10 000 réis, 1797 - Fundação Dr. António Cupertino de Miranda ([www.facm.pt](http://www.facm.pt)).

2 *Diário do Governo* nº 134, I Série, Decreto nº 3296, de 15 de Agosto de 1917 (fundo da Biblioteca Municipal de Paredes).

3 *Diário do Governo* nº 84, I Série, Decreto nº 4120, de 22 de Abril de 1918 (fundo da Biblioteca Municipal de Paredes).

nenhum efeito teve; porém o Governo, sabendo dessas falsificações, não emite qualquer legislação que autorizasse a sua elaboração e circulação.

Nesta época, em Portugal vivia-se um clima de pós-guerra (1ª Guerra Mundial), fazendo com que as cédulas emitidas pela Casa da Moeda não fossem suficientes e o próprio Estado acabou por “fechar os olhos” e deixar que elas fossem produzidas pelo País fora, mesmo com os carimbos das Câmaras Municipais, outras instituições governamentais e não-governamentais.

O Concelho de Paredes não fugiu à regra de emitir cédulas ilegalmente e na Sessão da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Paredes, de 17 de Março de 1920, sob a Presidência de Aníbal Pacheco Moreira Ruão e seus Vogais, Serafim Augusto da Silva Tavares, Amadeu Coelho Pereira, Francisco Rodrigues d'Oliveira e António Pinto Lopes, o Vogal e Secretário, Francisco Rodrigues d'Oliveira, apresentou uma proposta aos restantes membros da Comissão do seguinte teor:

*“(...)Havendo desde há muito tempo absoluta falta de moedas de um centavo, dois centavos e quatro centavos, cuja falta muito prejudica o comércio e o publico nas suas transações; Considerando que devia a essa grande falta, muitas casas comerciais tem adotado senhas que em virtude da variedade de tipos, dão lugar á sua falsificação, prejudicando assim os interessados; - Considerando que compete á Camara Municipal como única representante dos seus municipes, selar pelos interesses d'estes; Considerando que não só o comercio e o publico tutem com essas dificuldades como tambem esta Camara na arrecadação dos seus impostos indiretos; Considerando finalmente, que esta Comissão seguindo o exemplo de muitas suas congeneres, pode evitar esse mal com vantagem para a Camara e para o publico, fazendo circular no concelho um só tipo de senhas ou cedulas. Proponho que esta Comissão resolva fazer aquisição de cedulas de um, dois e três centavos, todas numeradas e rubricadas pelo presidente da Comissão Executiva, com a legenda seguinte: “Camara Municipal de Paredes” e com as cores respetivamente, vermelha, verde e laranja as quaes serão trocadas ao publico a moeda corrente e imediatamente depositada essa importancia na Caixa Economica Portuguesa, revertendo os respetivos juros em favor das receitas geraes do Municipio para auxiliar as despesas que agora se fizerem com a emissão. Paredes, dezassete de Março de mil nove*

*centos e vinte. O vogal, Francisco Rodrigues d'Oliveira. Esta proposta depois de discutida, foi unanimemente aprovada e encarregado o proponente de a mandar satisfazer. (...)”<sup>4</sup>.*

No conteúdo da Ata de 17 de Março de 1920, é apenas descrito a aquisição de três cédulas, no valor de 1, 2 e 3 centavos com as suas cores respectivas, mas não especifica o tipo de papel a utilizar, bem como qualquer referência ao número de Cédulas emitidas. Cédulas da 1ª Série, da Câmara Municipal de Paredes<sup>5</sup> Os modelos das três cédulas foram impressas em Cartão “uniface”; sem data; impressas com as cores: vermelho -1 centavo; verde - 2 centavos e amarelo-torrado -3 centavos e com a medida - 25 x 41.



Cédulas 1ª série (verso)



Cédulas 1ª série (anverso)

Estes exemplares foram efetuados na Tipolitografia “Aurora”, de Vieira e Monteiro, que existia na Rua Passos Manuel, na Cidade do Porto, onde adotava um “design” próprio.

A 22 de abril de 1920, a Secretaria da Câmara Municipal de Paredes recebe desta empresa a fatura<sup>6</sup>, no total de 31.400 cédulas, no valor de 52\$33 escudos. Quando as cédulas eram colocadas em circulação pela Secretaria da Câmara Municipal, colocava-se a Chancela do Presidente no verso e um número seguido no anverso.

No Arquivo da Câmara Municipal de Paredes, existem vários registos documentais de correspondência de entrada a dar conta de pedidos de cédulas. O primeiro

4 Ata da Sessão da Comissão Executiva da Câmara Municipal, de 17/03/1920, fls.87 e 87v.

5 Fundo particular: de Mário Luís Soares da Mota de Sampaio Ribeiro.

6 Fundo Documental do Arquivo Municipal de Paredes - Contabilidade - Maço de faturas da receita e despesa de 1920: cota 47.C.9.

registo de 20 de dezembro de 1920, em nome da Casa da Moeda, a solicitar 2 coleções de cédulas desta Câmara Municipal, outro a 8 de abril de 1921, em nome de José Coimbra Pacheco, Dr. (fundador e diretor do Sanatório do Solar da Venda, em Louredo da Serra - Paredes), pedindo uma coleção de cédulas. Houve também solicitações por parte de vários Municípios Portugueses de norte a sul do País, entre os períodos de 20.12.1920 a 11.01.1923, a solicitar conjuntos das duas Séries de cédulas emitidas pelo Município de Paredes. O último requerimento é datado de 11 de janeiro de 1923, da Câmara Municipal de Santo Tirso<sup>7</sup>.

Na Ata da Sessão de Comissão Executiva da Câmara Municipal, de 17 de Março de 1920, é redigido que "(...) Considerando que compete á Camara Municipal como única representante dos seus municipes, selar pelos interesses d'estes; Considerando que não só o comercio e o publico lutem com essas dificuldades como tambem esta Camara na arrecadação dos seus impostos indirectos (...)", então, a Comissão Executiva da Câmara Municipal mais tarde manda executar uma 2ª série de cinco cédulas, no valor de 1, 2, 3, 5 e 10 centavos, mas até à data, de hoje, não há conhecimento de registo de qualquer deliberação descrita nas Atas da Sessão Camarária. A data de deliberação que consta nas cédulas da 2ª Série é a mesma da aprovação da 1ª série, ou seja, 17 de março de 1920. Estas cédulas impressas<sup>8</sup>: Chapa "2ª Série"; desenho no verso da Escola Oficial Conde Ferreira e Ginásio J. L. S. Ribeiro; desenho no anverso "tipo": Câmara Municipal de Paredes/ Deliberação de 17 de Março de 1920/ Brasão da República/ valor dentro de círculos em numerário e extenso e assinaturas do Presidente da Câmara (Aníbal Pacheco Moreira Ruão) e do Tesoureiro Interino (António de Moraes Ruão); com ou sem selo branco; medida - 80 x 55 e com as cores azul/ castanho - 1 centavo; idem/ idem - 1 centavo "CENT.os" (erro); castanho/ azul - 2 centavos; azul/ violeta (papel branco) ou azul (papel creme - menos vulgar) - 3 centavos; azul/ verde - 5 centavos, e azul/ rosa ou azul/ castanho-vermelho - 10 centavos.

Das cédulas conhecidas da Câmara Municipal de Paredes, ainda nos é descrito nos catálogos de numismática<sup>9e10</sup> e que, a cédula do valor de 1 centavo, muito semelhante às restantes cédulas da 2ª série, onde a única diferença nesta cédula é que o valor está dentro de quadrados (ensaio?), é de dupla face, fundo no anverso tracejado e a sua cor é azul/azul - 1 centavo.



Cédulas Paredes 2ª Série (verso)



Cédulas Paredes 2ª Série (anverso)

Esta Cédula deverá ser um "modelo tipo-ensaio", do género das cédulas que a Empresa de Publicidade de Évora enviou para a Câmara Municipal de Paredes, uma vez que, a 28.06.1921, remeteu um

7 Fundo Documental do Arquivo Municipal de Paredes - Livro de Correspondência Recebida da Câmara Municipal de Paredes - 1915-1927; cota: 8.B.2.3.

8 Fundo particular de Mário Luís Soares da Mota de Sampaio Ribeiro.

9 ALMEIDA, Mário S. de, (setembro 2012) - Índice de Cédulas de Portugal. Fundação Dr. António Cupertino de Miranda - Museu do Papel Moeda. Porto págs. 221 e 222.

10 ALMEIDA, Mário S. de, (1980 e 1982) - Catálogos Gerais de Cédulas de Portugal. Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto, pág. 171.



Cédula de Paredes (ensaio), verso

requerimento<sup>11</sup> aos serviços da Câmara Municipal de Paredes, a "(...) oferecer-se para fazer as cédulas segundo o tipo das amostras (...)". Não se sabe a origem deste "modelo tipo-ensaio" aqui apresentado. Este espécime é muito raro (RR) no mundo da numismática.

Nos variadíssimos exemplares diferentes de cédulas emitidas no universo camarário lusitano, realço as cinco cédulas da Câmara Municipal de Aveiro<sup>12</sup>. Na sua Sessão da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Aveiro, de 12 de Maio de 1921<sup>12</sup>, foram deliberadas uma 2ª série de cinco cédulas no valor de 1, 2, 4, 5 e 10 centavos. As cédulas da 2ª série dos Concelhos de Paredes e de Aveiro foram impressas na gráfica ou oficina de gravura que adotava um "design" próprio. O Vogal e Secretário, Francisco Rodrigues d'Oliveira, faz referência, na Ata da Sessão de Comissão Executiva da Câmara Municipal, de 17 de Março de 1920, que "(...) muitas casas comerciais tem adotado senhas que em virtude da variedade de tipos, dão lugar á sua falsificação(...)"<sup>13</sup>, mas não especifica em concreto quais casas comerciais, o seu nome e a sua localidade. No seio da numismática nacional só há conhecimento que no Concelho de Paredes fora emitidas para circulação dois espécimes de cédulas privadas, nomeadamente a Cooperativa Agrícola de Paredes e do armazém/ celeiro de azeites, cereais, legumes, fazendas e fábrica de "Licores Leónidas"<sup>14</sup> (trabalho caseiro) de Arlindo da Costa Pinto & C<sup>a</sup>, onde reproduziram emissões de cédulas, embora ilegais,

mas sempre com o consentimento do Estado Português. No catálogo<sup>15</sup> é indicado que a instituição "Cooperativa Agrícola de Paredes" lançou as cédulas no valor de 1, 2, 10 e 20 centavos, sem data, mas levantam-se algumas dúvidas se estas cédulas serão as mesmas da Cooperativa, uma vez que esta Associação só foi fundada a 10.11.1975<sup>16</sup>, logo nas cédulas não poderá constar este nome. Em 20 julho de 1916, a Inspeção da Junta de Crédito Agrícola de Lisboa envia um ofício à Câmara Municipal de Paredes "para esta criar neste concelho uma Caixa de Crédito Agrícola"<sup>17 e 18</sup>.

No início dos anos 20 do século passado, é mencionado na documentação do Arquivo Municipal a existência do "Sindicato Agrícola de Paredes"<sup>19</sup> e da "Associação Comércio e Indústria de Paredes"<sup>19</sup> e, anos mais tarde, ao abrigo do Decreto nº 24.949, de 22 de março de 1939 e por Alvará de 14 de fevereiro de 1941 é criado o "Grémio da Lavoura de Paredes"<sup>20 e 21</sup>. Assim, pressupõe-se que umas destas duas entidades (Sindicato e Associação) colocassem em circulação as cédulas.

A casa empresarial "Arlindo da Costa Pinto & C<sup>a</sup>" põe em circulação cédulas em cartão de valor por carimbo (trabalho caseiro). Chancela numa face e carimbo na outra, sem data, no valor de 10 (?), 20 (?) e 40 Réis (?), com as cores azul (10 réis?), laranja (20 réis?) e verde-cinza (40 réis?)<sup>22</sup>. Estas cédulas tinham o valor em Réis, uma vez que Arlindo da Costa Pinto continuava a ser um grande defensor da Monarquia durante a República, onde no ano de 1911 foi administrador e proprietário do jornal nacionalista e católico "A Defeza" e foi um dos presos políticos na 1ª República, ficando detido no Forte de Caxias, em fevereiro de 1912<sup>23</sup>, juntamente com mais oito pessoas, todas naturais do Concelho de Paredes<sup>24</sup>.

Arlindo da Costa Pinto também era o proprietário da fábrica produtora do conhecido "Licor Leónidas" (trabalho caseiro). Este licor não só fez sucesso no concelho de Paredes, como também no estrangeiro, ganhando prémios internacionais, como é o caso do 1º prémio, na Exposição Internacional de Barcelona, em 5.12.1929<sup>25</sup> e o Grande Diploma de Honra na

11 Fundo Documental do Arquivo Municipal de Paredes - Livro de Correspondência Recebida da Câmara Municipal de Paredes - 1915-1927; cota: 8.B.2.3.

12 Fundo Documental do Arquivo Municipal de Aveiro - Extrato da Ata da Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Aveiro, de 21.05.1921.

13 Ata da Sessão da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Paredes, de 17/03/1920, fls.87 e 87v.

14 Fundo Documental do Arquivo Municipal de Paredes - Anuário Comercial de Portugal de 1922, pág. 3191; cota:52.1.

15 ALMEIDA, Mário S. de, (1980 e 1982) - Catálogos Gerais de Cédulas de Portugal. Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto, pág. 171.

16 Fundo documental da Cooperativa Agrícola de Paredes.

17 Fundo Documental do Arquivo Municipal de Paredes - Livro de Correspondência Recebida da Câmara Municipal de Paredes - 1915-1927; cota: 8.B.2.3

18 Ata da Sessão da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Paredes, de 24/07/1916, fls.96.

19 Fundo Documental do Arquivo Municipal de Paredes - Maços de Correspondência Recebida da Câmara Municipal de Paredes - 1920-1924; cotas: 8.C.11 e 8.C.13.

20 Diário do Governo nº 67, I Série, Decreto nº 29.494, de 22.03.1939 (fundo da Biblioteca Municipal de Paredes).

21 Fundo Documental do Arquivo do Grémio da Lavoura de Paredes - Livros de Atas das Sessões Ordinárias da Direção e do Conselho Geral - 1948.

22 ALMEIDA, Mário S. de, (setembro 2012) - Índice de Cédulas de Portugal. Fundação Dr. António Cupertino de Miranda - Museu do Papel Moeda. Porto, págs. 221 e 222.

23 Artigo do jornal "O Paredense", nº 91, Ano IV, de 15.11.2018, pág.18 de Ivo Rafael.

24 Livro "In Memoriam do Pe. João Mateus", Porto, de 26.09.1956, pág.21.

25 Fundo particular da família (D. Marília Castro) - Garrafa de Licor e Diplomas de prémios atribuídos a Arlindo da Costa Pinto pelo seu "Licor Leónidas".



Garrafa  
de Licor Leónidas

Exposição do Rio de Janeiro (Brasil), em 16.09.1938<sup>25</sup>.

As cédulas das duas instituições descritas nos catálogos da Numismática tinham uma circulação interna ou apenas entre os seus fregueses, ou mesmo na aplicação de processos indiretos de contribuições, pois elas eram compradas ou recebidas em troca pelos particulares e na maior parte não mais eram contestadas. Estes espécimes no mundo da Numismática são muito raros (RR) e, em alguns casos, apenas existem referências<sup>26</sup>.



Exp. Internacional de Barcelona – Diploma Medalha Ouro, 5.12.1929



Exp. Internacional de Rio de Janeiro – Diploma de Honra, 16.09.1938

Na Ata da Sessão de Comissão Executiva da Câmara Municipal, de 14.10. 1922<sup>27</sup>, o Presidente, Aníbal

Pacheco Moreira Ruão, faz a seguinte proposta

*"(...)foi unanimemente resolvido prevenir o publico e as Camaras dos concelhos vizinhos de que até ao dia quinze de Novembro do corrente ano, deixam de ter curso legal n'este concelho, todas as cedulas emitidas por esta Camara, devendo os seus possuidores entregal-as na tezouraria municipal dentro d'aquelle praso (...)"*.

A 27.10.1922<sup>28</sup>, seguiu uma Circular para as Câmaras Municipais de Penafiel, Lousada, Felgueiras, Valongo, Castelo de Paiva, Santo Tirso e Marco de Canaveses com a indicação de publicação de Edital para recolhimento de Cédulas. No livro de balanço de receitas e despesas de 1922<sup>29</sup>, é indicado o valor da receita das cédulas da 2ª Série, que no 2º e 3º trimestres do corrente ano é de 1.400\$00 e 4.448\$70 escudos. No mesmo balanço da receita do 2º trimestre é indicado o valor de 1.667\$70 escudos de cédulas da 1ª Série, mas que foram a abater pelo método de queima.

Mais tarde, o Governo cria condições para "atacar o problema de frente", publicando o Decreto nº 9718, de 26.05.1924<sup>30</sup>, relativamente às falsificações e ao número elevado de indivíduos no trabalho do fabrico das referidas cédulas, cujo número vem aumentando à medida que as solicitações dos vários pontos do País forçam a intensificar a sua produção.

Temos o exemplo claro do "cerco" do Governo às falsificações no Concelho de Paredes, porque é perguntado ao Administrador do Concelho se neste concelho de Paredes há tipografias, litografias ou oficinas de gravura?

A resposta por parte da Administração é que no Concelho de Paredes não existem nenhuma empresa do tipo indicado<sup>31</sup>.

Com a publicação do Decreto nº 9718, o Governo faz um "alerta", proibindo intensamente os indivíduos ou quaisquer outras entidades públicas e privadas (câmaras municipais, juntas de freguesias, misericórdias, hospitais civis, lojas, tabernas, mercearias, fábricas, armazéns e até bancos (p. ex. o Banco de Barcelos) de emitir cédulas, senhas ou qualquer título pagável à vista, sob pena de desobediência. Assim qualquer agente da autoridade, fiscal, policial, administrativa e militar deverá proceder imediatamente à apreensão das cédulas, senhas ou qualquer título pagável, impedindo que continuem a circular.

25 Fundo particular da família (D. Marília Castro) – Garrafa de Licor e Diplomas de prémios atribuídos a Arlindo da Costa Pinto pelo seu "Licor Leónidas".

26 ALMEIDA, Mário S. de, (1980 e 1982) - *Catálogos Gerais de Cédulas de Portugal*. Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto, pág. 171.

27 Ata da Sessão da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Paredes, de 14/09/1922, fls.22..

28 Fundo Documental do Arquivo Municipal de Paredes - *Livro de Correspondência Expedida da Câmara Municipal de Paredes - 1915-1923*, pág. 140v; cota: 8.A.4.4.

29 Fundo Documental do Arquivo Municipal de Paredes - *Livro de balanços de receitas e despesas da Câmara Municipal de Paredes - 1922*; cota: 47.C.10.

30 *Diário do Governo* nº 114, I Série, Decreto nº 9718, de 23.05.1924 (fundo da Biblioteca Municipal de Paredes).

31 Fundo Documental do Arquivo Municipal de Paredes - *Livro de Registos de Correspondência Expedida da Administração Municipal de Paredes - 1920-1928*; cota: 8.A.4.2..

## HOMENAGEM AO POETA DANIEL FARIA



No passado dia 7 de Junho, o Município de Paredes e a Junta de Freguesia de Baltar homenagearam o poeta Daniel Faria. Na cerimónia evocativa do 20º aniversário da morte do poeta, nascido em Baltar, a 10 de Abril de 1971, foi apresentada uma pintura do retrato de Daniel Faria da autoria de Olesya Mohosh.

A homenagem contou com a presença da Vereadora da Cultura do Município de Paredes, Dr<sup>a</sup>. Beatriz Meireles, do Presidente da Junta de Baltar, Jorge Coelho, e dos familiares do poeta Daniel Faria.

Em memória do poeta, foram declamados poemas da sua autoria, pelos alunos do Agrupamento de Escolas Daniel Faria e do Colégio Casa Mãe. A pintura foi colocada na biblioteca da Câmara Municipal e contribuirá para a perpetuação da memória de um poeta que está mais vivo do que nunca.

**Faustino Sousa**

## PAREDES RECEBEU VERGÍLIO PEREIRA



Foi apresentado no habitual Café Literário, que ocorre na Biblioteca Municipal de Paredes, nas primeiras sextas-feiras de cada mês, um livro da Professora Doutora Rosário Pestana sobre o importante Maestro e Etnógrafo Vergílio Pereira, natural de Vilela, Paredes. A publicação contou com o apoio do Município de Paredes e da Fundação A Lord e encontra-se disponível para consulta na Biblioteca Municipal.

Associou-se à apresentação do livro uma exposição sobre Vergílio Pereira, com espólio gentilmente cedido pelos familiares do Maestro e Etnógrafo.

Poder-se-á, ainda, conhecer melhor a vida e obra de Vergílio Pereira, através do estudo e exposição do seu arquivo pessoal, que estará patente no Museu Nacional de Etnologia até 30 de maio de 2020, intitulada "Vergílio Pereira: itinerários de um Etnógrafo".

**Beatriz Meireles  
Maria Antónia Silva**

## INAUGURADO NÚCLEO MUSEOLÓGICO PADRE AMADEU SOARES DA SILVA

Integrado nas comemorações dos 300 anos da Igreja de São Cristóvão de Louredo, a 15 de novembro foi inaugurado o Núcleo Museológico Padre Amadeu Soares da Silva, em Louredo, pertencente à Paróquia.

A inauguração contou com a presença de D. Armando Esteves Domingues, Bispo Auxiliar do Porto, seguindo-se um concerto pela Banda de Música de Cete.

**Beatriz Meireles**

# Cultura num minuto

## DOAÇÃO DE TELAS À BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PAREDES

Fernando Salvador Marques da Silva, como forma de agradecer à população da terra que acarinhou seu filho, Luís Manuel Marques da Silva, no exercício das funções de arquiteto, no Município de Paredes, ofereceu, em 2018, a título gracioso e definitivo um quadro da sua autoria, com a representação do “Altar de Santa Ana”, da Igreja de Louredo, para ficar exposto no edifício da Biblioteca. No reconhecimento pela aposta do Município de Paredes, através da Biblioteca Municipal, na promoção da cultura, facilitando ao público o contacto com a arte, principalmente, a pintura, foram doadas duas telas emolduradas, com trabalhos em pastel seco. Os trabalhos designados por “Cabelo” e “Rosto” foram utilizados como capa e contracapa, respetivamente, da revista ORPHEU PAREDES, edição de 2018. Estas telas foram doadas a título gracioso e definitivo pela artista Ana Maria Gomes da Silva Brito Fernandes e podem ser observadas na Biblioteca Municipal de Paredes.

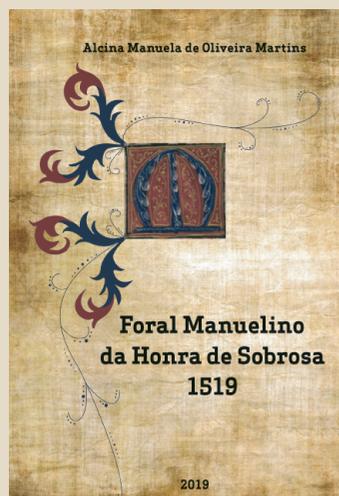
**Maria Antónia Silva**

## BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PAREDES RECEBE DOAÇÕES

A Biblioteca Municipal recebeu, durante o ano de 2019, inúmeras doações por parte de particulares, num total de cerca de 1.100 livros, versando temáticas variadas, com destaque para a Literatura Portuguesa e infantil, História e enciclopédias. Os doadores a quem o Município agradece são: Maria de Fátima Silva Pereira, Maria João Machado da Rocha, Carla Teixeira Guedes, Branca Ondina Meireles, Rui Sousa, Maria de Fátima Monteiro Nunes de Sousa, Paulo Portela e João Rodrigues Gamboa.

**Maria Antónia Silva**

## COMEMORAÇÃO DOS 500 ANOS DO FORAL DE SOBROSA



O Município de Paredes associou-se à comemoração dos 500 anos do Foral de Sobrosa. Do programa conjunto com a Freguesia de Sobrosa constaram inúmeras iniciativas, nomeadamente, uma sessão solene nos Paços do Concelho, em Sobrosa, uma recriação histórica

do Teatro Palco – Grupo de teatro amador de Sobrosa, o descerramento de uma placa comemorativa e um concerto de cravo e flautas na Igreja Paroquial de Sobrosa.

Para finalizar o programa, o Município de Paredes apresentou o livro, editado propositadamente para a efeméride, “Foral Manuelino da Honra de Sobrosa”, cuja autora foi a Professora Doutora Alcina Manuela de Oliveira Martins, Docente Catedrática da U.L.P..

O livro encontra-se disponível para consulta na Biblioteca Municipal de Paredes.

**Beatriz Meireles**

## VOLUNTÁRIOS CULTURAIS

No âmbito do Banco Local de Voluntariado do Município de Paredes, contabilizaram-se, durante o ano de 2019, nas atividades culturais e turísticas, sete voluntários. Estes dedicaram-se à organização do depósito e à catalogação de livros, na Biblioteca Municipal de Paredes, num total de cinco voluntários, assim como à dinamização cultural e turística do Centro de Interpretação da Senhora do Salto, em Aguiar de Sousa, num total de dois.

A todos os voluntários o nosso reconhecimento!

**Beatriz Meireles  
Verónica Rocha**

## DOAÇÕES DE ÁRVORES E DE TELAS À CASA DA CULTURA DE PAREDES

Para valorizar o jardim da Casa da Cultura e as camélias centenárias ali existentes, o Município de Paredes recebeu, no final do ano de 2019, quatro árvores: um jacarandá-mimoso, uma nogueira, um castanheiro e uma oliveira. Agradecemos ao doador, Maximiano Augusto Miguel que, com este ato, pretendeu eternizar a memória do nascimento dos netos, batizando as árvores com os seus nomes. A Casa da Cultura de Paredes recebeu também, nos anos de 2018 e 2019, cinco telas de particulares, sendo três de Alberta Rangel, uma de Adelaide Morgado e outra de A. fé. As árvores e as obras podem ser admiradas na Casa da Cultura de Paredes.

**Beatriz Meireles**

## 30 EXPOSIÇÕES EM 2019



Os espaços culturais da Câmara Municipal de Paredes, Biblioteca, Casa da Cultura e Loja de Turismo receberam ao longo do ano de 2019 mais de 30 exposições. A aposta na diversidade de exposições, dirigidas a toda a população em geral, tem sido um dos objetivos da autarquia Paredense. As exposições patentes nos espaços municipais abrangeram todas as áreas temáticas, dentro de determinados parâmetros de qualidade, estabelecidos pela Câmara Municipal, passando pela fotografia, pintura, escultura, entre outras áreas.

**Rui Carvalho**

## BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PAREDES RECEBE ACERVO DOCUMENTAL DO MONSENHOR MOREIRA DAS NEVES



Foi doado à Biblioteca Municipal de Paredes um acervo documental de enorme riqueza do Monsenhor Francisco Moreira das Neves, reforçando-se a importância desta personalidade de Paredes e de destaque na cultura em Portugal. Do inventário realizado contabilizaram-se ao todo 1.890 monografias, sendo a mais antiga datada de 1831, da autoria de Frei João de Jesus Cristo com o título "Viagem de um Peregrino a Jerusalém e visita que fez aos lugares santos em 1817". Pese o facto de muitas obras serem de temática religiosa, há uma panóplia de temas, desde obras de medicina e de educação a obras de literatura e política, algumas escritas em latim, italiano, francês e espanhol. Deste acervo monográfico e do documental, constituído por manuscritos, correspondência, poemas, canções, hinos, artigos, jornais e recortes de jornais, revistas, folhetos, catálogos, textos (hagiografia, enologia, moinhos, património) e imagens (fotografias, postais, gravuras, estampas), é possível conhecer o itinerário da sua vida, assim como os seus diferentes interesses.

**Maria Antónia Silva  
Hernâni Gomes**

# O ZÉ MARIA DE PAREDES

Carlos Daniel, Jornalista da RTP

Fotografia de Mafalda Ruão



Pintura de José Maria Alves, 1962

Parece fácil o exercício, falar dele, mas não é, mesmo se poucos o conhecem como eu, porque sempre foi meu, cresci-lhe no colo entre afagos repetidos, conheço-lhe cada curva das mãos, percebo-o só no olhar, sei o que vale cada sorriso maroto, como reconheço ao longe o pigarro da faringite que o identifica e dele herdei, carinhoso, afável, divertido, essencialmente um emotivo, e com uma grande lata, um descaramento simpático que vencida barreiras, abria alas, superava filas, invadia repartições ou escritórios, viveu toda a vida numa balança com muitos sorrisos e algumas lágrimas, porque não esconde sentimentos, bem mais sorrisos que lágrimas, felizmente.

## Sempre fui o “filho do Zé Maria”

Quem meus filhos beija minha boca adoça, quantas vezes o ouvi dizer isto? Ouvimos, eu, o Flávio e o Miguel, passou para nós todo o amor que lhe faltou a ele, filho que perdeu a mãe ainda bebé, com um pai admirável, mas distante, filho de facto de uma avó que lhe deu tudo, até à idade da família completa, com a minha mãe, Lindinha para todos, Dinha só para ele, e

nós os três, os tais que lhe deixam a boca doce, sempre a mão dele por baixo do nosso caminho, muito do Flávio que precisou mais disso e é a lágrima mais grossa da vida do Zé Maria, e da nossa, mas continua por cá, nas histórias das trapalhadas que ainda fazem rir, como no carinho imenso pelos sobrinhos que faz trincar lágrimas nos lábios, somos e seremos três, os meninos dele, sorrimos juntos numas quantas fotografias lá da casa grande, onde nada nos faltou para crescermos felizes.

## Amigos, cento e dez ou talvez mais

Citava sempre esse poema de Camilo, na advertência de que a vida parece encher-nos de amigos, mas que restam menos, bem menos, nas horas duras, percebi mais tarde como era certa a lição repetida, mas usou até gastar a palavra amigo, tinha-os vários e por todo o lado, os da juventude, da tropa, do futebol, do teatro, dos negócios, em qualquer sítio do país onde estivéssemos, lá vinha o “tenho um amigo que é daqui”, e muitas vezes ia procurá-lo, perguntar se o conheciam, restam-lhe ainda uns quantos, daqueles a sério, que

não falham quando as pernas mais lentas o fazem precisar de uma boleia ou apenas de companhia num dos passeios que adora, pela nossa terra. Muitos são daqueles que acompanhou no futebol durante décadas, treinou-os para jogar, mas formou-os para viver, no tempo em que os pais não pagavam para que os filhos jogassem, nem os conduziam aos jogos, suportava ele tudo, as refeições ligeiras que os ajudariam a correr e a ganhar, na Lixa, em Lamego ou Castro Daire, e gasóleo a rodos, tantas vezes duas carrinhas, tempos

longos nas estradas de curvas consecutivas, acompanhei-os em sábados e domingos por auto estradas, aos jovens craques a quem o meu pai chama ainda hoje os seus pupilos e que não o esquecem, sobretudo não esquecem o que fez por eles, por isso o reclamam para convívios de saudade e o acarinhos de um modo que emociona, amigos a sério, cento e dez ou talvez mais.

### Zé Maria, o guarda-redes que voava

Antes de treinar ou dirigir, jogou, e é ainda hoje um dos maiores orgulhos que tem, não há quem vá lá a casa e não visite a galeria de retratos do guarda-redes mais famoso que Paredes teve entre as décadas de 50 e 60, 7 anos a titular, e só 7 porque o trabalho não o deixou ir além dos 24, nunca escondeu a mágoa disso, mas combate-a

com a vaidade de lembrar que aos 17 já era titular do primeiro "team", não há muitos que possam dizer o mesmo, amigo e pupilo do Araújo, compadre do Américo, era, e um dia escreveram isso no jornal, "um guarda-redes que voava", não desses que ficam debaixo dos postes com medo do espaço, a área, a grande, era toda dele, garante, foram sempre grandes as áreas para ele, nunca se fechou no medo, foi sempre ambição de crescer para viver melhor, de uma pequena mercearia

fez o primeiro supermercado que a terra viu, sobre uma firma em dificuldades criou a gráfica que resiste firme quase 50 anos depois, e fez teatro no tempo em que a alma era juvenil no velho quartel do bombeiros, mas também nas peças que o talento do Mendonça colocou na Casa da Cultura quando já trocávamos de século, mais mérito a preparar painéis e a disfarçar rostos que no palco, cenógrafo e caracterizador é como o lembro, e depois a pintar em casa, a pintar mesmo, cavalete à frente e cheiro misturado de óleos, diluente e aguarrás,

craque no retrato, alguns a carvão - a Romy Schneider, eterna Sissi, devolveu um, com autógrafo - outros são cópias fiéis ou paisagens únicas, mais as telas gigantes para os Bombeiros Voluntários ou para o Rancho Folclórico, graciosamente, causas públicas assumidas, recuperou todo o altar-mor da igreja matriz, com minúcia de artista e paciência infinda, retocou de azul em tonalidades várias cada cena, cada figura, foi decerto mais de um ano, sábados seguidos fechado na Igreja, foi a capela sistina dele.

### 24712

Era o número da lotaria que haveria de lhe sair, quando o encontrasse comprava o bilhete inteiro, jurava, não sei se ainda persegue o sonho, mas a taluda está garantida, que a vida já teve horizontes mais distantes, mas

nunca foi tão cheia, tão perfeita de sentido, agora que os maiores prazeres são receber os filhos e ver crescer os netos, mais uns jogos de futebol do seu Benfica e aqueles passeios diários pela Paredes que é dele, ele a quem chamavam tantos dos amigos, uns quantos de Penafiel, era forma de o distinguirem e o orgulho dele, o "Zé Maria de Paredes", e é justo que a terra lhe esteja no nome, que ele é decerto um nome, e dos que não-de- ficar, da nossa terra.

Sexta-feira, 28 Setembro de 1990  
ANO LXI — N.º 2737

# PROGRESSO DE PAREDES

QUINZENÁRIO REGIONALISTA

PROPRIETÁRIO: JOSÉ MARIA S. FERREIRA ALVES  
DIRECTOR: ILLIDIO MEIRELES  
DIRECTOR-ADJUNTO: MANUEL FERREIRA COELHO

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E COMPOSIÇÃO:  
PRAÇA CAPITÃO TORRES MEIRELES • 4580 PAREDES  
TELEF. 777258 • TELEFAX 777649

PROTECTOR: CÂMARA MUNICIPAL DE PAREDES

PRO ARIS ET FOCIS

FOTILITO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DE PAREDES, LDA.  
PRAÇA CAPITÃO TORRES MEIRELES • 4580 PAREDES  
TELEF. 777258 • TELEFAX 777649

PREÇO DE ASSINATURA ANUAL ..... 1.000\$00  
PREÇO DE NÚMERO AVULSO ..... 50\$00

DEPÓSITO LEGAL Nº 2164 / 83

PORTO PAGO

## EDITORIAL

### O «CALVÁRIO» EM BEIRE

A maior parte das vezes, quando se esboça um plano, começa-se por alinhar meia dúzia de questões, as quais se vai tentando responder, eliminando-lhe o invulgar e sucessivamente as dificuldades de forma a torná-lo tão fácil e exequível que até parece impossível ninguém ou, neste caso, quase ninguém, se ter abalado e realizado.

Desta forma se assume o compromisso e quando se mergulha, de facto, na sua execução, quando surgem as primeiras dificuldades, então já é tarde para recuar e só resta enfrentar de cabeça erguida a realidade.

Vem tudo isto a propósito do sonho lindo que era fazer de um simples jornal da província, carinhoso e dedicadamente mantido durante algumas dezenas de anos, um grande meio de comunicação social, ansiosamente aguardado pelos seus cada vez mais numerosos leitores, muito embora limitado a um âmbito regional, sempre defensor dos direitos e garantias dos cidadãos, mas igualmente sem esquecer as suas obrigações de viver e saber viver em sociedade, sempre crítico em razão dos deveres assumidos pelas instituições, de carácter público ou semi-público, como factores da verdadeira integração do homem na sociedade, seu principal e único fim, e acima de tudo, sempre atento à sua mais elementar finalidade, informar de modo a também formar.

E aceitamos o desafio.

Agora, sem esquecer as dificuldades que nos esperam, partimos na convicção de que é esta a orientação que os nossos leitores, bons parreiros e não só, mais desejam, na certeza de que um jornal, especialmente do âmbito local, só se materializa se conseguir criar a verdadeira identificação entre o leitor e o meio onde se insere, se conseguir tornar-se parte integrante da vida activa da própria população a que se dirige.

Esta é o projecto, demasiado ambicioso talvez, que nos motivou e ao qual nos entregamos, já há algumas semanas, de alma e coração, conscientes do exemplo que nos legaram, e de que o muito entretanto feito é fonte onde colheremos os ensinamentos necessários para que afinal o que era um sonho se transforme em realidade.

Illidio Meireles

Dizia o nosso Pai Américo: O «Calvário»! É um nome tirado do Evangelho. É o resumo de toda a economia da Redenção. Fazem hoje falta no mundo estes nomes, estas ideias, estas obras humanas de sabor divino. Um lugar onde cada padecente leve, sim, mas não arraste a sua cruz dolorosa. Na verdade, todos compreendemos que se ele é difícil ao incurável não ter onde viva, quanto mais desesperado não ter sítio onde morrer?! Temos obrigação de meditar nestas coisas e reagir contra o estado delas!

(Continua na última página)

CONCESSIONÁRIA OFICIAL VOLKSWAGEN / AUDI

### A GARAGEM CENTRAL DE PENAFIEL

### ABRIU STAND DE VENDAS EM FELGUEIRAS

Na progressiva cidade de Felgueiras, mais ou menos a meio da grandiosa Avenida do Dr. Leonardo Coimbra, foi inaugurado, no passado dia 21 do corrente, um luxuoso Stand de Vendas da Garagem Central de Penafiel, concessionária oficial das conceituadas marcas Volkswagen e Audi.

Além do referido Stand, a empresa tem no mesmo local, já em funcionamento, um grande posto de abastecimento de carburante e lavagem automática de carros, bem como um atraente Bar de apoio.

Garagem Central de Penafiel

VW Audi

Primeira Edição como Proprietário do Jornal Progresso de Paredes, edição impressa pela Gráfica de Paredes, Lda.

# COMENDADOR PEREIRA INÁCIO

## UM BALTARENSE E A BEMERÊNCIA AQUÉM E ALÉM ATLÂNTICO

Alda Neto, Docente e Investigadora do CEPES

*“António Pereira Inácio foi professor de si mesmo e aprendeu impelido pelas leis da necessidade e pelo grande desejo de saber e de triunfar na vida.”<sup>1</sup>*

Desde meados do século XIX que os jovens portugueses eram preparados para a emigração, através da aprendizagem de um ofício ou das primeiras letras. A população emigrante era mais alfabetizada do que a população que permanecia em terras portuguesas. Esta alfabetização dos emigrantes contribuiu para um desenvolvimento da instrução, mas a população natal não levou a cabo qualquer mudança nas estruturas de produção, sobretudo por falta de conhecimentos técnicos e por uma ausência de instrução.

Para além do processo de alfabetização levado a cabo, os jovens eram enviados para as cidades de Lisboa e do Porto, para aí aprenderem a atividade comercial como caixeiros. Este percurso que se iniciava com o carregamento de pesadas caixas, conduzia muitos ao Brasil, levando nos bolsos as cartas de recomendação dos patrões ou as cartas de chamada dos familiares. Chegados ao Brasil, estes emigrantes eram recebidos pelos familiares ou pelos comerciantes que os auxiliavam na integração no mercado de trabalho.

### Quem foi António Pereira Inácio?

Nasceu a 29 de Março de 1874, na freguesia de Baltar, concelho de Paredes, filho de João Pereira Inácio e Maria Coelho Pereira.

Em 1884, emigrou para o Brasil na companhia do pai que já tinha sido emigrante. Pai e filhos deslocaram-se para São Paulo, tendo-se instalado na cidade de Sorocaba, na casa de José e Lucrecia Pereira Inácio, tios de António Pereira Inácio. Começaram por trabalhar como sapateiros. Como refere Armando de Aguiar, na obra *Portugueses no Brasil*<sup>2</sup>, António Pereira Inácio procurou complementar a sua aprendizagem com o desenvolvimento de um ofício.

*“(…) de dia trabalha na oficina, ao lado de outros sapateiros, e à noite frequenta uma escola, onde*



Comendador António Pereira Inácio (Arquivo Votorantim)

*aprende as primeiras letras. (…)<sup>3</sup>”.*

Entre 1884 e 1888, João e António Pereira Inácio trabalharam de forma árdua procurando progredir em termos profissionais. Estabeleceram-se em Sorocaba, cidade em crescimento nas proximidades de São Paulo, com uma oficina de sapateiro, remendando e fabricando calçado que satisfizesse as necessidades daqueles que iam trabalhar no sertão.

*“(…) Seu pai, reconhecendo que o filho não cabia na pequenez da sua oficina, colocou-o num estabelecimento comercial de Sorocaba e o rapaz tanto agradou ao patrão que este, dentro em poucos anos lhe confiava a direção do estabelecimento. (…)* Mas, nessa subida, Pereira Inácio não esqueceu a cultura de que carecia, aproveitando as noites para

1 AGUIAR, 1945, p. 152.

2 AGUIAR, 1945, p. 152.

3 AGUIAR, 1945, p. 152.

*estudar e frequentar as escolas. (...).<sup>4</sup>*

Entretanto, João Pereira Inácio regressou a Portugal para acompanhar a esposa que se encontrava doente. O seu filho permaneceu no Brasil, onde aprendeu o ofício de sapateiro, na oficina do Mestre Chico das Violas, pai de Lucinda Rodrigues Viana, sua futura esposa.



Comendador Pereira Inácio na sua banca de sapateiro (Arquivo Votorantim)

Em 1888, foi para São Paulo trabalhar na casa de importações Ferreira Júnior & Saraiva. Em 1889, partiu para o Rio de Janeiro para trabalhar numa empresa importadora de tecidos, propriedade do comendador João Reinaldo Faria.

Em 1892, criou um armazém em São Manuel, uma localidade do interior do Estado de São Paulo. O seu pai, entretanto regressado ao Brasil, colaborou neste projeto. Com cerca de 20 anos, deslocou-se para Botucatu, onde dirigiu a firma Rodrigues & Pereira, que abastecia a população ferroviária da Companhia Sorocabana. Nesta localidade casou com Lucinda Rodrigues Viana, em 1899. Deste casamento resultaram três filhos: João, Paulo e Helena.

Desde 1899 até ao final do primeiro terço do século XX, António Pereira Inácio desenvolveu uma fábrica relacionada com o algodão, com o objetivo de produzir óleo vegetal, que viria a ser encerrada. Esta fábrica recebeu a designação de Santa Helena e tornou-se num investimento pioneiro no Brasil. Simultaneamente, instalou uma serração para aproveitar as florestas da região e fornecer madeira para os diversos fins que o mercado reclamava.

Entretanto, em 1915, adquiriu uma fábrica de tecidos na cidade de São Paulo, onde acabaria por fixar a sua residência e a sede da sua empresa. Em julho de 1916, partiu para os Estados Unidos da América, onde contactou com algumas indústrias. No Estado da Carolina do Norte (EUA) trabalhou como operário na empresa Wilson North Carolina, tendo ascendido a cargos de direção. Em 1917, tornou-se o primeiro presidente do Centro das Indústrias de Fiação e Tecelagem.

Em 1918, adquiriu o Banco União, que tinha falido, formando assim a Sociedade Anónima Fábrica Votorantim. Nos anos seguintes, associou-se ao Visconde de Moraes e aos comendadores João Reinaldo de Faria (origem portuguesa) e José Martinelli (origem italiana).

Ao longo da década de 1920, adquiriu as partes dos seus sócios, tornando-se o único proprietário da indústria. Assumiu a direção da empresa e contribuiu para o seu crescimento, através de um apurado planeamento económico.

O grupo Votorantim e a sua ascensão estão diretamente relacionados com António Pereira Inácio, que ordenou a construção de instalações fabris modernas, complementadas com serviços de assistência aos operários e às suas famílias.

O comendador António Pereira Inácio destacou-se pelo incentivo ao desenvolvimento industrial que imprimiu no Estado de São Paulo, construindo um complexo composto pela fábrica Santa Helena (aproveitamento de sementes de algodão), uma fábrica de cimentos, a Lusitânia (fabrico de tecidos) e a Fábrica Votorantim (preparação, fiação, tecelagem e estamperia de algodão).

*“(...) Na fábrica Votorantim, a maior da América do Sul, movem-se 3.000 teares, 6 máquinas de estampar e 71.000 fusos, que produzem anualmente 30 milhões de metros de tecidos de algodão e seda artificial. (...)”*

Posteriormente, dedicou-se ao fabrico de cimentos para todo o Brasil e dotou o sul do Estado de São Paulo com a primeira rede de telefones, bem como eletrificou a estrada entre Votorantim e Sorocaba. Foi, inclusivamente, apelidado de Rei do Algodão e

4 JÚNIOR, 1947, p. 12.

do Cimento no Brasil. Possuía uma vasta extensão de terras onde eram produzidas grandes quantidades de laranja, posteriormente exportadas para Inglaterra.

António Pereira Inácio manteve a presidência da Votorantim até à sua morte, a 14 de fevereiro de 1951.

### O Reconhecimento oficial

Em 1923, recebeu a comenda da Ordem de Cristo de Instrução e da Benemerência. A cerimónia realizou-se no Hotel Esplanada, na cidade de São Paulo. Partiu, no ano seguinte, em viagem pela Europa, com o objetivo de acompanhar a sua esposa, Lucinda Pereira Inácio, que necessitava de cuidados médicos que lhe foram prestados na clínica Valmont, na Suíça.

A sua filha, Maria Helena Pereira Inácio, casou com José Ermírio de Moraes, um jovem engenheiro, originário do Nordeste brasileiro. Em 1924, este começou a trabalhar na Votorantim, tendo começado a assumir lugares de chefia no interior do grupo.

Durante as décadas de 1920 e 1930, António Pereira Inácio realizou diversas viagens à Europa, nomeadamente a Portugal e França. As suas viagens a Portugal foram sempre relatadas pela imprensa local e nacional, sendo inclusive alvo de grandiosas festas de receção. A 3 de outubro de 1931, foi organizado um banquete, onde este emigrante participou juntamente com o seu irmão, Alberto Pereira Inácio<sup>5</sup>.

No Brasil, em 1936, o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, condecorou António Pereira Inácio com a Ordem do Cruzeiro do Sul<sup>6</sup>.

### No Brasil... exemplos de benemerência

Para além desta faceta de grande industrial e empreendedor, o comendador António Pereira Inácio destacou-se pela grande benemerência e filantropia desenvolvidas no Brasil e em Portugal. Este brasileiro não regressou definitivamente a Portugal, tendo-se instalado no Estado de São Paulo, na cidade de

Sorocaba e, posteriormente, na cidade de São Paulo.

No Brasil, o comendador construiu caminhos-de-ferro particulares, quer a vapor, quer elétricos, e bairros operários com um grande número de infraestruturas, como campos de jogos (futebol e ténis), escolas, espaços religiosos, teatro, farmácia e consultório médico:

*"(...) Os seus atos de filantropia correm parilhas com os seus triunfos no campo da indústria ao mesmo tempo que ergue fábricas, funda creches, asilos, lactários e escolas. Os seus atos de benemerência multiplicam-se. (...)."*<sup>7</sup>

*(...) a parte mais importante da obra do grande industrial é a sua ação social. O grande Parque Industrial do nosso ilustre patrício é a cidade de Votorantim, onde existem, alinhados, em amplas ruas, muito mais de mil casas, que constituem uma cidade moderna, cidade iluminada a luz elétrica, cheia de higiene e de conforto, com belas escolas para ambos os sexos, creches e cantinas que fornecem luz pelo preço da fatura. Tudo quanto precisam as numerosas famílias dos operários, que se computam em milhares de pessoas, pois bastará afirmar que só a fábrica de tecidos de Votorantim, que é a maior da América do Sul, emprega seis mil operários, homens e mulheres. (...)"*<sup>8</sup>

A 08 de dezembro de 1933, a Santa Casa da Misericórdia de Sorocaba laureou António Pereira Inácio através da colocação de uma placa de homenagem. O emigrante doou à mesma instituição a sua habitação na cidade de Sorocaba. Nesta mesma cidade, colaborou com o Hospital de Santo António, o Hospital de Santa Lucinda<sup>9</sup> e a Faculdade de Medicina, tendo, inclusive, auxiliado na sua construção. A sua intervenção filantrópica destacou-se com a colaboração na implementação no sul do Estado de São Paulo, da primeira rede telefónica.

A sua atitude de beneficência, também, se estendeu

5 O Progresso de Paredes, nº 39, 03 de outubro de 1931.

6 JÚNIOR, 1947, p.10-11.

*(...) - O Brasil deve a este Português, a fundação da sua maior fábrica de tecidos a que juntou ultimamente duas outras grandes fábricas, uma de óleo de algodão e sabão e outra de cimento e cal hidráulica, dando assim trabalho a mais de 10.000 operários e empregados que, junto dessas fábricas encontram as mais agradáveis condições de viver em habitações confortáveis, creche, escola maternal, escola primária, campos de jogos, teatro, igreja, etc.*

*- Razão porque o Governo Brasileiro agraciou o Comendador, com a comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul...*

*- E o Governo português lhe concedeu as Comendas das Ordens de Cristo e de Mérito Industrial. E bem merece as três comendas, Pereira Inácio, porque anima o trabalho numa área superior a 24.000 hectares de solo brasileiro, servida por 4 estações de caminho de ferro da Estrada de Ferro Soro-Cabana e atravessada por um caminho de ferro eléctrico próprio, no qual uma das estações tem o nome de Nova-Baltar... (...)*

7 AGUIAR, 1945, p.160.

8 AGUIAR, 1945, p. 160.

9 Esta designação poderá ter sido atribuída como forma de homenagem à sua esposa.

ao combate ao analfabetismo, um dos setores mais privilegiados pela sua atitude filantrópica.

*(...) O analfabetismo tem nele um implacável inimigo, inimigo irreductível, que o combate em toda a parte. Os seus operários sabem ler e escrever para que possam ser elementos úteis à sociedade e a si próprios. (...) Por isso, nos aglomerados populacionais de Sorocaba, Santa Helena e Votorantim, há também igrejas, piscinas, campos de jogos e cinemas. Em vez de tabernas e casas de tavadagem, muitas bibliotecas com livros escolhidos onde não topam doutrinas dissolventes. (...).<sup>10</sup>*

Estas atitudes de filantropia e benemerência além-atlântico são profundamente retratadas na imprensa local e nacional - *O Progresso de Paredes, O Comércio de Penafiel ou Jornal de Notícias*-, tal como as suas deslocações a Portugal e a outros países europeus.

A 16 de junho de 1924, este ilustre baltarense exibiu, gratuitamente, no cinematógrafo do Teatro Olympia do Porto um filme sobre a fábrica de tecidos de algodão «Votorantim».

#### **Em Portugal... exemplos de benemerência**

A freguesia de Baltar, terra de António Pereira Inácio, foi alvo de uma intensa atividade filantrópica, uma vez que enviava, frequentemente, remessas de forma a promover o desenvolvimento desta localidade.

Um dos exemplos da sua filantropia foi o contributo para a criação e organização da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Baltar. Em 1926, o jornal *O Novo Paredense* noticiou o apoio económico para a criação desta instituição.

Em 1930, a Irmandade da Misericórdia de Paredes promoveu a construção de um Hospital. Para esta construção contribuíram os *brasileiros* regressados e aqueles que permaneciam no Brasil. Após a inauguração do Hospital, os *brasileiros* continuaram a ajudar a Misericórdia e o Hospital, como foi o caso de António Pereira Inácio que, em outubro de 1931, ofereceu 5 000\$00, valendo-lhe a nomeação como Irmão Benemérito da Misericórdia. No ano de 1933, realizou uma nova doação ao Hospital para a construção de uma nova ala.

Durante a década de 1930, o comendador deslocou-se frequentemente a Portugal, tendo sido homenageado pela Sociedade de Geografia, em Lisboa, e pelo Presidente da República Portuguesa, Dr. Teixeira Gomes, em 1934. Esta homenagem promovida por aquela instituição exaltou, sobretudo, a grande importância conferida pelo brasileiro à instrução. No artigo publicado no jornal *O Progresso de Paredes*, com o título "Um Paredense orgulho de Portugal", foi destacado o seu trabalho no Brasil, nomeadamente no Estado de São Paulo:

*"(...) A outra passagem compreendendo o parecer da grande figura intelectual do Brazil, sr. Paulo Prado, que se fosse governante do estado, mandaria distribuir nas escolas uma biografia do Sr. Pereira Inácio. (...).<sup>11</sup>"*

Neste mesmo ano, António Pereira Inácio visitou a freguesia de Baltar. Nesta visita propôs a criação da Sociedade Humanitária de Salvação Nacional, com o objetivo de ajudar os mais carenciados da freguesia, tendo para o efeito angariado fundos para a construção de casas para os mais desfavorecidos. Entretanto, ordenou a construção destas casas para os cidadãos mais pobres.

*(...) Na sexta-feira passada, 24 de setembro findo reuniu o sr. Comendador António Pereira Inácio, no seu palacete de Baltar, alguns dos seus amigos mais íntimos, aos quais deu a feliz notícia que ia construir nesta freguesia um grupo de casas destinadas aos pobres. (...) primeiro grupo de casas que constituíam a edificação dum bairro destinado a gente pobre e humilde da sua terra. (...).<sup>12</sup>*

A 18 de Agosto de 1934, o jornal *O Progresso de Paredes* noticiou a criação de uma Escola-Modelo, apoiada pelo Comendador Pereira Inácio. Entretanto, já havia sido solicitado autorização ao Ministério da Instrução para a sua construção e funcionamento. Nesta mesma altura, a freguesia recebeu a visita de Júlio Prestes de Albuquerque, que se encontrava em Portugal a convite do emigrante.

Em outubro de 1934, iniciaram-se as obras das escolas em Baltar. Entretanto, este partiu para São Paulo, regressando no ano seguinte para a inauguração das mesmas.

10 AGUIAR, 1945, p. 160.

11 *O Progresso de Paredes*, nº353, 02 de outubro de 1937.

12 *O Progresso de Paredes*, nº353, 02 de outubro de 1937.

Em 1935, o *Jornal de Notícias* publicou um artigo sobre as atividades desenvolvidas pelo comendador em Baltar:

*“(...) Entre as benemerências sem conta que a s. ex<sup>a</sup> tem realizado em Baltar, tomam vulto uma cantina permanente para os pobres daquela freguesia, e a criação de cursos escolares gratuitos e fornecimento de agasalhos aos necessitados, bem como uma importante quantia que dispendeu para a instalação eléctrica, facto que vai ser inaugurado, festivamente, no próximo domingo. Todo esse conjunto de benemerências, do sr. Comendador António Pereira Inácio, vai ser hoje admirado por entidades proeminentes e pela imprensa, uma visita à risonha e progressiva Baltar.”<sup>13</sup>*

No número seguinte, continuou a ser publicado o artigo sobre o comendador Pereira Inácio e a sua atividade na freguesia de Baltar:

*“(...) Em Baltar não havia um albergue para os pobres, não havia uma maternidade, não existiam escolas. O comendador Pereira Inácio, (...) resolveu o problema – construiu um albergue para os pobresinhos, levantou uma maternidade para as mulheres da sua terra e, finalmente, deu escolas às creancinhas. (...) A pobreza, em Baltar, é muita – e os pobres têm muitos filhos. Alugada uma casa – uma casinha pequenina e branca, de imaculada alvura – o comendador deu a creche D. Lucinda Pereira Inácio à sua terra. Nessa creche, as creanças – as que frequentam e as que não vão á escola – têm uma refeição diária, que lhes é distribuída ao meio dia. (...)”<sup>14</sup>*

Quer a escola, quer a creche ou o albergue para os mais pobres foram custeados, na íntegra, por este brasileiro. Simultaneamente, foram criados os meios para que as crianças pudessem frequentar a escola, os quais estavam relacionados com a disponibilização de refeições, de vestuário e de calçado.

Como refere o Tenente-Coronel José Ribeiro da Costa Júnior, na obra *A Árvore das Patacas*, o socorro aos mais pobres de Baltar e a escola-cantina tinham um custo anual de 100.000\$00.

A creche *Lucinda Pereira Inácio* foi inaugurada em 1935 e destinava-se a prestar apoio às crianças mais pobres.

A creche e a cantina funcionavam em edifícios anexos à casa de habitação do comendador, tendo sido transferidas posteriormente para esta.

Aquando da inauguração, o comendador António Pereira Inácio foi homenageado pela população de Baltar, como se pode verificar pela seguinte citação:

*“(...) A certa altura, uma velhinha entrou no cortejo e foi beijar a mão do Comendador, exclamando, com lágrimas de reconhecimento: - «devo a este santo o ter comidinha certa e cama que nem uma princesa!»! Judice Bicker aproveitou o incidente para contar ao coronel [Tenente Coronel José Ribeiro da Costa Júnior]: - Esta velhota, que acaba de beijar a mão ao Comendador, é um dos muitos pobres que ele socorre com alimento, vestuário e cama. (...)”<sup>15</sup>*

No final da década de 1930 existiam, nesta freguesia, a creche D. Lucinda Pereira Inácio e a Escola Maternal *Portugal Novo*. Esta escola era frequentada por 110 crianças de ambos os sexos. No dia 26 de junho de 1937, foi organizada uma receção ao Comendador Pereira Inácio pelos petizes que frequentavam a escola e nesse dia, o comendador conheceu algumas das crianças que beneficiaram deste apoio.



Fotografia publicada n' *O Progresso de Paredes*, alusiva à inauguração da Creche Lucinda Pereira Inácio

*“(...) Dum bom prédio onde funcionava uma escola-cantina, custeada pelo Comendador, saíam duas compridas alas de crianças dos dois sexos, muito asseadas nos seus uniformes cinzentos, empunhando cada uma um ramo de flores. (...)”<sup>16</sup>*

13 *Jornal de Notícias*, n.º 26, 31 de janeiro de 1935.

14 *Jornal de Notícias*, n.º 27, 02 de fevereiro de 1935.

15 JÚNIOR, 1947, p.10.

16 JÚNIOR, 1947, p. 10.

A instrução dos adultos constituiu uma outra preocupação deste emigrante que, à semelhança de outros brasileiros, criou cursos de alfabetização em Baltar. Estes cursos já tinham sido criados em Sorocaba e em São Paulo para os operários que trabalhavam nas fábricas de António Pereira Inácio. Simultaneamente, demonstrou uma preocupação com a instrução dos adultos, pelo que se empenhou na criação de cursos de alfabetização de adultos à semelhança do que já tinha acontecido no Brasil. Os cursos noturnos de alfabetização de adultos eram frequentados por um grande número de pessoas.

O comendador António Pereira Inácio foi responsável pela eletrificação das ruas de Baltar em colaboração com o administrador do concelho de Paredes, dr. Tomás Lopes Cardoso. Em 1935, procedeu-se à inauguração da luz pública no Largo da Feira, entretanto renomeado de Largo Comendador Pereira Inácio, através de uma grande festa organizada para o efeito. O *Jornal de Notícias* noticiou esta inauguração, na qual o emigrante não esteve presente, mas os convidados para a inauguração percorreram as ruas da freguesia, entretanto iluminadas.

Devido à intensa atividade filantrópica desenvolvida pelo Comendador António Pereira Inácio, um conjunto de personalidades paredenses procurou homenageá-lo. Assim, solicitaram à Câmara Municipal de Paredes, através de um requerimento, autorização para a colocação de um busto no Largo da Feira, na freguesia de Baltar. A Câmara deferiu o pedido, tendo-se iniciado os trabalhos para a colocação do respetivo busto. Entretanto, o homenageado teve conhecimento desta iniciativa através de um artigo publicado no jornal *O Progresso de Paredes*, o emigrante opôs-se à concretização desta iniciativa. A sua opinião foi manifestada através de uma carta que enviou, na qual referia que esta homenagem não deveria ser levada a cabo, pois (...) *mas não a posso aceitar por ser ella contrária aos meus princípios*.

*As minhas obras de caridade, aqui e em toda a parte, são feitas sem pretensões de espécie alguma, são feitas com o único fim de cooperar o mais possível para suavizar os sofrimentos da humanidade. Sahi da minha terra com 10 anos, e no Brasil aprendeu três cousas, que são: - a 1ª - aprendi a ler alguma cousa, pois aqui, em Portugal, aprender a ler é*

*privilégio de rico; a 2ª - aprendi a trabalhar, muito e muito; a 3ª - aprendi também a arte de dar, pois sempre dei mesmo quando não tinha, isto é - fazia sacrifícios tirando de mim mesmo para dar aos outros. Esta arte de dar para acudir aos sofrimentos dos infelizes, é necessário ensiná-la aos ricos de Portugal que ainda não aprenderam, pois o ouro deles não tem préstimo algum para os seus Irmãos que sofrem, são insensíveis as dores do seu semelhante, sem outro cuidado na vida que não seja o seu gozo pessoal. (...)*<sup>17</sup>

Como se pode verificar pela carta transcrita, o Comendador Pereira Inácio realça a instrução e o trabalho como fatores importantes para o sucesso, fatores estes que contribuíram para que pudesse apoiar todos aqueles que necessitavam do seu auxílio. Ao mesmo tempo, o comendador estabelece um termo de comparação entre a sua atividade filantrópica e aquela que é realizada pelos "(...) ricos de Portugal (...)". À semelhança do Tenente-Coronel José Ribeiro da Costa Júnior, o comendador Pereira Inácio critica o pouco empenho implementado pelos portugueses que enriqueceram e que não auxiliaram aqueles que necessitavam.

O busto não foi colocado na época, tendo sido posteriormente inaugurado em 2001, por ocasião da comemoração do cinquentenário da sua morte

Para além da escola, creche e cantina mandadas construir por este emigrante, destaca-se, ainda, a casa de habitação onde alguns destes equipamentos funcionavam.

Em janeiro de 1926, a revista *A Arquitectura Portuguesa*, no seu primeiro número, publicou o projeto de uma casa de habitação do comendador,



17 Carta escrita pelo Comendador Pereira Inácio e publicada no jornal *O Progresso de Paredes*.

que seria edificada em Baltar. Como é referido na publicação, o projeto era da autoria dos arquitetos Rogério de Azevedo e de Balthazar da Silva Castro. De acordo com a memória descritiva, o edifício seria construído em cimento e decorado com madeiras originárias do Brasil.

A casa de habitação foi edificada no centro da povoação, defronte da estrada principal que estabelecia a ligação entre a cidade do Porto e a cidade de Vila Real, nas proximidades da casa dos seus progenitores. Inicialmente, a função residencial para a qual foi concebido este edifício de habitação, desapareceu, para se tornar num espaço de instrução e de acolhimento aos mais pobres.

A casa é composta por dois pisos. A fachada principal era revestida a azulejo azul e branco e apresentava um painel onde se encontrava retratada a ligação entre os dois países: Portugal e Brasil, através dos dois escudos sobrepostos, colocados na frontaria do edifício. Nele também existia a inscrição de Villa Maria Helena, numa clara homenagem à filha deste emigrante baltarense.

*“A «Villa Helena», a poucos passos da «Creche D. Lucinda Pereira Inácio», fica mesmo em frente à estrada do Porto. É ali que o sr. Comendador António Pereira Inácio costuma viver quando a nostalgia, a saudade da Pátria distante, o faz dar uma saltada sobre o Atlântico. (...)”<sup>18</sup>*

Este edifício tornou-se o espaço de receção de importantes personalidades locais e nacionais, como foi o caso da visita de Júdice Bicker, em 1937. Este tornou-se numa presença regular da casa do Comendador Pereira Inácio, tendo realizado diversas conferências sobre as atividades desenvolvidas pelos portugueses em prol do desenvolvimento do país.

Como é habitual, as casas construídas pelos emigrantes portugueses no Brasil tornaram-se importantes espaços de convívio entre estes e a população local ou grupos de personalidades, como o testemunham as visitas do Tenente Coronel José Ribeiro da Costa Júnior ou de Júlio Prestes de Albuquerque. Estas visitas constantes eram frequentemente noticiadas na imprensa local e nacional, revelando-se de alguma forma a importância deste contínuo movimento

nas casas dos emigrantes que contribuem para uma constante animação cultural das localidades.



Casa do Comendador Pereira Inácio (fotografia da autora)

*“ (...) Quando o Comendador António Pereira Inácio, depois de se despedir dos seus amigos e do povo, partiu no seu automóvel, um camponês disse, para uma mulher que o acompanhava com um filhinho ao colo, apontando o grande industrial: - «Aquele foi dos que encontraram no Brasil a árvore das patacas». (...)”<sup>19</sup>*



Painel de azulejos com os escudos sobrepostos, na Casa do Comendador, na freguesia de Baltar

#### Fontes Impressas e Bibliografia:

- AA. VV. (1936) - *Almanaque Anuário de Penafiel e de Paredes*. Penafiel: s.e.
- AGUIAR, Armando de (1945) - *Portugueses no Brasil*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- BARREIRO, José do (1924) - *Monografia de Paredes*. Porto: Tipografia Barros e Costa.
- CALDEIRA, Jorge (2007) - *Votorantim 90 anos: uma história de trabalho e de superação*. São Paulo: Editora Mameluco.
- FERNANDES, José Manuel (2003) - *Português Suave - Arquiteturas do Estado Novo*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.
- JORGE, Ricardo, (1930) - *Brasil! Brasil!*. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, pp. 23-24.
- JÚNIOR, José Ribeiro da Costa (1947) - *A Árvore das Patacas: romance com uma descrição da vida no Rio de Janeiro há 50 anos*. Lisboa: s.e.
- PEDREIRINHO, José Manuel (1994) - *Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- NETO, Alda (2011) - *As Casas de Brasileiros no concelho de Paredes*. Dissertação de mestrado apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

<sup>18</sup> Jornal de Notícias, nº27, 02 de fevereiro de 1935.

<sup>19</sup> JÚNIOR, 1947, p.7-15.

# VISCONDE DE RIBEIRO MAGALHÃES

## O PORTUGUÊS E O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO BRASIL: A HISTÓRIA DA VILA DE SANTA THEREZA EM BAGÉ RS, BRASIL

**Adriana Gonçalves Ferreira**, Mestranda em Patrimônio Cultural, Univ. Federal de Santa Maria - Brasil<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho registra e procura valorizar as ações da sociedade civil organizada e sua luta pela preservação do patrimônio cultural. O trabalho da Associação Pró Santa Thereza, coletivo de mulheres voluntárias, inspira formas de apontar paradigmas para o homem em sociedade, diante do contexto da hipermodernidade. Apresenta um traçado da história da Vila de Santa Thereza, que surge com a fundação de uma Charqueada ao final do século XIX, fundada por um imigrante português chamado Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães. Na época, havia uma vida cultural e religiosa através das ações realizadas no Teatro Santo Antônio e na Capela de Santa Thereza D'Ávila, que faziam parte do complexo erguido em torno do negócio do charque. O trabalho, a cultura e a religiosidade impulsionavam uma vida comunitária ativa, que dividia atenções com a cidade de Bagé, o Estado e o Brasil, até ao encerramento do ciclo econômico do charque em 1960. Após mais de 30 anos de esquecimento, esse espaço ressurgiu pelas mãos do árduo voluntariado dessa Associação.

### 1 INTRODUÇÃO

A velocidade com que o mundo atual apaga a história através do descaso e do comportamento efêmero da sociedade contemporânea, é preocupante. Destacar a valorização da história das sociedades e da luta da sociedade civil pela preservação do patrimônio cultural é de extrema relevância para a humanidade. O fenômeno "globalização" ao mesmo tempo que possibilita uma dimensão de intercâmbios de informações e de bens culturais, também ocasiona certa alienação cultural, no que diz respeito à compreensão das origens e diferenças presentes nas sociedades. As questões relacionadas com o patrimônio cultural devem ser tratadas com uma dimensão humana, pois este se relaciona com o indivíduo e suas relações com o mundo. As ações voluntárias da Associação Pró Santa Thereza, o movimento da sociedade civil organizada que resultou na revitalização do Centro Histórico Vila de Santa Thereza, na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil, traça uma linha do tempo, desde o surgimento da Charqueada de Santa Thereza, até o Centro Histórico



Visconde de Ribeiro Magalhães

Fonte: Acervo pessoal de sua bisneta, Maria Luísa Teixeira da Luz

Vila de Santa Thereza e seu tombamento. Segundo Boucinha (1993), esse espaço é datado de 1897, com a inauguração da charqueada de Santa Thereza, que originou a Vila Santa Thereza.

Identificar e valorizar a trajetória de um grupo de mulheres e constatar a importância do voluntariado na luta pela preservação do patrimônio no País é um exemplo notável de cidadania e consciência patrimonial. Pensar ressignificação e o inestimável

<sup>1</sup> Sob orientação da Prof. Dra. Maria Medianeira Padoin.

valor histórico, cultural e artístico deste espaço para a cidade, no contexto local e nacional é precioso. O referido Centro Histórico, apesar de vivenciar o processo de modernização, apresenta um rico acervo de prédios e paisagem, possibilitando inventariar uma vasta gama de significados em suas edificações, tanto na arquitetura, pintura, espaço físico, quanto nas ações culturais e educativas, que constroem a história através dos tempos. Esse patrimônio reúne um complexo que também reflete o poder socioeconômico em suas várias fases de desenvolvimento, sendo estas construções um testemunho importante para a história, a memória social e para a identidade da sociedade bageense. No entanto, a sociedade sabe muito pouco sobre este patrimônio, portanto é de extrema pertinência levantar o tema: a luta da sociedade civil na preservação do patrimônio cultural e procurar entender a perspectiva de compreender e valorizar este espaço como portador da história dessa cidade e de um ciclo econômico vivido no Brasil através do charque. Porém, é preciso relacionar as ações culturais e o comportamento da comunidade que viveu ali no passado e de seus remanescentes que ainda habitam a Vila de Santa Thereza no presente, para entender a memória social coletiva. Esse é o trabalho desenvolvido pela Associação Pró SantaThereza, coletivo responsável pela revitalização desse patrimônio, que nasce em 1897, e vive uma plenitude econômica e cultural até meados de 1960. Posteriormente, adormece por mais de 30 anos. Após o encerramento do ciclo do charque, a Vila fica esquecida, até ser encontrada já em ruínas, por um coletivo de mulheres determinadas, que a partir de 1995 dá início a árdua luta que resulta na revitalização desse patrimônio e persiste até hoje para sua preservação. No entanto, é preciso saber sobre a trajetória de seu fundador, o imigrante português que marca seu lugar na história do patrimônio bageense e de significativa relevância Nacional.

## 2 ANTÔNIO NUNES DE RIBEIRO MAGALHÃES

Nasceu em Portugal, na freguesia de Castelões da Cepeda, da Vila de Paredes, distrito do Porto, em 05 de Outubro de **1841**. Filho de Joaquim Nunes e Joaquina Rosa de Magalhães, fez seus primeiros estudos em Portugal, na Escola Conde de Ferreira.

### 2.1 VINDA PARA O BRASIL

Em **1853**, aos 12 anos, embarcou no Veleiro Íris com destino ao Porto de Rio Grande, cuja cidade na época recebia muitos imigrantes portugueses.

### 2.2 O PRIMEIRO TRABALHO

Logo ao desembarcar, com apenas 12 anos, foi trabalhar como caixeiro num dos armazéns do mercado público de Rio Grande.

## 2.3 O INGRESSO NOS NEGÓCIOS

Seu trabalho esforçado, sua vivacidade e disciplina logo o levaram a ser recomendado para o comerciante Delabary, proprietário do local chamado “Casa das Corrientes”, no município de Bagé, na localidade de São Sebastião, cuja Estrada liga ao município de Lavras do Sul, segundo relatos da família Delabary, baseados nas pesquisas do Juiz de direito Diego Delabary, pesquisador da genealogia da família.

Adquirindo capital em pouco tempo, abriu um negócio próprio, a firma Alegre e Magalhães, que funcionou até **1872**, ano em que a firma dissolveu-se.

Foi então que Antônio mudou-se para o Pirai, localidade rural em Bagé, onde constituiu a firma Magalhães e Souza, em sociedade com Francisco Loureiro de Souza, que funcionou pouco tempo.

Nesta época, casou-se com Dona Thereza Pimentel, com quem ao longo dos anos teve 19 filhos, dos quais sobreviveram 12, devido às doenças daquela época.

O então jovem mudou-se para Bagé, estabelecendo-se no município e operava no ramo de secos e molhados.

No ano de **1884**, aos 43 anos, já operava em grande escala, principalmente na compra e venda de gado e açougue.

Um ano depois, em **1885**, Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães obteve sua carta de comerciante na “Junta Comercial de Porto Alegre”.

A firma individual funcionava na esquina da Avenida Sete de Setembro com a Três de Fevereiro e era classificada como “Loja de Fazendas”, “Fructos do País”, “Seccos e Molhados”, “Loja de Ferragens” e “Porcelanas e miudezas”.

Em 17 de Setembro de **1888**, foi nomeado vice-cônsul da Nação Portuguesa em Bagé.

O ato foi assinado pelo Dr. Antônio de Castro, Cônsul de Portugal no Estado, confirmado pelo monarca lusitano reinante.

Em **1893**, deu sociedade ao seu filho Antônio, constituindo a firma “Magalhães & Filhos”.

### 2.3.1 A Primeira Charqueada

Em **1894**, nascia, no meio dos dias turbulentos da Revolução Federalista, a Charqueada do Cotovelo, fundada nos arredores de Bagé (no atual bairro Pedra Branca, próxima das pedreiras).

A Charqueada do Cotovelo foi a primeira Charqueada de propriedade de Antônio Magalhães, embora já fizesse parte como sócio, desde 1891, da “Companhia Industrial Bageense”, primeira charqueada de Bagé, que tinha 24 sócios, situada no local do atual Frigorífico Marfrig.

Desde a fundação da Charqueada do Cotovelo, naquela região prosperou o desenvolvimento dos negócios de Antônio Magalhães, devido ao seu poderoso tacto de administrador. Pouco tempo depois, comprou uma fração de campo à margem da estrada de ferro, à direita do Quebrachinho, a 6km do centro da cidade, onde ergueu, em 1897, a conhecida Charqueada de Santa Thereza, cuja linha do trem passava no local, devido à influência de Gaspar Silveira Martins.

### 2.3.2 A Charqueada de Santa Thereza

Foi inaugurada em 21 de Fevereiro de 1897, batizada assim em homenagem a sua esposa, Dona Thereza Pimentel Magalhães.

A Charqueada Santa Thereza possuía uma caldeira a vapor que fazia funcionar três digeridores com capacidade para 80 rezes. O estabelecimento podia abater até 480 rezes por dia, nos meses de safra. Segundo REIS (1911) e durante a primeira safra, abateu cerca de 14.000 rezes, sendo desde então o progresso constantemente ascendente, até alcançar a cifra de 50.000 rezes.

Depois de um tempo, adquiriu a charqueada Industrial. Entre a Charqueada Industrial e a Charqueada Santa Thereza havia uma distância de 1000mt, onde o Visconde construiu uma Avenida arborizada com o nome de “Boulevard 16 de Outubro”, estabelecendo uma linha de Bonde puxado por mulas, a ligar as duas charqueadas.

### 2.3.3 Estrutura de Santa Thereza

Foi erguido um complexo urbano e industrial em torno da Charqueada, denominado Vila Santa Thereza, que era formado pelas seguintes estruturas: palacete do proprietário, vila de operários, capela (inaugurada em 1909, no dia 15 de Outubro, dia de Santa Thereza, atendendo a uma promessa da Sr<sup>a</sup> Viscondessa), coreto, teatro, padaria, avenidas arborizadas, indústria de derivados, quinta, lagos artificiais, serralheria, carpintaria, alfaiataria, mecânica, almoxarifado, ferraria, quadra de tênis, fábrica de tonéis, olaria, fábrica de mosaicos, fábrica de adubos, restaurante popular e colégio (com mais de 60 alunos). A Vila Santa Thereza comportava cerca de mil pessoas. As casas eram construídas em alvenaria e alugadas aos trabalhadores das charqueadas. Possuía luz elétrica e um moderno sistema de iluminação com gás acetileno, tendo um

dinamo elétrico que produzia energia ao local.

As estradas que davam acesso ao lugar eram mantidas pelo Visconde e quem viajava de trem, ao passar por Santa Thereza, vislumbrava alamedas, casas de boa construção distribuídas em alinhamento simétrico, solo todo terraplanado sempre limpo, impressionando de forma agradável os viajantes.

## 2.4 TITULAÇÃO DE VISCONDE



Capela e Teatro Vila Santa Thereza, início do século XX.

Fonte: Acervo Fototeca Túlio Lopes. Museu Dom Diogo de Souza. FAT Urcamp, Bagé, RS, Brasil.

Em 29 de agosto de 1906, segundo Faroa (1972, 10), aos 65 anos, foi-lhe concedido o título de Visconde de Ribeiro Magalhães, por carta do Rei D. Carlos, dada no Passo das Necessidades, em Portugal.

## 2.5 VIDA CULTURAL DA VILA

O Coreto e o Teatro Santo Antônio movimentavam a vida cultural do complexo.

O Coreto encontrava-se a alguns metros do palacete dos Magalhães, onde existia um grande jardim que ligava a casa até uma ilha com um lago artificial, no centro da qual ficava o Coreto. Ali bandas musicais costumavam se apresentar, inclusive a Banda “Lira de Santa Thereza” composta por operários da charqueada. Já o teatro Santo Antônio ficava ao lado da Capela e foi construído pelo Visconde no início do século XX, possuía seis camarins, dezassete camarotes, cinquenta cadeiras, gerais, mesa de bilhar, bilheteria, copa e piano. O teatro recebia constantemente apresentações do grupo de Arte Dramática formado também pelos operários da Vila. Companhias de teatro Européias e vários artistas renomados apresentaram-se lá, pois a vila situava-se nas margens da estrada de ferro e por ali passavam famosos grupos artísticos. Apenas no Rio de Janeiro, São Paulo e Bagé havia cinema no Brasil.



Certidão de comunhão Visconde de Ribeiro Magalhães  
Fonte: Arquivo Público Tarcísio Taborda, Bagé, RS, Brasil.

Do final do século XIX até meados do século XX, o Teatro Santo António garantia alegria à vida da população. Segundo Fagundes (2005), ali havia um grupo de arte dramática, composta pelos empregados do estabelecimento, banda musical a "Lira de Santa Thereza" e um cinematógrafo, bem como um piano esplêndido que era tocado por músicos de renome internacional.

No teto figuravam vários medalhões, destacando-se os de Carlos Gomes, Donizzetti, Bellini, Puccini, Verdi, Chopin e no "pano de boca" havia uma alegoria ao trabalho. Os próprios moradores eram protagonistas das ações culturais, como artistas e como público apreciador das atividades. Companhias europeias intercambiavam cultura, pois ali se apresentavam com a facilidade devido à linha férrea que percorria o estabelecimento, sendo comum o desembarque de grupos de artistas. Com o passar do tempo, um time de futebol foi fundado, o "Therezinha Futebol Clube". Autores primários, como Reis (1911) e secundários, como Bolsinha (1993), Fagundes (2005) e Mazza Leite (2011), que tratam do tema das charqueadas de Bagé, perpassam o fio condutor desse trabalho.

Para compreender a memória da vida cultural da comunidade da vila e relacioná-la com o presente, o trabalho se aprofunda em Halbwachs (2006). A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a "um ponto de vista sobre a memória coletiva" (HALBWACHS 2006). "Olhar este que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios" (HALBWACHS 2006, 55). Para além da formação da memória, Halbwachs aponta que as lembranças podem, a partir desta vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas. Podemos criar representações do passado assentes na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A lembrança, de acordo com Halbwachs, "é uma imagem engajada em outras imagens" (HALBWACHS 2006, 76-78).

Para compreender o processo histórico de Santa Thereza e a consolidação das instituições de proteção ao patrimônio, nos debruçamos em Choay (2006), pois, nos séculos XIX e século XX, a revolução industrial marca o fim de uma época, reforçando o sentimento de preservação e também o valor histórico, de aprendizagem e educação que a Revolução Francesa abriu caminho para a valorização e democratização do patrimônio. Assim como Choay nos revela autores, arquitetos e nomes de teóricos sobre restauro, arte, e valorização de monumentos, museus, antiquários e memória social (CHOAY 2006).

## 2.6 ASSISTÊNCIA MÉDICA

Sob os incentivos da Sociedade Beneficente de Santa Thereza foi inaugurado um Hospital, no 1º de Setembro de 1907, sendo o edifício batizado pelo Reverendo Costábile Hipólito.

O espaço era equipado para atender as necessidades da Vila e suas dependências contavam com 4 peças, todas ladrilhadas de mosaico. A primeira sala era destinada a operações, havendo um lavatório de mármore, bacias para curativos e armário de instrumentos cirúrgicos. Existia também uma sala de consultório e uma sala onde eram guardados livros e papéis da Sociedade. Na quarta sala havia camas de ferro para hospitalizar os enfermos e no teto havia um emblema "FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE".

Segundo um jornal da época, quem prestava assistência aos pacientes era o Doutor Júlio Mascarenhas de Souza.

## 2.7 O INÍCIO DA FRIGORIFICAÇÃO

Em 1912, aos 71 anos, o Visconde resolveu transformar a charqueada Industrial em matadouro frigorífico,

tendo em vista a imposição do mercado internacional que exigia carne “*in natura*” além de carne enlatada, com o objetivo de exportar carnes congeladas para o mercado consumidor da Europa.

Conforme Boucinha (1993), com o conceito e prestígio de que gozava, o Visconde procurou integrar na empresa elementos destacados do capitalismo inglês, agregando capital e técnicos. Começava a era frigorífica com a conquista de duas personalidades do mundo financeiro da Inglaterra: Mister K. Wilson, um dos diretores da famosa Companhia de Navegação Mala Real Inglesa e Mister Bruster, proeminente banqueiro, membro da diretoria do Bistafe Bank de Londres.

Com essas figuras de projeção internacional foi organizada a “**Anglo Brazilian Meat Company**” com capitais ingleses e brasileiros, sob a direção do Visconde, que participava com 23,75% do capital da sociedade.

## 2.8 PODER AQUISITIVO

O Visconde era um dos mais opulentos proprietários de terras do Rio Grande do Sul. Segundo Boucinha (1993), possuía quase 10 léguas de campo, tinha várias estâncias:

- a) Estância “Cinco Sauces”, localizada no 6º distrito com 8000ha;
- b) Estância “Rio Negro”, 2º distrito com 8000ha;
- c) Estância da “Carpintaria” e Estância da “Formosa”, localizadas em ambos lados da fronteira, 6º distrito de Departamento de Cerro Largo, respectivamente com 16000ha, sendo 7.912 em território Oriental (Uruguai).
- d) Vila Santa Thereza, 1º distrito com 600ha.

Ao todo, mais de 32. 600 hectares de terras e seu rebanho ultrapassava mais de 30 mil cabeças. Por volta de 1916, era considerado o mais forte proprietário de terras e prédios, pois seu patrimônio somava 30 prédios. Também tinha propriedades em Rio Grande, praia do Cassino, São Paulo e Portugal.

## 2.9 AVENIDA VISCONDE DE RIBEIRO MAGALHÃES

Aos 26 dias do Mês de setembro de 1915, foi inaugurada a Avenida Visconde de Ribeiro Magalhães, que começava no Parque do Hipódromo (hoje parque Visconde de Ribeiro Magalhães), estendendo-se até a Charqueada Santa Thereza. Numa extensão de 4Km, a avenida com 20m de largura, era arborizada com eucaliptos de 6 em 6m de ambos os lados e teve sua primeira árvore plantada pelo Exmo. Senhor Coronel Tupy Silveira, a segunda foi plantada pelo Diretor do Jornal “O Dever”, Sr. Adolfo Luiz Dupont e outras sucessivamente pelos filhos e filhas do Visconde, acompanhados de suas esposas, esposos e netos.

## 2.10 PERFIL

Esse era Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães, o Visconde de Ribeiro Magalhães. Um homem visionário, idealizador da Charqueada e da Vila de Santa Thereza, homem que incentivou a cultura e o progresso de Bagé, tornando-a motivo de orgulho, que alavancou a economia da cidade e do Estado do Rio Grande do Sul e na época fez de Bagé a terceira cidade mais importante em arrecadação para o tesouro nacional.

Viveu numa época em que a herança escravista ainda explorava a mão-de-obra, e o pensamento senhorial dos proprietários das charqueadas construiu impérios explorando o trabalhador escravo. Enquanto isso, esse homem de pensamento inovador mantinha relações assalariadas com seus operários negros e brancos, importando condutas sociais européias, utilização de maquinários modernos e características que marcaram um período de transformações sociais, culturais e econômicas no espaço da Fronteira do Rio Grande do Sul com Uruguai.

Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães, proprietário da Charqueada de Santa Thereza, adicionou luxo e requinte à vida rústica da fronteira. O palacete dos Magalhães e a vida cultural do mesmo, registradas em jornais, representam o prestígio social desse personagem.

## 2.11 A FALÊNCIA

Em 1922, começou a ouvir-se rumores sobre a falência do Visconde, que foi confirmada em 1923. Nesta época, por iniciativa do governo do Estado, houve a desnacionalização do charque, que na realidade não trouxe os resultados esperados, instalando-se então uma crise no ramo.

Ocorreu que, Joaquim Pimentel Magalhães, filho do Visconde, gerente administrador das charqueadas de Santa Thereza e Industrial, enfrentando a crise das charqueadas, realizou maus negócios. Comprometeu assim todo o seu patrimônio e o de seu irmão, Antônio Pimentel Magalhães, que havia sido avalista na maioria dos seus negócios.

O Visconde, então, ao saber das dívidas que foram contraídas por Joaquim e avalizadas por Antônio, reuniu todos os seus bens na tentativa de salvar o nome dos filhos. Foi orientado pelo seu advogado, Dr. Maximiliano, para não assumir as dívidas, porque seria sua ruína; porém, tentando resguardar a honra da família, agiu conforme seus conceitos, não deixando que Joaquim e Antônio tivessem seus nomes prejudicados. Todos os credores tiveram suas dívidas pagas, parte dos bens foram vendidos para pagar duplicatas de pessoas físicas e outra parte foi entregue aos Bancos.

## 2.12 A MORTE DO VISCONDE

Mostrando uma fibra que lhe era peculiar, no ano de 1925, o Visconde, numa tentativa de reerguer-se, iniciou uma reforma na charqueada de Santa Thereza; porém, não chegou a concretizar, porque em 11 de janeiro de 1926, faleceu, em Bagé, aos 85 anos, assistido pelos médicos Dr. Mário Araújo e Dr. Luiz Mércio Teixeira.

## 2.13 A MORTE DA VISCONDESSA

A Viscondessa de Ribeiro Magalhães, após a morte do esposo, permaneceu residindo na Vila Santa Thereza até falecer em 19 de agosto de 1938, aos 86 anos.

Antes de falecer, doou o prédio do Teatro Santo Antônio para a municipalidade, com a finalidade de ser utilizado como escola. Infelizmente, o prédio não foi devidamente conservado e desapareceu.

## 2.14 A MEMÓRIA DO PATRIMÔNIO DO VISCONDE

O feito do Visconde lembra uma Bagé que um dia fora econômica, política e culturalmente uma cidade avançada para aquela época. E, durante anos, a importância patrimonial desse complexo histórico esteve resumida a ruínas abandonadas e descaso à depredação. Hoje, a Associação Pró-Santa Thereza luta para resgatar essa importante história. A preservação deste bem é tarefa e dívida da comunidade com as novas gerações de bageenses.

## 3 BAGÉ E A CHARQUEADA DE SANTA THEREZA

No Brasil, até 1777, a produção da carne conservada através do sal e do sol era exclusividade do nordeste, segundo Marques (1987). O ano de 1779 assinala a chegada na cidade de Rio Grande, aos 22 anos, do português José Pinto Martins, vindo de Aracati, cidade do Ceará, que migra para a Freguesia de São Francisco de Paula (mais tarde Pelotas), fugindo da seca no Ceará e instala a primeira charqueada no Sul (MARQUES 1987).

O arroio Pelotas irá dar a hegemonia da produção de charque aos pelotenses, até que se instale as primeiras ferrovias. A insalubridade do ambiente fará com que o núcleo urbano se distancie 6km do núcleo fabril, e lembrando que a mão de obra escrava encontrará no trabalho do charque seu maior flagelo.

Segundo BOUCINHA (1993), a Companhia Industrial Bageense foi a primeira charqueada a ser fundada em Bagé, em 10 de outubro de 1891. O negócio tornou-se promissor devido à estrada de ferro, que já existia no final do século XIX, mais precisamente em 1884. Essa estrada foi construída rapidamente graças à influência de Gaspar Silveira Martins, segundo (MAZZA LEITE 2011). Com isso os grandes rebanhos da fronteira, a matéria prima que abastecia as charqueadas de Pelotas, começaram a ser abatidos no próprio

município, pois estava garantido o seu transporte à cidade litorânea de Rio Grande e ao seu porto (MAZZA LEITE 2011).

A partir da fundação da primeira charqueada, o negócio teve discreta atuação. No entanto, a maior e mais conhecida charqueada de Bagé foi instalada em 1897: a Charqueada de Santa Thereza. Fundada em 21 de fevereiro, por um charqueador que vivia em Pelotas, o português Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães. A partir de então, a charqueada de Santa Thereza alavanca a economia da região, que até então enviava a produção local para as charqueadas de Pelotas.

No entorno da charqueada, surgiu a Vila Santa Thereza, onde, além da residência de verão da família, a vila abrigava inicialmente cerca de 200 trabalhadores, que residiam com suas famílias e esses trabalhavam nas charqueadas e nas fábricas (REIS 1911). O estabelecimento não era escravagista, pois o português mantinha relações assalariadas com os empregados, trazendo o modelo europeu de produção e modo de vida ao entorno do negócio. A assistência aos trabalhadores era completa: não só habitavam a vila operária, como tinham assistência médica e farmacêutica. Nos anos seguintes, a população da vila aumentou.

O jornal "O DEVER", de 03 de setembro de 1907, descreve com detalhes a inauguração do hospital de Santa Thereza, o qual tinha, além de ambulatórios, sala de cirurgia e leitos para internação. Vários foram os médicos que, ao longo dos anos, prestaram serviços neste hospital. Hoje este prédio abriga a atual escola de educação infantil Ana Mógli. Além do hospital, a vila tinha moradias para cerca de 1000 pessoas e luz elétrica (usina independente), segundo Fagundes (2005).

A Capela de Santa Thereza D'Ávila, o Teatro Santo Antônio, o Coreto circundado com lago artificial faziam parte da vila, assim como padaria, sapataria, restaurante popular, fruteira, comércio de secos e molhados, farmácia, fábrica de sabão, fábrica de escovas e uma fábrica de línguas enlatadas. O jornal "O DEVER" de 1922 descreve a Vila de Santa Thereza:

*Entre as diversas melhorias que foram feitas ao longo dos anos, havia: adega, padaria, fábrica de gela, depósitos de madeira, fábrica de mosaico e tijolos, forno e cal com produção diária de 1.200 quilos. Anexo a estas fábricas também havia carpintaria, tanoaria e ferraria.*

Existia também uma esplêndida "quadra" de tênis para que os funcionários desses escritórios cultivassem esse belo esporte nas horas de lazer.

### 3.1 O CENTRO HISTÓRICO

Na década de 1960, ocorre o encerramento do ciclo do charque em Bagé. O princípio do abandono e do esquecimento marcam a história dessa comunidade. A vila Santa Thereza fica estagnada por cerca de mais de 30 anos, ali permanecem os descendentes dos trabalhadores da charqueada, habitando as casas da vila operária idealizada pelo Visconde de Ribeiro Magalhães e outras erguidas no entorno. A escola Ana Mógliã (antigo hospital da charqueada) segue em funcionamento, atendendo moradores. O teatro Santo António é o primeiro a despenhar e com o passar dos anos o sobrado do português também, embora já tivesse sido um seminário por alguns anos, sob os cuidados da mitra diocesana. A casa do filho mais velho do Visconde, que se chamava António, foi habitada por diferentes famílias, segundo histórias orais da comunidade, mas a intempérie também a leva a ruínas. A paupérie recai sobre aquela comunidade, que vivia em torno do trabalho relacionado com a produção do charque. Resta a memória das histórias de uma época dourada, económica e culturalmente vivida, que compõem as histórias de vidas da vila Santa Thereza. Mais de 30 anos se passam e a fé traz um sopro de esperança, pois, quando a capela de Santa Thereza D'Ávila começa a ruir e chega a avançado estado de depredação, a comunidade reage. Um suspiro de lucidez em prol do seu patrimônio é provocado através de uma exposição fotográfica realizada na Praça Silveira Martins, por iniciativa do curso de arquitetura e urbanismo da Urcamp e do ECOARTE. Em 1995 o estudante Luís Fausto Teixeira retrata em suas lentes analógicas a capela de Santa Thereza, já em ruínas. E foi essa experiência acadêmica, mais precisamente na disciplina de "fotografia", sob a batuta da professora Maria Luiza Pêgas do curso de arquitetura e urbanismo, juntamente com o ECOARTE (Grupo de Arte e Ecologia de Bagé), organização da sociedade civil que promove discussão sobre o patrimônio, que desponta a redescoberta e a luta incesante por esse patrimônio cultural da cidade. Desde ali, a Vila de Santa Thereza saiu do anonimato, do esquecimento. Passou a ser o objetivo de vida de um grupo de mulheres ativistas, que seguiram movidas pela curiosidade, pela determinação e pela ética, e embrionariamente os passos dessas voluntárias trilham um caminho interminável, lideradas por Irecê Belmonte Mógliã. Ao visualizar as fotos nas dependências do CENARTE, Irecê fica impactada com a depredação, porque ela tinha ligação direta com a vila, pois o seu sogro havia sido o sucessor na charqueada. Adquiriu-a do Visconde e Irecê havia residido na vila santa Thereza boa parte de sua vida e tinha ligação com aquela comunidade. Primeiramente, com a singela pretensão de salvar uma capela depredada e ruída

pelas ações da intempérie, Irecê estabelece contato com moradores de Santa Thereza.

Conforme relatos da moradora, Maria Alcira Valério Teixeira e seu esposo, Paulo Roberto Barbosa Teixeira, que inclusive é neto de Rafael Fagundes Teixeira (trabalhador da charqueada), Irecê compareceu em sua casa, na época, recrutando moradores para reuniões comunitárias. A partir daí é travada uma luta conjunta em prol da capela e, posteriormente, pela defesa desse patrimônio, que reúne um complexo arquitetônico e simbólico. Irecê mantém contato com moradores locais e junto com a comunidade da vila e com um grupo de mulheres que atuavam no Centro de Artes Maria de Lourdes Alcalde - da Universidade da Região da Campanha (CENARTE), inicia-se a luta, liderada por ela, então presidente da Associação Pró CENARTE. Singelas ações como quermesses, rifas, bingos e brechós são realizadas para angariar fundos. A comunidade é reunida para lavar as telhas da capela, coloca-se um cadeado e correntes na porta de entrada, na tentativa de barrar o vandalismo. O estado de depredação e danificação impossibilitam a salvação da pintura sacra do artista Pedro Obino, no teto da capela. Há uma série de ações para sensibilizar a comunidade e valorizar a memória da vila. Em 2003, o fechamento do CENARTE ocasiona a fundação da Associação Pró Santa Thereza, instituída legalmente como organização da sociedade civil, posteriormente reconhecida como de interesse público. A partir daí, os olhares de Bagé se voltam novamente à Vila, assim como à memória da cidade, na qual Santa Thereza tem presença marcante. A luta é fortalecida, devido às relações de Irecê, então presidente da Associação Pró Santa Thereza. Em contato com Cirne Lima, a presidente articula projeto através dos incentivos fiscais das leis LIC e Rouanet, que possibilitam a revitalização que tem início com a inauguração do Centro Histórico Vila de Santa Thereza. O projeto é patrocinado pela Copesul, Braskem, Supermercados Peruzzo, Lojas Obino, Eletrobrás e Prefeitura de Bagé. A empresa Tellus é responsável pelo projeto. O arquiteto Flávio Kiefer assina o projeto do centro histórico e oportuniza ao público reviver a riqueza arquitetônica histórica e as expressivas raízes da nossa história, que guarda nesse espaço o apogeu do desenvolvimento da região sul. No mesmo ano em que começam as obras de revitalização do espaço, 2005, Irecê é acometida por uma enfermidade, devido a um derrame cerebral, fica em coma por anos, vindo a falecer no ano 2011. A então vice-presidente, que já acompanhara Irecê, Maria Luísa Teixeira da Luz, assume a presidência da Associação Pró Santa Thereza.

### 3.2 A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO

Seguindo os caminhos da educação patrimonial,



Centro Histórico revitalizado  
Fotógrafo: Júlio Pimentel

enfazando a memória, o patrimônio e a identidade, o trabalho no espaço busca compreender tanto a paisagem cultural, quanto a percepção e a representação da comunidade do entorno deste complexo urbano que foi a charqueada e que hoje integra a identidade e memória social da cidade. Atualmente, com processos amadurecidos ao longo de 20 anos de ativismo, a Associação Pró Santa Thereza, mantenedora do espaço, segue em frente no caminho pela preservação da Vila Santa Thereza. A falta de políticas efetivas de preservação, a ação do tempo, abandono e, principalmente, do vandalismo que vem ocorrendo através dos tempos, apaga parte da memória e identidade social de Bagé, do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil. Assim, trabalho como este de ativismo da sociedade civil torna-se importante.

Alguns trabalhos apresentados durante o ArquiMemória - III Encontro Nacional de Arquitetos sobre Preservação do Patrimônio Edificado, realizado em Salvador, no ano de 2008, reúnem textos que mostram que a avaliação das políticas patrimoniais realizadas pelas diversas esferas institucionais não pode ser feita apenas com base em ações diretas ou indiretas de seus agentes, mas têm que considerar também a omissão e o que não é feito por razões políticas. A formação de seus autores, entre os quais se encontram planejadores, arquitetos, urbanistas, gestores públicos, técnicos em restauração e pesquisadores das ciências sociais, testemunha a interdisciplinaridade que deve orientar a preservação do patrimônio. Ao se debruçarem sobre esses temas, os artigos expõem uma visão diversificada e rica, perseguindo uma preservação do patrimônio custeada pelo Estado, mas crescentemente compartilhada pela sociedade civil (AZEVEDO e CORRÊA 2013). Inaugurado em outubro de 2008, com a denominação "Centro Histórico Vila de Santa Thereza", em primeiro momento é revitalizada parte da área pública: a capela de Santa Thereza D'Ávila, parte da casa onde residia o filho do Visconde, Antonio Magalhães (local do futuro memorial da vila), o teatro Santo Antônio(intervenção

contemporânea) e uma praça cívica com banheiros públicos (que permite eventos a céu aberto). O complexo cultural abriga sonhos futuros, cuja revitalização da vila na sua totalidade faz parte dos planos da Associação Pró Santa Thereza, inclusive a revitalização das casas operárias, e a conclusão do memorial, a revitalização do coreto e projeto paisagístico local.

Desde a sua inauguração, em 2008, o centro histórico tem vida dinâmica, realiza ações educativas, atividades de educação patrimonial, eventos culturais, palestras, cursos e oficinas no espaço, planejadas pela mantenedora da Associação Pró Santa Thereza, presidida por Maria Luisa Teixeira da Luz, bisneta do Visconde de Ribeiro Magalhães. Essa organização da Sociedade Civil também é reconhecida como ponto de cultura (o Pampa Sem Fronteiras) devido a trajetória de envolvimento cultural comunitário. O diálogo com universidades, coletivos de expressão cultural, escolas e outros segmentos de organizações da sociedade civil, o espaço vive pleno de ativismo cultural na sociedade a qual está inserido e ganhou a simpatia da comunidade, que dele se apropriou. Hoje é ponto de referência de cultura, educação patrimonial, lazer, entretenimento e turismo, recebendo anualmente cerca de 30 mil pessoas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O complexo cultural Vila de Santa Thereza é uma parceria público privada estabelecida entre a municipalidade de Bagé e a Associação Pró Santa Thereza; a partir do convênio 021/2008, este, a cada ano sofre incertezas relacionadas com alterações e continuidade. Foram anos de trabalho voluntário desde a década de 90 com o apoio da Sociedade Bageense, para que em 2008 fosse entregue à comunidade um conjunto arquitetônico que constitui propriamente a Vila de Santa Thereza. Portanto, considerar o ativismo de um grupo de mulheres e seu engajamento, através do voluntariado que jamais exauriu, em prol desta nobre causa é de suma relevância. Assim demonstra a importância e o poder de resistência e determinação que levam de fato à revitalização e preservação do patrimônio. Essa luta integra a vida da Associação, entidade de estimado trabalho, entre tantas outras que lutam pelo mundo, em defesa da história da humanidade. Essa trajetória deixa para a sociedade um exemplo de resistência e êxito, em tempos que o Brasil vive a cultura, revelando, a 5Km da cidade, a Vila de Santa Thereza, já em ruínas, mas surpreendentemente apresentada à sociedade, após a visitação de sonhadores alunos de fotografia do curso de arquitetura da Urcamp, em 1995 onde a luta começou do transitório, à margem da superficialidade.

A política, em seu sentido mais íntegro da palavra, segundo Varine (2012), consolida o patrimônio como um capital na sua existência, porém sua vida depende da relação com suas raízes, metaforicamente, o patrimônio é o coração que bate, mas o que pulsa são as ações comunitárias, a compreensão da comunidade, seu sentimento de pertença e o movimento que acontece ali, partindo do sentido de entrelaçamento da sociedade para com esse patrimônio.

Se isso não sucede, o mero discurso de sua importância é em vão. Se de fato a comunidade se apropria desse capital (patrimônio), ele sobrevive para além de seus promotores iniciais e gera desenvolvimento, provocando mudanças na mentalidade, mudando o comportamento habitual, a educação das suas crianças, seus votos nas eleições, sua vida associativa, seus modos de consumo e assim por diante. A renovação do patrimônio é possível quando se atinge o desenvolvimento social no território, a sociedade cria e recria, ressignificando o espaço, afirmando a consciência em si e a consciência de sua riqueza patrimonial herdada e cultivada.

Até recentemente, o Estado, primeiro, e o mercado, depois, foram os dois principais agentes patrimonializantes culturais. Recentemente, um novo agente patrimonializador emergiu com força: a sociedade civil ou o Terceiro Setor. Isso, através de grupos que podem assumir a forma de associações, ou grupos e plataformas, empreendeu uma atividade de defesa do patrimônio, que às vezes entra em conflito com os outros dois setores (GÓMEZ FERRI 2004). A sociedade precisa compreender que o patrimônio, resultado do material e do imaterial, é o rasto que a humanidade deixa na terra, rasto da existência sob todas as formas e maneiras de vida. Pensar sua essência, sua sobrevivência, seu legado e ressignificação, como nasce e renasce é questão de olhar com atenção para o entorno. Processos de tombamento e inventários, compartilhado e participativo, devem ser observados com atenção direcionada aos atores locais, comunidade, funcionários responsáveis que atuam nos espaços e políticos governantes. A Constituição Federal de 1988 instituiu o regime democrático de direito e seu exercício pelo povo, de forma indireta e direta. Permitiu a participação da sociedade na gestão pública, garantiu a preservação do meio ambiente e do patrimônio cultural para as futuras gerações. No entanto, o histórico constitucional brasileiro revelou como é complexo o caminho existente entre a norma abstrata e a realidade concreta. Entre as possibilidades de exercício da democracia direta, encontram-se as instâncias denominadas Conselhos Municipais. Quanto à preservação do patrimônio cultural local, a Constituição Federal definiu a

competência do Município na sua gestão, garantindo a colaboração da comunidade no processo (SERRA 2006). A sustentabilidade do patrimônio depende dessa compreensão coletiva, podendo, assim, acontecer a preservação no sentido da vida cultural e da preservação física. A troca entre “educadores” ou indivíduos que ocupam determinadas posições nos equipamentos culturais patrimoniais com a comunidade local é fator imprescindível para acionar o protagonismo de ação das comunidades. Só assim pode acontecer a ação patrimonial. Adaptar os museus às necessidades das populações é cumprir seu devido papel em sociedade.

A dignidade humana, superado o plano existencial em seus múltiplos desafios, deve ser garantida pelo direito cultural na complexidade de sua expressão: produção de bens culturais; participação democrática na gestão do patrimônio cultural; respeito à diversidade étnica e regional; acesso aos bens culturais e fruição; direito à informação cultural, participação no controle; e por fim, o direito de identidade com o patrimônio. É dizer – as pessoas precisam, não apenas fruir do legado, e, sim, ver-se refletidas nele (PIRES, 2011).

#### **Bibliografia e outras fontes:**

AZEVEDO, P. O. D. de, CORRÊA, E. L. (orgs.) (2013) - *Estado e sociedade na preservação do patrimônio*. Salvador: EDUFBA, IAB, 260 p. (Coleção Arquivemória; v. 2).

BOUCINHA, C. (1993) - *A História das Charqueadas de Bagé (1891-1940)* na Literatura. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – PUCRS.

CHOAY, F. (2006) - *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: UNESP.

FAGUNDES, E. M. de (2005) - *Inventário Cultural de Bagé. Um passeio pela História*. Porto Alegre: Evangraf.

FARIA, A. (1972) - “Visconde de Ribeiro Magalhães e o Progresso de Bagé”. *Homenagem de Bagé no Ano de 150º da Independência ao Visconde de Ribeiro Magalhães*. Bagé.

GÓMEZ FERRI, J. (2004) - Do patrimônio à identidade: a sociedade civil como ativadora do patrimônio na cidade de Valência. *Gazeta de Antropologia*, edição 20.

HALBWACHS, M. (2006) - *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro.

MARQUES, A. da F. (1987) - *Episódios do Ciclo do Charque*. Edigal.

MAZZA LEITE, J. A. (2011) - *Xarqueadas de Danúbio Gonçalves um Resgate para a História*. Porto Alegre: Observatório Gráfico.

PIRES, M. C. S. (2011) - A proteção do patrimônio cultural. *Jornal do Estado de Minas*, Caderno Direito & Justiça. Belo Horizonte, 26 de setembro.

REIS, J. (1911) - *Apontamentos Históricos e Estatísticos de Bagé*. Bagé: Tipografia Jornal do Povo.

SERRA, D. C. de A. (2006) - *A participação da sociedade civil organizada na gestão do patrimônio cultural de Ribeirão Preto*. o CONPPAC/RP. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social. 259 f.

VARINE, H. de (2012) - *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre: Medianiz.

# VICTORINO COELHO PEREIRA, TORNA-VIAGEM DE BALTAR

Manuel Cunha, Eng. Civil

A designação toponímica assume particular importância na preservação da memória e identidade de um povo. Permite perpetuar nomes, factos e eventos, dando a conhecer a evolução histórica dos lugares e respetivas populações, para além de facilitar a localização geográfica. Essa designação, por vezes, advém dos nomes de famílias locais. No presente caso, o lugar da "Pereira", em Baltar, teve esse pressuposto. Com o passar do tempo, este lugar foi absorvido pelo lugar da Gralheira.

No séc. XVIII, a existência deste lugar provinha da família que lá residia, a família "Pereira". Por herança, a casa-mãe terá ficado para o filho mais velho, Manoel Coelho Pereira, que casou (já em idade tardia) com Maria Thomázia (17 anos mais nova). Desta união, nasceram 14 filhos, sobrevivendo 13 deles. Todos nasceram nesta casa centenária. A data da mesma encontra-se inscrita na porta de entrada - 1735, a qual, provavelmente, se refere à data de ampliação e/ou restauro. Os antepassados de Manuel Coelho Pereira terão nascido nesta casa anteriormente a esta data. Sobre este apelido e sobre um dos filhos desta família, Victorino Coelho Pereira, se fará uma breve abordagem da sua marca na terra de Baltar e do seu período de emigração pelo Brasil.

A mãe, Maria Thomázia Coelho Barbosa, com a sua diferença de idade em relação ao pai e com maior energia e jovialidade, terá dado um forte impulso na educação dos filhos. Os rapazes foram para a cidade do Porto como aprendizes em lojas comerciais. Este contato com a cidade deu a Maria Thomázia a visão de que estaria ali o futuro dos seus rapazes (ainda de tenra idade) e, mais tarde, encorajou-os a emigrarem para o "eldorado" brasileiro - prática e destino corrente da época.



Foto de família do casal, Thomázia e Manoel Coelho Pereira, Victorino é o rapaz mais novo, à direita.

A descendência de Manoel Coelho Pereira e Maria Thomázia Coelho Barbosa reflete-se no intervalo de tempo entre o 1º nascimento e o último irmão vivo, cerca de 20 anos entre si e que resultaram nos 13 filhos sobreviventes:

- António Joaquim Coelho Pereira (n - 1832 / f - 1913)
- Manoel Joaquim Coelho Pereira (n - 1836 / f - 1914)
- António Coelho Pereira (n - 1838 / f - ?)
- Belmiro Coelho Pereira (n - 1839 / f - 1911)
- José António Coelho Pereira (n - 1840 / f - 1909)
- Lino Coelho Pereira (n - 1842 / f - 1891)
- Firmino Coelho Pereira (n - 1843 / f - 1916)
- Maria Rita Coelho Pereira (n - 1844 / f - 1931)
- Anna Maria Coelho Pereira (n - 1847 / f - 1910)
- Margarida Rita Coelho Pereira (n - 1848 / f - ?)
- David Coelho Pereira (n - 1849 / f - 1920)
- Victorino Coelho Pereira (n - 1851 / f - 1922)
- Cecília dos Santos Coelho Pereira (n - 1852 / f - 1941)
- Emília da Conceção Coelho Pereira (n - 1854 / f - 1855)

Dos 9 rapazes desta família, pelo menos 5 emigraram para o Brasil. Ainda existe muita informação obscura e desconhecida, que não permite retirar conclusões de todo o processo das suas vidas pessoais. As informações apenas são conhecidas pelo espólio documental do irmão mais novo, Victorino, e por outros documentos dispersos.



Victorino Coelho Pereira

Victorino nasceu a 29/1/1851 e manteve-se solteiro até à sua morte a 3/2/1922. Foi o último dos filhos - com 13 anos - a emigrar para junto de seus irmãos mais velhos.

Iniciou-se como “marçano” na loja de seu irmão, Manoel Joaquim, no Porto. Com a ida para o Brasil, terá continuado a ser aprendiz, até se inserir na sociedade de seus irmãos, Belmiro e Firmino, a qual tinha como sócio Valentim, sendo designada originalmente por “Pereira & Valentim e C<sup>a</sup>”.

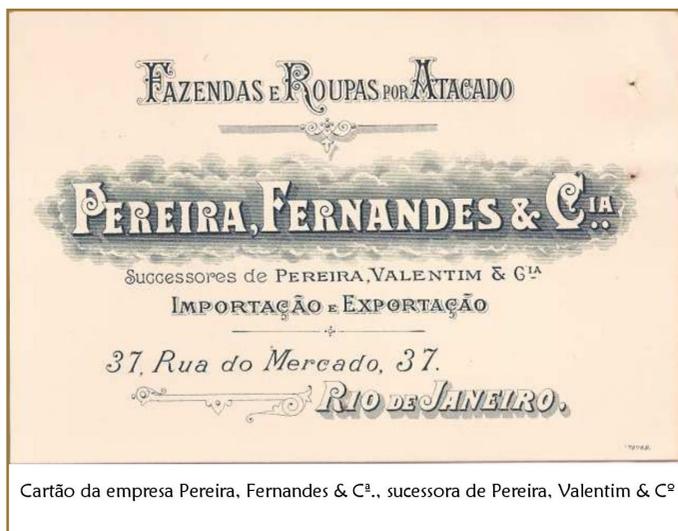
Esta empresa, ao longo do tempo, serviu de entreposto com entradas e saídas de novos sócios, cujas quotas vendiam aos familiares, então chegados de Portugal. A sua designação alterava-se em função dos seus apelidos, como se comprova pela imagem apresentada de “Pereira, Fernandes e C<sup>a</sup>. – Comércio de Fazendas e Roupas por Atacado”.



A casa comercial, Pereira e Valentim, no Rio de Janeiro

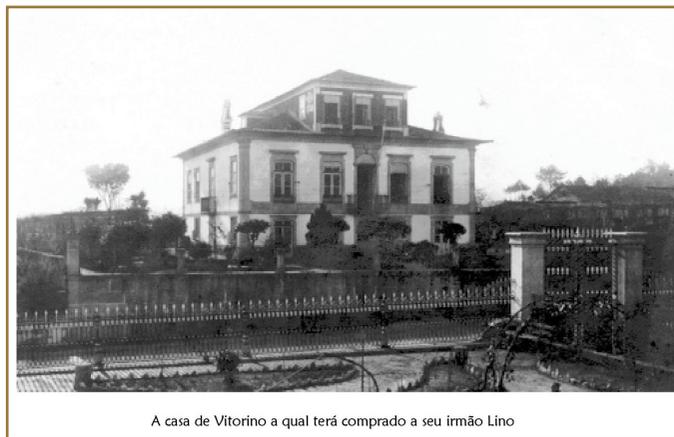
A empresa estava localizada num prédio de 12 entradas, no gaveto da rua do Mercado e a do Ouvidor, no centro das maiores artérias da época do Rio de Janeiro.

Victorino, em poucos anos, terá criado uma fortuna de grande dimensão. Cedo entendeu regressar a Portugal, aos 44 anos de idade. O legado patrimonial manteve -se aquando do seu regresso a Baltar, local escolhido para a sua residência.



Cartão da empresa Pereira, Fernandes & C<sup>a</sup>., sucessora de Pereira, Valentim & C<sup>a</sup>

Em 1895, regressou em definitivo com uma enorme fortuna. Tinha previsto regressar antes, mas havia negócios que se encontravam por concluir.



A casa de Vitorino a qual terá comprado a seu irmão Lino

Após a sua chegada, fez um passeio pela Europa e, findo o mesmo remeteu-se à sua casa, em Baltar, que tinha comprado à sua sobrinha, filha de Lino, entretanto falecido.

Esta casa situa-se à face da estrada principal, em frente a outras duas casas dos seus irmãos, Belmiro e Firmino (uma encontra-se degradada e outra foi demolida).

No Verão, Vitorino passava alguns dias nas termas do Gerês ou de São Vicente, em Entre-os-Rios. Para esta última acompanhavam-no algumas sobrinhas e uns primos órfãos de um familiar falecido no Brasil. Por variadas vezes, apareciam-lhe outros familiares para pedidos de favores pessoais, porque era frequente este tipo de pedidos desde que se estabeleceu em Baltar.

Em regra cedia a essas solicitações, devido à sua bondade e boa vontade, qualidades reconhecidas por todos.

A sua vivência em Baltar permitiu-lhe manter-se próximo de seus pais e irmãs e estar em contato permanente com seus irmãos e sobrinhos mais distantes, através de correspondência contínua, quer para o Porto, quer para o Brasil.

Na sua casa, havia permanentemente a presença de familiares. Como companhia assídua e permanente tinha a filha da sua irmã mais nova, de nome Rosário, uma das sobrinhas, de quem era padrinho.

Mesmo perante ela, tinha uma atitude de vigor e firmeza nas suas ações diárias, no sentido de manter uma educação austera, que se impunha naquela época.

O seu rigor e minúcia, permitiram-lhe manter todos

os seus negócios no Brasil, que foram controlados à distância através de troca de correspondência muito cuidadosa e elaborada, guardada, religiosamente, conforme se comprova pela documentação.

Tudo fez para proteger a sua família e satisfazer a maior parte dos pedidos de ajuda que lhe eram permanentemente solicitados. Mas, devido à sua personalidade íntegra e muito própria, nem sempre acedia aos apelos que lhe eram feitos. Merece realce o grande pormenor e rigor na organização dos registos de todos os empréstimos e respetivos pagamentos. Como prova da dimensão dos seus bens, em Baltar, tinha permanentemente ao seu serviço um conjunto de pessoas: pedreiros, carpinteiros e trabalhadores agrícolas, que comiam diariamente na grande cozinha de sua casa.

Aquando da sua morte e, por ser solteiro, os seus bens contemplavam uma tão vasta quantidade de património, não só em Portugal, como no Brasil, bem como em papel financeiro. A sua herança gerou um conflito entre duas fações de familiares, cujos trâmites em tribunal perduraram cerca de 20 anos e ficou conhecida, na época, como “Questão de Baltar”.

A guerra jurídica prevaleceu para o lado dos familiares herdeiros no testamento, em prejuízo dos familiares que nada herdavam e que entendiam ter o mesmo direito. Esta “Questão” só terminou em decisão na última instância, o Supremo.

Do seu testamento, resultou que a sua fortuna seria distribuída por mais de 120 pessoas e instituições. Resumidamente, pode-se mencionar as seguintes instituições listadas:

- na cidade do Rio de Janeiro: a Sociedade Portuguesa de Beneficência, a Ordem Terceira de S. Francisco, o Gabinete Português de Leitura e a Caixa de Socorro D. Pedro V;
- em Portugal, a Creche da Santa Marinha, em V. N. Gaia e no Porto: Santa Casa da Misericórdia, Asilo da Ordem do Terço, Asilo de S. João, Asilo das Velhinhas e Asilo dos Velhinhos, Asilo Barão Nova Sintra, Irmãzinhas Pobres, Oficina de S. José, Creche do Comércio do Porto, Creche da Infância Desvalida, Pobres Protegidos do Comércio do Porto, Casa de Caridade dos Surdos-Mudos, Presos da Cadeia da Relação do Porto; e no concelho, onde nasceu: Santa Casa da Misericórdia, Associação de Socorros Mútuos, Associação dos Bombeiros Voluntários e Presos da Cadeia de Paredes.

Todos os restantes bens foram primorosamente distribuídos pelos seus familiares e empregados

personais, assim como teve o cuidado de não desfazer quintas e parcelas, que mais se adequavam entre si, a fim de evitar o fracionamento desses bens.

De todos os irmãos, Victorino, terá sido o maior impulsionador e apaixonado pela sua terra natal, ao deixar a distribuição futura dos seus bens de forma ponderada e criteriosa.

A generosidade e a correção das suas ideias eram evidentes, quer pela forma como era reconhecido por todos, quer pela retidão das suas decisões.

Desta família seguiram os passos da emigração muitos outros sobrinhos, que se serviram da empresa inicial, Pereira e Valentim, para prosseguirem o caminho do enriquecimento.

Dos 5 filhos emigrantes de Manoel Coelho Pereira e Maria Thomásia Coelho Barbosa, 3 deles deixaram as marcas na sua terra natal através de terrenos agrícolas, montados, quintas e, fundamentalmente, das suas casas chamadas “brasileiras”, que marcam atualmente a Vila de Baltar.

Victorino, talvez por ter vivido parte da sua vida em Baltar, foi o que teve mais cuidado na preservação dos seus bens, nomeadamente da sua casa, deixando a familiares de maior estima e consideração, conforme mencionado no seu testamento.



Muita mais informação poderá ser divulgada pela abundante documentação de Victorino, compilada em arquivo de sua casa e cujos atuais familiares preservam.

Haja intenção futura na sua divulgação!

#### Recolha de Informação:

- Documentação privativa de Victorino Coelho Pereira.
- Fotografias de família.
- MARCELINO, Armando José Pereira de - *Origens - Pesquisa em torno de uma grande família*. (Obra escrita de família de âmbito privado).
- Registos orais de familiares.
- Registos Paroquiais de Baltar (diversos).

# JOSÉ MARTINS DA COSTA MOREIRA

## UM ILUSTRE PAREDENSE CAÍDO EM ESQUECIMENTO

**Gaspar Vieira**<sup>1</sup>, Profissional Liberal em Engenharia Zootécnica e  
Doutorando em Ciência Animal pela Universidade de Trás os Montes e Alto Douro

Evocar a memória de José Martins da Costa Moreira é uma tarefa assaz delicada, pois, além de relembrar factos importantes e marcantes no desenvolvimento do Concelho de Paredes no último quartel do século XIX, também implica o recordar de todo um relacionamento familiar e exemplar por si catalisado nas gerações subsequentes que residiram na casa por si edificada no Parque José Guilherme e cujos valores se transmitiram até ao presente.

A sua intervenção no progresso de Paredes verificou-se, quer na promoção de várias obras públicas, demonstrada nos vários cargos na administração camarária que consecutivamente ocupou, quer na dinamização de actividades de índole social, de apoio aos mais carenciados, comprovado por ter sido um dos fundadores da Santa Casa da Misericórdia de Paredes, tendo ocupado vários mandatos consecutivos, como vogal, nas primeiras Mesas Administrativas.

### 1. Génese familiar

José Martins de Costa Moreira era filho legítimo de José Moreira da Costa e de sua mulher, Ana Moreira, do lugar das Paredes, neto paterno de Luís Francisco e de Maria Teresa da Costa, estes últimos já defuntos aquando do seu nascimento, e neto materno de António Moreira Carneiro e de Maria Rosa, esta igualmente já falecida na altura do seu nascimento.

Nasceu no lugar das Paredes, situado na freguesia de São Salvador de Castelões de Cepeda, a 07 de julho de 1838, sendo baptizado na Igreja Paroquial desta freguesia a 15 de Julho do mesmo ano, pelo Padre Joaquim de Lemos Coelho Ferraz, tendo como padrinhos José Coelho da Silva Barbosa, do lugar da Igreja e Maria Moreira, do lugar da Lavandeira<sup>2</sup>.

Foi casado com D. Maria de São José da Cruz Moreira, natural da freguesia de Santa Marinha, concelho de Vila Nova de Gaia. Esta faleceu na freguesia de São Salvador de Castelões de Cepeda, em 04 de Fevereiro

de 1882, com cinquenta e nove anos de idade, tendo o seu corpo sido sepultado na Igreja Paroquial de São Romão de Mouriz<sup>3</sup>.

José Martins da Costa Moreira faleceu no estado de viúvo, na freguesia de São Salvador de Castelões de Cepeda, a 27 de Agosto de 1911, sendo o corpo sepultado no seu jazigo existente no Cemitério Municipal de Paredes, sem descendência, com testamento cerrado<sup>4</sup>. Neste mesmo jazigo repousam os restos mortais de mais dois Presidentes da Câmara Municipal de Paredes, respectivamente Dr. António de Araújo Pinto Cabral e seu sobrinho-neto Dr. José Correia Abreu Pinto Cabral.

Deixou como herdeiras universais além da sua irmã Maria Moreira da Costa, as suas sobrinhas, Lucinda Moreira Ribeiro e Maria Augusta Moreira Ribeiro. A sua casa situada no Parque José Guilherme foi por si legada à sua afilhada, D. Maria dos Anjos de Abreu Cabral<sup>5</sup>.

### 2. Breves dados biográficos

José Martins da Costa Moreira emigrou para o Brasil



Fotografia de José Martins da Costa Moreira<sup>6</sup>.

de onde posteriormente regressou a Portugal, trazendo consigo a sua mulher D. Maria de São José da Cruz Moreira e Maria dos Anjos de Abreu, afilhada de baptismo de ambos, natural da freguesia de São José, no

Rio de Janeiro. Em 1888, concluiu a sua casa no Parque José Guilherme, onde residiu e, mais tarde, veio a falecer.

Na sua companhia viveu permanentemente a sua afilhada, entretanto casada com Adriano Correia

1 José Gaspar Vieira Cabral de Magalhães e Menezes

2 Arquivo Distrital do Porto. Registos paroquiais de São Salvador de Castelões de Cepeda, *Livro Misto 5 (anos 1.823 a 1843)*. Folha 125vs.

3 Arquivo Distrital do Porto. Registos paroquiais de São Salvador de Castelões de Cepeda, *Livro de Óbitos do ano de 1882*. Folha 1, assento nº2.

4 Conservatória do Registo Civil de Paredes. *Livro de Óbitos 1 (ano de 1911)*. Folhas 27 e 27vs.

5 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro nº65. Registo de Testamentos do ano de 1911*. Folhas 33 a 37, nº8.

6 Fotografia pertença do acervo documental do autor.



Desenho da casa mandada construir por José Martins da Costa Moreira, existente no Parque José Guilherme, Paredes e terminada em 1888<sup>7</sup>.

Pinto Cabral de Araújo e os respectivos cinco filhos deste matrimónio<sup>8</sup>. Em virtude da precoce morte deste último, com 34 anos de idade, quem tomou conta da educação dos seus filhos menores foi José Martins da Costa Moreira, tendo transmitido à descendência da sua afilhada os sólidos princípios que sempre o nortearam, tendo como seu maior testemunho Dr. José Correia Abreu Pinto Cabral.

### 3. Cargos ocupados na administração da Câmara Municipal de Paredes

José Martins da Costa Moreira, cuja assinatura é infra reproduzida, iniciou a sua actividade camarária em 11 de Julho de 1881<sup>9</sup> onde se manteve em funções, ininterruptamente, até 02 de Janeiro de 1890<sup>10</sup>.

Assinatura de José Martins da Costa Moreira<sup>11</sup>.

No início desta sua dedicação à causa pública, a Presidência da Câmara Municipal de Paredes era ocupada pelo Dr. Albino de Lemos Coelho Ferraz.

Entre 11 de Julho de 1881 e 02 de Janeiro de 1882 foi Vereador. A 02 de Janeiro de 1882, ocupou as funções de Vice-Presidente, sendo Presidente Comendador João José de Sousa Machado<sup>12</sup>.

A partir da sessão camarária de 05 de Abril de 1883<sup>13</sup>, devido à ausência das funções de Presidente da Câmara Municipal de Paredes por parte do Comendador João José de Sousa Machado, este lugar foi ocupado pelo Vice-Presidente José Martins da Costa Moreira.

No total dedicou 1.365 dias à Presidência da Câmara, sendo 635 dias como Presidente

interino e 730 dias como Presidente efectivo. Em 02 de Janeiro de 1884, foi nomeado Presidente da Câmara Municipal, mantendo-se até ao fim do respectivo mandato<sup>14</sup>. Neste biénio, a Vice-Presidência foi ocupada por Firmino Ferreira Pinto Vieira. Até se retirar definitivamente da administração camarária, em 02 de Janeiro de 1890, ocupou as funções de Vereador.

Através da leitura dos Livros de Actas Municipais, verifica-se que José Martins da Costa Moreira apresentou várias propostas importantes para o desenvolvimento local, sendo sempre identificado como promotor das mesmas.

Assim, são de destacar entre várias as suas seguintes iniciativas, devidamente registadas em documentos públicos:

- Na sessão de 06 de Outubro de 1881, resolveu-se por proposta do "Vereador Moreira", arranjar a

7 Desenho realizado por José Viegas Cabral de Magalhães e Menezes em Março de 2016.

8 Vieira, Gaspar. *Uma família da região do Vale do Sousa com três gerações consecutivas de Presidentes da Câmara Municipal de Paredes: Dr. António de Araújo Pinto Cabral, Dr. António Cabral da Silva Tôres, Dr. José Correia Abreu Pinto Cabral*. Abril 2016. Páginas 16 a 19.

9 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 20, ano de 1887 a 1890*. Folha 89.

10 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 19, ano de 1880 a 1887*. Folha 92vs.

11 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 19, ano de 1880 a 1887*. Folhas 31vs e 32.

12 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 19, ano de 1880 a 1887*. Folha 66vs.

13 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 19, ano de 1880 a 1887*. Folha 98vs.

14 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 19, ano de 1880 a 1887*. Folha 22.

ponte das Pias, ficando o mesmo encarregado da sua administração<sup>15</sup>;

- Em 13 de Outubro de 1881, por sugestão do “Vereador Moreira”, decidiu-se criar o posto de bibliotecário para a “Bibliotheca popular desta Villa”<sup>16</sup>;

- Em reunião de 29 de Setembro de 1882, presidida por José Martins da Costa Moreira, foi por sua proposta decidida “*alargar a Casa Telegrapho-postal*” que estava em construção, bem como a casa para o empregado da mesma, no sentido de “*dar mais espaço às repartições e divisões*”, sendo esta aprovada por unanimidade<sup>17</sup>;

- Em sessão de 21 de Junho de 1883, foi por si sugerido que se tornava indispensável no seguimento das reclamações da população de Alvre, proceder à realização das obras na “*ponte e avenidas*”, com consequente aprovação por unanimidade<sup>18</sup>;

- A 06 de Dezembro de 1883, em plenário presidido por José Martins da Costa Moreira, ocupando as funções de Vice-Presidente, foi decidida a construção definitiva do Cemitério Municipal, assim como o projecto de canalização da água à Vila de Paredes<sup>19</sup>;

- No mesmo mês, no dia 20, em igual sessão por si presidida, foi apresentada uma sua proposta e autorizada por unanimidade a aquisição “*de uma bomba e respectivo material e seus acessorios para talhar os insendios em todos os pontos do Concelho onde os socorros podessem ser prestados, visto haver n’esta Villa e freguesia limitrophes rapazes corajosos e dotados de boa vontade que se prestavam a formar uma companhia de bombeiros voluntarios logo que esta lhe fosse fornecida pelo Municipio e com a condição de ficar propriedade do Municipio*”. Igualmente já tinha tratado de se inteirar do que seria dispendido e como se obteria o financiamento para esta empreitada<sup>20</sup>;

- Em reunião de 04 de Dezembro de 1884, foi decidida a arrematação da iluminação pública, tanto em material como em pessoal<sup>21</sup>.

A acrescentar a estes empreendimentos, registou-se no seu mandato de Presidente da Câmara o lançamento de construção de várias artérias na Vila de Paredes.

#### 4. Dedicção à Santa Casa da Misericórdia de Paredes

Além do seu manifesto interesse pelo desenvolvimento da terra onde nasceu, demonstrado na actividade autárquica que exerceu, não descurou a atenção para a criação de obras que promovessem o bem-estar social dos mais desfavorecidos, fazendo parte da criação da Santa Casa da Misericórdia de Paredes.

No interessante e pormenorizado trabalho sobre esta instituição, intitulado “História Concisa da Santa Casa de Misericórdia de Paredes” da autoria do Professor Joaquim da Rocha Leal, publicado em Junho de 2002, vem descrita a dedicação que José Martins da Costa Moreira teve na sua origem.

Fez parte do grupo de 48 Irmãos fundadores que, em 24 de Julho de 1902, aprovaram e assinaram os estatutos da Santa Casa da Misericórdia de Paredes<sup>22</sup>.

Em 07 de Junho de 1903, foi eleita a 1ª Mesa Administrativa, com um mandato bienal, fazendo parte da mesma José Martins da Costa Moreira, bem como das subseqüentes até à 4ª Mesa da Assembleia, que teve início em 13 de Junho de 1909<sup>23</sup>.

Esta foi a última Mesa Administrativa da qual fez parte, pois veio a falecer a 27 de Agosto de 1911.

#### Agradecimentos

É de salientar e louvar a colaboração dos Responsáveis do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Paredes em facultar a consulta do seu acervo, assim como dos Colaboradores do respectivo Arquivo Municipal, que sempre se prontificaram a dispensar toda a informação solicitada.

15 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 19, ano de 1880 a 1887*. Folha 22vs.

16 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 19, ano de 1880 a 1887*. Folha 22vs.

17 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 19, ano de 1880 a 1887*. Folhas 151vs a 152.

18 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 19, ano de 1880 a 1887*. Folhas 70 e 71.

19 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 19, ano de 1880 a 1887*. Folhas 75vs e 76.

20 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 19, ano de 1880 a 1887*. Folhas 76vs e 77.

21 Arquivo Municipal de Paredes. *Livro de Actas Municipais nº 19, ano de 1880 a 1887*. Folha 98vs.

22 Leal, Prof. Joaquim da Rocha. *História Concisa da Santa Casa da Misericórdia de Paredes*. Junho 2002. Página 13.

23 Leal, Prof. Joaquim da Rocha. *História Concisa da Santa Casa da Misericórdia de Paredes*. Junho 2002. Páginas 95 e 96.

# FRANCISCO DA CUNHA LEÃO

## UM PENSADOR DA TERRA

**António Aresta**, Professor de Filosofia na Escola Secundária de Paredes

### I

Francisco da Cunha Leão nasceu na freguesia de Sobreira, no concelho de Paredes, em 1907.

Estudou no Porto e na Galiza, formando-se em ciências histórico-filosóficas, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Na capital, casou-se com Leonor Guimarães, tendo assumido a direcção da Guimarães Editores, uma antiga e prestigiada casa editora. Lançou aí duas colecções que fariam história e que se revelaram fundamentais para a cultura portuguesa: a “Colecção Poesia e Verdade” [onde apareceram Agustina Bessa-Luís, Sophia de Mello Breyner, David Mourão-Ferreira, Fernando Namora, entre outros] e a “Colecção Filosofia e Ensaios” [onde foram apresentadas traduções na língua portuguesa de clássicos como Erasmo, Maquiavel, Dante, Heidegger, Aristóteles, Hegel, Freud, Kierkegaard, os Pré-Socráticos, Merleau-Ponty ou Nietzsche. Entre os pensadores portugueses publicados na Guimarães Editores, destacamos Fidelino de Figueiredo, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra, José Marinho, Agostinho da Silva, António Quadros, Álvaro Ribeiro, Orlando Vitorino, Dalila Lello Pereira da Costa ou Pinharanda Gomes.

Folheando o seu Catálogo, por aí se infere a grande valia estratégica desta casa editora e os altíssimos serviços que prestou à cultura portuguesa.

As actividades de Francisco da Cunha Leão estenderam-se ainda por outras áreas.

Exerceu a docência e foi director do jornal lisboeta Diário Popular, entre 1953 e 1958. Sob a tutela do Ministério do Ultramar, desempenhou as funções de Agente-Geral do Ultramar, onde procurou revitalizar e modernizar o icónico Boletim Geral do Ultramar, um insubstituível repositório da acção portuguesa em todas as parcelas intercontinentais do antigo ultramar. Manteve uma ligação estreita ao grupo de filosofia portuguesa, sobretudo através da influência

À memória de Dalila Lello Pereira da Costa, filósofa e patrona do Prémio de Ensaio Filosófico para os Alunos da Escola Secundária de Paredes.

COLECÇÃO FILOSOFIA & ENSAIOS

## F. CUNHA LEÃO DO HOMEM PORTUGUÊS



Do autor de *O Enigma Português* e *Ensaio de Psicologia Portuguesa*, uma colectânea dos seus ensaios comemorando o centenário do seu nascimento (1907-1974)

Introdução à sua obra por  
António Quadros, António Braz Teixeira,  
Pinharanda Gomes, Artur Anselmo

GUIMARÃES EDITORES

doutrinária de José Marinho e de Álvaro Ribeiro, antigos alunos e discípulos de Leonardo Coimbra, na primeira Faculdade de Letras do Porto. Faleceu em Lisboa em 1974.

### II

A obra de Francisco da Cunha Leão não é muito extensa, mas é bastante significativa.

Na poesia, destacam-se *O Anjo* e *o Homem*, de 1948, e *o Naufrágio de Goa*, de 1962.

No ensaio, *20 Teses acerca da formação e sobrevivência de Portugal*, 1959; *O Enigma Português*, 1960, a quarta edição é de 1998; *Brasília, última bandeira*, 1960; *Ensaio de Psicologia Portuguesa*, 1971, a terceira edição é de 1997; *Do Homem Português*, póstuma, 2007.

Organizou diversas antologias : *Gomes Leal*, em colaboração com Alexandre O'Neill, 1959, a terceira edição é de 1999 ; *António Sardinha*, em colaboração com Amândio César, 1960 ; *Teixeira de Pascoaes*, em colaboração com Alexandre O'Neill, 1962; *Cecília Meireles*, em colaboração com David Mourão-Ferreira, 1968.

Prefaciou, entre outros, o *Ensaio sobre a Cultura Galega*, de Ramón Otero Pedrayo, em 1954, e a *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa*, de Agostinho da Silva, em 1958.

Tem colaboração disseminada em diversas publicações. Está prevista a publicação de outros inéditos e textos dispersos, mas não tenho conhecimento se esse objectivo já foi cumprido. O perfil erudito da sua obra é um símbolo de uma longa maturação intelectual e uma marca da sua originalidade.

### III

É necessário recordar que pensar Portugal como enigma, ou o enigma português, que é o título da sua obra principal, tem raízes fundas na nossa cultura e nas cogitações de alguns intelectuais. Portugal é um pequeno país com pouca gente, mas historicamente foi chamado a grandes destinos, sobretudo com os descobrimentos e com a expansão. A raiz do nacionalismo é neste campo que a encontramos, com indagações várias, polémicas e ousadas, contraditórias e fecundas, que foram fazendo o seu caminho e marcando a forma de ser, de pensar e de agir de Francisco da Cunha Leão. O nacionalismo e o integralismo lusitano emergem desta mistura de pedagogia e de admiração, de saudade e de ecumenismo, sob o ideal arco governativo da monarquia constitucional: "O êxito das devassas marítimas arrastou-nos ao limiar de gigantescas empresas cujas perspectivas saíram tais que não puderam recuar; envolvidas no imprevisto das situações inéditas a rasgos de sonho e audácia, era espantosa a contradição entre a grandeza da obra começada e a escassez dos recursos de toda a ordem. Superar os números pequenos, multiplica-los

para serem grandes foi empresa de génio ; poucos homens, pouco dinheiro, poucos, inadequados navios ao princípio, insuficiente ciência e técnica. Só a valorização humana salvaria, pela reflexão, pela mobilidade, pelo heroísmo. Uma superestrutura épica respondeu ao fundo lírico, um processo de sublimação quase reduziu a letra morta as embaraçosas condições iniciais"<sup>1</sup>. Haverá mesmo uma querela de métodos, entre o movimento de explicar Portugal e o movimento de compreender Portugal? A razão e a fé teriam andado sempre juntas nestas aventuras e desventuras?

Colocar questões e abrir caminhos parece ser bem mais importante do que dar elaboradas respostas, que rapidamente se cristalizam em dogmas políticos. Destaco seis personalidades, umas mais conhecidas do que outras que pensaram essas debilidades e propuseram soluções, aparentemente em vão: António Ribeiro Sanches (1699-1783), com as *Dificuldades que tem um Reino Velho para emendar-se*; Luís António Verney (1713-1792), com o *Verdeiro Método de Estudar*; Antero de Quental (1842-1891), com as *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*; José Sant'Anna Dionísio(1902-1991), com *A Não Cooperação da Inteligência Ibérica na Criação da Ciência*; Manuel Antunes (1918-1993), com *Repensar Portugal*; António Quadros (1923-1993), com *Portugal, Razão e Mistério*.

Deixo de fora desta grande família de ideias, por uma questão de espaço, António Feliciano de Castilho(1800-1875) que, em 1848, adicionou à batalha pela educação popular a utopia da felicidade pela agricultura, Oliveira Martins (1845-1894) com uma visão superlativa e grandiosa da história, ou, ainda, Agostinho da Silva (1906-1994), esse grande pensador da contemporaneidade que recolocou a problemática do quinto império no centro das suas cogitações e, talvez, das nossas.

Vou cingir-me à antropologia filosófica que é na realidade a área na qual Francisco da Cunha Leão trouxe ideias inovadoras e estimulantemente críticas. Encarreira numa linhagem de estudos antropológicos e filosóficos que remontam ao positivismo de Teófilo Braga e que culmina com *A Arte de Ser Português*, de Teixeira de Pascoaes. Reflecte sobre a terra, sobre Portugal no contexto ibérico e peninsular, convocando a geografia, a psicologia, a história, a religião, a política e a antropologia para primeiramente colocar o país em equação. No

1 F. da Cunha Leão, *Ensaio de Psicologia Portuguesa*, Guimarães Editores, 3ª ed., 1997, p. 193.

fim, a filosofia como saber imperfeito, agregador, indisciplinador, aberto à complexidade do real e às relações com o outro. Francisco da Cunha Leão é um pensador da terra, com tudo o que isso implica de força telúrica e de resistência. Uma terra onde vivem pessoas livres para assumirem escolhas existenciais nas fronteiras da utopia.

Francisco da Cunha Leão é sensível aos contextos porque entende que são inultrapassáveis: em primeiro lugar, a “unidade geo-política da meseta ibérica”; em segundo lugar, “os litorais do mediterrâneo e do cantábrico”; em terceiro lugar, “o caso da finisterra do noroeste”; em quarto lugar, “a formação do espanhol”; em quinto lugar, “Portugal, periferia irreduzível”. Depois, adverte-nos que “Pátria é um fluxo espiritual, uma força agregadora, uma vontade e um destino, expressos, obscura ou declaradamente, em missão colectiva que envolve passado, presente e futuro. Os elementos específicos, diferenciadores, nela contidos levam a uma etnopsicologia e a constantes de ideal, que propendem à síntese ou à sublimação das tendências do grupo, nas épocas de maior vivência. Íntima correlação, como de corpo e alma, chega a criar-se entre o físico e o espiritual colectivos, tornados vitalmente solidários”<sup>2</sup>. Uma mesmidade essencial, portadora de uma mensagem nacionalista e mística, com uma fidelidade indesmentível aos valores que sustentaram as ideias corporativas do Estado Novo.

É, pois, deveras importante a existência inequívoca de um modo português de pensar para garantir que essa força telúrica se transformaria numa ontologia superior: “A relação Filosofia-Pátria em Portugal é importante – da terra para a pátria e a acção, intuída na altura e só filosofada muito depois. Na cava das ondas, a introspecção e a saudade – angústia do que se não foi totalmente (capelas imperfeitas) e que se deseja que seja, na angústia do inacabado”<sup>3</sup>.

O seu raciocínio continua por este caminho: “Em todos os sentidos da rosa-dos-ventos foi esquadrihado o Globo e muitas regiões tiveram naqueles escritos crónicas imperecíveis, senão que suas primícias literárias.

O reflexo no campo filosófico, esse tornou-se dispersivo ou pelo menos inibidor de sistemas. Tem-se apontado a improdutividade filosófica dos portugueses, com implicação na inapetência ou incapacidade. Entre os que o fizeram estão Sampaio Bruno, Unamuno, Moniz Barreto, Adolfo Coelho, Joaquim de Carvalho, Fidelino de Figueiredo em

termos conhecidos. Um paradoxo ressalta: o de um povo que tanto se distinguiu na acção e numa acção a que não faltou espírito reflexivo, não apresentar em relação a ela a tese da adequação entre o pensar e o agir. Tal acção para mais teve cunho próprio. Será admissível que não haja conteúdo pensante? E se o houve, digno de nota, de significação filosófica – será crível ainda que em nada corresponda àquela originalidade?”<sup>4</sup>.

O tempo dos pioneiros e dos construtores de impérios, menos no sentido militar e mais no sentido camoniano de ‘o mundo todo abarco e nada aperto’, foi acompanhado por uma abordagem filosófica errática e ao sabor dos condicionalismos locais, sempre à míngua de expedições científicas, mas com a presença de um confortável sentimento religioso.

Contudo, diz-nos que “O pretensio a-filosofismo dos povos peninsulares assenta na sua aversão à metafísica no sentido escolástico de meditação sobre o Ser. Uma das razões principais dessa atitude tem estado na segurança da fé religiosa, o que leva a subsumirmos a teodiceia na teologia”<sup>5</sup>.

O legado intelectual e filosófico de Francisco da Cunha Leão, dentro da antropologia filosófica e da filosofia da história, recentra-nos na terra e impele-nos ao conhecimento de quem somos e do que valem, da história política e cultural, da geografia física à história dos descobrimentos e da expansão, para compreendermos a perplexidades do homem português perante a nova ordem civilizacional que ajudou a transformar. A narrativa eufórica da vivência dos limites e o sentido antropológico do mistério condena-nos a viver numa ontologia de fronteira porque a “Pátria é das palavras que mantêm intacta a validade do seu conteúdo”<sup>6</sup>.

Na actualidade, esta proposta intelectual está em modo de pousio porque algumas correntes ideológicas de extrema esquerda tem polarizado um ruidoso monólogo sobre esses mesmos postulados.

O debate e o confronto de ideias, esse continuará pelos caminhos da história e do quotidiano, porque, como nos lembrava Karl Popper, a sociedade aberta sabe onde estão os seus inimigos e o melhor processo de combatê-los.

2 F. Cunha Leão, *Do Homem Português*, Guimarães Editores, 2007, p. 77.

3 Idem, op. cit., p. 144.

4 F. Cunha Leão, *O Enigma Português*, Guimarães Editores, 2ª ed., 1973, p. 270.

5 Idem, op. cit., pp. 277-278.

6 F. da Cunha Leão, idem, p. 281.

SERÕES LITERÁRIOS DO VALE DO SOUSA

# “UMA VIAGEM AO MUNDO LITERÁRIO DE SOPHIA”

Teresa Andresen, Arquiteta paisagista



## Sophia - algumas memórias

Estar aqui no centenário do nascimento de Sophia, a convite da Vereadora do Pelouro da Cultura de Paredes, Beatriz Meireles, para participar no serão Literário do Vale do Sousa e testemunhar sobre Sophia, recordá-la e celebrá-la, é um gosto pela relação de proximidade que fui mantendo ao longo dos anos com este território, embora não deixe de ser intimidante. Sophia não era particularmente atraída por homenagens. Fui procurar um texto que escrevi há uns anos a pedido de seus filhos, meus primos, e fiz algumas adaptações.

Sobrinha de Sophia, filha de seu irmão Gustavo, o mais novo dos quatro irmãos, vivi em casa de meus tios Sophia e Francisco Sousa Tavares, em Lisboa, entre os anos de 1976 e 1982, nos meus tempos de estudante no Instituto Superior de Agronomia. Não me compete falar de Sophia como escritora ou poeta, mulher de intensa participação cívica cultural e política, escultora da língua portuguesa, referência do século XX português e bem para além das fronteiras portuguesas - mulher

do mundo. Mas falar de Sophia, revelar o que ela me marca e conduz na orientação da minha vida é possível, embora não seja simples. Na casa de meus tios, ousava-se, mantinha-se o olhar atento, valorizava-se a coragem e a verdade. Cultivava-se a amizade e a alegria da vida. O sentido de cumprir e saber cumprir era muito elevado.

Apesar de tudo, já passou muito tempo que meço sobretudo na infinidade da saudade, uma saudade presente e sentida de forma subtil nos mais pequenos gestos do meu dia a dia que advém de uma amizade cúmplice que construímos. As minhas primeiras memórias de Sophia remontam ao dia da morte da sua mãe, minha avó - Maria Amélia Burnay de Mello Breyner Andresen - em casa de meus pais na Granja, a 17 de novembro de 1967. Nesse dia, tinha eu 10 anos e estávamos já à entrada do cemitério de Agramonte. Ela levou-me a percorrer as floristas, pois queria amores perfeitos para acompanhar a sua mãe - as flores que melhor traduziam o seu amor por ela. Só me recordo de

caminharmos lado a lado, acompanhadas desta ideia. Sete anos depois, morria minha mãe e Sophia procurou-me no jardim e caminhamos à procura de flores.

Até essa data, conhecia Sophia de forma pontual. Iam chegando livros com dedicatórias. Vinha ao Porto fazer campanha política na oposição e ficava em nossa casa. Até àquele dia de setembro de 1976 em que lhe escrevi a pedir para ir viver com ela para iniciar os meus estudos universitários. Imagine-se quando falamos ao telefone e eu digo que gostaria de ficar em casa dela, ela pergunta-me se eu queria ir passar o fim de semana e eu respondi que o curso eram seis anos!... Disse-me então que não tinha recebido a carta... Vim depois a compreender as suas dificuldades e tormentos em ler e responder a tantas cartas que diariamente recebia.

Estes seis anos foram o princípio de um percurso de grande amizade e alguma cumplicidade. Escolhi hoje falar do Porto e da família, da casa e dos objetos, dos livros e da viagem. O Porto era uma referência estrutural em Sophia. Na casa onde nasceu, no dia 6 de novembro de 1919, João Andresen, o seu pai, levou os cães de caça pelas escadas acima até ao quarto para lhes dar a conhecer a sua filha. Este pai de quem Sofia contava que era bom e não sabia que era bom. Um pai que tinha a melhor das bondades. O pai que lhe editou o seu primeiro livro de poesia. O pai que naquele dia de 1950 foi a Lisboa e que ela acompanhou à estação de Santa Apolónia e, sem saber porquê, mas - obedecendo apenas a um impulso - beijou a mão como nunca tinha feito. O pai que ela nunca mais viu e que morreu a caçar na Vagueira, em dezembro desse ano. A sua mãe, a avó Maria, de quem ela se queria despedir com amores perfeitos, era uma figura muito presente em casa de meus pais e a quem eu muito queria. Quando eu estava com Sophia, sentia a presença dela.

Sophia contava coisas várias de uma infância e juventude mágicas e intensas vividas, nomeadamente, entre o Porto e a Granja. O caminho até ao Colégio do Sagrado Coração de Maria - Colégio do Rosário - de que ela tanto gostou, depois a casa do Tio Guilherme, tio de seu pai que a esperava à porta com um ananás da sua estufa e a casa onde ela se fixava nos enormes espelhos em frente aos quais bailava ... *Bailarina fui. Mas nunca bailei. Minha vida toda. Como cega errei.* O Campo Alegre. O Campo Alegre era como ela e a família se referiam à quinta de seus avós, João e Jane Andresen, atual Jardim Botânico da Universidade do Porto. Hoje, mais de 60 anos depois dos seus contos para crianças e dos seus poemas onde os jardins são tema recorrente - ainda é possível reviver os cenários dos seus contos ... O Rapaz de Bronze ... a Floresta ... e tantos outros. E, depois a Granja com o Atlântico, as rochas da praia, as dunas e pinhais.

A casa de meus tios em Lisboa, reproduzia esta vivência

transportada do Porto. Havia um enorme sentido de alegria pela vida, não que a vida fosse fácil. Havia uma atitude seletiva pelo rigoroso, pelo justo e pelo belo. Sophia dava uma importância extraordinária à casa... À luz da casa, à vista da casa, às divisões da casa... Ficava horas acordada pela noite fora, casa em silêncio, passeando a casa com alguma agitação. Lia, escrevia, bebia continuamente chá - havia sempre chá feito na casa de Sophia. A sala de jantar era um espaço onde passava muitas horas, com as janelas abertas sobre Lisboa, viradas a poente. Sentada na mesa, ora sozinha, ora com os filhos e netos, ora com os amigos, ora sozinha ... muitas vezes com um livro poisado ao lado.

Os objetos tinham significado grande. Havia objetos em prateleiras e nichos em cima das mesas e dos armários, quadros e molduras com fotografias. Eram objetos com identidade que transportavam memórias de lugares, de pessoas, de momentos ... alguns eram até muito usados no dia a dia. Sophia que - para os outros era dada como muito distraída - e também era e até sabia ser distraída - olhava estes objetos - diria mesmo que os procurava. O seu olhar era atento. Atento aos objetos, ao mundo à sua volta, aos livros. Livros que eram muitos.

Das coisas que mais a emocionavam era a antecipação de uma viagem. A sua mãe recomendava que se viajasse, pois isso era algo que era nosso e não nos seria tirado. Das viagens, chegava emocionada - do que tinha visto, de quem tinha conhecido, de um banho de mar, ou com uma receita ... como, por exemplo, o *borsch* russo que passava a entrar no dia-a-dia da casa.

Um dia pediu-me se a levava a Sintra. Saímos depois do almoço e fomos ao parque da Pena. Deixámos o carro na entrada do palácio e disse que queria ir ao chalet da Condessa. Ainda era longe, o parque vazio, mata densa, metia algum medo, mas ela estava determinada. Levava razão forte para esta peregrinação. Não me revelou qual era. Chegamos finalmente ao chalet e havia uma atmosfera especial, íamos silenciosas, a tarde estava magnífica. De repente, viramo-nos as duas para trás, ao mesmo tempo, ... sentimos que estava alguém, ouvimos restolhar atrás de umas árvores... fomos ver ... estavam duas cadeirinhas de jardim por trás da árvore como que acabadas de ser abandonadas ... sorrimos uma para a outra ... Não trocamos palavra, mas ocorreu-me se poderia ter sido a condessa d'Edla e D. Fernando? Ou quem ela tinha vindo procurar...? Para concluir a peregrinação - que afinal não tinha tempo definido, pois reproduzia algo de um tempo atrás, muito atrás - fomos lanchar a Seteais e, de forma precisa, ela sabia a mesa onde se queria sentar na varanda.

"Aqui". Estivemos em silêncio.

Não fiz perguntas.

Não era preciso perguntar.

# OS BRASÕES DE MARCO E AGUSTINA

António José Queiroz, Investigador do CEFi - UCP (Porto)



Em 1998, com dupla chancela (Governo Civil do Porto e Campo das Letras), foi publicado um livro intitulado *Os Dezassete Brasões*. Por circunstâncias a que não fui alheio, nascia uma efémera parceria que juntava o fotógrafo Marco (pseudónimo de Armando José Moreira), natural de Cete, Paredes, e a escritora Agustina Bessa-Luís, nascida na terra que também é a minha: Vila Meã. Recordemos, pois, a pequena história deste livro.

Desde os inícios 1996 até finais de 1999, exerci as funções de adjunto do governador civil do Porto. Em 1997 (não me recordo em que dia), Marco apresentou ao vice-governador civil, Raul de Brito, o projecto de um álbum fotográfico sobre o distrito, que lhe mereceu a melhor atenção. Posto ao corrente desse projecto, o governador civil, Carlos Jorge Barral, não hesitou em dar-lhe o patrocínio institucional, essencial para a sua realização. E, desde logo, me encarregou de escolher um escritor para esse álbum. A minha resposta foi imediata: Agustina Bessa-Luís. “Fale então com a sua conterrânea”, disse-me o governador civil. Assim fiz.

Liguei a Agustina Bessa-Luís e combinámos um encontro na sua residência, à Rua do Gólgota, próxima da Faculdade de Arquitectura. Já nos conhecíamos. O relacionamento com a minha ilustre conterrânea remontava a Abril de 1983. Depois disso, havíamos-nos encontrado mais duas vezes, no Porto e em Amarante. E falado por telefone, a propósito da sua colaboração em duas revistas literárias que fundei (*Cadernos do Tâmega e Anto*).

Sobre o livro, tudo foi despachado em breves instantes: prazo de entrega, número de páginas e honorários. Ficámos depois à conversa durante largo tempo. A falar de alguns dos seus livros e, sobretudo, da nossa terra.

O valor que Agustina me indicou era consentâneo com o seu prestígio. O governador civil, com uma longa vida profissional ligada à gestão de uma grande empresa, achou-o justo. Decidiu, pois, de forma acertada. Como era, aliás, seu hábito.

Após nova conversa com Agustina, encontrei-me com Marco. Deu-me conta do seu projecto, que me pareceu ter uma inegável dimensão antropológica, que o trabalho final viria a confirmar, nomeadamente pela ênfase dada às manifestações lúdico-religiosas dos concelhos do nosso distrito.

Voltámos a ver-nos. Falou-me de si. Nascera em Abril de 1936 e saíra para o Porto aos 16 anos. Como fizera apenas a Instrução Primária, empregara-se como marçano no comércio das Artes Gráficas. Regressou aos estudos sete anos mais tarde, nos cursos nocturnos da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis.

A partir daí, pautado embora por breves interregnos, cumpriu (com brilho, diga-se) o seu percurso escolar, que concluiu em 1986, na Escola Superior de Belas Artes do Porto, com a aprovação no curso de Artes Plásticas (Pintura).

A Pintura era uma vocação antiga. E disso é prova a sua primeira exposição individual, em 1965, na Galeria Divulgação (Porto). Mas outra vocação, ainda mais forte, haveria de surgir, marcando decisivamente a sua vida profissional: a Fotografia. A essa “paixão” não foi estranho o saber e a arte do notável fotógrafo Alexandre Tavares da Fonseca (1908-1992). Noutro plano, porventura menos “mediático”, mas igualmente significativo, foi a atenção que dedicou também às Artes Gráficas (nomeadamente nas Editoras “Gémeos” e “Livraria Paisagem”, bem como na empresa de madeiras Jomar) e ao Teatro, assinando a cenografia de duas peças de Romeu Correia no “Grupo dos Modestos”).

O Ensino também lhe batera à porta. Disse-lhe que sim. Mas o “namoro” foi breve, limitando-se a um ano na Escola Soares dos Reis (onde leccionou a disciplina de Desenho) e outro na Cooperativa Árvore, num curso de Fotojornalismo. E foi justamente nesta área, primeiro no DN e mais tarde, no JN (onde se tornou profissional), que a sua arte e o seu nome chegaram ao grande público. Era justamente daí o meu anterior “conhecimento” de Marco.

Na dita conversa, quis saber das tradições e dos locais com interesse arquitectónico e cultural de Vila Meã. Falei-lhe da festa de S. Brás e do ritual da “queima da macaca”. Que agora é de “fogo-presos”, mas então era ainda de “fogo-solto”. E bem solto. Ficou com curiosidade de ver o que eu lhe descrevia com tanto entusiasmo. Por isso veio a Vila Meã no dia 2 de Fevereiro, data da festa profana. Fez fotos em vários locais da vila e, ao final da tarde, encaminhou-se para

o seu “posto de trabalho”, no terreiro da Casa de S. Brás, colocando-se a poucos metros do poste onde a “macaca” e o “macaco” haveriam de bailar até ao estouro final.

De nada valeu dizer-lhe para se afastar para um sítio mais seguro, já que no seu louco revoltar, os “bonecos” cuspiam fogo para todos os lados. Que não, disse-me. Tinha de ser “ali”.

O que se passou a seguir, nesse “duelo ao anoitecer”, deixou toda a gente de boca aberta. E a mim seriamente preocupado. As “bombas” desse engenho pirotécnico saíam disparadas em todas as direcções. Mas Marco, mesmo sob intenso “fogo cerrado”, mantinha-se firme, apontando a sua objectiva para o cimo do poste, que a dança feérica e diabólica dessas estranhas criaturas iluminava. Não sei quantas fotos Marco conseguiu. Sei que é extraordinária a que escolheu para abrir o seu magnífico álbum.

O texto que Agustina me entregou, justamente com o título *Os Dezassete Brasões*, é datado de 2 de Agosto de 1998. Não estranhei as “desigualdades” nos espaços dedicados aos 17 concelhos (à época, a Trofa integrava ainda o de Santo Tirso). Pedi-lhe uma “visão” literária do distrito e não um ensaio académico. Daí que as suas “impressões” não sejam alheias às suas afinidades, cuja “mística”, como ela própria dizia, “não se sabe onde começa”.

Ao Porto coube a parte de leão. A Paredes, esta bonita mas quase simbólica passagem:

“Um salto a Paredes para recordar a Senhora de Bitarães que teve uma breve glória na galáxia das aparições. Atraiu muito povo e fez milagres, mas desapareceu como tinha vindo, numa nuvem de esperanças que são mais mudáveis do que as nuvens de Verão. Paredes dedica-se com gosto à indústria de mobiliário e prosperou nessa arte”.

Não lhe levem a mal esta parcimónia de palavras. Agustina, paradoxal como todos os génios, escrevia “para desiludir com mérito, que é a maneira de se fazer lembrar com virtude”.

No Outono, o livro continuou o seu percurso de pré-produção. Para a impressão foi escolhida a INOVA. A direcção gráfica foi entregue a um nome consagrado das Belas Artes, Armando Alves, que eu conhecera, anos antes, na Galeria Nazoni. E que então me facultara um desenho inédito para o meu primeiro

livrinho de poesia. As reproduções das fotos foram executadas na Fotolândia, pelo impressor Fernando Bessa, sob orientação do fotógrafo Pereira de Sousa, colega de Marco no JN.

Em Novembro, antes da impressão do livro, Agustina ligou-me. Queria que eu fosse novamente a sua casa. Recebeu-me com a cordialidade de sempre, dizendo-me que tinha uma prenda para mim. Deu-me então uma folha dactilografada, com nove linhas, em que deixou manuscrita esta dedicatória:

*“Em especial momento de inspiração, para o Dr. António José Queiroz, e com um orgulho que dura a vida inteira,*

Agustina Bessa-Luís  
Porto, 11-11-1998”

Era sua vontade que o texto integrasse o livro, “fechando” a parte dedicada a Amarante, na qual falava das alegadas origens romanas desta cidade, de S. Gonçalo, da Casa de Pascoaes, em Gatão, e doutros lugares. E também do mosteiro de Travanca, que inspirara um dos seus romances. Não fazia então qualquer referência a Vila Meã. Uma questão de recato, talvez. Que a defendesse de cair na tentação de ser juiz em causa própria. Esse excesso de zelo (digamos assim) deixara-a, porém, com um indisfarçável desconforto, que lhe assombrava a alma como um remorso. Achou, pois, que tinha de remediar o “mal”. Para seu alívio e meu contentamento, em boa hora o fez, já que ainda foi possível que essas linhas admiráveis pudessem integrar a edição.

Breve como se disse, mas particularmente belo, o texto que me ofereceu (e que passou a ser também dos seus leitores) é uma sentida e delicadíssima declaração de amor à terra que a viu nascer.

O final, metafórico e sibilino, é genuinamente “agustiniano”. Ei-lo:

“Temos pudor em louvar quem se ama. Por isso me escondo atrás de palavras discretas ao falar de Vila Meã. Mas que ela merece muito na geografia e na História, isso é verdade. Merece que se lhe desenhem os lugares, as ruas, as casas. Que se levantem as ruínas antigas e se projectem novos edifícios. Vila Meã já foi sede de concelho, já teve honras e bandeiras, cavaleiros e ricos-homens.

É mais antiga do que Portugal; é mais saudosa do que cem noivas de guerreiros. A pedra nela é venerável;

o alecrim é brasão; o lódão é glória. Mas deixemos que o nevoeiro cubra o seu orgulho, devagar, que é bom não sermos humildes depressa, porque depressa seríamos esquecidos. E não queremos isso”.

Como coordenador da edição, coube-me ver as provas. As capas já estavam impressas. Mas, por ignorância ou distração dos gráficos, o nome da autora surgia sem o hífen. Não houve hesitações de parte a parte. Essas capas foram destruídas e outras tiveram de ser feitas a todo o vapor, para que a obra ficasse pronta antes do Natal. E assim aconteceu. Marco e Agustina podiam contar com mais uma prenda no sapatinho.

Voltei a encontrar-me com Agustina em finais de Março do ano seguinte. Autografou-me então um exemplar. Numa simples frase, a saudosa escritora fazia uma síntese brilhante do seu verdadeiro significado:

*“Para o Dr. António José Queiroz, meu caro amigo, ofereço esta festa do nosso mundo do Norte.*

Agustina Bessa-Luís  
Porto, 25-3-1999”

Palavras sábias. De facto, na sua diversidade, as fotos de Marco espelham bem a “festa do nosso mundo do Norte”. Deste verde, húmido e austero pedaço de Portugal, que mais do que um espaço físico é um verdadeiro “estado de alma”, onde todos parecem saber de cor o canto triste da saudade.

No meu exemplar, continua a faltar ainda o autógrafo de Marco. Os nossos caminhos, fruto das circunstâncias profissionais de cada um, deixaram de se cruzar desde essa altura. Antes de passar a papel estas descoloridas memórias, liguei ao ilustre jornalista e historiador Germano Silva, amigo que nos é comum, para que dele me desse notícias. Gostei de o saber activo e com saúde.

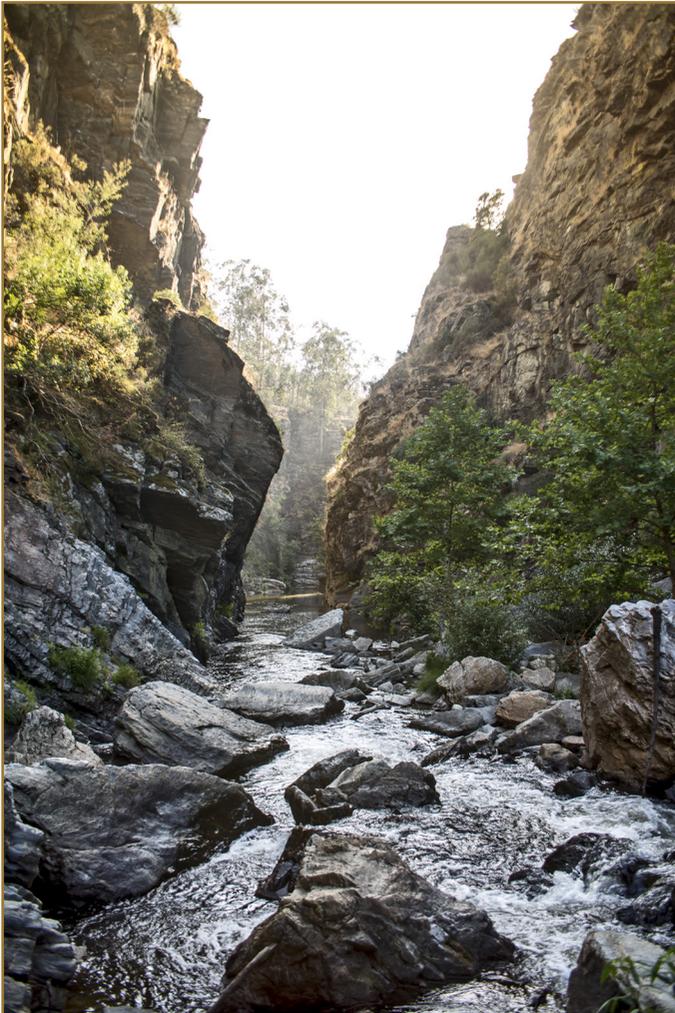
Se, porventura, esta revista lhe chegar às mãos, e se der ao trabalho de passar os olhos pelas linhas que escrevi, espero que esses caminhos voltem a cruzar-se novamente.

Para que possamos tomar um café, falar de algumas coisas do presente, avivar outras do passado. E para que a sua assinatura passe finalmente a fazer companhia à que Agustina deixou no inestimável exemplar de uma obra magnífica, surgida num tempo que tão gratas e doces recordações me deixou.

# SENHORA DO SALTO

## PÁGINAS DA HISTÓRIA DA TERRA

Natália Félix , Geóloga, Município de Paredes



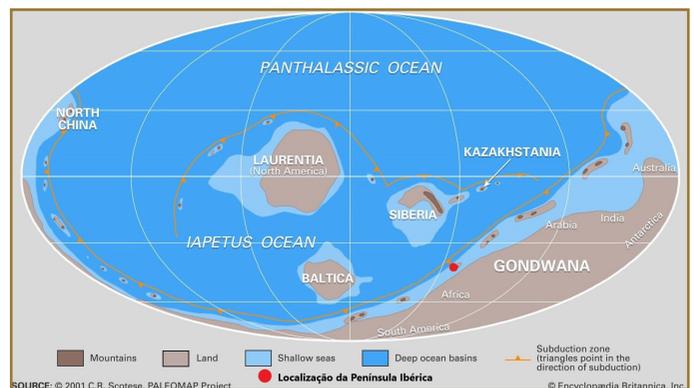
O Lugar do Salto, em Aguiar de Sousa, onde encontramos a “Boca do Inferno” ou as “pegadas do cavalo” da Lenda da Senhora Salto, está repleto de elementos que apelam para explicações que vão além da compreensão, ou pelo menos assim era há muito tempo atrás. Os tempos passaram, a ciência evoluiu e, assim, vai-se explicando o inexplicável.

Começo por lembrar que a Geologia é a ciência que estuda a Terra e os fenómenos associados à sua origem, estrutura e natureza e é através dela que vamos conhecer um pouco melhor este lugar.

A história do lugar do Salto começou há muito tempo, ou melhor, há muitos milhões de anos e em termos geográficos, também podemos dizer que começou

noutras latitudes bem distantes e tudo isto é-nos contado pelas rochas que encontramos e que não são mais do que as páginas que nos contam a História da Terra.

Se tivéssemos uma máquina do tempo e pudéssemos recuar 540 Milhões de anos (M.a.), iríamos ver um Planeta Terra completamente diferente, quer em termos de geologia e geomorfologia, quer em termos de fauna e flora.



Paleomapa do Câmbrico Médio (514 M.a.) com a localização da Península Ibérica.

Reportando-nos ao que encontramos na região da Senhora do Salto (e envolvente) e tendo em conta os estudos já realizados, vamos começar a história até onde podemos recuar: 540 M.a.

Nessa altura, a região do Baixo Douro (onde a região do Salto está inserida), encontrava-se coberta pelo mar e a representar este período temos o Complexo Xisto-Grauváquico, que corresponde a um conjunto de rochas constituído essencialmente por xistos, grauvaques, arenitos, quartzitos e conglomerados.

Quando entramos no Ordovícico (480 M.a.), a presença de um conglomerado de base marca o seu início, no entanto, a formação de um novo mar e o aumento progressivo da sua profundidade vão permitir a deposição de sedimentos que deram origem a alternâncias de quartzitos, siltitos e pelitos que constituem os Quartzitos do Armoricano. Estes quartzitos correspondem às duas longas cristas relativas às Serras que se materializam na paisagem. Foi também no Ordovícico, no final, que

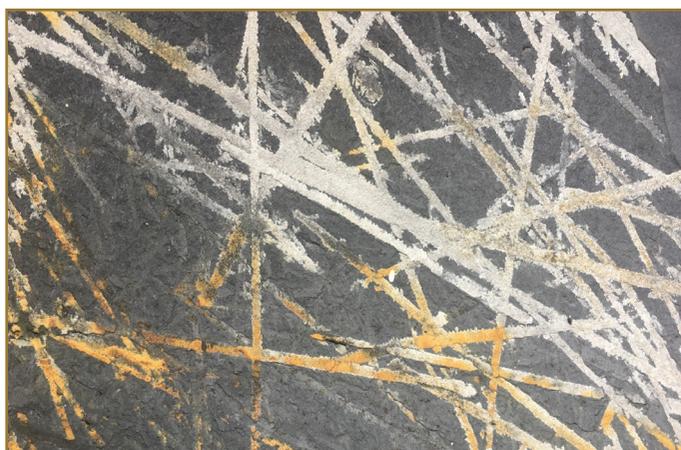
ocorreram depósitos com características glaciárias, os diamictitos. Neste período do Paleozoico, no mar existente vivia uma diversidade significativa de seres vivos, tais como as trilobites, graptólitos,



Fósseis de trilobites

gastrópodes, bivalves, braquiópodes, entre muitos outros.

Conforme nos vamos afastando para nordeste, em direção à freguesia da Sobreira, vamos encontrar rochas mais recentes e entramos mesmo num novo período da história da Terra – o Silúrico (444-416 M.a.). Este caracteriza-se pela deposição de sedimentos finos, que deram origem a quartzitos e xistos, devido essencialmente à subida do nível do mar associada ao degelo. Nos xistos negros do Silúrico encontram-se com frequência fósseis de graptólitos, seres vivos marinhos, abundantes neste período.



Xisto negro com fósseis de graptólitos

Estas rochas, que se formaram há tantos milhões de anos, fazem parte de uma megaestrutura - o Anticlinal de Valongo – uma grande dobra que apresenta as rochas mais antigas no seu núcleo e que se estende desde Esposende até Castro Daire, sendo localmente

possível observar dobras de menor dimensão.

A formação do Anticlinal de Valongo resulta da Orogenia Varisca (ou Hercínica) que teve início há cerca de 380 milhões de anos, com a movimentação e posterior colisão entre massas continentais: a sul, o Gondwana (do qual fazia parte a atual Península



Dobras secundárias

Ibérica) e a norte a Laurentia-Báltica, que acabaria por formar o supercontinente Pangeia. A Orogenia Varisca, que durou aproximadamente 100 M.a., congrega um conjunto de processos que levou à formação de cadeias montanhosas, integrando a Cintura Varisca Europeia, que se desenvolveu desde Marrocos aos Montes Apalaches e da qual podemos destacar o Anticlinal de Valongo na nossa região.

As formações geológicas que aqui encontramos são, como já foi dito, páginas da história da Terra e as informações que nos dão permitem-nos, muitas vezes, compreender e interpretar o ambiente existente quando os sedimentos que as formam se depositaram e, assim, reconstituir esses paleoambientes. A grande maioria das rochas desta região formou-se em ambiente marinho, pelo que os sedimentos mais finos são testemunhos de deposição em zonas de mar relativamente profundas e dão origem aos xistos, à medida que os sedimentos se tornam o mais grosseiros, o ambiente de deposição torna-se menos profundo, assim quartzitos, vaques e conglomerados resultam da deposição próxima a zonas litorais ou mesmo zonas de praia.

As marcas de ondulação ou “*ripple marks*” são outra evidência dos mares do Paleozoico, resultando da ondulação da água, e dão-nos informações sobre a

posição original das camadas e a direção das correntes que as produziram, enquanto que a presença de diamictitos revela um clima extraordinariamente frio, associado a um período de glaciação. Nesta altura, as massas continentais estariam junto ao pólo sul, o que levou à extinção em massa de muitos seres vivos.

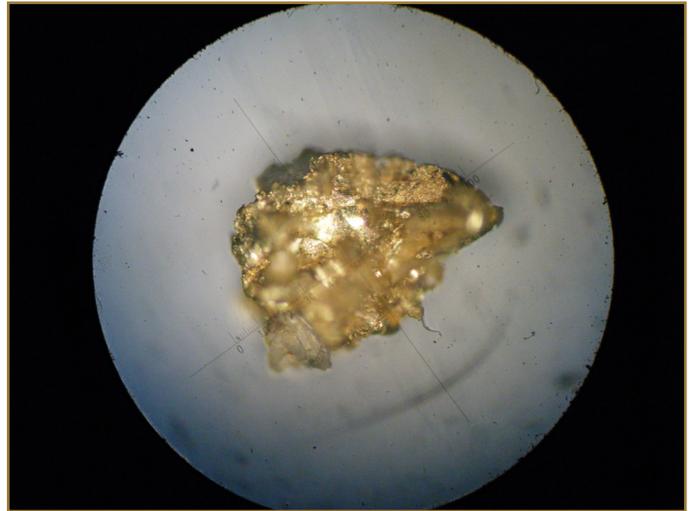
A ocorrência de fósseis de diversos seres vivos marinhos e os vestígios ou marcas deixadas pela sua atividade são fundamentais para o conhecimento da biodiversidade nos mares Paleozoicos. Alguns destes fósseis são fósseis de idade, pois devido ao seu curto período de duração e a uma ampla distribuição geográfica (podem ser encontrados em diversos locais), permitem comparações e correlações entre formações geológicas distantes e, assim, estabelecer a datação dos sedimentos em que ocorrem.

O Rio Sousa é a principal linha de água a percorrer esta região e também ele tem um papel importante como agente modelador da paisagem, condicionado pela natureza das rochas que encontra no seu percurso - quando atravessa as rochas mais brandas, apresenta vales abertos e muitas vezes meandrizados, quando força a travessia por rochas mais duras e resistentes



Marmitas de Gigante

à erosão (ex. quartzito), formam-se troços de vale encaixado e com vertentes verticalizadas, como é possível observar no "Canhão do Salto" ou também conhecida "Boca do Inferno". Ainda podemos acrescentar a erosão associada à corrente do rio que, em conjunto com as areias e seixos que percorrem o leito, podem originar marmitas de gigante (depressões arredondadas, de profundidades e diâmetros variados), localmente conhecidas como as "pegadas do cavalo", associadas à lenda da Senhora do Salto.



Ouro

Outro aspeto importante que não podemos esquecer de referir é a riqueza geológica, também materializada na presença de diversos metais (ouro, prata, chumbo, antimónio), que foram alvo de exploração em diferentes momentos da história, ficando os numerosos trabalhos mineiros como evidências desta atividade na região.

O ouro foi intensamente explorado pelos romanos, sendo o interesse por este metal retomado em meados do século XIX, ao mesmo tempo que se iniciavam novos trabalhos mineiros, principalmente para a exploração de antimónio.

A Geodiversidade desta região está materializada não só no valor geológico das rochas presentes, mas também no importante espólio fóssil que nos revela as espécies faunísticas e florísticas que habitaram neste território, bem como nos vestígios arqueológicos e mineiros com séculos de atividade de mineração.

#### Bibliografia:

COUTO, H. (1993) - *As mineralizações de Sb-Au da região Durico-Beirã*. Porto: Faculdade Ciências da Universidade Porto. 2vols, p.607. Tese de Doutoramento.

COUTO, H., LOURENÇO, A. (2011) - *História Geológica do Anticlinal de Valongo. Evolução da Terra e da Vida*. Universidade do Porto.

LIMA, A., MATIAS RODRÍGUEZ, R. FÉLIX, N; SILVA, M.A. (2011) - A Mineração Romana de ouro no Município de Paredes: o exemplo da Serra de Santa Iria e Serra das Banjas. In: *Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu (Vila Velha do Ródão - 2010)*. Abrantes, p. 125-142.

LIMA, A., MATIAS RODRÍGUEZ, R. FÉLIX, N; SILVA, M.A. (2011) - Contribuição para o estudo da mineração romana de ouro na Serra das Banjas. In: MARTINS, C. M. B., BETENCOURT, A. M. S., MARTINS, J. I. F. P., CARVALHO, J. (Coord) - *Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITEM/APEQ. p. 237-249.

# TOPONÍMIA PRÉ-HISTÓRICA DO CONCELHO DE PAREDES NAS FONTES ESCRITAS

Maria Antónia Silva, Arqueóloga, Município de Paredes

O presente texto corresponde a uma adaptação de um outro, realizado em 1990<sup>1</sup>, que na altura procurou demonstrar a importância das fontes escritas para a investigação e prospeção arqueológicas, neste caso concreto, na área da Pré-História, no Distrito do Porto.

Uma vez que a Revista Orpheu Paredes tem como principal objetivo proporcionar a difusão das diferentes vertentes culturais no território de Paredes, considerou-se que faria todo o sentido divulgarmos como as fontes documentais, apesar de produzidas alguns milénios depois, são importantes, como ponto de partida, para o Arqueólogo identificar, estudar e dar a conhecer culturas e vivências produzidas muitos milénios antes da escrita.

Neste sentido, cingimo-nos à apresentação da informação obtida para o território de Paredes. Porém, e uma vez que o Município de Paredes faz parte da Associação de Municípios do Parque das Serras do Porto que engloba os Municípios de Gondomar e Valongo, optou-se, também, por inserir os contributos obtidos nesta temática para os referidos Municípios, mesmo quando o topónimo identificado não se localize na área do PSeP.

## 1. Fontes documentais selecionadas

A pesquisa toponímica pode fornecer ao Arqueólogo dados muito diversificados de modo a identificar monumentos pré-históricos, povoados fortificados, necrópoles e vilas romanas, entre outros sítios arqueológicos de diferentes cronologias.

Porém, seguindo de certa forma o propósito inicial, a pesquisa documental incidiu, principalmente, no levantamento e registo da toponímia em documentação impressa medieval e moderna, que nos poderia servir de indicador da existência de vestígios Pré-históricos. Excluiu-se, portanto, de um modo geral, a consulta de documentos manuscritos por ser um “mundo” muito vasto, por vezes desconhecido e nem sempre acessível, optando-se por obras clássicas de compilação de diversos documentos impressos.

Desta forma, consultou-se os *“Portugaliae Monumenta Historica”*, os *“Documentos Medievais Portugueses”*,

*“Liber Fidei Sactae Bracarensis Ecclesiae”*, *“Tombo da Mesa Abacial do Mosteiro de Paço e Sousa”*, *“Chancelarias dos reis D. Sancho I, D. Pedro I e de D. Manuel”*, *“Censual do Cabido da Sé do Porto”* e o *“Cartulário do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde”*.

Estas fontes constituem suportes fundamentais no auxílio da prospeção arqueológica, proporcionando o aumento dos sítios arqueológicos cartografados, ou também, para confirmar os existentes.

## 2. O topónimo e o monumento

O nome atribuído a um lugar, seja macro ou microtopónimo, pode indicar o tipo de sítio arqueológico e conseqüentemente, revelar muito sobre o passado de um território.

Na nossa paisagem pululam numerosos montículos artificiais, tradicionalmente designados por mamoa, topónimo típico do norte de Portugal, que podem esconder estruturas tumulares megalíticas, também conhecidas por dólmenes ou antas. Variando de região, o nome mamoa também pode derivar para *mamoinha*, *mámoa*, *mamoela*, assim como as estruturas pétreas podem designar-se por *orca*, *arca*, ...

Estas elevações, que emergem e se destacam à superfície do solo, chamaram a atenção do Homem, que muito cedo as utilizou como marcos divisórios de propriedades, de freguesias ou mesmo de dioceses, tornando-se importantes pontos de referência, que ao longo do tempo passaram a denominar pequenas parcelas de terra, ou mesmo grandes divisões administrativas. Deste modo, apercebemo-nos da sua relevância na paisagem e da apropriação por parte dos povos, muito posteriores à sua construção, que desconheciam, no entanto, o seu valor como vestígio e testemunho cultural, assim como monumento.

O topónimo *“mamoa”* e suas variantes podem apontar para lugares de enterramentos e para a existência de vestígios de construções arquitetónicas funerárias com seis mil anos, cujas evidências testemunham a ocupação humana do território.

1 *“Toponímia Pré-Histórica do Distrito do Porto nas Fontes Escritas”* apresentado no Seminário de Megalitismo em Portugal, no âmbito do Mestrado de Arqueologia da Faculdade e Letras da Universidade do Porto.

Para além das fontes acima referidas e consultadas, tais como os *“Portugaliae Monumenta Historica”* e o *“Tombo da Mesa Abacial do Mosteiro de Paço de Sousa”*, que forneceram informações toponímicas de cariz pré-histórico para o concelho de Paredes e Valongo, nos *“Documentos Medievais Portugueses”* e no *“Censual do Cabido da Sé do Porto”* encontramos referências para o Município de Gondomar.

Para melhor conhecimento e compreensão passamos, então, a fazer a transcrição do excerto do documento onde consta o respetivo topónimo, bem como a indicação da localização geográfica.

### **Concelho de Paredes**

#### **Freguesia de Aguiar de Sousa**

Lugar de Brandiã

*“...Interrogatus de terminis estius ville, dixit quod incipitur in loco qui dicitur Bico; deinde per finem de seyra de castinizale, et vadi ad foun de armada; ...deinde per spicam monte agudo quomodo vertit aquam; deinde per valem catelle; deinde ad mamonam de brandiam; deinde ad finem serre de azoribus quomodo vertit aquam; deinde vatit topare in Bico...”*

Fonte: P.M.H., Inquisitiones, 1º vol. Fasc. IV e V, 1897, p. 573 (1ª coluna).

São Romão de Aguiar de Sousa

Casal de Brandiã

*“Item o campo de cima que parte do nascente e poente com herdades do Mosteiro de Bustelo e do norte com o monte da mamoa e do sul com a Serranada...” (Fls.10v e 11).*

Fonte: Tombo do Mosteiro de Paço de Sousa, Livro nº 56, Fl.10v e 11 (manuscrito).

#### **Freguesia de S. Pedro da Sobreira**

Aldeia (lugar) Casconha

Outro casal do Carvalho

*“O campo de Mamoa, que levara de sementeira quatro alqueires de pão, e parte do nascente com terra do Dayão do Porto, que traz António Alvarez per vallo, e marcos e com terra de Baltasar Gonçalves, tem pela dita banda dozentas e vinte e oito varas...” (Fl.120).*

Casal do Outeiro

*“O campo de Mamoa, com seus sobreiros e pereiras que levara de sementeira seis alqueires e parte do Nascente com caminho...” (Fl.120v).*

Outro casal do Outeiro

*“O campo de Mamoa que levará de sementeira quatro alqueires de pão, e parte do Nascente com o caminho...” (Fl.121v).*

Outro casal do Outeiro

*“Uma leira que se chama Mamoa que levará de*

*sementeira um alqueire e quarta de pão, e parte do Nascente com caminho, tem pela dita banda quatro varas...” (Fl.122).*

Casal Dalém

*“O Campo da Mamoa com seu mato que levara de sementeira quatro alqueires de pão, e parte de Nascente com o Rio, e tem pela dita banda oitenta e três varas, e parte do Norte com terra de Manoel Gonçalves...” (Fl.123).*

Casal de Fundo de Villa

*“A leira que se chama de Mamoa que levara de sementeira um alqueire e quarta de pão e parte de nascente com caminho tem pela dita banda dez varas...” (Fl.15v).*

Casal de Cima

*“O campo de Mamoa que levara de sementeira dois alqueires e meio de pão, e parte do nascente com caminho, tem pela dita banda dezoito varas...” (Fl.129v).*

Casal de Tareio

*“Um campo que se chama de Mamoa, que levara de sementeira quatro alqueires de pão, e parte de Nascente com caminho, tem pela dita banda vinte varas...” (Fl. 130v).*

Fonte: Mesa Abacial do Mosteiro de Paço de Sousa. Tombo I, Livro nº 52, 1593.

#### **Freguesia de S. Martinho de Parada de Todeia**

Aldeia de Parada Todeia

Outro Casal de Paços

*“...tem este casal da agoa das presa da Mamoa todas as sextas feiras do ano com suas noites e tem da agoa que vem dos moinhos de Campellos e de Val de Colheres e de Salgueiro a uqe lhe cabe por sua repartição todo ano...” (Fl.432).*

Fonte: Mesa Abacial do Mosteiro de Paço de Sousa. Tombo III, Livro nº 54, 1593.

#### **Freguesia e couto do Mosteiro de S. Pedro de Cete**

Aldeia do Barreiro

Casal do Barreiro

*“A leirinha das Mamoas, que levara uma quarta de pão, e parte do Nascente com terra do dito Mosteiro de Cepte, que traz João Carvalho per vallo, tem pela dita banda cinco varas, ...” (Fl. 433v).*

Aldeia de Lela

Casal de Lela

*“A leira nas mamoaas, que levara um çulomim, e parte do Nascente com terra do dito Mosteiro de Cete que João Carvalho per vallo, tem pela dita banda três varas...” (Fl. 437v).*

Fonte: Mesa Abacial do Mosteiro de Paço de Sousa. Tombo III, Livro nº 54, 1593.

### Freguesia de Baltar

*“Interrogatus de terminis istius ville, dixit quod incipitur in fundo de casali quomodo particum Ceti; deinde ad finem de Cotuviar quomodo partit cum mauris; deindi ad Castinariam quomodo parti cum Bendoma; deinde ad finem de serra de Baltar ubi sedit marcum quomodo partit cum Branderiz; deinde de venit per finem et topat in mamola de tiraago; deinde per fundum de Barveitis et venit ad fundum de casale ubi primitus incepimus...”*

Fonte: P.M.H., Inquisitiones, 1º vol. Fasc. IV e V, 1897, p. 575 (1ªcoluna).

### Freguesia de Gandra

*“...textum scriptur firmitatis de hereditate mea propria, et est prenominata in Vilarino, in Cophino, Bendoma de illa que fuit de aviorum vel parentorum meorum, scilicet VI integra com suis generis arborum, et cum quantum aprestitum hominis est, in loco predicto, videramus quantas generis arborum stan in terras alienas, testo inde vobis medietate de illos fructus forisillas de terreno de Sancto Petro, que testamus ad illo, et de alia parte rio, deinde inter illos auteiros de sistales, et inde super covello, et per illas antas, et super illo molino, et per terminos de Salgueirolo, et de mirazi, et villa Mauros IIª e VIª de illa, quos fuit de meo patre, pro remedio anim mee vel parentorum meorum...”*

Fonte: P.M.H., D. et Ch. 2º vol., Doc. DLV/1078, p.337-338.

### Concelho de Gondomar

#### Freguesia de Fânzeres

*“... deinde ad moutam de Sayon de Cabanas, deinde ad mamolam de Soutelo, ...”*

Fonte: P.M.H., Inquisitiones, 1º vol. Fasc. IV e V, 1897, p. 523 (1ªcoluna).

#### Freguesia de Sangemil

*“... et damus ad martinus frater duas quintas que fuit de meo patre et mia matre de ipso regu que uen por nascena et sparte per illo Kasal et quomodo spart com Mituceli ert comodo spart per illo termiu de Pena Uuctirella et conclausi illa per illa anta de Super Sumgemior et per illo terminus de Porrinus Malus et conclausi illa per illo monte de Laureno et conclausi illi per illa aqua de ipso Frexenario...”*

Fonte: D.M.P., III vol., Doc. 19, p.16.

#### Freguesia de Medancelhe

*“...Et damus a uobis Aluito Boriz et a Cresconino Uimariz ipsa ereditate quomodo se leua de Sancto Pelaio et inde per lo ualo de sua mamua et inde a illo aroio de Cundin et inde quomodo sparte com*

*Mituncilli et inde cum ipso Kasal et conclausi per illas partes de Taun Cundiuaz et inde comodo cum quintana et inde per illo monte de Laurero....”*

Fonte: D.M.P., III vol., Doc. 20, p.17.

### Freguesia de Campo

Donatio Sive Cautum vel testamentum in Sancto petro de Cova

*“... ad flugium de Armada – et deinde ad piam de petra – et deinde ad Santum Martinum de Monte – ed deinde ad Ribeyrium de coerat – deinde ad Sumutatem de monte de couis – et deinde ad cautum de mamoas quod est in portela de Valongo – deinde ad montem altum – deinde acimam de guardial – deinde per serram de transariz quomodo uadit per sumitatem ipsius serrae usque ad outeiro de Lobosino quomodo uadit usque ad cautum quod est inter beloy et ferreriam...”*

Fonte: Censual do Cabido da Sé do Porto, 1924, p. 154.

### Concelho de Valongo

#### Freguesia de Valongo de Cima

*“... interrogatus ubi jacet ipnem Regalengum , duxit quod in loco qui dicitur Chedelas et in barrio jacet uma leira; et in alio loco qui dicitur Silvaria jacente due leire; et in alio loco qui dicitur Mamona jacente due leire; et in alio loco qui dicitur Super Mamonam saxit jacet alia leira; et in alio loco qui dicitur Covelo jacente due leire magne; et in alio loco qui dicitur Covelus supernus jacet unus magnus campus...taloo... Famelgas...Lagedo...et in alio loco qui dicitur Paredes in fundo; in testa valadi jacet una leira...et dant inde annuatim Domino Regi quartem partem omnium fructuum, et in alio loco qui dicitur Vallis sbtus portellam Cove de orca est totus regalengus...”*

Fonte: P.M.H., Inquisitiones, 1º vol. Fasc. IV e V, 1897, p. 513 (2ªcoluna).

#### Freguesia de Ermesinde

*“... dixit quod in unu loco qui dicitur Figueira habetur ibi una leira, et due leire habentur in loco qui dicitur Anta et alia leira jacet in loco qui dicitur Lavandaria, et laborant ipnas predictas homines Aquarum Sanctorum et Sancti tissi...”*

Fonte: P.M.H., Inquisitiones, 1º vol. Fasc. IV e V, 1897, p. 505 (2ªcoluna).

Daqui conclui-se que, a partir das poucas fontes documentais consultadas, para os Municípios de Paredes, Gondomar e Valongo, conseguiu-se registar dezoito nomes de mamoa, sendo três referidas no plural, três nomes de anta, das quais uma está, também, no plural e um topónimo orca, ou seja, registámos vinte e duas referências, sendo quinze no território de Paredes. Refira-se, ainda, que as designações no plural poderão ser indicadoras

de núcleos megalíticos, isto é, mais do que um monumento com relativa proximidade entre eles.

O recurso à cartografia e ao trabalho de campo de prospeção para o concelho de Paredes permitiu localizar alguns dos topónimos e identificá-los no terreno, como foi o caso da Mamoa de Brandiã, na Freguesia de Aguiar de Sousa.

A Mamoa de Brandiã é referida nas fontes de 1258 como delimitação de território e, mais tarde, em 1651, como marco de divisão de propriedade. Por desconhecimento da sua importância cultural, foi alvo de vandalismo, tendo sido, em 1990, encontrada com uma grande cratera transformada em depósito de resíduos e o que restava dos esteios. Atualmente, o local é visitável, proporcionado pelos trabalhos arqueológicos de limpeza e sinalização que ali foram realizados.



Infelizmente, por força do crescimento urbano e novas práticas agrícolas, muitos dos eventuais vestígios relacionados com os topónimos foram destruídos.



Estas fontes documentais, algumas das quais referentes aos séculos XIII e XVI, para além de nos fornecer informações toponímicas alusivas a sítios arqueológicos, também permitem retirar uma quantidade de elementos que nos auxiliam no conhecimento do território, da paisagem e dos usos e



costumes de há oitocentos ou quinhentos anos. Esse conhecimento leva a inferir os principais senhorios dominiais, a organização territorial a micro e a macro escala, as práticas agrícolas, quais os cereais cultivados, as unidades de medida de capacidade e de comprimento utilizadas, o tipo de árvores quer florestais, quer de fruto e as linhas de água, entre muitas outras informações.



#### Bibliografia:

*Censual do Cabido da Sé do Porto*. Porto: Imprensa Portuguesa. 1924.

*Documentos Medievais Portugueses. Documentos Particulares*. Vol.I, Academia Portuguesa da História. Lisboa . 1940.

JORGE, V. O. (1982) - *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*. Porto. 2 volumes (tese de Doutoramento, policopiado).

MEIRELES, Frei António da Assunção (1942) - *Memórias do Mosteiro de Paço de Sousa*. Lisboa. Academia Portuguesa de História.

*Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et Chartae*.

*Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones*.

*Portugaliae Monumenta Historica. Leges et Consuetudines*.

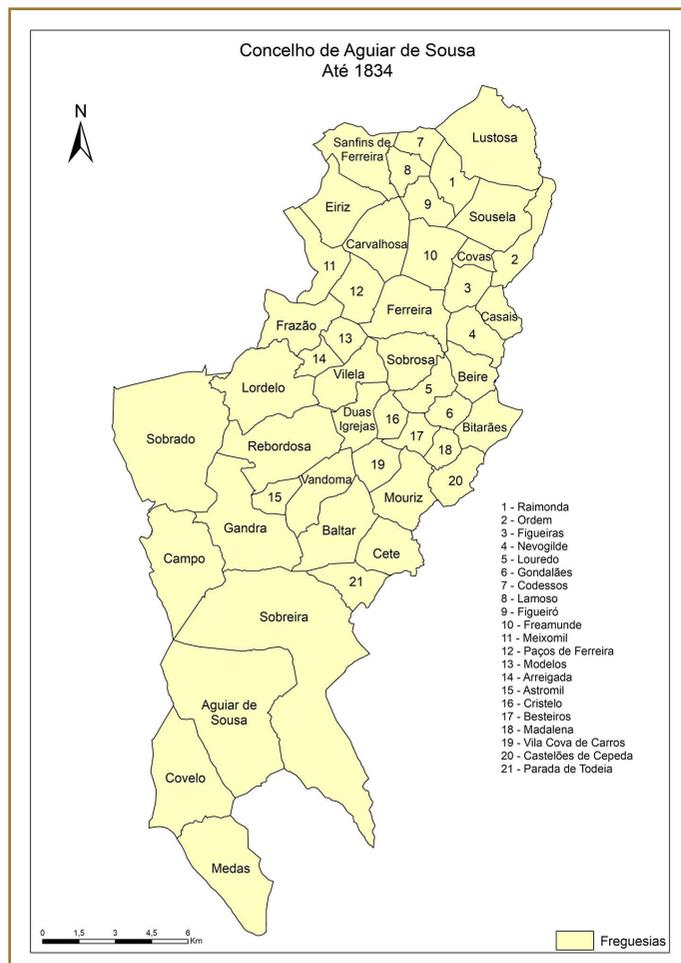
*Reportório Toponímico de Portugal*. Serviços Cartográficos do Exército. Vols. I, II, III, 1967.

SILVA, Maria Antónia (1990) - *Toponímia Pré-Histórica do Distrito do Porto nas Fontes Escritas*. Faculdade e Letras da Universidade do Porto: Mestrado de Arqueologia (Policopiado) .

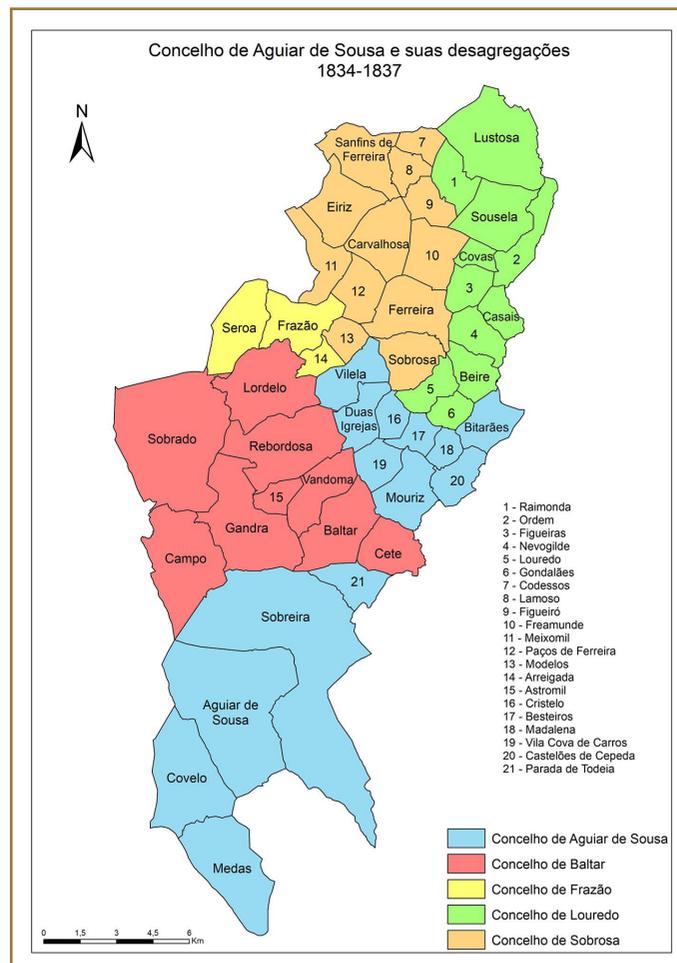
*Tombo da Mesa Abacial do Mosteiro de Paço de Sousa*. Tomos I, II, III, IV, V, n.ºs 52, 53, 54, 55, 1559 e tomo VI, n.º 56, 1651 (manuscrito) .

# ORIGENS E EVOLUÇÃO DO CONCELHO DE PAREDES

Cristiano Marques, Engenheiro informático



Mapa até 1834



Mapa 1834-37

O Município de Paredes, criado pelo Decreto de 6 de Novembro de 1836, teve o seu início formal a 15 de Fevereiro seguinte, data em que tomou posse a primeira Câmara Municipal.

Até então, o território que passou a constituir a nova autarquia estava dividido em quatro concelhos, todos com as respectivas sedes na área de Paredes: Aguiar de Sousa, Baltar, Louredo e Sobrosa.

Aguiar de Sousa, o mais antigo e extenso dos concelhos, teve origem no julgado<sup>1</sup> medieval, e era composto, no início do século XIX, por 48 freguesias.

No entanto, a sua sede tinha sido transferida para o lugar das Paredes, freguesia de Castelões de Cepeda, conforme afirma o abade de Castelões de Cepeda, Manuel Silvestre Ferreira, na sua resposta às Memórias Paroquiais de 1758: «chamasse concelho de Aguiar de Souza por ter tido antigamente caza, e cabessa de concelho na freguezia de São Romão de Aguiar de Souza de quem tomou o nome; e por ficar no fim do concelho se mudou para esta freguezia que o medea». O território do concelho de Aguiar de Sousa abrangia a totalidade do concelho de Paredes, a maior parte de Paços de Ferreira e incluía freguesias de Lousada, Valongo e Gondomar.

1 Território sob a alçada de um juiz, integrado numa comarca.

2 Território que gozava de determinados privilégios, sendo propriedade de um nobre.

3 Território privilegiado, propriedade de um mosteiro ou diocese.

Com o triunfo do Liberalismo, em 1820, começa a ser desenhada uma reforma administrativa que, após várias vicissitudes, culmina, em 1836, com um mapa que é a base da nossa realidade actual.

Além dos concelhos, estavam implantadas as honras<sup>2</sup>, cujo território não era necessariamente contínuo e podia até ser bastante fragmentado.

As freguesias, apesar de estarem delimitadas como actualmente, não possuíam órgãos representativos, e, conseqüentemente, não tinham existência no plano administrativo. Uma freguesia podia pertencer a mais do que um concelho e ter parte ou a totalidade do seu território sob o domínio de uma honra. Na prática, havia situações em que moradores da mesma freguesia estavam sujeitos administrativa e judicialmente a entidades diferentes.

Apesar de já extintos, os coutos<sup>3</sup> perduravam ainda na memória colectiva, mantendo-se o uso desta terminologia para melhor identificação de lugares e propriedades.

A anarquia começa a reinar, com várias localidades surgindo como cabeça de concelho, um pouco ao sabor dos ventos, ora absolutistas, ora liberais.

É neste emaranhado de dependências administrativas que os Liberais tentam reorganizar o país. Com os avanços e recuos que caracterizaram aquele período, vários decretos foram publicados, alguns até contraditórios.

A partir de meados de 1834, são instaladas novas câmaras municipais por todo o país, que procuram uniformizar a administração local, na sequência da extinção das honras, e agrupando paróquias inteiras para constituir os novos concelhos.

É neste contexto que Baltar, Frazão, Louredo e Sobrosa ascendem ao estatuto de município, com casa da Câmara e órgãos próprios, tornando-se autónomos em relação ao velho concelho de Aguiar de Sousa.

De 48 freguesias, Aguiar de Sousa fica reduzido apenas a 14, com a agravante de ser territorialmente descontínuo, ficando dividido em dois núcleos.

Por sua vez, o concelho de Baltar, cuja Honra abrangia apenas a própria freguesia, passou a ser composto por nove freguesias dos actuais concelhos de Paredes e Valongo.

Louredo, para além das três freguesias que compunham a antiga Honra, consegue elevar o seu número para 11, estendendo-se pela zona oeste do actual concelho de Lousada, e incluindo ainda uma freguesia pertencente a Paços de Ferreira.

Já Sobrosa, a única localidade a deter então o título de vila, tinha a jurisdição da sua Honra sobre várias freguesias do actual concelho de Paços de Ferreira, ficando o novo concelho composto por 12 freguesias.

A Honra de Frazão, que apenas agregava Arreigada, além da própria freguesia, também ascende a concelho, ao qual se juntou a freguesia da Seroa, até então pertencente ao concelho de Refojos.

Paços de Ferreira (antiga Honra), Cete e Ferreira (antigos Coutos) tentaram igualmente formar novos concelhos, mas sem sucesso.

A Câmara de Aguiar de Sousa protestou imediatamente pelo facto de Baltar, Louredo e Sobrosa terem ascendido ao estatuto de concelho, considerando-as “meras honras”.

É curioso o facto de estes novos concelhos terem a sua sede numa freguesia situada num dos extremos do concelho, mas o mesmo se verificava em Aguiar de Sousa e se manteve em Paredes.

Com a reforma administrativa de Passos Manuel, em 1836, são suprimidos 497 concelhos, restando apenas 351. Esta reorganização afecta em igual proporção o território do antigo concelho de Aguiar de Sousa, que, a partir de 1834, passou a estar dividido em cinco municípios e, *grosso modo*, acaba por dar origem a dois concelhos: Paredes e Paços de Ferreira. O primeiro fica com 25 freguesias, todas provenientes do velho concelho, e o segundo com 17, das quais 16 provieram de Aguiar de Sousa, correspondendo, em grande parte, ao efémero concelho de Sobrosa.

Paredes e Paços de Ferreira são também os sucessores directos de Aguiar de Sousa e de Sobrosa nos livros de actas, continuando a usá-los para redigir as suas deliberações.

As restantes freguesias do antigo concelho de Aguiar de Sousa foram distribuídas pelos concelhos de Gondomar, Valongo e Barrosas. Lousada seria recriado em 1838.

Contrariamente aos restantes, Paredes tomou o nome do lugar onde ficou sediado e não da freguesia, Castelões de Cepeda.

O concelho de Paredes, aquando da sua criação, era constituído por 23 freguesias: Aguiar de Sousa, Astromil, Baltar, Beire, Besteiros, Bitarães, Casais, Castelões de Cepeda, Cete, Duas Igrejas, Gondalães, Lordelo, Louredo, Madalena, Mouriz, Nevogilde, Parada de Todeia, Rebordosa, Sobreira, Sobrosa,

No ano seguinte, com a recriação do concelho de Lousada, deixam de pertencer a Paredes as freguesias de Casais e Nevogilde, de acordo com o Decreto de 17 de Abril.

Em meados de 1850, a paróquia da Madalena é anexada eclesiasticamente a Castelões de Cepeda



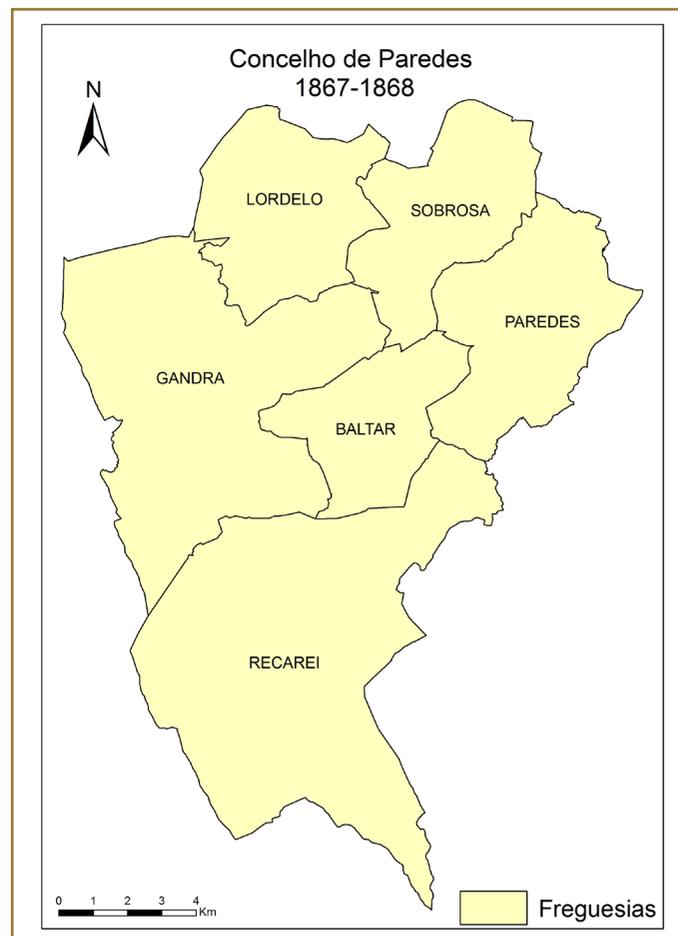
Mapa 1837

Vandoma, Vila Cova de Carros e Vilela. Importa ressaltar que a freguesia de Cristelo estava anexa à de Besteiros e que Recarei ainda não tinha sido desanexada da Sobreira.

Em termos de limites do concelho, comparativamente à situação actual, eram apenas diferentes em dois pontos, uma vez que Gandra não fazia ainda parte de Paredes e Nevogilde e Casais acabariam por transitar para Lousada.

Contudo, ao longo dos anos, ocorreram várias alterações à composição do concelho, sobretudo a nível interno, com a agregação e desagregação de freguesias.

Logo no primeiro ano de existência, a freguesia de Gandra transita de Valongo para Paredes, por Carta de Lei de 27 de Setembro de 1837.



Mapa 1867-1868

e, a partir de Janeiro de 1852, a Junta de Paróquia é também agregada à sede do concelho. Esta situação manteve-se até 1869, ano em que a Madalena recupera a sua autonomia.

Por Decreto Régio de 27 de Novembro de 1855, é criada a freguesia de Recarei, constituída a partir de lugares da freguesia da Sobreira. Desde então, não foi criada no território de Paredes qualquer nova freguesia por desagregação.

Entre 10 de Dezembro de 1867 e 14 de Janeiro de 1868, esteve em vigor a Lei da Administração Civil de 26 de Junho de 1867, que ficaria eternizada pela designação de «Código de Martens Ferrão», nome do Ministro dos Negócios do Reino que a promoveu.

O mapa final de divisão do território reorganizou o país em distritos e concelhos, criando a figura de paróquia civil.

Nesta reorganização administrativa, o território do

concelho de Paredes sofreu uma profunda alteração, graças à supressão dos concelhos de Paços de Ferreira e Valongo. No total, Paredes passa a integrar 31 paróquias eclesiásticas, agrupadas em 6 paróquias civis:

Baltar: Astromil, Baltar, Vandoma e Vila Cova de Carros;

Gandra: Campo, Gandra, Rebordosa e Sobrado;

Lordelo: Arreigada, Frazão, Lordelo e Seroa;

Paredes: Castelões de Cepeda (sede), Cristelo, Beire, Besteiros, Bitarães, Gondalães, Louredo, Madalena e Mouriz;

Recarei: Aguiar de Sousa, Cete, Parada de Todeia, Recarei e Sobreira;

Sobrosa: Duas Igrejas, Ferreira, Modelos, Sobrosa e Vilela.

Cada paróquia civil assumiu o nome da respectiva sede, excepto no caso de Castelões de Cepeda, à qual foi atribuído o nome da vila onde estava sediada, tal como se fizera com a denominação do concelho.

Apesar de vigorar durante apenas 35 dias, este novo mapa entrou em prática, como documentam as actas da Câmara Municipal de Paredes.

Após esta efémera alteração, o concelho de Paredes manteve os seus limites externos sem modificações, até à actualidade.

Por Decreto de 11 de Março de 1880, Astromil é anexada a Gandra, à qual permanece ligada até recuperar a sua autonomia, por Decreto de 4 de Julho de 1889. No entanto, por edital do Governo Civil do Porto de 26 de Março de 1896, Astromil volta a ser agregada a Gandra.

A desanexação definitiva apenas ocorre com a publicação do Decreto-Lei n.º 37056, de 11 de Setembro de 1948.

A freguesia de Cristelo, anexa a Besteiros já antes da criação do concelho, conquista a sua autonomia apenas durante a I República, de acordo com a Lei n.º 605, de 15 de Junho de 1916.

Na sequência da reorganização administrativa do território das freguesias, consagrada pela Lei n.º 11-A/2013, de 28 de Janeiro, foi recriada a freguesia de Paredes, desta feita pela agregação de Besteiros, Bitarães, Castelões de Cepeda, Gondalães, Madalena, Mouriz e Vila Cova de Carros, com sede em Castelões de Cepeda.

A instalação da nova freguesia ocorreu em Outubro de 2013, com a tomada de posse dos respectivos órgãos, ficando o concelho de Paredes composto por 18 freguesias.

#### **Bibliografia:**

##### **Fontes impressas:**

BARREIRO, José do (1922) - *Monografia de Paredes*. Porto: Tipografia Mendonça (a Vapor) de Laura Couto & Pinto.

BARREIRO, José do (1924) - *Monografia de Paredes: Correções e Acrescentos*. Porto: Papelaria e Tipografia de Barros & Costa.

COELHO, Manuel Ferreira (1990) - *Monografia do Concelho de Paredes - 2 - Freguesia de Astromil*. Paredes: Câmara Municipal de Paredes.

SILVA, Henrique Dias da - *Reformas Administrativas em Portugal desde o Século XIX*.

SILVA, Ivo Rafael Gomes da, et al. (2008) - «VILLA RECAREDI» - *Estudo Histórico e Etnográfico da Freguesia e Paróquia de Recarei*. Recarei: Junta de Freguesia de Recarei.

##### **Fontes manuscritas (Arquivo Municipal de Paredes):**

Arquivo Municipal de Paredes - *Actas da Câmara Municipal de Aguiar de Sousa*.

Arquivo Municipal de Paredes - *Actas da Câmara Municipal de Paredes*.

Arquivo Municipal de Paredes - *Livros de Registo dos Testamentos do Concelho de Baltar*.

Arquivo Municipal de Paredes - *Livro de Registo dos Testamentos do Concelho de Louredo*.

Arquivo Municipal de Paredes - *Livro de Registo dos Testamentos do Concelho de Sobrosa*.

Arquivo Municipal de Paços de Ferreira - *Actas da Câmara Municipal de Sobrosa*.

##### **Fontes Electrónicas:**

Arquivo Distrital do Porto - <http://pesquisa.adporto.pt>.

Arquivo Histórico Parlamentar - <http://ahpweb.parlamento.pt>.

Arquivo Nacional/Torre do Tombo - <http://digitarq.arquivos.pt>.

Assembleia da República - <http://www.parlamento.pt>.

Debates Parlamentares - <http://debates.parlamento.pt>.

Diário da República/Diário do Governo/Diário de Lisboa/Colecção de Legislação - <http://dre.pt>.

##### **Cartografia:**

Fábio António Barbosa de Barros.

# CAMINHOS DE SANTIAGO

## POSSIBILIDADE DE UM ANTIGO TRAÇADO TER EXISTIDO EM PAREDES

João Vieira, Peregrino



Desde o século X, o Caminho de Santiago é uma importante via de transmissão de religiosidade e cultura. O legado deixado pelo movimento de peregrinos em direção a Compostela permite-nos possuir um património valiosíssimo de diferentes culturas e de aproximação de povos. O Conselho Europeu, a 23 de outubro de 1987, declarou o Caminho de Santiago como o primeiro "Itinerário Cultural Europeu" e, em 1993, a UNESCO elevou-o a Património da Humanidade.

### QUEM ERA SANTIAGO

A vida e morte de Santiago andou sempre envolvida no estudo da história, nas lendas, nos mitos ou nos milagres, pois são tantos os relatos que chegaram até aos nossos dias.

Tiago era filho de Zebedeu e de Salomé e irmão de João Evangelista. Nasceu em data incerta em Betsaida, na Galileia. Juntamente com o seu irmão, João e o apóstolo Pedro, foram os primeiros a abandonarem tudo para seguirem Jesus, como seus discípulos. Entre os doze, são estes três os mais próximos de Cristo, estando presentes nos principais momentos do seu mestre.

Depois da morte de Jesus, Tiago rumou à província romana da Hispânia<sup>1</sup>, em missão apostólica. Foi

enviado para a região noroeste peninsular, ou seja, para o fim do mundo conhecido na época, *finis terrae*, o fim da terra. Contudo, a sua passagem por estas terras não teve a glória esperada e as dificuldades de evangelização dos povos pagãos fez com que ele caísse em desânimo. Num desses momentos, já em César Augusta<sup>2</sup>, Tiago recebeu milagrosamente<sup>3</sup> a visita de Maria, mãe de Jesus, com uma mensagem de refocilamento. Essa aparição permitiu a Tiago, juntamente com um pequeno grupo de seguidores, não esmorecer para prosseguir com a mensagem de Cristo.

Regressado à Terra Santa, no ano 44, foi capturado e decapitado por ordem de Herodes Agripa, neto do famoso rei Herodes. É a primeira morte de um discípulo de Cristo e a única que vem relatada na Bíblia (Atos 12:1-2) "*Ele fez perecer pelo fio da espada Tiago, irmão de João*". O seu corpo foi lançado para fora das muralhas da cidade de Jerusalém e dois dos seus seguidores, Teodoro e Atanásio, recolheram-no e colocaram-no dentro de uma barca sem leme que, miraculosamente, atravessou todo o mar Mediterrâneo, passou pelas Colunas de Hércules e subiu a costa da Lusitânia.

Ao chegarem a Iria Flávia, hoje Padrón, na Galiza, Teodoro e Atanásio foram ao encontro da rainha Lupa, senhora daquelas terras, a pedirem autorização para sepultarem o seu mestre. Esta, zombando deles, mandou-os buscar dois touros para atrelar um carro. Depararam-se com dois touros bravos que, ao sinal da cruz, amansaram e iniciaram o transporte do corpo de Tiago até ao bosque de Libredón, precisamente onde atualmente está edificada a Catedral.

A sepultura acabou esquecida por oito séculos até que, numa noite, um eremita chamado Pelayo, que vivia em pleno bosque, na capela de San Félix de Solovio, hoje absorvidos pela malha urbana da cidade de Compostela<sup>4</sup>, viu estrelas no bosque que resplandeciam e pareciam indicar algo. Buscando a

1 Península Ibérica.

2 Hoje Saragoça, Espanha.

3 Este milagre é conhecido por bilocação, ou seja, quando uma pessoa em vida aparece noutra local distinto.

4 O topónimo Compostela deriva do latim "*Campus Stellae*" - campo de estrelas.

sua origem, encontrou três ataúdes e avisou o bispo, Teodomiro de Iria Flávia que, por sua vez, informou o rei Afonso II das Astúrias e, aí, atestaram que a 25 de julho de 813 apareceram os restos mortais do Apóstolo Santiago. Sobre o seu túmulo foi construída uma ermida que o Românico fez crescer, o Gótico elevou-a e, por fim, o Barroco deu-lhe a monumentalidade que hoje a Catedral oferece.

Assim diz a tradição.

## O CAMINHO

Na Idade Média e Moderna a rede de caminhos era muito mais intrincada e complexa como hoje a conhecemos na Idade Contemporânea. Desde sempre os peregrinos tentavam aproveitar os atalhos já existentes, como as vias romanas ou as congostas. A maior parte das vezes, caminhavam a direito pelos campos<sup>5</sup> ou a meia encosta, para evitar os declives. Os peregrinos abastados faziam-se acompanhar por criados, com carros puxados por cavalos e pernoitavam em estalagens. Os mais pobres caminhavam isolados, seguindo por trajetos mais curtos para não prolongarem os dias e peregrinavam debaixo de caridade. Era uma das obras de misericórdia “dar pousada aos peregrinos”.

Durante anos este fluxo de caminhantes provocou a abertura de estradas e de caminhos, principalmente entre mosteiros. Na Idade Média, os mosteiros tinham uma grande importância para quem peregrinava, pois provisionavam alojamento e tratavam do corpo e da alma dos caminheiros. No fundo, davam hospitalidade.

Posteriormente, foram edificadas ermidas e capelas para quem quisesse orar, repousar ou abrigar-se. Se a motivação fosse prostrarem-se perante os restos mortais de Santiago, porque não dedicar uma capela ao apóstolo nos caminhos por onde passavam os peregrinos?



Capela de São Tiago

No alto da serra de São Tiago, a norte do concelho de Paredes, encontramos uma capela homónima, outrora uma ermida, benzida no ano de 1021, que, passados cinco séculos, sofreu uma remodelação, ficando com o aspeto idêntico ao atual.

A falta de documentos a comprovar se, de facto, era um local por onde passavam peregrinos a caminho de Compostela não impediu que se questionasse a possibilidade de por ali ter passado um caminho jacobeu. Seguramente não seria um trajeto principal, mas um “subcaminho”. Neste sentido, a observação de vários elementos iconográficos relativos a peregrinações nos seus arredores e também a sua localização geográfica levou a que se indagasse este conjunto de indícios de um culto que se alastrou, motivando a vontade de ganhar indulgências, pagar promessas ou... cumprir pena como castigo.

Um trabalho importante sobre as “Vias Portuguesas de Peregrinação”, publicado por Humberto Baquero Moreno, na revista da Faculdade de Letras do Porto, diz-nos “*Apresentando-se intenso o movimento dos peregrinos através das vias de comunicação existentes na região de Entre-Douro-e-Minho, menor se mostrava o ritmo de passagem dessas gentes pelas terras de Trás-os-Montes*”.

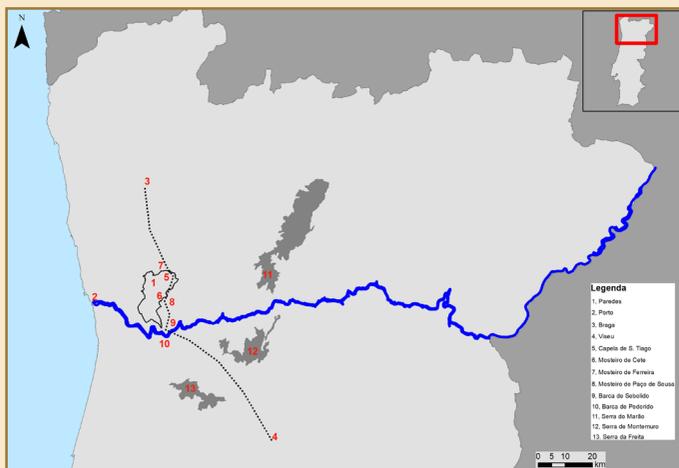
Geograficamente, estamos na província histórica do Entre-Douro-e-Minho, uma região de ligação entre eixos importantes de interesse religioso, senhorial e comercial.

É uma região fértil e de clima ameno durante as várias estações do ano e para quem vinha da região centro, como Viseu e pretendia alcançar Braga para depois rumar a norte, evitaria os extremos climáticos do interior duriense e não percorreria grandes distâncias. Outra diferença entre estas duas regiões é o terreno ser mais agreste na zona interior, aproveitando-se, assim, o corredor natural NO/SE entre a serra da Freita e a serra de Montemuro e evitando-se a do Marão.

A travessia do rio Douro poderia ser efetuada pelas barcas de Pedorido ou Sebolido onde depois irão surgir nas proximidades, além de vários topónimos, paróquias cujo orago é São Tiago. Casos de Valpedre, de Capela ou de Fonte Arcada, que são um forte testemunho da existência de rotas de peregrinações.

Entre a zona centro e a cidade de Braga foram vários os mosteiros edificadas e na região do Sousa encontram-se, entre outros, os mosteiros de Cete, de Paço de Sousa e ainda o de Ferreira, todos com fundação atribuída no século X.

<sup>5</sup> Peregrino, do Latim “*per agros*” - pelos campos.



Mapa

Estas estruturas eram essenciais para os peregrinos e ficavam no itinerário a ser percorrido junto à Capela de São Tiago.

No mosteiro de Ferreira, inclusive, localizou-se uma peça de escultura funerária com uma estátua jacente onde um nobre aparece vestido com trajes de peregrino e bordão<sup>6</sup>, sinal de que por ali se peregrinava.

Outras evidências de rotas de peregrinações estão na própria capela de São Tiago ou junto dela.

Na padieira da porta principal, está uma pedra siglada onde existe um alto-relevo e, já com alguma dificuldade, vêem-se duas vieiras e o que parece ser um bordão. Junto à mesma capela, encontra-se uma fonte de água com três bicas.

Este é um elemento indispensável para quem caminha e é curiosa a sua construção, pois encontra-se a uma cota mais baixa que o adro da capela, tendo de se descer alguns degraus para alcançar a água.



Alto relevo na padieira da porta da capela de São Tiago

Como refere o Dr. José do Barreiro, na monografia de Paredes: “Junto à capela de Santiago há ainda hoje as ruínas de casas, que parece seriam de pouca importância, e junto vedações, certamente de antigos quintais. Há quem suponha que não eram senão estalagens junto à via romana que subindo de Beire para Ferreira, ali passe e naquele ponto da capela para cima, está ainda bem conservada. Hoje quasi que não teem trânsito”. As estalagens só eram construídas onde houvesse circulação de pessoas, sendo fundamental a sua existência para os viandantes poderem pernoitar.

A singularidade e as características dos trajetos utilizados para a peregrinação a Compostela deverão ser objeto de reflexão, para se compreender o legado do património existente e levantar a hipótese de que aqueles que queriam lá chegar também tivessem de atravessar o concelho de Paredes.

O objetivo destas pesquisas leva a que se caminhe por um *trilho* carregado de dúvidas e incertezas. A análise de fontes não é apenas uma experiência empírica, mas também o conhecimento teórico do conteúdo.

Sem respostas definitivas, deixa-se aqui, em aberto, o levantamento e o estudo aprofundado deste tão controverso tema da iconografia religiosa da Península Ibérica, para a compreensão do passado e do presente, criando expectativas em relação ao futuro.

#### Bibliografia:

ADRIÃO, Vítor Manuel - *Santiago de Compostela* (Mistérios da Rota Portuguesa). Lisboa: Dinapress, 2011.

ALMADA, Lourenço de - *A Caminho de Santiago - Roteiro do Peregrino*. Porto: Lello Editores, 2000.

BARREIRO, José do - *Monografia de Paredes*. Porto: Tipografia Mendonça, 1922.

MATTOSO, José et al. - *Estudos Medievais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

MORENO, Humberto Baquero - Vias portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média. “*Revista da Faculdade de Letras. História*”. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série II, Vol. 3 (1986), p. 77-89.

PINTO, José - *Sobrosa - História e Património*. Sobrosa: Jornal de Sobrosa, 2007.

ROSAS, Lúcia Maria Cardoso et al. - *Românico do Vale do Sousa*. S/l: Rota do Românico do Vale do Sousa, S/d.

#### Fotografia:

Acervo Pessoal

#### Infografia:

Luis Carvalho

<sup>6</sup> São várias as estátuas jacentes onde os peregrinos estão representados, como é o caso da rainha Santa Isabel, com o hábito de Clarissa, mas também com o bordão e o bernal, referente às suas peregrinações a Santiago de Compostela.

# A COMPLEXIDADE DA HISTÓRIA ANTIGA DO MOSTEIRO DE CETE

ELEMENTOS DE ACERVO DAS FAMÍLIAS PATRONAIS  
GONÇALO OVEQUES E DIOGO GONÇALVES

Manuel Ferreira Coelho, Etnógrafo

*À memória de J. Barbosa Pinto*



Fotografia de Armando Moreira "Marco"

## Pequena introdução

O autor do livro intitulado *Mosteiro de Cete - Monumento da sua história*, José Barbosa Pinto, é credor de toda a nossa consideração e respeito pela obra que elaborou acerca do único edifício classificado como "monumento nacional", que é a igreja do velho mosteiro beneditino de Cete, no concelho de Paredes. Editado em Braga, no mês de Fevereiro de 1972, é fruto de um intenso trabalho de investigação e é a primeira obra histórica dada a lume sobre um mosteiro com muitas referências em diversas publicações enciclopédicas, mas a que faltava um trabalho conjunto. Barbosa Pinto merece referência elogiosa, quer pela qualidade, quer pela quantidade e variedade da informação útil carreada e disposta com a maior probidade.

Barbosa Pinto, que não ligava a honrarias, também nada pedira à freguesia de Cete, onde nasceu e gostava de dizer que era onde gostava de ficar para sempre, vontade que lhe foi negada, para espanto dos

seus mais próximos amigos e admiradores.

Na rubrica sobre a fundação do mosteiro de Cete, Barbosa Pinto refere: "Todos gostaríamos de saber, com certeza, não só quem fundou o mosteiro de Cete, mas também como e quando isso teria acontecido. E, tal como sucede em muitos outros casos, não será fácil prever que venhamos a sabê-lo. Por um lado, a distância do tempo e a conseqüente dificuldade de chegarmos até ao momento inicial da história dum mosteiro, cujo valor e interesse dependem também do próprio tempo; por outro lado, a facilidade com que os homens esquecem, desprezam ou até destroem as obras mão alheia. Apesar de tudo, se é verdade que, ao considerar isoladamente o caso de Cete, encontramos ao longo da sua história não poucos pormenores que nos levam a ter pena, também é verdade que, numa consideração comparativa com outros mosteiros, mais ou menos contemporâneos do de Cete, temos de concluir que poderia ter sido mais doloroso, mas nunca o mal alheio poderá ser motivo de consolação".

Ainda dentro da rúbrica “Fundação”, Barbosa Pinto sobre quem fundou o mosteiro de Cete considera que: “À base dos documentos conhecidos, não é possível chegar a uma conclusão”, resumindo, no final das considerações várias, a sua posição sobre a matéria, assim: “A nossa hipótese de trabalho é a seguinte: não será a senhora de nome Cety (este nome aparece ainda em outros documentos de doações) um dos antepassados da família Cendoniz?” Acrescentando, ainda: “Será possível que esta pergunta venha, um dia, a ter uma resposta afirmativa?”

Poderá, no futuro, trabalhar-se esta e outras hipóteses, num cenário de maior fôlego, mas, de momento, a nossa intenção é acrescentar elementos noticiosos respeitantes às famílias patronais de Cete, especialmente no que diz respeito a Gonçalo Oveques e sua descendência, para lá do que já tem sido noticiado.

Gonçalo Oveques e a freguesia de Vinhó, no concelho de Gouveia.



Fotografia de Armando Moreira “Marco”

O notável investigador beiraltino António Carreira Coelho descreve a freguesia de Vinhó, em 2004, por esta forma: “Vinhó é uma freguesia do concelho e comarca de Gouveia, distrito e diocese da Guarda, situada num ramal de estrada para as freguesias de Nespereira, Moimenta da Beira e no caminho para a

freguesia de Lagarinhos, na margem direita do rio Torto, afluente da margem esquerda do Mondego, na cabeceira a várias ribeiras tributárias”.

Nunca pensou o rei Afonso III, o Bolonhês, na sua Inquirição de 1258, para inventariar o património real, nos seria tão importante, historicamente falando, para o presente.

Nas referidas “Inquirições”, Vinhó já era citado na “terra” de Gouveia, que *“Vinoo est cautata per padrões per regem Alfonsum veterem (Afonso, o velho – D. Afonso Henriques) et quitavit eam Gunsalvo Unguiz”*, i. e., Vinhó está delimitado por padrões por D. Afonso Henriques que a desonerou a Gonçalo Oveques/Ovequiz (o apelido desde a origem, está com certeza em grafia mal decifrada, porquanto tratar-se-á de *“hereditas”* nos descendentes de Gonçalo Ovequiz, um nobre do século XI, que veio do território de Entre Douro e Minho (após a destruição por Almoçor do mosteiro de Cete que Oveques ali havia fundado) até aos limites do condado, onde se estabeleceu como companheiro de armas do Conde D. Henrique (1087-1114), contendo e combatendo os almorávidas e por aqui terá ficado o senhor do Couto”.

Carreira Coelho acha que a estirpe da honra de Vinhó terá prevalecido nos descendentes da linhagem de Ovequiz até ao século XIV. Nesta altura, ou por linhagem (casamentos na estirpe originária da honra de Gonçalo Ovequiz), ou por doação, Afonso Gomes da Silva era, na altura, senhor de Vinhó que andava na estirpe “da Silva”, por onde nos ficamos.



- Diogo Gonçalves e a freguesia de Marmeleiro, no concelho da Guarda.

Personagem notável, companheiro de D. Afonso Henriques, era filho de Gonçalo Oveques, que reconstruiu o mosteiro de Cete, em 967. Casou com D. Urraca Mendes, irmã de Fernão Mendes de Bragança, cunhado de Afonso Henriques.



Fotografia de Armando Moreira "Marco"

Marmeleiro é uma povoação e freguesia do concelho e comarca, distrito e diocese da Guarda, situada numa região acidentada da margem esquerda do rio Coa e direita do Noémi, a 800 metros de altitude.

Diogo Gonçalves, "dito do Marmeleiro", senhor da Quinta do Marmeleiro, foi pai de Afonso Gonçalves do Marmeleiro e avô por este filho de Pedro Afonso ou Gonçalo do Marmeleiro, casado com D. Inês Alves de Moura e teve geração que continuou com o apelido.



## Apêndice

Ao alargar-se horizontes é pena que não se possa responder à altura do nosso povo, acerca do antes e depois da nacionalidade no que se respeita às origens do mosteiro de Cete e por quem foi fundado, já que na história mais ou menos oficial só se encontra um reedificador – Gonçalo Oveques – no século XII. Neste ínterim, há muito a investigar, ainda, relacionado com várias áreas do saber, decorrentes da antroponímia e toponímia, etc., indo pelas famílias *Ceidoneses* ou *Ceidonises* a caminho de Cete, as patronais, que será a via mais segura para chegar ao princípio ou, certamente, ficar muito próximo de tal.

Já com Gonçalo Oveques e a reedificação do mosteiro, há, também, muita coisa espalhada e sem um trabalho aturado não será, tanto tempo decorrido, concluir através dos seus descendentes, já que este é casado, segundo uns, com D. Urraca Mendes, da linhagem dos Braganções e, outros dão a esta senhora casada com o filho daquele, que é Gonçalo Oveques. Ora alguém concluía que foi bispo de Vendome, cavaleiro templário, que conquistou aos mouros imensas terras, o que lhe valeu a alcunha de Valente e que teve, também, o senhorio da quinta de Almourol e da quinta dos Valentes, na região de Lisboa, detendo, mais, o cargo de Procurador da Câmara de Lisboa, Juiz dos feitos da Fazenda e conselheiro da Casa Real.

E tanto que há, ainda, por apurar!

# O FORAL MANUELINO DA HONRA DE SOVEROSA

**Alcina Manuela de Oliveira Martins**

Professora Catedrática da Universidade Lusófona do Porto e investigadora integrada do CeIED<sup>1</sup>



## 1. Introdução

A 15 de outubro de 1519, D. Manuel outorga uma carta de foral à Honra de Soverosa. Sob o

ponto de vista geográfico, a Honra, com sede em Sobrosa, estava distribuída por algumas freguesias dos concelhos de Paredes e ainda pelas freguesias dos concelhos de Paços de Ferreira e Lousada. Se tivermos em atenção que tanto as honras como os coutos tiveram a sua génese no contexto da Reconquista, enquanto comunidades autossuficientes e autogestionárias, dependentes unicamente da entidade fundadora, rapidamente poderemos compreender que este documento foraleiro, outorgado por D. Manuel, foi muito importante para a região. Todavia, para a Honra atingir esta territorialidade, tal como delimitada no foral, muitos séculos passaram, numa

continuidade de senhores nobres, ordens monásticas e gente do povo, que se sucederam e contribuíram para o seu engrandecimento.

Recuando no tempo, no julgado de Aguiar de Sousa, durante o século XII e princípios da centúria seguinte, vamos encontrar famílias ligadas aos Sousa, Maia, Barbosa, Tougue, Riba de Vizela e Soverosa. Nesta altura, a sua implantação na região reduzia-se a um esforço de conservação ou reconquista de posições

alcançadas durante a Reconquista. No caso concreto dos Soverosa, esta família, originária da Galiza, tinha como figura central o Conde D. Gomes ou D. Pedro de Sobrado. Porém, é com um seu bisneto, Vasco Fernandes “Cativo” que, ao casar-se com D. Teresa Gonçalves de Sousa, filha de D. Gonçalo de Sousa, obtém, entre outros bens, a “honra feita na freguesia de Sobrosa”. A partir daqui, esta família vai adotar este nome, transformando-o em apelido da família e dando, assim, origem aos Soverosa. Estes passarão a ocupar, durante duas gerações, cargos decisivos na Cúria, como o de alferes e o de mordomo. Por várias razões, a sua linha varonil vem a desaparecer, recaindo na linha feminina, chegando, assim, a João Afonso Telo, 1º Conde de Barcelos, e passando, muito mais tarde, para as mãos dos senhores de Vila Real, não sem antes ter sido pertença dos Cunhas. E é nesta altura, sendo senhor da Honra de Soverosa D. Fernando de Meneses, Marquês de Vila Real, que o Venturoso, a 15 de outubro de 1519, outorga a carta de foral.

## 2. O foral Manuelino da Honra de Soverosa

A reforma dos forais, a par do avanço na centralização dos poderes régios, trazia a intenção de se proceder à regularização da propriedade e dos direitos que a coroa detinha nos diferentes locais, com a intenção de clarificar os direitos senhoriais, cada vez mais difíceis de controlar, por falta de fiscalização régia, como acontecia nos municípios. Pelas inúmeras queixas apresentadas em cortes, D. Manuel, a exemplo, aliás, dos seus antecessores, apercebeu-se de que cada senhorio introduzia alterações importantes nos forais antigos, recorrendo, se necessário, à rasura, falsificação ou entrelinhamento, para exigir “legalmente” imposições à margem dos valores

<sup>1</sup> Por uma questão deontológica, esclarecemos, desde já, os leitores de que, na elaboração deste texto, utilizamos largamente os resultados da nossa investigação levada a cabo sobre o Foral da Honra de Soverosa.

consuetudinários. A própria linguagem utilizada nos documentos, escritos maioritariamente em latim, revelava-se agora incompreensível e obsoleta. Embora uma das grandes preocupações da coroa passasse por garantir a sua intervenção em terras imunes, recorrentemente essas cartas de foral não passavam de listagens de foreiros e rendeiros, com o registo dos direitos a pagar.

E é exatamente uma longa lista com o nome dos foreiros e das terras que lavravam, bem como dos possidentes das propriedades, que iam de pequenos proprietários particulares a ordens religiosas e ao Cabido de Coimbra, que vamos encontrar no registo do foral da Honra de Soverosa.

Embora por norma, fossem redigidas três cartas de foral, “uma para o senhorio, outra para o concelho e outra para a Torre do Tombo”, no caso concreto da Honra de Soverosa apenas foram redigidos dois exemplares: um para o senhorio, neste caso o Marquês de Vila Real, e outro para a Torre do Tombo. Realizada uma pesquisa exaustiva pelos diversos arquivos públicos, vim a verificar que, infelizmente, não se conhece o paradeiro do exemplar do códice pergamináceo entregue ao senhorio, restando apenas o exemplar que se encontra na Torre do Tombo. Perante esta realidade, para além do registo do foral, foi a análise aprofundada do auto da inquirição, realizado a 23 de maio desse ano de 1519, que nos serviu de suporte para a investigação. É sobretudo com este manuscrito, repleto de informação, dos inícios do século XVI, que conjuguei o passado com a memória, desvendando a história dos homens que habitavam nesta Honra.

A Honra de Soverosa foi visitada pelos agentes régios, com o intuito de ouvir os moradores e os representantes do senhorio, ficando disso testemunho no texto do foral. De facto, logo no título da carta foraleira vem referido: “*Foral da honrra da Souverosa dado pellas Imquiriçooens*”. Isto é, o foral manuelino foi elaborado a partir da inquirição preparatória, “*que he demtro na homrra de Souverossa do senhor marques*”.

A grande novidade, trazida pelo Auto da inquirição e que não aparece referida no registo do foral, é que a Honra comportava uma organização “para-concelhia”, isto é, a sua vida administrativa, judicial, fiscal e

até social era semelhante à realidade vivida nos concelhos dependentes do poder central. Ficamos, assim, a saber quem eram os oficiais constitutivos do *concelho*: 2 juizes ordinários (que julgavam a maior parte das causas em primeira instância), 2 vereadores, 1 procurador (que representava o *concelho* nas mais variadas matérias) e ainda os homens-bons da sociedade local, todos moradores na Honra. Foi-nos igualmente facultada informação sobre os representantes da autoridade senhorial. Temos conhecimento da existência de 1 meirinho, cuja função era a de executar prisões, citações, penhoras e mandatos judiciais, 1 porteiro (que muitas vezes desempenhava a função de pregoeiro), 1 ouvidor, que assistia o senhor como instrutor dos processos e seus assessores, quando no exercício das suas atribuições e, finalmente, 1 almoxarife, que estava encarregue da cobrança e arrecadação dos tributos. Paralelamente, na Honra havia ainda 2 tabeliães da terra.

O edifício da câmara, muito provavelmente, estava localizado no lugar da Sardaça, não por informação do manuscrito, mas porque era aqui que se encontrava o pelourinho e a forca. Ora, sabendo nós que, a partir do século XII, os pelourinhos eram sempre colocados em frente ao edifício da câmara, há um claro indício de que esta estava sediada neste local.

O Marquês de Vila Real era senhor de jurisdição cível e crime na Honra. Pela leitura do auto da inquirição, ficamos a saber os trâmites da aplicação das penas de sangue e de arma e das “forças”, e os quantitativos a arrecadar, num jogo de poder entre o estabelecido como lei pelo Marquês e a tentativa régia em clarificar e regularizar os direitos senhoriais. As testemunhas da inquirição preparatória queixavam-se de que, se no passado as receitas provenientes das multas criminais revertiam, na totalidade, para o concelho, a fim de suportar as suas despesas, há cerca de 16 anos, o Marquês tinha decidido que o concelho só receberia metade da receita, revertendo a outra metade “*pera sua chancelaria*”, isto é, para os seus cofres.

Paralelamente, as testemunhas identificam alguns casos de pagamento de foros sem saberem sobre o que incidiam e que estes tinham sofrido um aumento exponencial, nos últimos 14 ou 15 anos. Se antes pagavam 5 reais, passaram a pagar 9 reais e, quando pagavam 9 reais, passaram a pagar 18 reais. A propósito desta reclamação, o almoxarife do Marquês

referiu que “dita demasya era pelas leiras”, sendo o seu foro entregue “de Sanjoaneyras” e que “recebya de todos e de cada huum os ditos foros”, a partir do S. João até ao S. Miguele e, às vezes, até ao Natal. Um aspeto curioso tem a ver com o facto de, por “erro” inscrito no Registo do foral, no qual o termo “Sanjoaneiras” se apresenta com a nomenclatura de uma freguesia, ter sido através da leitura da inquirição preparatória que descobrimos estar perante um tributo, registado sob o título de “*Freajamundi de Sanhoaneiras*”.

Sabendo nós da preocupação do monarca em acabar com alguns dos abusos perpetrados ao longo dos anos na Honra, é determinado, na carta de foral, que não mais poderia haver mudanças e aumentos na arrecadação dos foros e das penas, proibindo ainda a recolha da pena de sangue, tanto mais que, neste caso, era considerado um abuso, pois nunca lhe fora permitido cobrar tal montante. Porém, já quanto à pena de arma, isto é, aos delitos praticados com armas, esta deveria continuar a ser entregue ao meirinho do Marquês, no valor de 200 reais e a perda da arma.

Depois de concluído todo o processo, o escrivão régio notificou o Marquês, na pessoa do seu almoxarife na Honra, de todas as deliberações tomadas. O Marquês, que na altura estava em Vila Real, teria 20 dias para, na sua “corte”, analisar “*justificação do dicto foral*”.

No que concerne às propriedades ligadas às ordens religiosas, de todos os mosteiros sobressai o de S. Pedro de Ferreira, o que não é de estranhar, uma vez que o respetivo couto ficava nos domínios da Honra de Soverosa. Temos ainda mosteiros que, estando localizados na zona limítrofe da Honra, naturalmente eram detentores de casais, neste espaço geográfico. É o caso de Santo Estevão de Vilela, Paço de Sousa e S. Pedro de Cete. E outros havia que, embora mais afastados, partilhavam também a posse da terra, como o mosteiro de S. Domingos de Guimarães, Santo Tirso, Leça do Balio e Arouca. Mas aqui também detinham propriedades o Cabido de Coimbra, pequenos proprietários particulares e a gafaria de Alfena.

E sobre todas estas propriedades, o Marquês recebia um total de 1303 reais, 7 aves de capoeira, 18 ovos e 30 alqueires de milho.

A propósito das propriedades do Marquês na Honra de Soverosa, e embora as testemunhas atestem a sua existência, nos *itens* das freguesias, em momento algum se enumeram as suas propriedades. Será que não interessava ao Marquês identificar, perante a coroa, as suas propriedades? Esta questão, para já sem resposta, poderá desvendar o poder da Casa Senhorial dos Marqueses de Vila Real, detentora de uma chancelaria própria. Se recorrermos à informação contida nas Inquirições de 1258, só na freguesia de Sobrosa, o seu senhorio (na altura os de Soverosa) era detentor de 28 casais e na de Freamunde de 27 casais. Em Carvalhosa detinha 6 casais e número igual em S. Pedro de Ferreira. Mas, igualmente, tinha propriedades em Eiriz (4), em Gondesende, Figueiró e Sousela (1casal cada), Lamoso e Sanfins (2casais cada), o que perfazia um total de 78 casais. Por que motivo nenhuma destas propriedades foi referida?

### Conclusão

Feito este pequeno périplo pelo passado, no qual se cruzaram gentes que trabalham a terra e que pagaram os seus tributos, não só ao Marquês, como senhor do domínio total da Honra (e foi-o, pois até detinha a jurisdição crime - a que abrange os crimes de sangue - da qual era raríssimo os monarcas abrirem mão), mas também aos possidentes das propriedades. Gentes que entregaram a sua vida ao cultivo da terra e que deram nome à Honra de Soverosa.

Volvidos 500 anos, a outorga do foral manuelino à Honra de Soverosa não só homenageia as gentes do passado como enriquece, culturalmente, as gentes do presente, constituindo um marco importante para a história local da freguesia.

### Fontes:

Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
Livro 43 da Leitura Nova (*Livro dos Forais Novos de Entre Douro e Minho*): Registo do Foral da Honra de Soverosa, fls 12v a 14v.

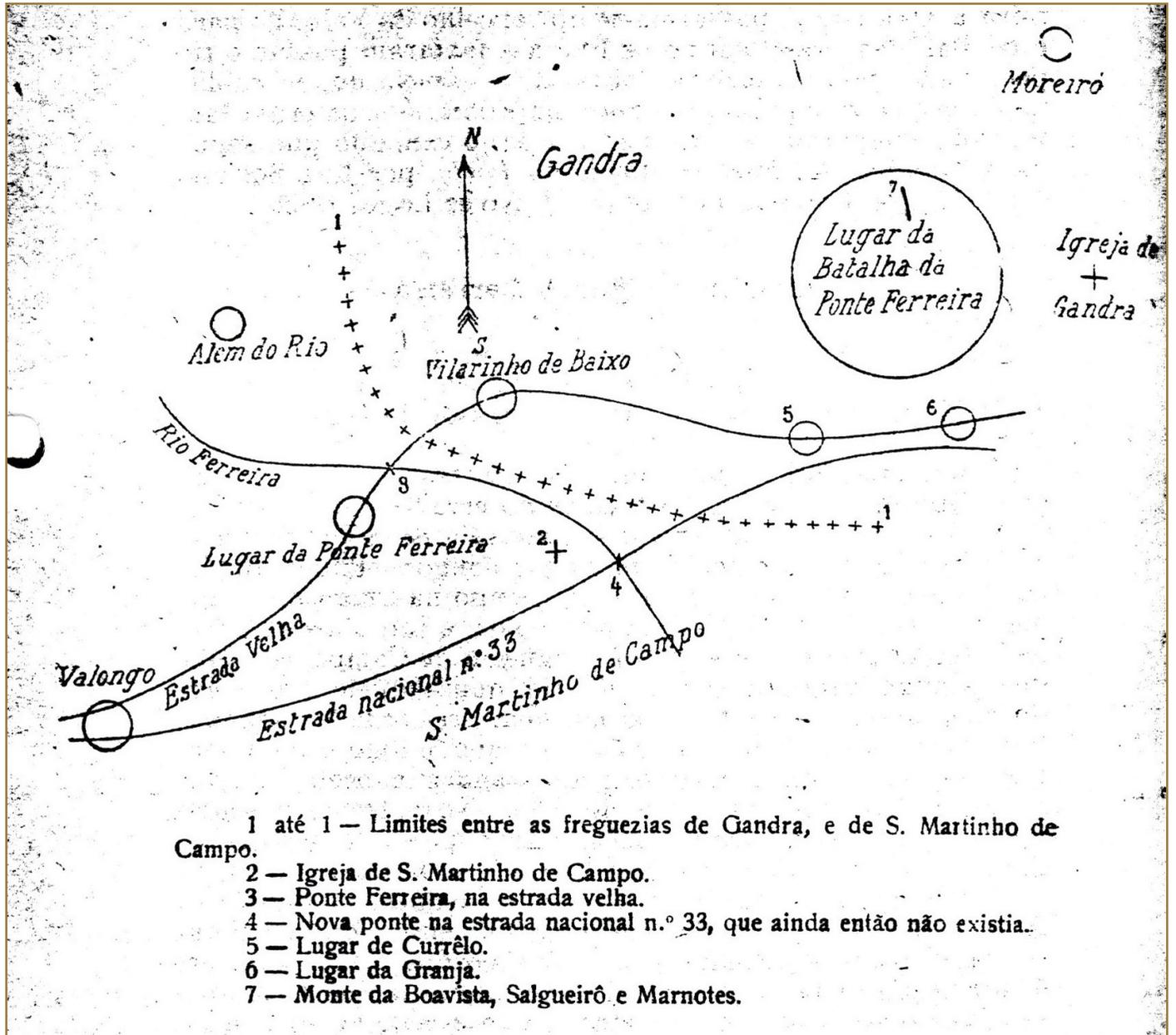
### Gavetas:

Gaveta 20 maço 12, nº 37 (*Processo pera o foral de Soverosa*).

# BATALHA DE PONTE FERREIRA

## ALGUMAS REIVINDICAÇÕES E OUTRAS DESIGNAÇÕES

Paulo Caetano Moreira, Licenciado em História, Mestre em História e Património



Esboço de Manoel António Nogueira da Rocha, professor de Gandra (In BARREIRO, 1922, 396).

Durante o período das Lutas Liberais, a 23 de julho de 1832, ocorreu a batalha de Ponte Ferreira, sendo esta «a primeira grande batalha do cerco do Porto e da guerra civil que ocupou as tropas e a sociedade portuguesa, entre 1832 e 1834» (MOREIRA 2012, 64).

O desembarque das tropas liberais, lideradas por D. Pedro IV, em Arenosa de Pampelido, mais

propriamente na atual praia da Memória, situada a norte de Matosinhos, na tarde de 8 de julho, do referido ano de 1832, precipitou o abandono da cidade do Porto por parte do exército absolutista, sob as ordens do marechal de campo, general visconde de Santa Marta, apoiante de D. Miguel. Depois de alguns recontros, nos dias seguintes, entre as duas facções, a 22 de julho, dar-se-ia o Reconhecimento de Valongo, escaramuça nada

favorável aos partidários de D. Pedro, a qual, de acordo com o coronel Hodges, presente no local, foi «desigual, absurda e vergonhosa», com um resultado de «absoluta desvantagem para a causa liberal». O objetivo era o de «efetuar um reconhecimento dos efectivos do adversário», no entanto, houve «riscos inúteis e perdas de vidas» (ANGLIN 1954, 36-37)<sup>1</sup>. Nesta sequência, conforme diz Luz Soriano, «D. Pedro tinha por si a stricta obrigação moral de se apresentar quanto antes em campo e de oferecer ao inimigo uma formal batalha, não só para conservar o seu exército na ideia de invencível, de que até então se vangloriava, mas igualmente para tentar a sorte das armas» (SORIANO 1889, 749). E, de certa forma, evitar um cerco do Porto que já se estava a desenhar e só a 18 de agosto, do ano seguinte, se começaria a levantar<sup>2</sup>.

Desenrola-se, assim, a **batalha de Ponte Ferreira**, onde:

Os liberais em número muito inferior debateram-se à altura dos miguelistas, estes com uma quantidade de tropas muito superior e que, ainda por cima, debanda no final do confronto, deixando em aberto uma vitória para o inimigo, que por si só parece pertencer-lhe, dado o número muito inferior de tropas. Mas o inimigo liberal não aproveitou a oportunidade. Podia perseguir os miguelistas, ou pelo menos permanecer no campo de batalha, o que não se verificou. Deixou território conquistado à mercê do inimigo absolutista, que o viria a ocupar novamente.

Assim, o intuito do possível ganhador não foi satisfeito (ganhar e evitar o cerco), ao passo que os absolutistas, quase perdendo, conseguiram os seus objetivos (cercar o Porto). Contudo, esta primeira grande batalha, não sendo um resultado francamente positivo para nenhuma das fações, viria a ser reivindicada por ambas (MOREIRA 2012, 64).

De facto, **os dois exércitos chegaram a cantar vitória**. Por um lado, os pedristas, nomeadamente

através do diário oficial dos liberais, a Crónica Constitucional do Porto e, por outro, os miguelistas, por via da Gazeta de Lisboa, o diário oficial do governo absolutista.

Num ambiente de contrainformação, próprio de um tempo de guerra, as notícias entre estes dois órgãos são contraditórias, por exemplo, quanto ao número de mortos, feridos e extraviados ou até mesmo no que respeita ao nome do próprio episódio, conforme vamos ver.

No que concerne aos liberais e à **reivindicação de vitória**, logo no dia seguinte, através de uma notícia extraordinária, há referência a Ponte Ferreira e ao abandono do inimigo, após as oito horas de combate, das posições que ocuparam durante o confronto<sup>3</sup>. E no número seguinte, a 26 de julho, é publicada uma Proclamação de D. Pedro, na qual refere o alcance de uma completa vitória na batalha de Ponte Ferreira que teve «a glória de comandar em chefe»<sup>4</sup>.

D. Pedro, efetivamente, comandou as suas tropas a partir, durante algum tempo, da «posição das Cruzes» (no Calvário), em Campo.

De acordo com o marquês de Fronteira, presente nas fileiras constitucionais, o duque de Bragança encontrou-se «debaixo dum vivo fogo de artilharia e fusilaria, conservando a coragem de que era dotado». Deste local, D. Pedro obtinha uma vista panorâmica sobre o teatro de guerra; no entanto, posteriormente, aconselhado principalmente pelo seu general em chefe Vila Flor, «tomou uma posição mais à retaguarda e mais fora do alcance, onde se conservou durante as oito horas» de combate (ANDRADA 1928, 250). Ainda do lado liberal, outras publicações se seguiriam onde o episódio é lembrado e a vitória reclamada.

Quanto aos miguelistas, chegaram, de início e efemeramente, a atribuir, ao episódio do dia 23 a designação de **batalha da Granja**, e não foi porque estivessem, de facto, neste lugar.

Fizeram-no, ao que parece, com o intuito de toldar as notícias sobre uma disputa que lhes não foi

1 João Hickling Anglin é o autor de uma tradução da publicação Narrative of the expedition to Portugal in 1832, under the orders of His Imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Braganza, da autoria de George Lloyd Hodges, editada em dois volumes, no ano de 1833, em Londres.

2 Chronica Constitucional de Lisboa, n.º 26, de 24 de agosto de 1833, parte oficial, pp. 131-133 – Ofício do Conde de Saldanha, de 19 de agosto, para Agostinho José Freire.

3 Chronica Constitucional do Porto, n.º 8, 2.ª Extraordinária, 24 de julho de 1832, p. 39 – Notícia Extraordinária datada de 23 de julho.

4 Chronica Constitucional do Porto, n.º 9, 26 de julho de 1832, parte oficial, p. 42 – Proclamação de D. Pedro.

favorável, e inclusive, de certa forma, os terá envergonhado. Repare-se que:

A Gazeta de Lisboa inicia a publicação [de informações] só dois dias depois (26/7) do seu congénere rival, o diário oficial dos liberais. Assim, a primeira notícia, emitida a 22 a partir de Ponte Ferreira, faz uma breve referência ao próprio dia 22, dizendo que durante esta ação (reconhecimento), Vila Nova de Gaia fora ocupada pela 2.<sup>a</sup> divisão comandada por Póvoas. As primeiras informações (ofício de Santa Marta de 23/7) sobre Ponte Ferreira (dia 23) surgem já no dia 28, para dar conta que alguns corpos do exército liberal foram derrotados pelo Regimento de Cavalaria de Chaves, que, como dizem, teve pouca perda. Obviamente que aqui estão a colocar no dia 23 o que se passou no dia 22, transformando assim o reconhecimento (mais favorável) na batalha (menos favorável). Ainda no mesmo dia, através de um suplemento, as notícias publicadas (ofício de 24/7 de Santa Marta) são elas também fabricadas no mesmo sentido da transformação.

Aqui, o autor liga ao reconhecimento de Valongo, de facto, a designação de batalha de Ponte Ferreira e, quanto aos acontecimentos do dia 23, fala em **ataque liberal na Granja**. Aliás, a historiografia regista esta designação de **batalha da Granja** dada pelos absolutistas ao acontecimento do dia 23, efetivamente conhecido como batalha de Ponte Ferreira. Desta forma, os absolutistas, num quadro de guerra de contrainformação e propaganda política, conseguiam reivindicar para si Ponte Ferreira como sendo efetivamente uma vitória. Quanto à [denominação relacionada com] Granja, não seria sequer objeto de guerra de palavras, dada a inexistência de necessidade de valorização pelo lado liberal. Se esta designação de batalha da Granja era conhecida pela historiografia, não o era a transformação do reconhecimento em batalha. Por aqui também se deduz que efetivamente o reconhecimento (dia 22) foi favorável aos miguelistas e a batalha (23) aos constitucionais (MOREIRA 2012, 80).

A área do teatro das operações do dia 23 é significativa: desde o rio Douro a Sobrado (Valongo) e desde o Porto a Baltar e, no final, com a retirada miguelista, até Penafiel e mesmo Amarante.

Os constitucionais provenientes de Rio Tinto, onde haviam bivacado na noite anterior, chegam em três colunas à zona de combate, onde os miguelistas se encontravam, abrangendo uma área desde os montes, que flanqueiam a margem direita do rio Douro, até à direita da zona de Ponte Ferreira. As tropas miguelistas encontravam-se com o rio Ferreira pela frente (ANGLIN 1954, 39)<sup>5</sup>, portanto, na margem esquerda do mesmo.

Ainda, durante o combate, as tropas de D. Miguel ao que parece tiveram necessidade de recuar e estabelecer «a linha de batalha sobre as colinas, em frente da Povoação da Granja»<sup>6</sup>. E o historiador Pinho Leal, presente nesta luta pelo lado absolutista, afirma que o ataque liberal às tropas realistas se dá «pelo sítio da Granja de Ponte Ferreira» (LEAL 1876, 184).

Esta junção do lugar da Granja com o lugar de Ponte Ferreira é curiosa. Porventura se deverá ao facto de Ponte Ferreira, à altura, ser uma localidade de alguma importância, daí, eventualmente, o equívoco.

No final da luta encarniçada, os miguelistas, de acordo novamente com a *Gazeta de Lisboa*, durante a noite, tiveram como destino Baltar e, na manhã seguinte, encaminharam-se para Penafiel<sup>7</sup>. Esta notícia é confirmada por Pinho Leal que diz que «os realistas fugiram (é o termo próprio) para Baltar, e d'alli para Penafiel, chegando muitos a fugir a unhas de cavallo até Amarante» (LEAL 1876, 184).

Por seu turno, as tropas constitucionais bivacaram no campo de batalha. O coronel Hodges ordenou «que grupos de praças enterrassem os mortos dos dois campos [ambas as fações] e que os homens se preparassem para descansar» (ANGLIN 1954, 43). As tropas, nomeadamente oficiais do Estado Maior do General Vila Flor, tiveram por companhia D. Pedro IV que, igualmente, ceou no campo de batalha (ANDRADA 1928, 254).

5 Hodges, na sua narrativa expedicionária, faz uma referência ao rio Sousa de forma errada, quando na realidade só se poderá tratar do Ferreira.

6 *Gazeta de Lisboa*, n.º 179, de 31 de julho de 1832, parte oficial, p. 882 - Ofício de Santa Marta, de 27 de julho, para o conde de Barbacena.

7 *Ibidem*.

Com efeito, o lugar da Granja viu-se, de facto, envolvido nesta contenda; contudo, não restam dúvidas de que os miguelistas debandaram e os liberais permaneceram no campo de batalha, pelo menos até ao dia seguinte. Verifica-se, assim, que por parte dos vencedores pedristas deste dia, 23 de julho de 1832, não houve necessidade de inverter a informação respeitante ao episódio, não se constatando o mesmo com os perdedores miguelistas.

Interessante é o facto de que, quase um século depois, uma outra denominação da batalha viria a ser reclamada. Em 1919, Manoel António Nogueira da Rocha, professor na freguesia de Gandra, onde se encontrava já há 46 anos, ao que parece respondendo a uma solicitação do Dr. José do Barreiro, autor da *Monografia de Paredes*, publicada em 1922, informa que a contenda ocorreu apenas dentro dos limites da freguesia, afirmando que «devia chamar-se **Batalha de Gandra**». Inclusive, a informação publicada na referida monografia, que contém ainda um caricato episódio associado, é acompanhada de «um ligeiro esboço» do local do confronto (BARREIRO 1922, 395-397), portanto um mapa da batalha (Fig. 1). Embora deslocando o local do recontro, o professor, no referido esboço, não deixa de indicar “Lugar da Batalha de Ponte Ferreira”. No que respeita ao episódio caricato, o mesmo é relativo ao despojar dos soldados mortos pelos locais, verificando-se que Ponte Ferreira não deixa de ser referida. Repare-se, portanto, que no testemunho há uma reivindicação de que a luta foi em Gandra, mas Ponte Ferreira, enquanto associada a um evento maior, permanece no episódio caricato e meio lendário e, até mesmo, no próprio esboço.

Ponte Ferreira tornou-se, efetivamente, num ícone emblemático da zona, enquanto suporte físico da história deste conflito. Embora o teatro das operações tenha envolvido toda uma região, não é por acaso que se lhe atribuiu a designação de Batalha de Ponte Ferreira. Isto na medida em que o ponto central e crucial foi Ponte Ferreira, o lugar e a ponte, onde liberais e miguelistas pelejaram pelos seus ideais e pelo controlo da passagem, sobre o rio Ferreira, enquanto estrutura fundamental na rede viária de então, com uma localização estratégica privilegiada, na principal via de ligação entre a cidade do Porto e a região interior, a Este.

No que respeita a esta apropriação como “batalha de Gandra”, tal revela um interesse simbólico e a vontade das pessoas em terem a batalha como sua. Inclusive, reclamando a sua localização para o interior desta freguesia do concelho de Paredes, em virtude de que o lugar de Ponte Ferreira é pertencente à freguesia de Campo (atualmente União de Freguesia de Campo e Sobrado), concelho de Valongo, no entanto, fazendo fronteira com Gandra.

Obviamente que o espaço indicado, em 1919, pelo professor, «um monte com os sítios de Boa Vista, Marnotes e Salgueirô» (BARREIRO 1922, 395), pode muito bem ter sido, na altura, palco de movimentações, quer anteriores, quer posteriores, e mesmo durante o decorrer do dia 23 de julho de 1832. Igualmente, a zona indicada por Manuel da Rocha poderá ter tido movimentações associadas com escaramuças que se seguiram à abertura do cerco do Porto que viria a ocorrer, em agosto de 1833, portanto, mais de um ano depois.

Contudo, associado às Lutas Liberais, o que permaneceu ao longo do tempo na memória coletiva da região foi a Batalha de Ponte Ferreira, enquanto evento maior, ocorrido nas redondezas, durante um período que fraturou a sociedade portuguesa.

#### Fontes Impressas e Bibliografia:

- ANDRADA, Ernesto de Campos de (coord.) (1928) - *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna: D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto*: ditadas por ele próprio em 1861. Coimbra: Imprensa da Universidade. Partes 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>.

- ANGLIN, João Hickling (1954) - *Dos Açores às Praias de Portugal. In Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo: Tipografia Andrade. N.º 12, pp. 1-72.

- BARREIRO, José do (1922) - *Monografia de Paredes*. Porto: Tipografia Mendonça (A Vapôr) de Laura Couto & Pinto.

- CHRONICA CONSTITUCIONAL DO PORTO (2.º semestre de 1832).

- CHRONICA CONSTITUCIONAL DE LISBOA (2.º semestre de 1833).

GAZETA DE LISBOA (2.º sem. de 1832).

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho (1876) - *Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biografico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia. Vol. VII.

- MOREIRA, Paulo Fernando Pereira Caetano (2012) - *A Batalha de Ponte Ferreira (Campo, Valongo, 1832): um processo memorialista e de valorização patrimonial*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- SORIANO, Simão José da Luz (1889) - *História do Cerco do Porto*. Porto: A. Leite Guimarães Editor. Tomo I.

# PAREDENSES NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: DOIS COMBATENTES AO SERVIÇO DE FRANCISCO FRANCO E ADOLF HITLER

Ivo Rafael Silva, Investigador CEI-ISCAP



Francisco Franco e Adolf Hitler

Ao contrário de o que sucedera no primeiro grande confronto bélico à escala mundial (1914-1918), aquando do deflagrar da Segunda Grande Guerra (1939-1945), o governo de António de Oliveira Salazar decide manter o país sob o estatuto de neutralidade. Contudo, apesar de nenhuma unidade do exército português ter entrado directamente no conflito, tal não impedira a presença de militares de nacionalidade portuguesa entre os batalhões beligerantes. De facto, foram mais de centena e meia – segundo a investigação e tese de mestrado de Ricardo Silva, apresentada à FCSH/UNL em 2012 – os «viriatos» que, de forma voluntária, serviram nas fileiras da *Wehrmacht* de Adolf Hitler, provenientes não directamente de Portugal, mas do exército de Francisco Franco, que tinham começado por servir durante a Guerra Civil de Espanha (1936-1939). Dois deles, como veremos, eram naturais do concelho de Paredes.

## Os «Viriatos» em Espanha

Em Julho de 1936, inicia-se a sedição militar que arrasta a vizinha Espanha para uma guerra civil, que durará cerca de três anos. Nacionalistas e republicanos (estes apoiados por socialistas e comunistas, incluindo a própria U.R.S.S.) batem-se na sequência de uma tentativa falhada de golpe de Estado, conflito que culmina em 1 de Abril de 1939, com a vitória das forças falangistas lideradas por Francisco Franco.

Durante esse período, a guerra do país vizinho constituiu uma «oportunidade» e uma «opção de vida» para muitos jovens portugueses. Uns por razões de natureza ideológica, pela vontade de combater o «perigo comunista», já então abundantemente propagandeado pelo regime, muitos deles advindos das recém-criadas unidades paramilitares *Mocidade Portuguesa* e *Legião Portuguesa*;

outros simplesmente por necessidade económica, alistando-se devido ao desemprego e às dificuldades vividas no seu país. Seria sobretudo dos milhares de portugueses recrutados para a causa franquista que sairia essa outra leva – numericamente mais restrita – de jovens lusos, que viria a participar directamente no teatro da Segunda Guerra Mundial.



Propaganda espanhola de exaltação de Franco e dos demais países sob regime fascista

### A Caminho da Frente Leste

A vitoriosa Espanha franquista – tal como, de resto, o Portugal de Salazar – recebeu de forma entusiástica a notícia de que a Alemanha nazi se preparava para invadir a União Soviética (Diogo, 2017). A 22 de Junho de 1941, o *Führer* coloca em marcha a operação «Barbarossa», a maior e mais complexa operação militar de toda a guerra (Tooze, 2007). O comando

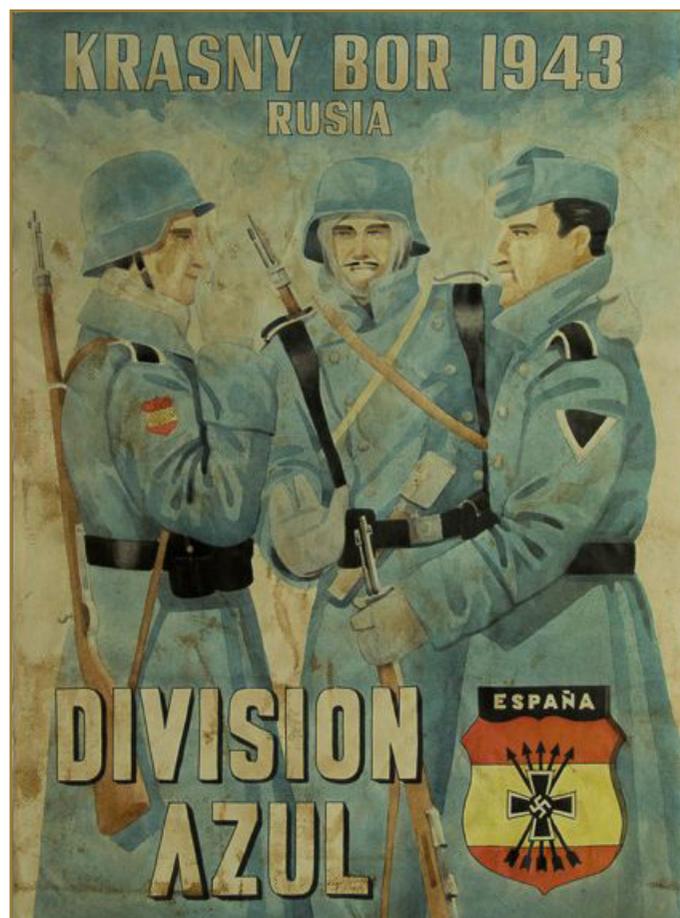
alemão constitui uma ampla frente de mais de 3 milhões de soldados, não exclusivamente oriundos da Alemanha, muitos deles recrutados em países germanófilos, ou ideologicamente comprometidos com o Reich. Era, pois, o caso de Espanha, que criara uma divisão de voluntários própria e exclusiva para esta mega-operação de combate ao «bolchevismo»: a chamada «Divisão Azul», ou Divisão 250 da *Wehrmacht*, composta no total por cerca de 18 mil homens (*idem*).

Ora, é no âmbito da formação desta unidade militar que muitos dos portugueses veteranos da guerra civil se voluntariam para combater novamente o «inimigo comunista», desta feita sob comando das chefias nazis. Como dissemos, mais de 150 homens de nacionalidade portuguesa – 159 segundo a tese de mestrado de Ricardo Silva (2012) e que dera origem ao número especial da revista *VISÃO História* (Setembro de 2013) com textos do mesmo autor – partiram a 14 de Julho de 1941 rumo à Frente Leste, de comboio, a partir de Madrid.

Segundo Andreia Diogo, as remunerações dos mobilizados seriam idênticas às do chamado «Terço dos Estrangeiros», acrescidas de «um aumento de 30% que seria pago em *reichsmark* ao câmbio



Dois cartazes de propaganda da Divisão Azul



oficial. Já os sargentos, cabos e soldados receberiam uma recompensa especial de 1.000 pesetas, no acto do alistamento. Os voluntários que fossem casados recebiam mais uma peseta por dia, por cada filho com idade inferior a 16 anos ou por cada filha menor de 20 anos. Estes subsídios, por assim dizer, seriam entregues directamente às famílias dos voluntários e nos seus locais de residência, assim como os ordenados ou salários que os voluntários recebiam do emprego que apresentavam na altura e que seria conservado durante a sua ausência» (Diogo, 2017:453).

À chegada a Grafenwöhr, na região bávara da Alemanha, os recrutados trocaram a farda espanhola pela germânica. A nova configuração divide os voluntários peninsulares em três divisões de infantaria, sob os números 262, 263 e 269. A 31 de Julho, em cerimónia solene, todos os mobilizados juram fidelidade a Hitler (em língua castelhana), sendo o mês de Agosto seguinte ocupado com a instrução. Segue-se a viagem pela Polónia e pela actual Bielorrússia, na qual são percorridas largas centenas de quilómetros a pé, cerca de 30 a 50 km por dia, segundo Saint-Loup (1978:27). Pelo caminho, a Divisão Azul vai tomando contacto com os primeiros sinais da grande purga racial e étnica posta em marcha pelo nazismo. Vêem judeus serem enforcados, outros arrastados pelas ruas de Minsk até ao cadafalso, outros ainda deixados em morte lenta e dolorosa, isto numa fase prévia do holocausto, que antecederia a mortandade dos campos de concentração (VISÃO, Silva, 2013).

### De Possad a Leninegrado

Havia chegado o «general inverno» e as temperaturas desciam abaixo dos trinta graus negativos. Após o sucesso de Sitno e com o objectivo de fazer uma ofensiva sobre Tikhvin, a Divisão Azul assume como missão actuar no sector de Otenski e Possad, passando a ocupar uma perigosa posição no terreno, rodeada de unidades soviéticas. Estas desencadeiam assaltos de enorme violência, causando centenas de feridos e ultrapassando o milhar de vítimas mortais (Saint-Loup, 1978). Uma delas será o paredense Henrique Carvalho, de que falaremos mais adiante.

Após o insucesso da ofensiva sobre Tikhvin, as unidades alemãs são forçadas a recuar. A partir de Março de 1942, as tropas invasoras conseguem cercar unidades do Exército Vermelho numa enorme bolsa junto ao rio Volkhov. Apesar dos esforços de Josef Estaline, que substituíra o comando naquela zona, os germânicos levam a melhor em toda a linha

e capturam o novo comandante – Andrei Vlasov –, que muda de campo e fará carreira nas fileiras nazis durante os meses que se seguem até ao fim do III Reich. O outro paredense de que falaremos, Adriano Soares, foi ferido neste contexto.

Seguem-se as acções violentas do cerco de Leninegrado, estando em 1943 a Divisão Azul posicionada a sul da grande cidade, num sector balizado pelas localidades de Pushkino, a oeste, e Krasnyj-Bor, a leste. Nesta altura, já são menos os portugueses que continuam activos nas hostes da *Wehrmacht*, mas, a 10 de Fevereiro, os que restavam iriam sofrer ainda uma grande investida pelo flanco direito do seu sector. Derrotados após confrontos violentos e obrigados a retirar, contar-se-iam aos milhares as baixas da unidade de espanhóis e portugueses no terreno. Da cidade de Krasnyj-Bor só restaram as ruínas. E corpos, muitos corpos.

No final do ano de 1943, termina a «aventura» da Divisão Azul na Frente Leste. A unidade é retirada através de batalhões de repatriação e enviada de volta a Espanha, de onde tinha partido dois anos antes. Os regressados são menos de metade dos que haviam partido, dado que, segundo Xavier Juliá (2009), citado por Andreia Diogo (2017:463), a Divisão Azul perdera 56% dos seus efectivos. Uma outra publicação, citada no mesmo artigo, aponta baixas na ordem dos «4.000 mortos, 8.500 feridos, 1.600 por congelação, 300 mutilados e 326 desaparecidos» (*op. cit.*). Não há números seguros respeitantes apenas aos portugueses, que se acham normalmente incluídos nas cifras gerais da divisão «espanhola».

### Paredenses ao serviço de Franco e de Hitler

O estudo de Ricardo Silva identifica dois homens naturais do concelho de Paredes entre os voluntários que serviram primeiro Francisco Franco, na Guerra Civil de Espanha, e depois Adolf Hitler, na Frente Leste da Segunda Guerra Mundial. São eles Adriano Soares, natural da freguesia de Sobreira, e Henrique Ferreira de Carvalho, nascido em Rebordosa.

**Adriano Soares (Teixeira)** nasceu no lugar do Outeiro, freguesia da Sobreira, no dia 29 de Abril de 1916. Era filho de Joaquim Soares, lavrador, e de Margarida dos Santos, doméstica, o primeiro nascido em Vales, Paço de Sousa, a 6/6/1880, a segunda em Fundevila, Fonte Arcada, a 3/9/1882. Joaquim e Margarida casaram na terra natal desta última, em 1909, e sete anos depois encontravam-se a residir na freguesia da Sobreira, onde Joaquim morava à data

do casamento (lugar do Frio). Com 20 anos de idade, encontrando-se desempregado, Adriano alistase como voluntário na Legião Espanhola. A 19 de Setembro de 1938, assina um contrato remunerado com a duração de cinco anos. Começa por combater na guerra civil integrado na VIII Bandera. Foi ferido em combate, condecorado com a Cruz Roja e com uma Medalha de Campanha. Em 1941, voluntaria-se para a Divisão Azul, juntamente com outros legionários da sua unidade. Realiza treino em Grafenwöhr, na Baviera alemã, e depois ruma à temível Frente Leste, incorporado na I/269.

Em Novembro, estando em marcha a operação «Barbarossa», participa com o exército nazi na batalha de Possad, no noroeste da União Soviética, a cerca de 200 km de Leninegrado (S. Petersburgo). Num autêntico inferno branco, onde se registavam temperaturas abaixo de 30oC negativos, Adriano entra num «pequeno labirinto de trincheiras e barracas, no centro de um bosque com 2 km de diâmetro», um verdadeiro «passaporte para a morte» (Diogo, 2017).

As condições eram desumanas e os ataques de enorme violência, registando-se elevado número de vítimas, entre as quais um seu conterrâneo, de quem falaremos a seguir. Contudo, o paredense Adriano Soares consegue escapar às investidas e a 7 de Dezembro, juntamente com outros sobreviventes da batalha, é levado para Otenski.

Em Janeiro, é de novo posto em combate, lutando na Bolsa de Volkhov ante o 2.º Exército de Tropas de Choque soviéticas, onde é ferido.

No mês de Outubro regressa a Portugal, incluído no 8.º Batalhão de Repatriação, trazendo ao peito a Medalha da Campanha de Inverno no Leste 1941-42 (*Winterschlacht im Osten 1941/42 Medaille*). Em Novembro de 1942 deserta do exército português, fugindo novamente para Espanha, atravessando ilegalmente a fronteira com o auxílio de um contrabandista.

Em Março do ano seguinte, volta a voluntariar-se para uma segunda comissão na Divisão Azul. Realiza instrução em Logroño, Espanha, e é enviado novamente para as trincheiras da Frente Leste, incorporado na 2.ª Companhia do 23.º Batalhão em Marcha e passando à unidade III/269. No dia 12 de Junho, é detido e considerado «sospechoso» (suspeito), sendo interrogado na sequência de um relatório de um membro da sua própria unidade que o denunciara.

Adriano confirma a sua anterior deserção de Portugal e que o fizera para evitar um envio compulsivo para as colónias. É então detido, passa por várias prisões e chega a San Sebastián, no País

Basco, a 21 de Setembro. É entregue à Guardia Civil, preso no forte San Marcos e acaba expulso do país, sendo relegado às autoridades portuguesas.

De acordo com artigo de Ricardo Silva na edição n.º21 (Setembro de 2013) da revista *Visão História* (p. 55), «em Portugal, Adriano prossegue uma vida errática, acabando a viver numa pequena barraca em Marinhas [Salvaterra de Magos, distrito de Santarém].

Durante a década de 1980 sofre uma trombose e é hospitalizado, sendo aproveitada a sua ausência para proceder à demolição da sua humilde habitação. Sem um local para onde voltar, Adriano acaba por ser recolhido no Lar Residencial de Alcobaça, onde virá a falecer no dia 18 de Fevereiro de 1984».

**Henrique Ferreira de Carvalho** nasceu no lugar do Bairro, Rebordosa, no dia 6 de Novembro de 1919. Era filho de José António Ferreira de Carvalho, marceneiro, natural de Baltar, e de Rosa Moreira, doméstica, natural de Rebordosa. Aquando do seu nascimento, o pai residia no Brasil.

Era neto paterno de David Ferreira de Carvalho e de Ana Moreira Dias, materno de António Moreira Torres e Benedita Moreira (Reg. Nasc. N.º619 de 1919).

Tal como o anterior, serviu primeiro como falangista na Guerra Civil de Espanha, depois como voluntário na Divisão Azul, ao serviço do *Führer*.

Segundo informação dada pelo próprio Ricardo Silva, autor já anteriormente referenciado, Henrique Carvalho terá casado em Espanha, muito embora nenhum dos seus registos (civil e de baptismo) contenha qualquer averbamento a esse respeito.

Contrariamente ao anterior, Henrique não regressou da Frente Leste. Faleceu em combate na região de Possad, no dia 16 de Dezembro de 1941.

#### Bibliografia e outras fontes:

DIOGO, Andreia. *Os Voluntários Portugueses na Divisão Azul (1941-1943)* in "Omni Tempore: Encontros da Primavera 2014-15". Porto: FLUP, 2017.

SAINT-LOUP. *A Divisão Azul*. Póvoa de Varzim: Editora Ulisseia, 1978.

SILVA, Ricardo. *Portugueses que Combateram na Frente Leste in Revista Visão História* n.º21. Queluz de Baixo: Lisgráfica, 2013.

TOOZE, A. *The Wages of Destruction*. Penguin Books, 2007.

ADP – Arquivo Distrital do Porto.

# DINÂMICAS DA ETNOGRAFIA DA MÚSICA EM PAREDES:

## O PLANO ARTÍSTICO E CIENTÍFICO DA COMISSÃO DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA DA JUNTA DE PROVÍNCIA DO DOURO LITORAL (1945-59)<sup>1</sup>

Maria do Rosário Pestana, Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro/Inet-md



Biblioteca do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral, c. 1948

Em 1936, o novo Código Administrativo dividiu o continente português em onze autarquias provinciais. Esta divisão territorial sustentou-se num estudo publicado em 1930 pelo geógrafo Amorim Girão e no trabalho de uma equipa multidisciplinar que integrava o próprio Amorim Girão, além de António Mendes Correia, Francisco Pereira de Sousa e Jaime Lopes Dias. Às novas autarquias atribuíram-se competências de fomento, coordenação económica, cultura e assistência. Pretendia o Estado otimizar a organização e tutela do território nacional através de uma gestão vertical em cadeia. Por sua vez, as autarquias provinciais perceberam que podiam construir os seus símbolos, os seus panteões de heróis regionais, reivindicando a fatia de leão na entidade chamada Portugal (muitas vezes expressas em metáforas, como “o coração”, “o berço”, etc.), apesar de a imagem regional criada ter tendido a ser subsidiária do modelo implementado pelo poder central, como refere o antropólogo António Medeiros (2002, 28).

A criação da província do Douro Litoral, em 1936, não obedeceu ao agrupamento das seis províncias do reino, nem a uma repartição natural de circunscrições territoriais (ver VELOSO 1956, 296-8). A província do Douro Litoral não tinha uma unidade territorial secundofatores de ordem geográfica, histórica, política, económica ou sequer paisagística. Conscientes desse

facto, logo na segunda reunião da Junta de Província do Douro Litoral (JPDL), aquando da aprovação do Plano Anual de Atividades, foi criada uma Comissão de Etnografia e História (CEH) sem paralelo nas restantes juntas provinciais, para dar cumprimento aos artigos 258 e 260 do Código Administrativo que regulavam a área da cultura. A própria designação “Comissão de Etnografia e História” remete-nos para duas linhas de investigação que, como refere Tomlinson, “são gémeas, nasceram da mesma paternidade, no mesmo momento do início da modernidade ocidental do século XVIII”<sup>2</sup> (TOMLINSON 2003, 31), estando profundamente comprometidas com políticas e processos de construção de comunidades imaginadas. De facto, sem deixar de responder às solicitações do poder central, a CEH implementou um modelo singular de construção da cultura duriense em torno da descoberta, preservação e divulgação do seu património, sustentado também por um pragmatismo devedor ao modo de agir da comunidade portuense científico-técnica oitocentista (SILVA 1997). Neste processo, a CEH não esteve sozinha. O sucesso da aplicação do modelo da CEH deveu-se à convocação das figuras letradas e à militância cultural dos seus membros efetivos e auxiliares, dos quais destaco seis: Pires de Lima, como presidente, Armando de Matos, Pedro Vitorino, Bertino Daciano e, a partir de 1947, Vergílio Pereira, Rebelo Bonito e Jorge Dias. O antropólogo Jorge Dias, apesar do curto período em que colaborou na CEH, contribuiu para a definição de uma nova abordagem ao terreno etnográfico, enquadrada na antropologia cultural. Em comum, estas figuras tinham um percurso iniciado em plena República e enformado pelos seus ideais. O concelho de Paredes fez-se representar na CEH pelos membros auxiliares Dr. João A. Rodrigues de Sousa Machado e Padre António Carlos Moreira.

Logo no âmbito das comemorações centenárias, em 1940, e depois de um longo processo de negociação com o poder central, a CEH organizou uma Exposição etnográfica do Douro Litoral, com um núcleo

<sup>1</sup> O estudo insere-se no projeto “A nossa música, o nosso mundo: Associações musicais, bandas filarmónicas e comunidades locais (1880-2018)” financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização – COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-016857 (Ref<sup>a</sup> FCT: PTDC/CPC-MMU/5720/2014).

<sup>2</sup> Tradução da autora.

constituído por fotografias, ilustrações, miniaturas, maquetas, reproduções e objetos ofertados, depositados ou adquiridos nos diferentes concelhos, num total de 1719 documentos do quotidiano rural e urbano da Província. Este núcleo expositivo foi a base da argumentação junto da tutela para a criação de um museu provincial, o qual viria a ser inaugurado em 1945, no palacete do Largo de São João Novo, na cidade do Porto, com a designação Museu de Etnografia e História do Douro Litoral (MEHDL).

O Museu absorveu ímpares recursos humanos e económicos e a sua gestão foi conduzida de modo a evitar confrontos com o poder central. O critério de objetividade assegurado pelos métodos etnográficos, históricos e arqueológicos implementados pela CEH, agora ao serviço do Museu, serviu de plataforma negocial com a tutela, persuadindo e conquistando o consentimento de diferenças positivas da cultura do Douro Litoral. Outro elemento de peso neste processo negocial constituiu-se em torno de um conjunto de figuras que colocaram o seu prestígio e redes de relações pessoais ao serviço do MEHDL, tais como Pires de Lima, Mendes Correia ou Armando de Matos. Se não se tivesse assegurado esse consenso, a identidade duriense construída no Museu do Douro Litoral entraria em conflito ou seria diluída na imagem do “ser português”, veiculada pelos órgãos de propaganda do Estado Novo. Na verdade, a JPDL viu no MEHDL um instrumento de poder simbólico e um espaço para o exercício da sua autonomia.

### O plano artístico e científico da Comissão

A partir de 1945, o Museu passou a ser também a sede da CEH. Foi aí que esta delineou um “Plano artístico e científico”, o qual incluiu a organização de um arquivo musical no Museu e a prospeção do folclore musical da província.

Criou um arquivo onde reuniu manuscritos e impressos de compositores e músicos com atividade na cidade do Porto, registos sonoros e escritos de música da tradição oral e o acervo do Orfeão “Castro Araújo” de Lordelo de Paredes, entre outros. O projeto espoletou também um conjunto de ações paralelas, desde a realização e edição de catálogos, biografias e estudos, até à ativação do arquivo musical em performances, antecedendo em quase duas décadas outras iniciativas nesse domínio, realizadas em Portugal. Dois anos depois, o arquivo musical acolheu a documentação de música de matriz rural do território administrado pela Junta. O plano “artístico e científico” teve esse efeito de coordenação das diferentes atividades da CEH: a



Sala dos jugos do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral, c. 1948

Comissão mobilizara os membros auxiliares para nas suas localidades de residência fazerem o levantamento das tradições locais. Realizados os estudos, a CEH divulgava-os através do seu boletim trimestral, intitulado *Douro Litoral*, ou da linha editorial assumida pela JPDL. Assim, enquanto o médico Alexandre Lima Carneiro com a colaboração de Luís Carneiro Barbosa, chefe da banda do Instituto Nun'Álvares de Santo Tirso, faziam a prospeção na freguesia de Monte Córdova, concelho de Santo Tirso, o Padre José Moreira Nunes de Oliveira<sup>3</sup> coligia *cantaréus* em Abragão, concelho de Penafiel, o economista e maestro Belarmino Gomes dos Santos documentava Peroselo e outras localidades do concelho de Penafiel e José Silva e o músico Joaquim Sampaio Ribeiro coligiam as novenas a Santa Quitéria no concelho de Felgueiras e Lopes Cardoso e Nunes de Oliveira as novenas à Senhora do Vale, em Cete, concelho de Paredes (CARDOSO e OLIVEIRA 1953). Por solicitação da CEH, a partir de 1947, a JPDL atribuiu bolsas destinadas especificamente à “colheita do folclore musical”, que, como os “célebres cantaréus”, julgava em risco de desaparecimento (ADP-LA 3, de 8-7-1947). Um dos bolseiros foi o maestro Vergílio Pereira (Paredes 1900; Porto 1965), um músico paredense, natural da freguesia de Vilela, que viria a destacar-se na etnografia da música de matriz rural em Portugal (ver PESTANA 2019). Nesse âmbito, realizou um levantamento extensivo, ímpar no panorama nacional, nos concelhos de Cinfães, Resende, Arouca e Santo Tirso, tendo anotado entre 1945 e 1959 o texto musical e poético de 1039 peças musicais, editadas em 3 cancioneiros (PEREIRA 1950, 1955 e 1959), mantendo-se o *Cancioneiro de Santo Tirso* inédito, e realizando 234 registos sonoros, dos quais 84 se encontram atualmente no Museu Nacional de Etnologia. Outra etnografia exemplar no plano nacional foi realizada em Cete, no concelho de Paredes por Carlos Lopes Cardoso e José Moreira Nunes de Oliveira.

<sup>3</sup> Padre José Moreira Nunes de Oliveira (Oldrões, concelho de Penafiel, 1914; Mouriz, concelho de Paredes, em 1994) foi ordenado padre em 1940, depois de permanecer um ano na Sé do Porto como coadjutor. Paroquiou nos concelhos de Amarante (1943, 1944) e Paredes (entre 1945 e 1994). Procedeu à documentação de música da tradição oral nos concelhos de Penafiel e Paredes. Compôs música para celebrações religiosas e colaborou no jornal *O Progresso de Paredes*.

### Dos cantaréus de Abragão ao Cancioneiro Popular de Cete

Foi no boletim Douro Litoral, um importante órgão da CEH, que Nunes de Oliveira publicou em 1949 a transcrição musical e poética de cinco cantaréus, coligidos por si na localidade de Abragão do concelho de Penafiel (OLIVEIRA 1949). Foi também neste periódico que Carlos Lopes Cardoso<sup>4</sup> publicou as quadras populares coligidas em Cete, concelho de Paredes, desde 1948, publicação essa que viria a dar origem à colaboração com o Padre Nunes de Oliveira. Durante quase vinte anos, o periódico Douro Litoral foi um importante meio de comunicação entre membros e entre estes e a comunidade de leitores, na sua maioria figuras letradas que a CEH mobilizava para a coleta, estudo e divulgação da cultura local. Na retaguarda do boletim e da linha editorial da CEH, o musicógrafo Bertino Daciano, o antropólogo Jorge Dias, o musicólogo Rebelo Bonito e o etnógrafo Vergílio Pereira colocavam o seu conhecimento à disposição dos colaboradores. Tal aconteceu com a publicação do *Cancioneiro Popular de Cete* de Lopes Cardoso e Nunes de Oliveira, cujos textos musicais foram revistos por Vergílio Pereira e Rebelo Bonito. Esta obra distinguiu-se no panorama nacional pelo repertório coligido e pela discussão conceptual que propõe. Lopes Cardoso começou por coligir poesia em Cete em 1948 e foi a advertência de Jorge Dias para a incompletude de um cancionário que não regista o texto musical que o fez solicitar a colaboração de Nunes de Oliveira.

Entre 1950 e 1952, os autores dedicaram-se à audição das suas informantes, como referem: “seguiu-se o método de juntar, à noite, no salão paroquial, um grupo de raparigas que eram tidas por boas *cantadeiras*. Na primeira noite, houve um certo acanhamento, não obstante a familiaridade existente entre elas e os autores, antes de 1950. Todavia, nas reuniões subsequentes, tudo correu bem” (CARDOSO e OLIVEIRA 1963, 7). Contrariando a tendência dos folcloristas, os autores solicitaram informantes jovens (entre 8 e 26 anos), com exceção de Gracinda Vieira, uma cantadeira com 56 anos que fora ama de um dos autores do livro, muito provavelmente Lopes Cardoso. Registaram em texto as modas em uso, sem, como referem, qualquer intuito de ressuscitar o passado, numa clara influência, mais uma vez, da nova problematização da etnografia trazida para a CEH pelo antropólogo Jorge Dias. Concluída em 1954, a monografia *Cancioneiro Popular de Cete* só será publicada em 1963, quatro anos depois de extintas as autarquias provinciais. Este adiamento de quase dez anos deveu-se aos muitos compromissos editoriais. Além dos já referidos

cancioneiros de Cinfães, Resende e Arouca (concluído, este último, depois da extinção das províncias graças às diligências de Fernando Pires de Lima), a JPDL assumiu a edição de vários estudos realizados pelos seus membros, alguns dos quais reunindo artigos publicados anteriormente em periódicos. A CEH projetou a edição de uma monografia de Jorge Dias e Fernando Galhano relativa à etnografia agrícola e um livro de Jorge Dias sobre engenhos de tirar água. Com a extinção das autarquias provinciais, monografias como o *Cancioneiro de Santo Tirso* permaneceram inéditos outras, como o *Cancioneiro Popular de Cete*, recorreram a outros patrocinadores para a sua edição.

Apesar do curto espaço de tempo de atividade da CEH, o impacto que teve na etnografia da música continua a reverberar nos dias de hoje, sendo uma importante referência na história da documentação da música popular em Portugal.

#### Referências bibliográficas

- CARDOSO, C. L. e OLIVEIRA, J.N. (1953) - Novenas à senhora do Vale. *Douro Litoral*. Porto. 5a série, V-VI: 41-5.

- CARDOSO, C. L. e OLIVEIRA, J.N. (1963) - *Cancioneiro Popular de Cete*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola.

- MEDEIROS, A. (2002) - *Rio de Memórias e de Esquecimentos Nacionalismos e Antropologias na Galiza e em Portugal*. Dissertação para obtenção do grau de Doutor em Antropologia/ ISCTE.

- OLIVEIRA, J. N. (1949) - Cantaréus colhidos em Abragão. *Douro Litoral*. Porto, 3a série, VII: 32-33.

- PEREIRA, V. (1950) - *Cancioneiro de Cinfães*. Porto: Edição da Junta de Província do Douro Litoral.

- PEREIRA, V. (1957) - *Cancioneiro de Resende*. Porto: Edição da Junta de Província do Douro Litoral.

- PEREIRA, V. (1959) - *Cancioneiro de Arouca*. Porto: Edição da Junta de Província do Douro Litoral.

- PESTANA, M. R. (2019) - *Maestro e Etnógrafo Vergílio Pereira: entre a descoberta do folclore e o compromisso de transformação social*. Lisboa: Edições Colibri.

- SILVA, A. S. (1997) - *Palavras para um País. Estudos incompletos sobre o séc. XX português*. Oeiras: Celta Editora.

- TOMLINSON, G. (2003) - *“Musicology, Anthropology, History” The Cultural Study of Music a critical introduction*. New York and London: Routledge.

- VELOSO, F. (1956) - “Alguns aspectos do pensamento regionalista” *Revista de Guimarães*. Guimarães, LXVI/1 e 2: 282-324.

#### Outras referências

- ADP-LA - Assembleia Distrital do Porto - Livros de Actas da Junta de Província do Douro Litoral, entre 1937-59, à guarda do arquivo que se encontra na Assembleia Distrital do Porto em 2005.

#### Fotografias

Cedidas pelo Arquivo de Documentação Fotográfica da DGPC.

4 Carlos Lopes Cardoso (Cete, Paredes, 1933; Lisboa, 1984) foi membro efetivo da CEH por Cete, desde 1951. Nessa qualidade realizou, na província, os inquéritos “Serrar a Velha” e “A Fuga da Sagrada Família para o Egipto”. Depois de extintas as autarquias provinciais, foi investigador do Instituto de Investigação Científica de Angola (I.I.C.A.) tendo, nesse âmbito, realizado, já na década de sessenta, uma pesquisa centrada nas Estelas Funerárias dos Mbali da região de Moçâmedes, entre muitos outros estudos. Na década seguinte realizou um inquérito por correspondência a funcionários administrativos e missionários em Angola, do qual resultaram elementos que conduziram ao estudo de um instrumento de moagem de cereais, o upi, publicado em 1980.

# DUAS CASAS BRASONADAS DE CASTELÕES DE CEPEDA – PAREDES

José Leão, Investigador Genealógico

Tripeiro de gema, filho e neto de portuenses, as ligações que tenho a Paredes remontam à minha mais remota infância, mais precisamente a Cete, terra ancestral de minha família paterna e onde meus Pais se encontravam a passar férias, há quase 70 anos, quando, antecipadamente, resolvi dar sinais de querer vir a este mundo, o que obrigou a um regresso apressado, de táxi, para a nossa residência do Campo Lindo, onde poucas horas depois minha Mãe dava à luz.

Se por um triz não sou natural deste Concelho, recordo, todavia, as férias passadas em Cete durante alguns anos da minha infância e já na pré-adolescência, as deslocações e as mini-férias gozadas em casa de parentes, com filhos da minha idade, que habitavam em Paredes, perto dos antigos Paços do Concelho, cujo largo e imediações se convertiam em local de recreio para os nossos jogos e brincadeiras. Terá sido nessa época que terei visto a pedra de armas da agora Rua do Capitão Torres de Meireles, a qual não me terá passado despercebida, mas que, como se compreenderá, não teve qualquer significado ou relevância para a criança de cerca de dez anos, idade que teria eu nessa altura.

Esta simpática Cidade, cujo desenvolvimento acompanhei, esteve sempre presente na minha vida, quer pelas deslocações que me levavam a aqui passar, quer, principalmente, pelas visitas a parentes e amigos. No entanto, há aproximadamente quinze anos, ocorreu viesse aqui a radicar-se um grande amigo e compadre de Lisboa, facto de que resultou passar a vir a esta Cidade com maior regularidade.

## I - Casa do Lugar das Paredes (atual Rua Capitão Torres Meireles)

Há alguns anos, acontecendo passar de automóvel por aquele antigo edifício, deparei novamente com essa bonita pedra de armas, tão elegante e original na sua postura ao balão. Então, já com outros olhos e conhecimento, observei as armas das famílias nela representada e logo constatei que a família principal do primeiro quartel é a dos Coelho, que se vê também representada no timbre.

Por um feliz acaso, ocorrido em Dezembro de 2017, voltei a deslocar-me até essa tão mal tratada e abandonada Casa, onde me detive com mais atenção. Reconheci, com um pulo de satisfação, que as famílias representadas no segundo quartel do brasão são a dos Ferrazes e dos Rebelos.



Essa satisfação resultou de que esse reconhecimento de imediato me levou à identificação do agraciado com tal brasão, de cuja carta original possuo cópia no meu arquivo, bem como um acervo documental recolhido desde há mais de quatro décadas, fruto das minhas investigações genealógicas, que incluem o ramo da família que habitou e herdou essa casa.

Vamos, então, apreciar a pedra de armas:

Um escudo posto ao balão, partido em pala. No primeiro quartel, as armas dos Coelho, em campo de ouro um leão rompante de púrpura faixado, com três faixas enxaquetadas de prata e azul, e uma bordadura de azul com sete coelhos de prata.



No segundo, partido em faixa, tem a primeira as armas dos Ferrazes, em campo vermelho seis tortois de prata, com os seus ferrões em duas palas com três riscos pretos cada uma; na segunda, as armas

dos Rebeldes, em campo azul três faixas de ouro e sobre cada uma a sua flor-de-lis vermelha, postas em banda e por diferença uma estrela de prata. Timbre, o leão das armas dos Coelhos com um coelho nas unhas. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Paquife dos metais e cores de armas.



Coelho

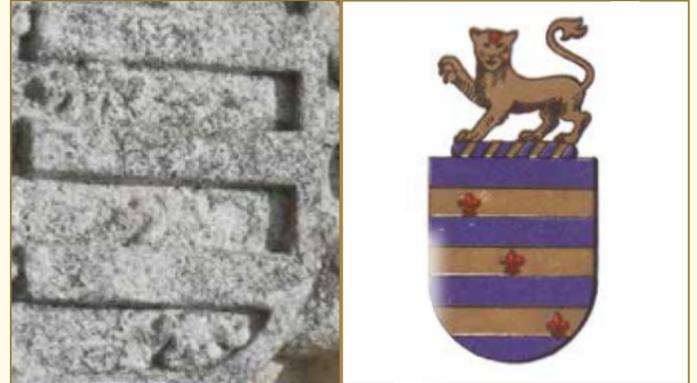
Estas armas foram concedidas a Manuel Coelho Ferraz e Rebelo, por Carta de D. João V, emitida pelo rei de Armas Manuel Leal, a 19 de Março de 1709. Nascido na Casa de Louredo, em Mouriz, onde foi batizado a 8 de Setembro de 1677, o Sargento-Mor Manuel Coelho Ferraz e Rebelo era filho de Pedro Coelho e de sua mulher, D. Maria Célia Coelho Ferraz, senhores da referida Casa, neto paterno de Gonçalo Pedro e de sua mulher, Anastácia Coelho, e materno de João Coelho Ferraz e de sua mulher, Ângela Damiana do Couto, senhores da Casa da Amoreira, em Mouriz.



Ferraz

Porque foi pela ascendência materna que o requerente fez a justificação de Nobreza, vamos apresentar uma pequena resenha genealógica desta Família.

Sua Mãe, D. Maria Célia, nascida na Casa de Amoreira e batizada a 1 de Outubro de 1656, era neta paterna de Pedro Coelho, nascido em Cete a 20 de Novembro de 1588, e de sua mulher, Joana Ferraz, nascida em Entre-os-Rios e batizada em 18 de Setembro de 1604. Este o tronco da Família Coelho Ferraz, árvore que se ramificou através de quatro dos seus dez filhos, nascidos e criados na antiga Casa da Portela, em Cete, que veio a ser herdada pelo filho Pedro, em cuja descendência se veio a conservar até à sua ruína.



Rebelo

Segundo o autor de um *Livro Chronológico* de 1799, os pais de Pedro Coelho, João Coelho e sua mulher, Maria Roiz de Moraes, já possuíam o foro de Cavaleiros Fidalgos da Casa de sua Majestade, que lhes vinha deduzido já antes do tempo de D. Sebastião.



Elmo e Timbre

Quanto a Joana Ferraz, era filha de Francisco Ferraz e de sua mulher, Grácia Cardoso, senhores de Casa de Sobradelo, em Entre-os-Rios, e ele proprietário de um dos Ofícios do Público e Notas do Concelho de Aguiar de Sousa e Honra de Baltar, que lhe foi dado pelos serviços prestados à Coroa no Porto e em África. Este Ofício foi herdado pela filha Joana, da Casa da Portela, que o transmitiu ao filho primogénito, João Coelho Ferraz, da Casa da Amoreira, em Mouriz, onde se conservou na posse dos seus descendentes até à sua extinção.

Francisco Ferraz era irmão de Filipe Rebelo, Fidalgo da Casa Real e cidadão principal da Cidade do Porto,

que foi enviado por Governador para a cidade de Pegú, nas Índias de Castela e a quem foi concedido o brasão dos Rebelos, por Filipe III, por carta de 5 de Outubro de 1629. Filhos de Francisco Rebelo, também Fidalgo da Casa Real, eram netos de outro Francisco Rebelo, que, segundo os genealogistas, foi Capitão-Mor da Galé Real que transportou D. Sebastião a África e que morreu em Alcácer-Quibir, onde serviu com cavalos, armas e criados, tudo à sua conta.

Após esta resumida resenha genealógica dos entes passados (antepassados), voltemos ao Sargento-Mor Manuel Coelho Ferraz e Rebelo, que não tendo tomado estado e havendo apenas dois irmãos padres, os doutores Mateus e Caetano Coelho Ferraz, deixou os seus direitos de sucessão e representação a sua irmã mais velha, D. Antónia Coelho Ferraz e Rebelo, casada a 20 de Maio de 1706 com Luís de Oliveira e Sousa, do lugar e Casa das Paredes, em Castelões de Cepeda.

Terá sido esta Senhora que mandou esculpir a pedra de armas que vimos tratando e que mandou colocar na casa em que vivia com seu marido e filhos, casa essa com que dotou a sua filha mais velha, D. Joana Coelho Ferraz e Rebelo, quando casou a 31 de Maio de 1752 com Manuel Coelho Borges, natural da freguesia de Louredo. Deste casamento nasceu um filho, Manuel Basílio, que faleceu a 1 de Novembro de 1761, um ano e meio antes de sua Mãe, falecida a 30 de Abril de 1763.

Assim, o viúvo Manuel Coelho Borges veio a herdar a casa e bens de que foi Senhor, sendo estranho à família original.

Casou segunda vez com Maria dos Santos Coelho, natural de Castelões de Cepeda, de quem teve três filhos: José Luís, nascido a 27 de Junho de 1769, Maria Rosa, nascida a 29 de Julho de 1771 e João Manuel, nascido a 30 de Junho de 1774.

Enviuvou segunda vez a 26 de Maio de 1782 e veio a falecer a 16 de Agosto de 1800, com 87 anos de idade. Um dos filhos, provavelmente a Maria Rosa, veio a ser a herdeira da Casa das Paredes, mas isso já ultrapassa o âmbito deste estudo, que se centra na investigação da Família Coelho Ferraz e Rebelo, representada na pedra de armas que ainda podemos admirar e que, tendo permanecido no lugar para onde foi construída, conseguiu sobreviver à deplorável ruína que a rodeia. Por isso, terminamos, apelando aos proprietários e às entidades responsáveis pela preservação do património municipal para que intervenham na salvaguarda desta pequena mas valiosa, peça única de heráldica de Família, da Cidade de Paredes.

## II - Casa dos Fidalgos da Igreja (atual Rua da Igreja Velha)

Quanto à segunda Casa brasonada do século XVIII de Castelões de Cepeda, a Casa dos Fidalgos da Igreja, a que estou ligado por laços familiares mais longínquos, vou tratar o que conheço da Família representada na elaborada pedra de armas, colocada acima da porta principal da Casa, valendo-me de um livro de linhagens de 1724 e de subsequente investigação documental.



Debrucemo-nos sobre a pedra de armas:

Escudo esquartelado. No primeiro quartel, as armas dos Coelhos, em campo de ouro um leão rompante de púrpura faixado com três faixas enxaquetadas de prata e azul e uma bordadura de azul com sete coelhos de prata; no segundo, as armas dos Silvas, de prata com um leão de púrpura armado de azul; no terceiro, as armas dos Rochas, de prata, com aspas de vermelho, carregada de cinco vieiras de ouro; no quarto, as armas dos Barbosas, de prata, com banda azul carregada de três crescentes de ouro, e ladeada de dois leões afrontados e trepantes de púrpura. Timbre, o leão das armas dos Coelhos com um coelho nas garras. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro.



Conhecidos pelos Fidalgos da Igreja, devido à localização da sua Casa e quinta junto à antiga igreja, demolida no início do século XX (daí a rua chamar-se da Igreja Velha), os Coelho da Silva eram uma das famílias principais de Castelões de Cepeda.

No terceiro quartel do século XVII, eram Senhores desta casa Baltazar Coelho da Silva e sua mulher, Maria Vieira. Destes foi filho herdeiro Jerónimo

Coelho da Silva, Capitão da Ordenança da Honra de Louredo, casado com Catarina da Rocha, filha de João Francisco, natural da freguesia de Refoios de S. Tiago da Carreira, e de outra Catarina da Rocha, Senhora da nobre Quinta da Vidigueira, em S. Cosme de Besteiros, que herdou de seu Pai, Manuel Barbosa.

Por sua Mãe, Maria da Rocha, Catarina era neta de António da Rocha, senhor da Quinta de Vilela, em Madalena, e de sua mulher, Isabel Gaspar Moreira, sendo esta filha de Gervásio Gaspar Moreira, da mui antiga Casa da Lousa, em Gandra, o primogénito da primeira geração da família Moreira, da qual se destacou o Doutor Amaro Moreira, o célebre Abade de Ermelo, grande benfeitor da Misericórdia de Penafiel, cuja igreja mandou construir a suas expensas. Por último, resta registar que a Mãe de Isabel Gaspar Moreira, Isabel Pires, era filha segunda de pais nobres, Senhores da Quinta da Ponte de Cepeda, cuja casa ainda hoje é um dos ex-libris de Paredes.

Após esta incursão genealógica até aos Moreiras de Casa da Lousa, notável Família que desde o século XVI se estendeu a quase todas as maiores Casas do Vale do Sousa, voltemos ao Capitão Jerónimo Coelho da Silva e sua mulher, Catarina da Rocha.



Coelho

Do seu casamento nasceram quatro filhos: Jerónimo, casado a 7 de Junho de 1712 com D. Josefa Francisca de Mendonça Barbosa, filha do Capitão João Barbosa de S. Miguel e da sua mulher, Jerónima Pinto de Mendonça, Senhora da Quinta do Cabo, em Castelões de Cepeda, com geração extinta; o Padre Luís Coelho da Silva da Rocha, notável filósofo e teólogo, pároco de Vandoma em 1779; Dom João da Madre de Deus, cónego regular de Santo Agostinho, no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra; Caetano José, que se seguirá, e duas filhas, Mariana de Santa Rosa e Josefa da Apresentação, recolhidas ao Mosteiro de N.ª Sr.ª da Conceição, de Arrifana de Sousa (Penafiel).

Caetano José Coelho da Silva, o filho mais novo,

depois de ter sido estudante e assistindo em casa de seus Pais, veio a casar com D. Felícia, filha do segundo casamento de Maria Nunes Teixeira, da freguesia de Freamunde (meia irmã dos então proprietários da já citada Quinta da Vidigueira, em Besteiros) de quem teve um filho, José, e uma filha, Maria. Além de ter sido Sargento-Mor de Infantaria Auxiliar e Comissário Geral da Bula, foi Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo e, por fim, Fidalgo da Casa Real. Desconheço a carta de concessão do brasão de armas, mas não tenho dúvidas de que a ela corresponde à pedra de armas acima descrita, que representa as armas dos **Coelhos, Silvas, Rochas e Barbosas**, bisavós do nobilitado.



Silva

Os supra referidos filhos do Sargento Mor Caetano José Coelho da Silva, faleceram solteiros, em vida de seu Pai, pelo que este veio a perfilhar uma filha que houvera de Josefa Barbosa, solteira, do lugar das Paredes, para lhe vir a suceder não só na Casa e Quinta da Igreja, como na da Ponte da Cepeda, que comprou ao Padre Caetano Pinto, seu parente em 5º grau. Esta filha, de nome Mariana, encontrava-se no Recolhimento de Penafiel, no ano de 1800, desconhecendo se veio a tomar estado ou deixado geração.



Rocha

Por coincidência, as minhas investigações sobre o historial das duas casas brasonadas terminaram nesse ano de 1800. Dessa data e até à actualidade,

da primeira nada mais sei. Já da segunda, vim a conhecer que foi habitada na década de 60 do século XIX, pelo homem que converteu a aldeia de Castelões de Cepeda na vila moderna de Paredes, o Conselheiro José Guilherme Pacheco, que mercê da sua acção enquanto Presidente da Câmara, ficou cognominado como o Rei de Paredes. Esta informação foi colhida do livro José Guilherme Pacheco – Rei de Paredes, da autoria de António Carmindo de Sousa e Maia, onde também vem publicada uma fotografia do Cortejo Fúnebre do Conselheiro, ocorrido a 3 de Julho de 1894, na qual, além da antiga Igreja, se pode também vislumbrar a fachada da Casa dos Fidalgos da Igreja.

Não quero terminar sem deixar um apontamento sobre a família comum às duas Casas: os Coelhoos. Presente em Castelões de Cepeda, em Mouriz, em Cete, em Baltar, em Duas Igrejas, em Vila Cova de Carros, para só citar as freguesias onde encontrei ramos com a mesma proveniência genealógica, é muito antiga a origem desta família no concelho de Paredes.



Barbosa

Por tradição oral, transmitida por pessoas idosas da família, recorro-me de ouvir dizer que essa origem remontava a Pero Coelho, um dos matadores da que foi Rainha de Portugal depois de morta, a bela Inês de Castro, tão querida ao imaginário romântico nacional.

Não tendo procedido a qualquer diligência de investigação que pudesse corroborar a veracidade de tão remota ascendência, deixo aqui alguns indícios de que tal presunção possa ter fundamento.

Assim, remeto para um artigo da autoria de Estevão Samagaio, publicado no número de Setembro/Outubro de 1997 da revista O Tripeiro, intitulado "O Solar de Pero Coelho", em que, versando sobre a Quinta de Sobrado de Baixo, em Louredo, o autor recorre a diversas fontes, parte delas académicas, para inferir que este tristemente célebre valido de Afonso IV terá sido Senhor da Honra de Louredo.

Em jeito de homenagem à memória do meu trisavô Luís do Verdial, como era geralmente conhecido, passo a transcrever o seguinte parágrafo desse artigo: "Num livro publicado em 1908 e no qual trata de historiar a sua ascendência paterna e materna, o Dr. Calidónio de Sousa Coelho e Vasconcelos, Visconde de Souza, residente em Cete, dá-nos notícia que "um Tio do Bispo do Porto, D. António de Barbosa Leão, chamado Luís de Barbosa Leão Coelho Ferraz, pessoa muito versada na História e conhecimento de famílias antigas, afirmava que a Quinta de Sobrado de Baixo fora propriedade de Pero Coelho".



Elmo e Timbre

Para concluir, reportando-me a recente intervenção do Dr. Joaquim Costa, no II Seminário "Penafiel e os Penafidelenses na História", em que trata o tema "Mafalda Sanchez por terras de Penafiel", vim a saber que a Rainha Santa Mafalda terá sido criada em Louredo, ao cuidado de descendentes de Egas Moniz, Senhores de Paço e avultadas propriedades nesta freguesia. Como se sabe, Egas Moniz foi o tronco da família Coelho, pelo que estes seus descendentes, remontando ao século XIII, deveriam ser os antepassados por varonia do citado Pero Coelho e, assim sendo, poderá haver fundamento para a convicção do meu trisavô de que os diversos ramos da Família Coelho são, de facto, descendentes deste personagem do século XIV.

Mas isso transcende o âmbito desta comunicação.

Deixo apenas esta nota para divulgar a tradição oral, talvez já investigada documentalmente, lançando o repto para que se divulguem as hipotéticas provas desta linhagem e para que os historiadores se empenhem no cabal esclarecimento deste enigma histórico-genealógico.

*Comunicação apresentada ao 2.º Seminário Paredes: Património & Toponímia, realizado no dia 19 de Maio de 2018, no Auditório da Escola Secundária de Paredes, coordenado pelo Dr. António Aresta, docente dessa Escola.*

**Fotografias**  
José Mendes

# IGREJA DE S. CRISTÓVÃO DE LOUREDO

300 ANOS DE FÉ, HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

Rafael José Ribeiro Borges , Educador Social

Sara Almeida Rocha , Historiadora de Arte



Interior da Igreja de São Cristóvão de Louredo

A Igreja de São Cristóvão de Louredo, classificada, desde 2011, como Monumento de Interesse Público, é uma obra de “arquitetura religiosa, maneirista e barroca” (DGPC, 2019). Esta Igreja possui uma “planta retangular composta por nave, capela-mor e anexos adossados às fachadas laterais, possuindo torres sineiras de construção oitocentista” (DGPC, 2019). Na fachada contemplamos um nicho, contendo a imagem do orago São Cristóvão.

No interior, há o coro-alto, o batistério, com uma pintura representativa do Batismo do Senhor e dois púlpitos, onde eram feitos, noutros tempos, os sermões.

Na Capela-mor ergue-se o retábulo-mor, em talha dourada de estilo Barroco Nacional, com colunas torsas e arcos semicirculares que definem a tribuna e o

trono eucarístico. Nos restantes retábulos, mantém-se a mesma linguagem artística. Neste retábulo, encontramos as imagens de São Cristóvão e de São Tiago e uma magnífica representação das três pessoas da Santíssima Trindade a coroar Maria como Rainha do Céu e da Terra, pintura visível apenas duas vezes por ano.

Nesta igreja, podem ainda ser contemplados mais quatro retábulos, também do mesmo estilo. O primeiro é dedicado às Santas Mães, com a Virgem Maria e Santa Ana com o menino em seu colo, São José e São Joaquim; o segundo a Santo António, o terceiro ao Santo Cristo, onde o encontramos morto e crucificado, existindo ainda neste altar uma imagem do Menino Jesus; e o quarto à Senhora do Rosário, contendo ainda as imagens de São Francisco de Assis e de São Domingos. Junto à portas laterais da

igreja, em dois nichos, encontram-se duas imagens, representando São Manuel e São Cristóvão.

Na época da construção da Igreja, os retábulos serviam como doutrina, por isso encontramos variadíssimas figuras, carregadas de simbologia eucarística. Os meninos, símbolo de pureza, os pelicanos, que mordem o seu próprio corpo para alimentar os filhos, símbolo do corpo de Cristo entregue pela humanidade, as Fénix que renascem das cinzas, símbolo da morte e ressurreição de Jesus, a romã, fruto com muitas sementes, símbolo da palavra de Deus que se espalha e os cachos de uvas, símbolo do sangue de Cristo.



Altar Santas Mães

O arco triunfal e os vãos das capelas laterais evidenciam pinturas murais, que imitam o mármore. O primeiro contém a data de 1725, possível ano de pintura do arco. Estamos perante o estilo grotesco, representado através de pinturas vegetalistas. No teto da Capela-mor, uma pintura representativa de um momento de adoração em que anjos incensam o Santíssimo Sacramento.

Da Igreja de fundação quinhentista, resta apenas uma estrutura retabular, que se encontra num nicho ao fundo da igreja, representativa do calvário, assim

como dois quadros presentes na capela-mor, um da Natividade e outro da lenda da Morte do Pai de Santo António.

Tendo por base os Registos de Visitações, presentes no arquivo do Seminário Maior do Porto, conseguimos situar a construção da Igreja Paroquial entre 1714 e 1719.

Num registo de Visitação de 27 Setembro de 1714, podemos ler: *"...se mandará fazer uma igreja por esta não ser capaz de se acrescentar no sitio onde está...no lugar mais proporcionado que podia haver para ereção do novo templo...que é o Campo da Eyra por ser mais desafogado e próximo às casas da residência era o mais capaz...para o que dou licença usando da minha jurisdição ordinária e mando ao Reverendo Parocho que para o uso e administração dos sacramentos vá á capela de Jesus Maria e José onde se juntará a freguesia e não se demolirá a igreja velha senão passada a páscoa de 715 e no entretanto trabalharão os pedreiros em picar pedra e nos alicerces da obra. E porque me consta que nesta igreja há resíduos em algumas confrarias as pode o reverendo Parocho aplicar para a dita obra... acabado o tal dinheiro cobrará as promessas feitas na freguesia para as continuar..."* (Arquivo Seminário Maior do Porto)

Com esta transcrição, percebemos que a nova igreja é construída, pois a antiga não pode ser aumentada, realizando-se a administração dos sacramentos, durante o período de construção da nova igreja, na capela da Quinta de Cima na mesma freguesia.

A 1 de setembro de 1715, é celebrado um contrato entre o Pároco de Louredo da Serra, Adriano Peixoto de Andrade e Manuel Machado de Miranda, Mestre Imaginário de Felgueiras para a feitura do retábulo-mor da igreja. Neste contrato podemos ler: *"O retábulo lhe fará Ele mestre na forma da planta e apontamentos que Ele, Reverendo Parocho, lhe entregar, e a talha será na forma da que está no Pópulo da Cidade de Braga, quando não a faça melhor como entender e desejar obrar, em preço de duzentos e cinquenta mil réis... dado caso que a dita obra e retábulo tenha algum defeito ou erro contra a forma da dita planta e apontamentos, será revista por dois mestres do mesmo ofício que serão bons e desinteressados e, julgando ou declarando ter algum defeito, será desfeito e tornado a obrar, por ele dito mestre, á sua custa..."* (BRANDÃO, 1985). Neste documento

conseguimos ainda perceber que a obra *“do dito retábulo lhe dará feita e acabada desde dia de S.Miguel vindouro deste presente ano até o outro dia de S.Miguel do ano primeiro vindouro, do ano de mil e setecentos e dezasseis anos, o mais tardar...”* (BRANDÃO, 1985).

No dia 18 dezembro de 1716, o visitador diz: *“fui informado que a igreja por descuido dos fregueses e por falta de contribuição não está ainda acabada e como seria obrigação faltando cinco mil reis... que no termo de dois meses os fregueses ou confraria santíssimo a acabem...”* (Arquivo Seminário Maior do Porto).

Em 22 agosto de 1719, percebemos, com o relato de uma outra visita, que a igreja está ainda em processo de conclusão: *“...mando fazer três confessionários e umas grades na pia batismal com sua fechadura...”* (Arquivo Seminário Maior do Porto)

300 anos depois, celebramos o legado que nos foi deixado e honramos a memória dos que, ao longo do tempo e da história, permitiram que este monumento pudesse, hoje, ser contemplado por todos.

Na comemoração do tricentenário da Igreja Paroquial, nasce o Núcleo Museológico Padre Amadeu Soares da Silva - NMPASS.

Património, no sentido mais lato do termo, significa herança. Nos termos da Lei de Bases do Património Cultural, o mesmo é constituído por todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização. É neste sentido e contexto que são criados os museus, segundo o conceito com que os visitamos atualmente.

Segundo a definição do ICOM, “O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.” Os museus devem, assim, assumir uma vertente de salvaguarda de tudo aquilo que é considerado herança de uma cultura, povo ou lugar. Não obstante a proteção necessária dessa herança, ela deve ser estudada e, por fim, exposta. Nenhuma herança cultural cumpre o seu papel se não for alcançada pelo público, se não puder ser

vista. O património cumpre uma função pedagógica, ensina-nos de onde viemos e para onde vamos. E, se Património é herança por direito, também o é por dever.

Dando como exemplo o património sacro, não vamos esvaziar igrejas, mosteiros, conventos, para criar



Preparação do Núcleo

museus. Os mesmos existem para que todas as peças que pertencem a esses espaços não se percam de forma permanente. É importante que as peças possam permanecer e serem vistas nos locais para os quais foram originalmente criadas. Assim, os Museus devem criar sentimento e sentido de pertença.

Quem visita, especialmente as pessoas que habitam os locais onde estes espaços têm lugar, necessitam de sentir a ligação com o local: escolha de peças e imagens que evoquem esse sentimento. A escolha do nome das Salas e do Museu têm um peso muito forte. Neste caso, foi dedicado em memória póstuma ao Pe. Amadeu Soares da Silva, personalidade singular da freguesia.

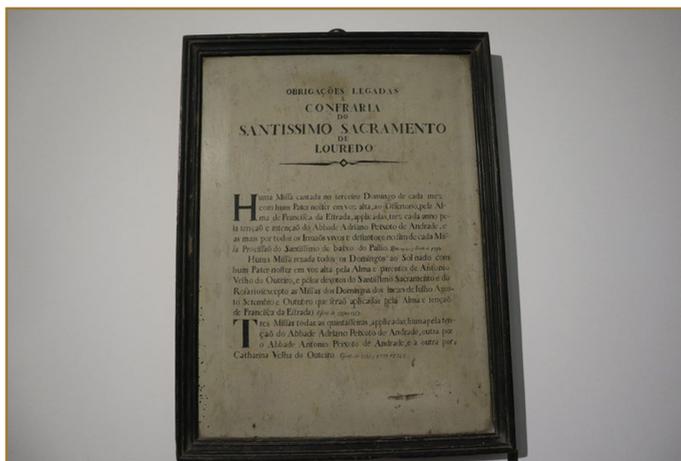
A idealização para a criação do espaço deu-se em cinco passos: formação de equipas, tratamento de peças, Inventário e registo fotográfico, criação de condições e montagem do espaço, localização das peças e escolha das mesmas. É importante frisar que é praticamente impossível de concretizar um projeto desta dimensão sem uma equipa multidisciplinar: Arquitetos, Historiadores de Arte, Museólogos, conservadores-restauradores e outros. No caso do NMPASS, o convite foi estendido à Dra. Rita Pedras, museóloga, na tentativa de enriquecer mais o projeto, porque não raras vezes é difícil reunir uma equipa com todas estas valências. Foi assim necessário criar equipas a quem foram passados conhecimentos básicos sobre como limpar, manusear e acondicionar peças e obra artística. Foram ainda reunidas condições para a permanência das peças no local, bem como condições de segurança.

Inaugurado no dia 15 de Novembro de 2019, o NMPASS conta com três salas. 1 – Sala da Confraria



Inauguração do Núcleo

do Santíssimo Sacramento, dedicada à extinta Confraria do Santíssimo Sacramento, engloba um conjunto de peças que evocam a memória da mesma. Pensada para ser uma sala viva, o local remete-nos para um momento pré-processional, onde a figura de destaque é o Santíssimo Sacramento presente na Custódia. Todas as peças foram cuidadosamente



Obrigações legadas à confraria do Santíssimo Sacramento

pensadas e colocadas de forma a dar a ideia de um espaço de Adoração e, logo de seguida, de um momento processional. Assim, formar um corredor de entrada, os candeeiros prontos a serem levados. Em frente, o confrade vestido a rigor junto da bandeira. A Sagrada Custódia pronta a ser tomada nas mãos pelo sacerdote, não sem antes colocar o véu de ombros, que se encontra junto ao Pálio. Este, já montado e preparado, como que aguarda a função de proteger o Santíssimo Sacramento, função cumprida pela umbela, colocada no chão, até chegar ao seu destino. A Sala nº2 é intitulada de Sala da Sacristia. A Sala apresenta um conjunto belíssimo de paramentos

de vários tipos e cores litúrgicas, pluviais, casulas, dalmáticas e seus respetivos conjuntos de estolas e manípulos. É um espaço maioritariamente composto por vestes ao qual foram adicionados outros objetos, evocando, assim, um espaço semelhante a uma Sacristia, com a presença de alguns livros litúrgicos, como Missais, breviários e esculturas, emprestando deste modo, um sentimento de lugar intimista, de preparação para uma celebração.



Santo Sudário

A terceira é a Sala da Paixão. Recebe este título por evocar a Paixão de Cristo e podem aí ser vistas alfaias litúrgicas ligadas com a própria Eucaristia. A jóia da Coroa e peça-chave de todo o Núcleo é a representação do Santo Sudário, típico do séc.XVII/XVIII, onde Cristo como que depositado no túmulo é representado num lençol de linho de frente e de costas. Para melhor usufruto desta magnífica peça, a mesma foi colocada na vertical, permitindo contemplar todo o seu esplendor. A imagem de roca, que pode ser deitada ou sentada – a mesma imagem para ser usada em variadas festividades/procições - foi vestida e ornamentado de acordo com o programa iconográfico do Senhor da Cana Verde.

Louredo com o NMPASS torna-se, então, um marco para Paredes, com aquele que é o primeiro espaço musealizado de todo o Concelho. Que este seja um exemplo para futuras concretizações, pedagógico para crianças e adultos e lugar de memória para todos que o visitam.

#### Bibliografia:

- Arquivo Seminário Maior do Porto, *Livro de Registos de Visitações 1713-1721*, Paróquia de S.Cristóvão de Louredo.

- BRANDÃO, Domingos de Pinho, *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na Diocese do Porto* - Documentação, Porto, Diocese do Porto, 1985, vol. II.

- DGPC, Direção Geral do Património Cultural, Igreja Paroquial de Louredo / Igreja de São Cristóvão (Consult.23dez.2019). Disponível em WWW: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=23104](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23104).

# OS MOINHOS EM PAREDES

**Fernando Leal**, Arquiteto  
**Isabel Leal**, Arquiteta Paisagista e Fotógrafa

Quem não conhece os moinhos de água?



Desde sempre intimamente ligados à vida caseira e considerados em plano mais elevado, à própria economia nacional, os moinhos têm uma história a contar, cheia de bucolismo e de suave poesia e encanto. Sempre serviram de tema a poetas e pintores e inspiraram as mais sugestivas páginas aos melhores romancistas de todos os tempos.

Cobertas por telha, estas airosas e primitivas construções de toscas pedras, por cujos intervalos

passa o vento que levanta poalhas de farinha que toucam de branco as suas paredes e teto, sempre tiveram como missão moer o milho, o trigo, o centeio, o alimento primário do género humano.

São, em regra, de planta retangular e a cobertura costuma ser de telha francesa. Na elevação das paredes dos mais humildes usam-se toscas pedras sobrepostas, sem reboco nem caiação. Usualmente o material usado é o granito da região e portas e postigos são igualmente toscos.



Porém, estes velhos moinhos, movidos pelo impulso regular e ritmado da corrente da água, não são uma simples estrutura, mas de um sistema complexo de moagem.



Os moinhos de rodízio fixo à péla situam-se nas margens de rios e ribeiras. A água é trazida dos açudes, que interrompem a corrente, pelas levadas de onde as cales a levam ao rodízio.

Estas construções acabam por se tornar uma parte integrante da paisagem. O meio sempre influenciou o aspeto destas edificações, sendo vulgar o aproveitamento de elementos naturais, como as rochas das margens que se encontram em posição considerada vantajosa. Por essa razão, vemos tantas vezes esses elementos incorporados nas paredes de um moinho e fazendo parte integrante do mesmo.



Na região de Paredes, eram outrora inúmeros os moinhos existentes e talvez não houvesse necessidade de andar muito mais de cem ou duzentos metros para cobrir a distância de um moinho do seu imediato. No entanto, no lugar da Póvoa, numa pequena extensão de cerca de cem metros, podíamos, pelo menos, contar seis. Existiam mais de 30 moinhos, sendo interessante verificar que alguns destes aproveitavam as águas que corriam pelas levadas que alimentavam o girar dos rodízios do anterior.

Até à época industrial, as pessoas tinham por hábito fazer o pão em casa. Levavam aos moleiros trigo, centeio e principalmente milho para serem moídos, deixando uma certa maquia como forma de pagamento pelos seus serviços. Era uma troca direta. No entanto tudo isso mudou, pelo que agora são muitas as ruínas que conseguimos ver ao longo dos rios, mantendo-se apenas três moinhos em funcionamento podendo-se ainda ouvir o som das suas mós.



Já o pai e avô, escreveu em tempos: "Para quebrar a monotonia, dei há dias uma volta pelos arrabaldes da cidade. Como sempre gostei da beira-rio, foi o velho caminho, tão meu familiar, que mais uma vez quis percorrer. Era um trilho antigo que metia pelos campos e ia desembocar nos moleiros, no lugar da Póvoa.

(...) Como disse, por ali passei a matar saudades e quedei-me no alto junto aos moleiros. "Moleiros"... é um modo de dizer, porque hoje há ali apenas um, por sinal um tipo que sabe do ofício, pois naquelas lides de rio, água, moinhos e farinha lhe nasceram os dentes e despontou a barba.

(...) Realmente os moinhos, na sua simplicidade rústica, de velhas telhas empoadas de branco e de teias de aranha, transformadas em pingentes



empoeirados de farinha, alguns de velhas e toscas paredes em que as heras se agarravam, deixando livres apenas a porta e o postigo que virava para a água, davam um encanto único aos nossos rios. Digo “davam”, porque os mataram! (...)”

**Joaquim da Rocha Leal**

Na verdade, no lugar da Póvoa, ainda podemos encontrar três moinhos em funcionamento: dois do Sr. João e um do Sr. José e os seus proprietários ainda hoje praticam o ofício que foi passando de pais para filhos, mantendo viva a tradição.

O moinho do Sr. José fica perto da antiga “Fábrica das Meias” (na margem de Penafiel), agora em ruínas. Subsiste também o pilar de um pontão que, no passado, ligava a fábrica a Paredes, onde residia a maioria das operárias.

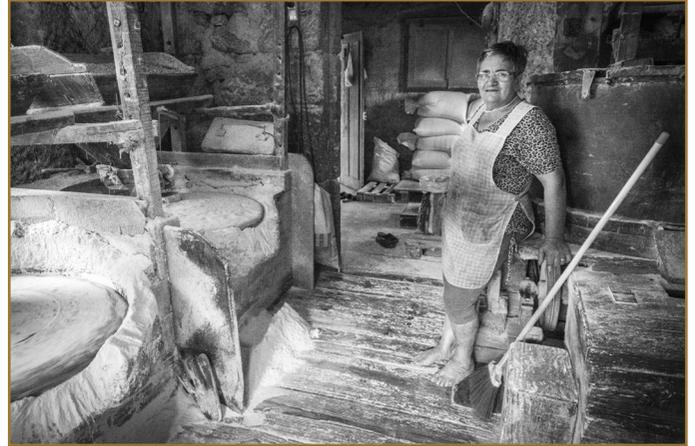


Segundo o Sr. José, o moinho já é negócio de família, pelo menos desde os tempos dos seus bisavós: “Eu nasci aqui, comecei a trabalhar aqui. Aos 6 ou 7 anos já trabalhava aqui, e agora com esta idade, aos 69, 70 anos, ainda aqui continuo a trabalhar. (...) A seguir ao meu pai fui eu quem tomou conta do moinho, mas eu não queria isto, eu queria ser mecânico. Mas antigamente era assim, os filhos seguiam as pisadas dos pais.”

E é através do seu testemunho que se consegue imaginar como seria a vida de um moleiro e da sua família, antigamente: “A minha infância foi aqui, no moinho. Brincava aqui e tomávamos banho no rio, era uma maravilha! Cheguei a dormir aqui muita vez, tinha ali uma cama e, às vezes, a gente tava a dormir e sempre a ver se a água nos chegava aos pés, chegava cá dentro e pronto. Comecei a andar aqui desde pequenino, eu até tenho uma fotografia guardada em casa, em cima de uma mula porque antigamente trabalhávamos com mulas. O meu pai tinha muitas mulas, depois tivemos uma carroça,

e depois compramos uma carrinha.” “Antigamente era muito mais duro, tínhamos que carregar tudo às costas daqui lá para cima, ou na mula. E eram sacos de cerca de 100kg, depois passou a haver sacos de 50kg e agora são apenas de 25kg. E eu em 25kg ainda consigo pegar.”

E foi por Paredes que cresceu e casou, depois de chegar da tropa. “Conheci os moinhos depois de casada, e há 40 anos que estou a trabalhar neles a ajudar o meu



marido”, diz a Sr.ª Maria.

No entanto parece ser uma atividade com os dias contados, “(...) não há quem queira seguir este ramo. Quando acabar, vai pelo rio abaixo” diz o Sr. José a sorrir tristemente. “Hoje é pouco produtivo. Antigamente ainda dava, mas agora tem muitas exigências. A gente ainda anda a trabalhar, mas as fábricas começaram a baixar os preços e não dá para competir, nem com os preços, nem com a mão-de-obra. A qualidade da nossa farinha é muito melhor e o artigo faz muita diferença, mas querem é o mais barato. (...) Por isso é que os novos não querem isto, e têm razão, se puderem ter um emprego com menos trabalho e mais limpo, também é preferível”.



Um outro fator é a falta de pessoal que ainda trabalhe nas pedras, nas mós e nos penados. “Quer dizer, eu

estou acabado, não tenho quem me siga, mas também não há quem faça as coisas para pôr as mós e moinho a trabalhar. Isso não sei fazer. Sei preparar o meu local, pôr a funcionar, montar o moinho de cima abaixo sei,



não sei é fazer o penado e assim.”

Outro aspeto que dificulta a atividade é a própria mãe natureza. Os moinhos e os seus moleiros sempre estiveram à mercê das potenciais cheias. “No que respeita às cheias, às vezes tinha um pouco de receio. Pelo menos a de 2001 meteu medo, alagaram-se a maior parte dos moinhos e eu pensei que este também ia. Pensei que fosse o fim, que a água ia tomar conta de tudo.

Não há como continuar, só se a câmara quisesse restaurar para outra atividade, para as escolas verem como um moinho funciona.

De resto, para trabalhar não há quem queira. E é isto, nasci aqui e aqui continuo. Criou-me bem e aqui morrerei também, se puder ser.”



Mas a vida marcha e adquiriu exigências que já não se compadecem com o pachorrento e monótono rodar dos penados.

A velocidade estonteante dos tempos modernos gera outras necessidades.

Como a máquina meteu o nariz em todos os sectores da atividade, não lhe podiam escapar os pacatos moinhos.

A mecânica vai-os destronando a pouco e pouco, alguns já vão ficando esquecidos e abandonados, mas firmes como uma eterna recriminação ao homem, que lhes preferiu a máquina.

Estaremos nós perante uma atividade em extinção? Efetivamente tudo o parece indicar, desde o avançar dos tempos e da tecnologia, como as constantes ameaças da mãe natureza, ao cada vez mais escasso número de pessoal qualificado e com vontade para trabalhar nestes moinhos, desde o próprio moleiro ao homem que trabalha as mós.

Mas seria tão bom se se encontrasse alguma forma de preservar estas estruturas e não só na nossa memória visual!

Tem-se notado uma crescente preocupação na preservação de monumentos e locais de elevado valor patrimonial histórico e cultural, assim como na sua incorporação na paisagem e na comunidade nas quais estão inseridos.

Os moinhos também não deixam de fazer parte do património histórico e cultural, neles retendo, igualmente, um grande valor pedagógico.

Este tipo de património pode perfeitamente contribuir para o desenvolvimento das regiões onde se inserem, bem como para a afirmação da identidade de um povo.

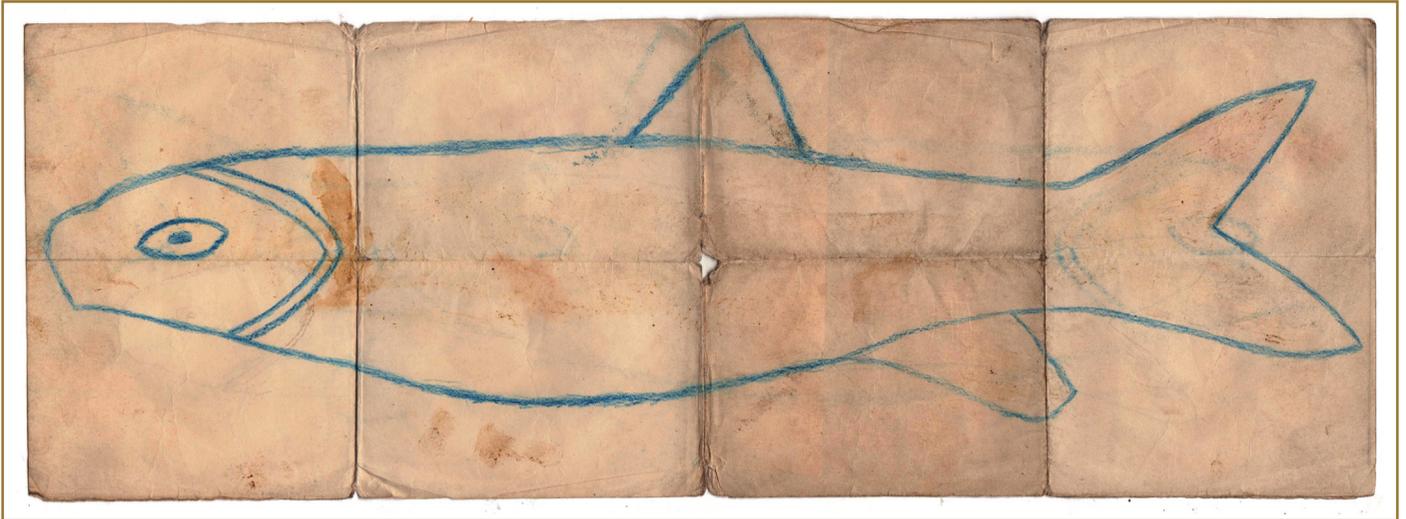
Quem sabe através da criação de uma rota temática dos moinhos do Rio Sousa, “Pedra, Água e Farinha”, desafiando a descoberta dessa parte do património cultural da região...

Concluindo: Para além do seu papel pedagógico, se bem exploradas, estas estruturas podem fazer parte de uma rede sustentável, com um papel simultaneamente recreativo, educativo e cultural, proporcionando oportunidade para o desenvolvimento sustentável das regiões onde se inserem, como trilhos e percursos pedestres (percursos temáticos), uma “rota dos moinhos”.

# POLUIÇÃO, CULPA E OMISSÃO

Serafim Rocha Ferreira, Aposentado

*"Podemos não saber nunca o resultado das nossas acções,  
mas se não agirmos não haverá resultados"*  
Mahatma Gandhi



Como qualquer ser vivo, no momento do seu nascimento surgiu admirado e tímido das entranhas de "Óreas" em Friande, Concelho de Felgueiras e teve como "madrinha" Melusina, as quais resolveram "baptizá-lo" com o nome de "Rio Sousa".

Como ser irreverente para a idade, resolveu meter pés ao caminho para a grande caminhada da sua vida.

Não muito longa, diga-se. Apenas 51 Klm. o distam do seu destino, na margem direita do rio Douro, na Freguesia do Concelho de Gondomar a quem generosamente oferece o seu próprio Nome: Foz do Sousa.

Pelo caminho, juntam-se-lhe três "irmãos": Mesio, Cavalum e Ferreira e, alegremente, lá seguem viagem até ao seu destino.

Se os primeiros anos de vida foram de despreocupação e divertimento com todos os seres vivos que com ele conviviam - fauna, flora e piscícola -, se as suas águas puras e cristalinas espelhavam o azul do céu, ou acentuavam as cavalgadas das nuvens nas tempestades inverniais,

se as suas margens foram o garante de muito alimento nos campos de perder de vista com sementeiras de milho e outros produtos essenciais às mais elementares necessidades dos homens, se nas suas margens proliferavam os moinhos que com a força motriz das suas águas moíam o milho, o trigo e o centeio para a alimentação das gentes que viviam nas suas margens ou próximo delas, esse cenário com o decorrer dos tempos e a introdução da Era industrial e "evolução tecnológica" pô-lo moribundo.

Polui-o de tal forma que, neste momento, aquilo que foi "fonte de vida" passou a ser repositório de morte e focos de doenças e das mais variadas tropelias, frutos dum Capitalismo cruel e Assassino que só vê no lucro fácil os seus maiores interesses e Ideais mediáticos com descargas poluentes para contaminar a água que, do interior de "Óreas", nasce pura e cristalina para depois, no seu curto trajecto, adquirir os mais variegados tons e matizes provocados por produtos químicos verdadeiramente nocivos à saúde de qualquer ser humano e muito mais às espécies piscícolas, fauna e flora que ladeiam as margens do "Sr. Sousa".

Quantas vezes, no seu “Corpo”, observamos “Tumores Putrefactos em decomposição”: porcos, cães, ovelhas e outros animais e até electrodomésticos como frigoríficos e máquinas de lavar, atirados por pessoas sem carácter, nem civismo como se o “Sr.” Sousa fosse o culpado da falta de ética das gentes que deveriam preservar um Bem que é de Todos.

Dos moinhos que o ladeavam, a sua grande maioria, - se não a totalidade - neste momento, não passam de aglomerado de pedras desconjuntadas alguns, outros com sinais evidentes de ruir a qualquer momento e ainda outros que desapareceram completamente do panorama ribeirinho que tão bem caracterizava toda esta região do CONCELHO DE PAREDES.



As azenhas de madeira na parte exterior com seu rodar suave e constante, as mós de granito no interior movidas pela mecânica hidráulica que compunham a engrenagem e davam uma estética especial ao ambiente ribeirinho, estão apenas e só agora, na memória dos mais idosos que sentem a nostalgia desse movimento e do som por elas produzido quando no calor estival nos deleitávamos a “chafurdar” nas calmas e puras águas do rio.

E as pontes, de belo recorte arquitectónico/artesanal, que permitiam a comunicação entre margens, algumas que ainda existem servem apenas como recordação porque... não levam a lado nenhum?

Mas a CULPA SERÁ SÓ DOS OUTROS?

Claro que não. Porque os Outros somos todos Nós.

Todos Nós, cidadãos cientes, conscientes e interessados na Herança que devemos deixar aos

Nossos Filhos e Netos, somos os Maiores culpados deste descalabro ambiental.

Não sou homem de Fé. Mas sou homem de Esperança.

De quatro em quatro anos, graças ao 25 de Abril de 1974 e por Força da Democracia, surgem grupos de cidadãos Mulheres e Homens Válidos, com o propósito de melhorar a situação das Populações agregadas nesta que é a nossa casa comum.

Há mais de Vinte anos que, todos esses Grupos, no seu Caderno de Intenções para o Quadriénio que se vai seguir, é sempre um ponto assente e comum a requalificação, limpeza e a manutenção desse espólio comum à Comunidade Local e, concomitantemente, a Jusante porque a Montante serão os outros municípios a fazer esse trabalho que deveria ser conjunto para surtir os efeitos práticos e de primordial exigência para o bem de saúde Pública das Populações.

Mesmo sendo um Homem de Esperança, temo não saber o que responder aos meus Netos quando eles me perguntarem pelos Peixes que existiam no rio quando Eu tinha a idade que eles agora têm.

Porque nem sempre foi assim:  
1958

“-Anda cá rapaz vamos pescar”. O pai, com arte, paciência, engenho... e muito amor, construiu um assento bem confortável para aplicar ao quadro da bicicleta para ele poder viajar através daqueles caminhos acidentados, sem que as suas irregularidades lhe causassem desconforto.

Nesse dia, o pai, depois de fazer todos os preparativos, foi ao quintal e nos sítios em que só ele sabia - ...ou adivinhava? - dava uma cavadela com a sachola na terra húmida e as minhocas eram às dezenas.... a rabear.

O pai, com aqueles seus dedos grossos, mas delicados, calejados, mas meigos, pegava nelas e, delicadamente metia-as numa lata que previamente tinha arranjado e fazia também parte do seu estojo de pesca, juntamente com o baú de finas aparas de madeira, que ele próprio tinha construído.

Com tudo pronto (isco, anzóis, linha, canivete e um pano para limpar as mãos, no caso de a pescaria resultar), pegou no baú a tiracolo pela fita larga que o suportava e, pegando na cana de pesca, disse: - Anda comigo. Hoje também vais pescar.

O rapaz ficou paralisado pela surpresa. Os seus olhos faiscaram de prazer. As pernas tremiam de desejo, mas não as conseguia mover. A fala, da qual a grande maioria das palavras ainda não sabia o seu significado, ficou-lhe presa na garganta.

O pai, vendo a sua surpresa, sorriu. Um sorriso grande do tamanho do céu e, pegando nele ao colo, encaixou-o no assento adaptado ao quadro da bicicleta. Ainda fora de si de contente, o rapaz tremia de felicidade.

- Parece que estás com medo! - disse-lhe o pai fazendo-lhe uma carícia no cabelo desgrenhado - o peixe se nós o pescarmos, não te vai morder, descansa!..

...“Se nós o pescarmos”, ele também ia à pesca. O pai disse: ...“se nós o pescarmos”.

Pedalando calmamente pelo caminho sinuoso e estreito que os levava em direcção ao rio, o pai disse-lhe:

- Segura bem na cana, senão ainda temos um acidente antes de chegarmos ao rio e lá se vai a pescaria por água abaixo.

O rapaz, com a mão pequerrucha, lá ia segurando a cana que ao longo da bicicleta estava disposta por cima do guiador, presa na parte de trás por baixo do selim. Viajava desta forma no meio das pernas de ambos, mas o facto de ir a segurá-la lá na frente dava-lhe uma responsabilidade, que fazia dele um homem já crescido.

Chegados ao rio, o pai dispôs os apetrechos na tampa do baú e, pegando no anzol numa mão e uma minhoca na outra, disse-lhe:

-Vês!... Com muito cuidado para não espetarmos o anzol nos dedos, metemo-lo assim na minhoca até o cobrir.

Ao falar para o rapaz, ia executando a operação com uma perícia que o rapaz não soube como é que

o anzol, recurvo como era, desapareceu dentro da minhoca num ápice.

- Agora, destrava-se o carreto e lança-se o anzol bem para lá do meio do rio - disse-lhe o pai - enquanto executava o movimento com destreza. Após esta operação, o pai espetou a cana na terra. Esta tinha na sua ponta traseira um espigão de ferro para esse efeito.

- Bom!...agora é só esperar a ver se eles mordem. Alisou uns tufo de erva alta e sentou-se com ele no meio das suas pernas e colocou-lhe os seus braços fortes à volta do seu corpito frágil.

O aconchego dos seus braços, a paz calma daquele fim de tarde de Verão, o murmúrio das águas do rio na sua suave caminhada em direcção ao mar quase o fizeram adormecer, não fosse a excitação do seu pai quando lhe disse:

-Olha!... Picou! Com um puxão vigoroso, levantou a cana, mas...oh! Não ficou - disse o pai - recolhendo a linha para de novo iscar o anzol.

Completada a operação, destravou novamente o carreto e zás!!! lá foi o anzol com o isco para o meio do rio. Então ele, só agora é que teve a noção exacta da musicalidade do som provocado pelo carreto ao desenrolar a linha e ficou a imaginar como seria tirar um peixe daquela maneira.

A espera estava a ser demorada e, por isso, maçadora. A sua imaginação acabou por cair à



água e ele deixou que o rio a levasse na correnteza mansa até outras paragens.

Viu pássaros lindos a chilrear nas margens, viu gentes estranhas, viu flores multicores e viu as nuvens no céu formando imagens às quais ele

atribuía um nome e dava-lhes uma função.

- Não caias ao rio!... Disse o pai ao vê-lo tão absorto e calado. Falar também não era muito o seu ponto forte naquela idade.

- Não pai - disse-lhe ele - e deixou a imaginação continuar a viagem interrompida por aquela voz carinhosa que o afagou como aconchego quente em noite de Inverno.

De repente, assustou-se com o salto que o pai deu. Olhou atónito o rio e na ponta da linha. Oh! ...

Ondeando, baloiçando terrivelmente, quase partindo a linha, um peixe. Enorme e escuro, cabeçorra virada para cima com rabo ferindo as águas mansas do rio com tal violência que os salpicos atingiram as faces aturdidas do rapaz que, na margem, assistia a um espectáculo nunca visto.

De repente, desapareceu outra vez nas águas, agora mais agitadas pela luta. O pai fez ouvir a sua voz ao dizer,

- Vou deixá-lo cansar-se mais um bocado, vou dar-lhe linha, depois já vai ver quem manda. Este é um dos que mete respeito, é preciso ser-se paciente, senão lá se vai.

O carroto souou novamente e a linha ia desaparecendo no interior da água do rio, engolida pelas águas. De repente, parou. Então o pai voltou a "corricar" a linha trazendo novamente o peixe até à superfície da água. Já se via de novo o enorme animal deslizando suavemente sob o espelho das águas, agora mais calmo e resignado. Então o pai, recolhendo mais uns metros de fio, de repente elevou a cana e ei-lo cá fora, no meio da erva que juncava as margens do rio.

Enorme. Metia medo e respeito ao rapaz que o observava a arfar e a contorcer-se. O pai não cabia em si de contente. Era vê-lo a saltar. Era vê-lo a rir de satisfação perante tão grande animal nunca visto ao longo daquelas margens.

O espectáculo era digno dos grandes palcos. Um homem adulto e "grande", saltando e rindo, quase chorando de contentamento pela pescaria que acabava de fazer, na presença do seu pequeno filho.

Há horas na vida de um homem que valem por uma vida, e aquela era, sem dúvida, para aqueles dois, uma das que jamais se iria diluir na espuma do tempo.

O pai, depois de tirar da bocarra enorme do peixe o anzol que o prendeu, chamou o filho e disse-lhe:

- Anda cá ver filho, é quase do teu tamanho, (41 cm) não tenhas medo que ele não te faz mal, vê como é macio.

O rapaz aproximou-se e, timidamente, colocou-lhe a mão no dorso viscoso e macio, apesar das escamas que o cobriam serem de aparência rugosa. O peixe agitou-se uma última vez e o rapaz recuou receoso. O pai riu-se da reacção e disse-lhe:

- É quase do teu tamanho. Anda cá, vamos medir.

Pegou nele pela cabeçorra com a sua mão viril e quase o encostou ao rapaz. O rabo a roçar-lhe os pés e a cabeçorra enorme quase a tocar-lhe o queixo.



Era, sem dúvida alguma, um exemplar digno duma pescaria a dois.

Mais tarde, todo ufano, o pai depois de contar à mulher a proeza dessa tarde, colocou o bicharoco em cima de um papel de embrulho e marcou-lhe a silhueta com um lápis, recortou o cartão para o guardar e mostrar aos seus amigos pescadores.

Nessa noite, a ceia naquela casa foi mais farta!

# @FATOR \_ HISTÓRIA

## UMA PERSPETIVA SOBRE O USO DAS REDES SOCIAIS NO ENSINO DA HISTÓRIA

Paula Correia, Professora de História

José Mendonça Costa, Professor de História

Diariamente, na sua prática letiva, os professores confrontam-se com a necessidade de disputar com as novas tecnologias a atenção dos seus alunos. A possibilidade da utilização das redes sociais como recurso educativo, nas aulas de História, transformaria estas ferramentas tão próximas dos alunos numa mais valia para a aprendizagem da disciplina. Acreditamos que, mais do que os entreter, estas poderiam ser um aliado valioso no processo de aprendizagem, se utilizadas com critério e com um propósito bem definidos.

O mundo virtual invadiu as nossas vidas e tem aberto um sem número de possibilidades no uso de novas metodologias de ensino/aprendizagem. Escasseiam ainda, no entanto, estudos consistentes que nos permitam trilhar esses caminhos com alguma certeza.

Um dos estudos que trata esta temática aborda a utilização de uma rede social, o *WhatsApp*, na educação (Deshen & Mor, 2014). O artigo do *Journal of Information Technology Education Research* procurou perceber as implicações positivas e negativas do uso de uma rede social no ensino. As principais conclusões mostram as vantagens do uso desta app social.

“Os grupos de *WhatsApp* são utilizados com quatro propósitos principais: facilitar a comunicação, nutrir uma atmosfera social, criar diálogo e encorajar a partilha entre os estudantes. Como uma plataforma de aprendizagem, os participantes salientaram como vantagens do *WhatsApp* a rapidez na comunicação, ser intuitivo, de baixo custo e de fácil acessibilidade.” (Deshen & Mor, 2014, p. 217).

Um outro artigo, alvo de análise, recorreu ao uso do *Instagram* como ferramenta didática para o ensino de Língua Portuguesa junto de alunos chineses. A razão

da escolha desta ferramenta pelos investigadores teve em consideração as potencialidades que esta rede social apresenta (Barbosa, Bulhões, Zhang, & Moreira, 2017).

O referido estudo de caso apresenta conclusões interessantes, considerando que a rede social *Instagram* é uma ferramenta didática importante, pois contribuiu para a “produção textual por meio de texto verbal e de vídeos curtos, além de interação, colaboração, trocas, partilhas e aprendizagem em comum”. (Barbosa, Bulhões, Zhang, & Moreira, 2017, p. 24)

A principal função do *Instagram* é a partilha de fotografias e vídeos, no formato de aplicação para um qualquer telemóvel. Atualmente, o *Instagram* conta com mais de 1000 milhões de utilizadores ativos mensalmente e com mais de 500 milhões ativos diariamente. (Instagram, 2019).

Qualquer pessoa pode ser um utilizador desta rede social. Com a criação de um perfil de *Instagram*, o utilizador pode seguir outros e, assim, ver as suas publicações e interagir. Uma das valências desta rede social está relacionada com a *Instastorie*, que permite que uma mensagem ou uma foto estejam visíveis para os seguidores, durante 24 horas. Esta ferramenta é uma das mais utilizadas pelos jovens (Instagram, 2019).



@Fator\_História.

A experiência pedagógica que se apresenta foi desenvolvida, no ano letivo de 2018/2019, na Escola Secundária de Paredes, no âmbito da Iniciação à Prática Profissional de um núcleo de estágio da FLUP. Contou com a participação de três turmas de 11º ano do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades. A escolha do *Instagram* para o desenvolvimento desta experiência pedagógica prendeu-se com o facto de esta ser a rede social mais utilizada pelos jovens atualmente.

O desafio lançado às turmas, na disciplina de História A, foi o de dinamizarem uma conta no *Instagram*, a que os alunos escolheram dar o nome de *@Fator\_História*. Nesta seriam colocados *posts* alusivos à temática da História local ou relativos a conteúdos do programa da disciplina.

A questão de partida deste projeto prendeu-se com o facto de procurarmos entender em que medida as redes sociais poderiam ser rentabilizadas ao serviço do ensino da História. Seriam uma mais valia e um aliado valioso na aprendizagem dos alunos?

Como objetivos deste projeto, podemos destacar os seguintes:

1. Promover o sucesso dos alunos e a produção de conhecimento histórico.
2. Valorizar a História Local.
3. Promover a multiperspetiva em História, levar os alunos a compreender o significado e a utilidade da História como ferramenta na análise crítica dos acontecimentos e das culturas, valorizando as várias perspetivas em foco.
4. Organizar um espaço virtual de estudo, construído pelos próprios alunos.



A Biblioteca Municipal de Paredes

5. Promover o conhecimento da História e da cultura material e imaterial da região.

6. Desenvolver junto dos alunos a curiosidade pela recolha de testemunhos e documentos históricos da sua região e sobre tudo aquilo que não vem nos livros de História, e que poderá ser perdido nas próximas gerações.

Foram definidos com os alunos os moldes em que toda a atividade seria desenvolvida. Estes foram convidados a participar com pequenos trabalhos de pesquisa relativos à História Local, que se converteram em “publicações”.

No âmbito da História Local, podia ser incluída a pesquisa da história de monumentos, casas brasonadas, famílias ilustres, espaços de interesse público e municipal, toponímia, tradições orais, cantares, gastronomia, ou seja, tudo o que de alguma forma apresentasse relevância histórica. Estas “publicações” ocuparam o espaço da página principal da conta. Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos foram bem demonstrativos do interesse e empenho que depositaram neles.

Um dos trabalhos com que a página do *@Fator\_História* contou relacionou-se com a outrora escola Conde de Ferreira, atual Biblioteca Municipal de Paredes, como mostra a imagem. O aluno em questão procurou obter informação através da bibliografia disponível, mas também conseguiu relacionar a história do edifício com as temáticas apreendidas em contexto de sala de aula.

Helena Pinto é uma investigadora que vai ao encontro da importância deste contacto com o património por parte dos alunos e da comunidade envolvente. Segundo a autora, “proporcionar aos jovens a experiência única do contacto direto, vivencial, diferentes tipologias de património e iniciá-los na leitura dos bens patrimoniais, a níveis cada vez mais sofisticados, são práticas educativas com enormes potencialidades (...)” (Pinto, 2011, p. 146).

Este é apenas um dos vários trabalhos desenvolvidos pelos alunos ao longo do ano letivo. A página *@Fator\_História* contou com trabalhos de várias freguesias, sobre os mais variados temas. Referimo-nos a vários episódios que marcam a História Local, Toponímia, ou Cultura Imaterial.

Do mesmo modo, os alunos ficaram responsáveis por pequenas *stories* com algumas ideias-chave de cada aula, como mostra a imagem.

Determinou-se que, após cada aula, um aluno deveria elaborar uma pequena síntese desta.

Este pequeno trabalho, depois de corrigido e avaliado pelo professor, era publicado nas *stories* da conta @Fator\_História. Todos estes trabalhos foram agrupados por temáticas, em subpastas, tornando-se mais uma ferramenta de estudo para os alunos. Deve-se referir que ficou estabelecido que todos os trabalhos elaborados pelos alunos, quer os trabalhos sobre a História local e Património, quer as *stories*, seriam alvo de escrutínio e avaliação por parte dos professores responsáveis.

Antes de ser feita qualquer “publicação”, os alunos enviavam por mensagem os trabalhos e só depois da autorização e avaliação do professor é que se procedia à sua publicação. Nesta avaliação prévia, foi tida em consideração a relevância histórica, o conteúdo e a correção do discurso.

Pretendeu-se valorizar e dar relevância ao conhecimento da História Local. Desde o início, entendemos que um maior conhecimento da História Local e do Património poderia ser um fator catalisador do interesse dos alunos pela disciplina. Muitos deles têm a ideia de que a disciplina de História se pauta na sua maioria por acontecimentos longínquos no espaço e recuados no tempo. Demonstrar que existe uma sequência lógica e que se pode articular o passado e o presente, através da observação e escrutínio de vários acontecimentos e locais que marcaram a nossa região, foi uma das grandes vitórias de toda a atividade. Os alunos conseguiram, de uma forma simples, descobrir vários aspetos relacionados com a História desta região.

Foi nosso objectivo, com esta experiência, perceber até que ponto a utilização do *Instagram* poderia ser



Exemplo de uma *Storie*

um valor acrescido, pela sua capacidade de seduzir os alunos e pelos resultados que daí poderiam advir na construção de saberes e aprendizagens.

Efetivamente, a utilização do *Instagram* como recurso didático constituiu um fator de grande motivação para alunos. Estes mostraram-se empenhados e criativos na pesquisa que levaram a cabo sobre assuntos da História Local e também sobre os conteúdos do programa da disciplina abordados nas aulas. Desta forma, segundo Helena Pinto, puderam construir a sua interpretação sobre essas fontes históricas, relacionando-as com a sua aprendizagem no momento e os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo. Promovemos também o que a autora refere como desejável, que formulem questões investigativas e hipóteses explicativas acerca do passado de um objeto, edifício ou sítio (Pinto, 2011, p. 148).

Acreditamos que esta metodologia ajudou a despertar nos alunos o interesse pela investigação histórica, a valorizar a História Local, enquanto património histórico, cultural e artístico e, ainda, a compreenderem a importância da recolha das tradições orais, gastronómicas, dos cantares ou do folclore.

A finalidade da educação é ensinar, não é entreter. Neste sentido, pensamos que o uso da conta @Fator História cumpriu a sua função didáctica, pois aproximou os alunos da disciplina, levando-os, na pesquisa histórica, para outros espaços e outros tempos, dando relevância a esses conhecimentos.

#### Bibliografia

- BARBOSA, C., BULHÕES, J., ZHANG, Y., & MOREIRA, A. (2017) - Utilização do Instagram no ensino e aprendizagem de português língua estrangeira por alunos chineses na Universidade de Aveiro. *Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa*.
- COSTA, J.(2019) - @Fator História. *Uma perspetiva sobre o uso das redes sociais no Ensino*. Porto: FLUP.
- DESHEN, D., & MOR. (2014) - WhatsApp Goes to School: Mobile Instant Messaging between Teachers and Students. *Journal of Information Technology Education: Research* Volume 13, 217-231.
- INSTAGRAM. (2019) - About Us. Obtido de <https://www.instagram.com/about/us/>.
- PINTO, H. (2011) - *Educação Histórica e Patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*. Braga: Universidade do Minho.

# GLOSSÁRIO INTERDISCIPLINAR

## UMA TEIA DE PALAVRAS

Laura Guimarães, Professora de Português e Inglês do Agrupamento de Escolas de Paredes



Registo de termos de um aluno no Glossário Interdisciplinar coletivo

A educação formal centrada na transmissão de conteúdos, na explicitação de conceitos e no aperfeiçoamento, através de exercícios repetitivos, assenta num currículo multidisciplinar, que aparta as áreas do conhecimento e tende a fragmentar o saber e a dificultar o estabelecimento de relações entre as diversas matérias. Neste contexto, D'Ambrósio Ubiratan, professor universitário de matemática ilustra a distinção entre multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, através de uma metáfora peculiar:

Metaforicamente, as disciplinas funcionam como os canais de televisão ou os programas de processamento em computadores. É necessário sair de um canal ou fechar um aplicativo para poder abrir outro. Isso é a multidisciplinaridade. Mas uma grande inovação é poder trabalhar com vários canais ou aplicativos simultaneamente, criando novas possibilidades de criação e utilização de recursos. A interdisciplinaridade corresponde a isso (2005, p. 104).

Em oposição ao modelo de fragmentação do conhecimento, é extensa a lista de educadores e investigadores que defendem a interdisciplinaridade como estratégia pedagógico-didática a privilegiar, tendo em vista a formação integral do cidadão. Com efeito, a interdisciplinaridade promove o desenvolvimento de conceitos associados a conteúdos disciplinares ancorados nas aprendizagens das diferentes disciplinas do currículo (Cosme, 2018). No quotidiano escolar, as crianças deparam-se com diversos tipos de textos, documentos, instruções e enunciados em língua materna, que contêm informações especializadas, expressos numa

linguagem própria para serem decodificadas. Neste âmbito, pode afirmar-se que a Língua Portuguesa intersecciona todas as disciplinas escolares, sendo certo que as competências de leitura e de escrita fazem, certamente, a diferença na compreensão dos conteúdos, na resolução de problemas e na execução de tarefas. Assim, a criação de um Glossário com contributos de todas as disciplinas surge como denominador comum em que o léxico assume papel de protagonista de toda a trama.

“O *Glossário Interdisciplinar* fundamenta-se nos contributos teóricos da didática das línguas e da linguística educacional, segue uma metodologia de investigação-ação (Cohen et al., 2000) e contextualiza-se nos diplomas oficiais para os ensinos básico e secundário, em Portugal, referenciados ao “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade obrigatória” e às “Aprendizagens Essenciais”, num quadro de autonomia e flexibilidade curricular de natureza interdisciplinar” (Viegas, et al 2019). Importa, então, questionar: de que modo estes documentos auxiliam os professores a responder a desafios como o da persistência dos alunos durante o processo de aprendizagem e a promover a articulação entre conteúdos significativos? Para dar resposta a esta dupla questão, mostraremos como uma abordagem pedagógica integrada, através da articulação das diferentes componentes do currículo escolar, poderá acrescentar valor pedagógico-didático à ação dos professores, abrindo espaço para a motivação, a contextualização, a complexificação e a consolidação das aprendizagens.

O projeto teve início numa história de amor entre dois professores de disciplinas que os alunos ora adoram ora entram em sala de aula em modo de tortura medieval: o português e a matemática. Foi há cerca de dois anos que Filomena Viegas, presidente da Associação de Professores de Português, numa palestra sobre didática da língua materna deu a conhecer um casamento perfeito entre estas duas áreas curriculares determinantes no percurso escolar dos alunos. Durante a sessão, os participantes foram cativados pela singeleza de uma eterna aliança. Da

cartola mágica da Filomena, surgiram exemplos como o termo “fração” matemática e a “fração” como parte de um todo, o conceito de “área”, a noção de “dividendo”, o significado de “propriedade”, entre outros vocábulos abordados em ambas as disciplinas.

O clique para a aplicabilidade do projeto a duas turmas do 6.º ano de escolaridade e o seu alargamento às restantes áreas disciplinares tornou-se um desafio sem grandes riscos já que as mentoras, Sónia Valente, Rodrigues e Margarita Correia e o padrinho, Luís Redes, investigadores de reconhecido mérito na área da linguística e da didática, lhe concederam as maiores bênçãos.

A partida à descoberta de termos polissémicos durante as atividades letivas das diferentes disciplinas do currículo foi generosamente acolhida pelos alunos.



Interação em sala de aula numa turma do 6.º ano, da Escola Básica e Secundária de Paredes, 2019

A aprendizagem está intimamente associada à compreensão, isto é, à apreensão do significado, o que pressupõe compreendê-lo nas suas relações com outros objetos e acontecimentos. Ao longo da viagem, assistia-se amiúde a episódios de verdadeiro deslumbramento sempre que se revelavam os múltiplos sentidos que as palavras encerram nas suas conchas, recuperando o belíssimo texto de Eugénio de Andrade.

São como um cristal,  
as palavras.  
(...)  
Quem as escuta? Quem  
as recolhe, assim,  
cruéis, desfeitas,  
nas suas conchas puras?

Na construção do Glossário, o enfoque é sempre colocado nos termos comuns aos conteúdos de duas

ou mais disciplinas. Inicialmente, os professores do conselho de turma fornecem termos especializados e, posteriormente, validam vocábulos já selecionados pelos alunos. As palavras escrutinadas são estudadas por todos os alunos, antes de integrarem o glossário individual de cada um em registo de papel. Em seguida, os alunos procuram os significados dos conceitos, recorrendo a um Dicionário escolar ou a sítio de referência em linha. Após este registo, são acrescentadas frases em que os termos surgem contextualizados.

Na construção do Glossário Interdisciplinar, em suporte de papel, é de salientar o valoroso trabalho de monitorização dos professores de Educação Visual, na decoração das capas e na identificação das letras que separam as páginas dos mini-dicionários de bolso. Com o passo seguinte, atravessamos a porta da felicidade na aprendizagem através do registo em linha dos termos já selecionados, tendo em vista a construção de um Glossário coletivo digital. Para tal, recorremos a uma plataforma *moodle* que conta com a graciosa supervisão da Associação de Professores de Português.

No final de cada período letivo, procede-se à avaliação dos desempenhos dos participantes. Nos inquéritos atinentes releva-se o entusiasmo generalizado dos intervenientes, o reconhecimento da importância de trabalhar o léxico, a repercussão do projeto na sistematização de conceitos associados às várias disciplinas e o enlevo pela riqueza da língua materna.

No primeiro ano de implementação, estiveram envolvidos cerca de cem alunos do sexto ano de escolaridade. Um ano decorrido desta experiência piloto, considerou-se pertinente estendê-la a todas as turmas dos 2.º e 3.º ciclos da Escola Básica e Secundária de Paredes, com a supervisão da Associação de Professores de Português.

“O *Glossário Interdisciplinar* tem por objetivo desenvolver o capital lexical (Duarte, 2011) e a consciência linguística dos alunos, facilitando a compreensão do discurso próprio a cada disciplina. O projeto tem ainda o propósito de estudar o impacto da construção do glossário interdisciplinar na reflexão dos professores dos conselhos de turma sobre conteúdos disciplinares e interdisciplinares. A avaliação do projeto assenta na aplicação de instrumentos de natureza quantitativa e qualitativa, pensados em torno dos atores do processo, dos resultados e dos produtos” (Viegas et al. 2019).



Glossários Interdisciplinares dos alunos em suporte papel

A teia de palavras construída a partir da multiplicidade de termos entrelaçados e de palavras que cruzam diversas áreas do currículo tece ações de ensino indutoras de aprendizagens significativas.

Para pintar a manta do léxico faz falta arriscar novas urdiduras, conjugando linhas e laços capazes de cativar e de criar nos alunos o gosto pelo saber.

Exemplo de entradas no Glossário coletivo em linha

#### Bibliografia:

- D'AMBROSIO, U. (2005) – *Sociedade, cultura, matemática e seu ensino*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan./abr.

- ANDRADE, E. (1972) – *Antologia Breve*.

- MEC (2018) – *Aprendizagens Essenciais de Português - Ensino Básico*. (<http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>) (consultado em 20/12/2019).

- MORIN, E. (1999) – *Relier les Connaissances, Le déficit du XXIe siècle*. Paris: Seuil.

- PINTO, M. G. Castro(1999) – “*O professor de português perante os desafios actuais e os problemas da (i)literacia*”. In Português, propostas para o futuro 1 – Transversalidades. Lisboa: APP, pp. 9-31.

- REIS, C. (2007) – *Conferência internacional do português. Recomendações*. In <http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/recomendacoesiecp.pdf> (acedido a 22.12.2019)

- SIM-SIM, I.; Duarte, I., e Ferraz, M. J. (1997) – *A língua materna na educação básica. Competências nucleares e níveis de desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação- Departamento da Educação Básica.

-SCHOON,I.(2015) – Let'sWork Together: Towards Interdisciplinary Collaboration. In *Research in Human Development*, Volume 12, 2015 - Issue 3-4, 350-355.

- VIEGAS, F.; NUNES, F. (2018) – Literacia científica e transversalidade da língua portuguesa. In: VIEGAS,F; REDES, F.; GUIMARÃES,L. ARLE, *The interdisciplinary glossary in the development of lexical competence*, comunicação, Lisboa, 26 de junho de 2019.

- GONÇALVES, M. & Jorge, N. (org.) (2018) – *Literacia científica na escola*. Lisboa: NOVA FCSHCLUNL, 7-13.

- ZUBER-SKERRIT, O. (1992) – *Action research in higher education: examples and reflections*. London: Kogan Page.

# “NUM SALTO, SENHOR...”

Rui Guedes, Escritor  
Maria Miguel, Ilustração

Sobre a trave onde se penduram os arreios, com a cabeça esticada e os braços pousados no parapeito, espreita o rapaz de olhar vermelho carregado. Não fosse a porta da cavalaria alinhada com a janela do quarto da fria casa de xisto, e poupavam-se as pernas delgadas dentro das galochas enlameadas à cruel visão de um esbelto corpo nu, deitado sobre o colchão de palha com o ventre encostado ao lençol de linho, e a face rosada como o pedaço de pele onde o chicote embate com violência, continuamente, até o braço ceder, e o semblante satisfeito de um cavaleiro montado em tão vil proeza se cruzar com o olhar carregado do moço na estrebaria, vermelho como o sangue que lhes cavalga as veias - O diabo do rapaz!

No lugar de Brandião, falar em casas é falar de coisa pouca. Uma ou outra com telhado de colmo e paredes rosadas de barro, isoladas e voltadas para os terrenos de cultivo onde há mais pedra que terra, e onde o suor dos homens apaga a breve faísca que ilumina o metal da enxada contra a rocha despedaçada. No ponto mais alto há uma casa de xisto, com um quintal nas traseiras, um poço e uma cavalaria. Fortuna imensa em tal lugar, e para a família que de tudo isso se serve, assim como do vento que leva o silêncio para além da Serra de Santa Iria, escondendo-a de olhares e ouvidos alheios. O que se sabe naquele lugar é que, de manhã cedo, um cavaleiro de barba ruiva e aspecto rude sai montado no seu belo cavalo negro, de pêlo brilhante e crina ondulante, arreado pelo pequeno rapaz que lhe grita - Pai - sempre que algo fica esquecido fora dos alforjes, e se despede com indiferença da jovem mulher, escondendo uma lágrima atrás do enganoso aceno que lhe dirige.

Poucos são os dias em que o homem de barba ruiva não sai para caçar, e a jovem mulher não se embrulha no xaile de lã e embala na passada larga que a leva até à capela no meio do monte, depois de passar a Torre do Castelo e a ponte de pedra que liga à outra margem do rio. É uma pequena ermida, erigida entre lascas de xisto e giestas bravias. A porta está sempre aberta, basta esticar a mão frágil que agarra o batente e empurrar. Pelas pequenas janelas laterais

entra a ténue luz matinal. A mulher caminha sobre a passadeira gasta e detêm-se debaixo do candelabro apagado. Levanta ligeiramente o vestido, antes de se sentar no banco de madeira colocado em frente ao altar. Benze-se, junta as mãos e ergue o olhar para a imagem coberta pelo manto branco que a observa desde as alturas, sibilando as palavras que, fora daquele templo, só com o grito do pensamento ousaria proferir - Valei-me, Virgem Senhora. Valei-me, que sou pecadora!

A caça já não abunda como noutros tempos. As lebres são muito poucas. Veados e javalis só por alturas do cio, em que os bramidos atizam os sentidos do caçador e orientam a montada por entre os bosques. Vão valendo os coelhos que escapam à praga que por aí apareceu, pendurados na vara levada ao ombro ou empernados no cinturão que segura as calças. Depois há os dias de alforjes vazios. São os dias que trazem o cavaleiro para a fria casa de xisto e para dentro do seu quarto, e que atiram a mulher sobre o colchão de palha, arrancando-lhe o xaile de lã e o vestido comprido, exibindo o seu esbelto corpo nu com o ventre encostado ao lençol de linho. O chicote de couro rasga o ar, e o pedaço de pele onde embate com violência. O rapaz de olhar vermelho carregado assiste a tudo pela porta da cavalaria alinhada pela janela da casa. Assiste, uma vez mais, a tudo. Os seus braços pousados no parapeito caem, e as mãos investem sobre a trave onde se penduram os arreios, como se a manta azul debaixo da sela fosse de pêlo ruivo tecida. A jovem mãe abafa o choro com as preces que vai sibilando, enquanto o chicote, embalado pelo braço que tarda em ceder, incandesce o seu doce corpo com um rubor violento. De repente, pela janela aberta entra um rosto de menino alagado em lágrimas, seguro pelas pernas delgadas dentro das galochas enlameadas - Pare, querido pai. Tenha dó! - A raiva aumenta ainda mais, assim como o ritmo das chicotadas na indefesa mãe - O diabo do rapaz! Quando o esbelto corpo nu sucumbe, atira o chicote de couro para o chão, despe a roupa transpirada e atira-se sobre o colchão de palha, cobrindo-se a si e à sua jovem mulher com o lençol de linho ensanguentado.



Dá um longo trago na vasilha da aguardente e sopra a luz bruxuleante saída do candeeiro a petróleo. Um novo dia nasceu. Brotou da distância entre a tímida centelha apagada num candeeiro a petróleo e a terra húmida coberta pela geada. Na cavaleriça, o rapaz escovou o belo cavalo negro de pêlo brilhante e crina ondulante. Alisou a manta azul no dorso e colocou a sela em cima do aveludado. Aproximou-se

da trave de madeira e pegou nos arreios, tocando ao de leve no cavalo e dirigindo-lhe palavras meigas junto à orelha. Com uma das mãos apontou a embocadura, a cabeçada e o freio ao focinho do corcel, enquanto a outra mão esticava as rédeas para cima da sela. Uma sombra a seus pés desviou-lhe os olhos para a porta. Embrulhada no xaile de lã sobre o vestido comprido, e de braços esticados na sua

direcção, a jovem mãe recebeu o rapaz, encostando-o ao seu ventre. Num súbito gesto, levou o dedo em riste contra os lábios. Ajoelhou-se em frente a ele, limpou-lhe os olhos avermelhados e, com a mão frágil, penteou-lhe o cabelo. Pediu-lhe silêncio. Pediu-lhe que se contivesse, que guardasse o seu grito para quando se aproximasse do terror, da violência, da ignomínia. Que o soltasse quando a sua boca estivesse suficientemente perto daquela roupa transpirada e daquele bafo a aguardente. Ergueu-se com elegância e beijou-lhe a face molhada pelas lágrimas, antes de se voltar e abandonar a cavalaria.

Os raios de sol atravessaram a janela do quarto e aqueceram o corpo rude deitado sobre o lençol de linho. Esfregou os olhos, sentou-se na cama e coçou a barba ruiva emaranhada. Ao seu lado, apenas outra almofada. Abandonou a casa batendo a porta com estrondo, numa mescla grosseira de passos trôpegos e flatulência. Deteve-se em frente à porta da cavalaria, e bradou: - Onde está a tua mãe, rapaz? Lá dentro, uma voz amedrontada, quase imperceptível, foi atirada por detrás dos fardos de palha que escondiam o trémulo corpo franzino - Não sei, meu querido pai! Irrompendo pela cavalaria, o cavaleiro dá passos largos na direcção do cavalo. Agarra-o pelas rédeas e, num salto, senta-se na sela. O cavalo negro ergue-se nas patas dianteiras, rejeitando o peso bruto sobre o seu dorso e o chicote de couro contra o pêlo brilhante. Ao vê-lo assim tão inquieto, o rapaz lança-se às rédeas e encosta-lhe o rosto lacrimado à orelha, puxando-lhe a cabeça pelo freio para que se acalmasse. A mão fechada do cavaleiro bate-lhe com estrondo na nuca, desorientando-o e fazendo com que largasse a cabeça: - O diabo do rapaz! As esporas presas às botas de cano alto cravam-se no corpo do cavalo. O relinchar de desespero fá-lo arrancar desenfreado, escapando do olhar avermelhado do rapaz prostrado no chão ao passar a curva do largo caminho de pedra em frente à casa de xisto.

Ao aproximar-se da Sarnada, sentiu que o cavalo não obedecia às rédeas e ao chicote. Cavalgava impelido por um medo que lhe aumentava a transpiração e o bater descompassado do coração. A crina ondulante colava-se ao pescoço sem brilho, e todo o pêlo embaciava como se estivesse debaixo de uma bâtega de Inverno. Ao chegar ao lugar da Cruz, o cavaleiro sentiu atrás de si um outro cavalgar. Sem afrouxar, equilibrou-se sobre a montada e voltou ligeiramente a cabeça. Um par de galochas enlameadas deixava as

pernas entroncadas que o perseguiram, pintadas com o vermelho que se estendia por todo aquele corpo musculado. Incrédulo, o cavaleiro enterrava cada vez mais as esporas na carne do cavalo, esperando por alguém que lhe valesse ao chegar a Senande. No pequeno lugar não havia vivalma, e o calor soprado da sua retaguarda aumentava, atirado do corpo rubro e flamejante atrás de si, de cabeça disforme e adornada com dois longos e afiados chifres. Ao chegar à Torre do Castelo, saiu da estrada de terra e entrou no bosque. Julgava poder despistar a alucinação que agora o acompanhava embrenhando-se na Serra de Santa Iria, depois de passar o lugar de Alvre. Os ramos das árvores fustigavam-lhe o rosto, e o chicote caiu-lhe da mão ao embater numa fraga coberta de musgo. As sombras das labaredas confundiam-no, e o cavalo negro relinchava dando voltas sobre si, fugindo e voltando sem sair do lugar. A neblina nascia ao fundo do bosque, e o homem rude de barba ruiva tocou o cavalo na sua direcção. O denso nevoeiro que se formava iria despistar o tihoso que teimava em não sair do seu encaço. Cavalgava sem enxergar um palmo à frente do nariz, apenas com o instinto e o calor infernal que lhe soprava nas costas, bem encostado ao seu pescoço. O nevoeiro levantou-se subitamente, abrindo-se a cortina nebulosa em frente aos seus olhos. O estertor das águas bravas contra os rochedos foi interrompido pelo grito dado encostado à sua orelha, bem próximo do terror, da violência e da ignomínia, liberto da boca suficientemente perto da roupa transpirada e do bafo a aguardente - O rapaz é o diabo!

O belo cavalo negro, de pêlo brilhante e crina ondulada, fincou as patas dianteiras no chão, detendo subitamente a cavalgada desenfreada e cravando no solo as marcas que tempo algum apagará. O peso bruto no seu dorso foi projectado sobre si, lançado da escarpa em direcção às águas geladas. Debruçado sobre o penhasco, o rapaz persegue a corrente e bebe com sofreguidão o vislumbre de uma barba ruiva a ser engolida, como trago de aguardente, pela estreita garganta esculpida entre as margens do Rio Sousa.

Na outra margem, da capela erigida entre lascas de xisto e giestas bravias, uma jovem esbelta, coberta por um manto branco tecido nas alturas, segura entre as mãos elevadas ao Céu o canivete que golpeou a fivela da sela, pousada no dorso do veloz corcel:

- Valei-me, Virgem Senhora. Valei-me, que sou pecadora...

## SEI-O

Miguel Gomes, Texto  
Norberto Valério, Fotografia

---



Com o calor a crocitar os amenos braseiros de um Verão, a cada borbuhada dos modernos barcantes que sulcam o rio, coloca-se em bicos de pés, os gémeos a tremerem nas impreparadas pernas, finas como galhos de uma poda despreocupada com nova colheita.

Adivinhava a passagem das embarcações grandes como casas, onde se refastelavam corpos luzidios de gente cujas línguas iriam ser diferentes das dele, assim o imaginava, como aquela algaraviada retorcida com a língua que o obrigavam a dizer na escola, intercalada com músicas sobre a cabeça, ombros, joelhos e pés, sem que ele as percebesse,

as palavras e as partes do corpo. Falavam-lhe em consoantes surdas e vogais mudas, um pouco como os serões lá de casa, quando a mãe chegava mais cedo a casa e, depois de segar couves, cegava os sonhos na bacia de plástico onde raspava os calcanhares encardidos enquanto ele, puto, fazia os trabalhos forçados de casa, os cadernos abertos, a caligrafia filigranada entre pautas azuis, a tampa da caneta a fazer o preparo de limpeza nas orelhas, a mão fria sobre o tampo de latão que orlava a madeira da mesa da cozinha. Se os pais não traziam nem os socalcos, nem as tesouras de poda, nem as cestas à cabeça, nem mais nada do trabalho para casa, porque havia ele de trazê-lo, o trabalho, para

casa? As crianças pensam sem razão, mas têm razão em pensar.

Quando a mãe, perfumada de lixívia, embrulhava as mãos no avental azul para as secar e depois pousava o pano de limpar a louça, ele sabia que era hora de, terminado ou não, resguardar livrarada, caneta, lápis e borracha no estojo de madeira que o pai lhe tinha feito com as três grandes vergas que trouxera de um barril velho e que agora servia de banco para turistas na quinta do senhor patrão, dos trabalhadores e das vidas das pessoas. Arrumadas as ferramentas da escola, pousava a sacola na cadeira, abria com tinir a gaveta dos talheres, tirava três garfos e três colheres, colocando-os sobre uma toalha de mesa dobrada ao meio, onde se ria uma vaca com um trevo na boca e de úberes dilatados, proeminentes, os cantos desenhados com hortênsias e a palavra “Açores”, que era o nome das ilhas onde a patroa tinha ido e, por cuidado a quem cuidou do jardim como se tratasse do próprio decote anafado para o dia da procissão, lhe trouxe como agradecimento, num reconhecimento que ruborizou quem ofereceu e quem foi ofertado.

A porta bate na soleira de pedra, o bigode agita-se e com o queixo pica-lhe a cara, esfregando e rindo-se abrutalhadamente, como se o amor de um pai por um filho pudesse ser sereno como os ingleses a pisarem a medo o mosto. A carícia paterna tem a agrura com que se esborracha um torrão por carinho à plantação! E o puto fingindo-se chateado, sorria e espreitava a cada manhã, na convexidade da colher com que mexia o leite e tostas, se aquela sementeira do pai lhe trazia já penugem, um pêlo que fosse, a promessa de uma masculinidade precoce à face alva e sedosa. Passava a mão no regaço da mulher, dava-lhe um beijo no cachaço, o que a deixava a sorrir e lhe traçava no olhar uma certa volúpia e um torpor cúmplice pelo corpo, o mesmo que se entregaria à intimidade do casal, caso o cansaço não deixasse que se adormecesse, como em tantas outras noites, ao som dos grilos e ao sabor dos corpos nus num mundo duro, como quem veio ao mundo, puro.

A refeição silenciosa era precedida pela prece jubilosa de quem agradece por ter que comer uma carrada de trabalhos ao longo de uma vida, por entre perguntas sobre o que se aprendeu na escola,

sem esquecer as caneladas que deixaram marca na coxa, e a narrativa de novas gentes com línguas diferentes das dos ingleses e que até vão para a vinha ajudar a carregar gigas, depois do bigode se saciar na caneca de metal e pingar satisfeito no guardanapo de pano, a matriarca recolhe louças e os poucos restos são colocados no casoto do cão. O pai luta para não ceder às horas de trabalho, dando pequenas sacudidelas com a cabeça, ressonando sem querer e sem o admitir, até que a mulher, já depois de arrumada a cozinha, se senta ao lado dele e de cabeça com cabeça se seguram como se partilhassem o mesmo sonho, adormecendo sorrindo o mesmo sorriso, sem se aperceberem de que, espreitando já de pijama, o puto se valia do momento e os abraçava com o olhar antes de se deitar a dormir de encontro ao futuro.

Era ali, por detrás daquele ponderar de criança apreciadora, que depois de cada dia de escola, por entre o arvoredado e com as pernas a latejarem, se esticava no equilíbrio entre o compromisso de não cair pela ribanceira abaixo e o espreitar por entre as folhas voláteis que se adensam no olhar a cada toque do vento quente, na ânsia de ver chegar o barco, aquele grande navio branco com escotilhas de janela em janela, que parecia mastigar o rio a cada batida do casco na água, imaginando-se de mão dada no convés, levando os pais de sorriso lavado e roupa domingueira num passeio. Vai conseguir. Sei-o.

# “TIA ROSA BARQUEIRA”

Inácio Nuno Pignatelli, Escritor

Alberta Rangel, Ilustração

Em Amarante, no Tâmega, junto à ponte  
Tia Rosa Barqueira aluga barcos,  
Sonhos de andar a remos sobre as águas  
para a frente, para trás  
naquele canto do rio.

a gente chama  
e a Tia Rosa Barqueira desce as escadas  
e vem desamarrar os barcos  
que nos entrega como os filhos  
para tomarmos conta.

de certeza que, na volta, nos vai pedir  
satisfações das viagens.

eu gosto muito da Tia Rosa Barqueira,  
seus cabelos grisalhos  
e do sorriso sempre afável feito de rios e  
barcos



## “BAIXO DOURO”

Inácio Nuno Pignatelli, Escritor

Descansam os valboeiros em Ribeira de Abade  
e o rio parece de petróleo verde-escuro  
as casas juntam-se em magotes no cimo dos morros  
Que por aqui há bastantes numa margem e noutra

Veem-se alguns canaviais  
E o arvoredado contempla-se nas águas  
Compondo o rosto nos espelhos  
do rio.

Atães  
Já passamos gramido da convenção  
e esta terra que vem a seguir  
Algumas trepadeiras enredam-se  
nas árvores.

Douro das miragens  
Na mirada onde se pesa a beleza  
Da natureza

E aí está do outro lado Arnelas e do de cá  
Foz do Sousa

Arnelas da feira das nozes e do S. Mateus  
Que era cobrador dos impostos  
Quanto me cobras rio por este olhar  
Que em paga te dou a minha mão  
e os meus escritos  
Chegará?

E avista-se Crestuma  
A Crestuma do bispo D. Gomado  
A Castrumire  
da foz do rio Uima  
O rio dos castros, das lendas e  
dos engenhos de papelão  
Das bichas-mouras e do velhinho  
engenho da Lourença

Santa-Marinha, arredia fixou-se  
em Crestuma  
Fugiu de Sendim  
E é hoje padroeira  
Santa Marinha de Crestuma

Na barragem do rio descansa  
na albufeira  
E aqui e ali há mimosas que não são de cá  
Veem-se pequenas hortas ou hortejos  
Vê-se depois um bocado de serra  
E afastamo-nos do rio  
Mas voltamo-nos a encontrar  
em Melres,

S. Tiago de Melres onde o Douro faz cerca  
De um prolongado e a seguir  
Uma estrada larga de pó  
Olhar de oiro velho

Alteia-se a terra boleada nos dois lados

Rio Mau de uma banda e a Foz do Arda de outra

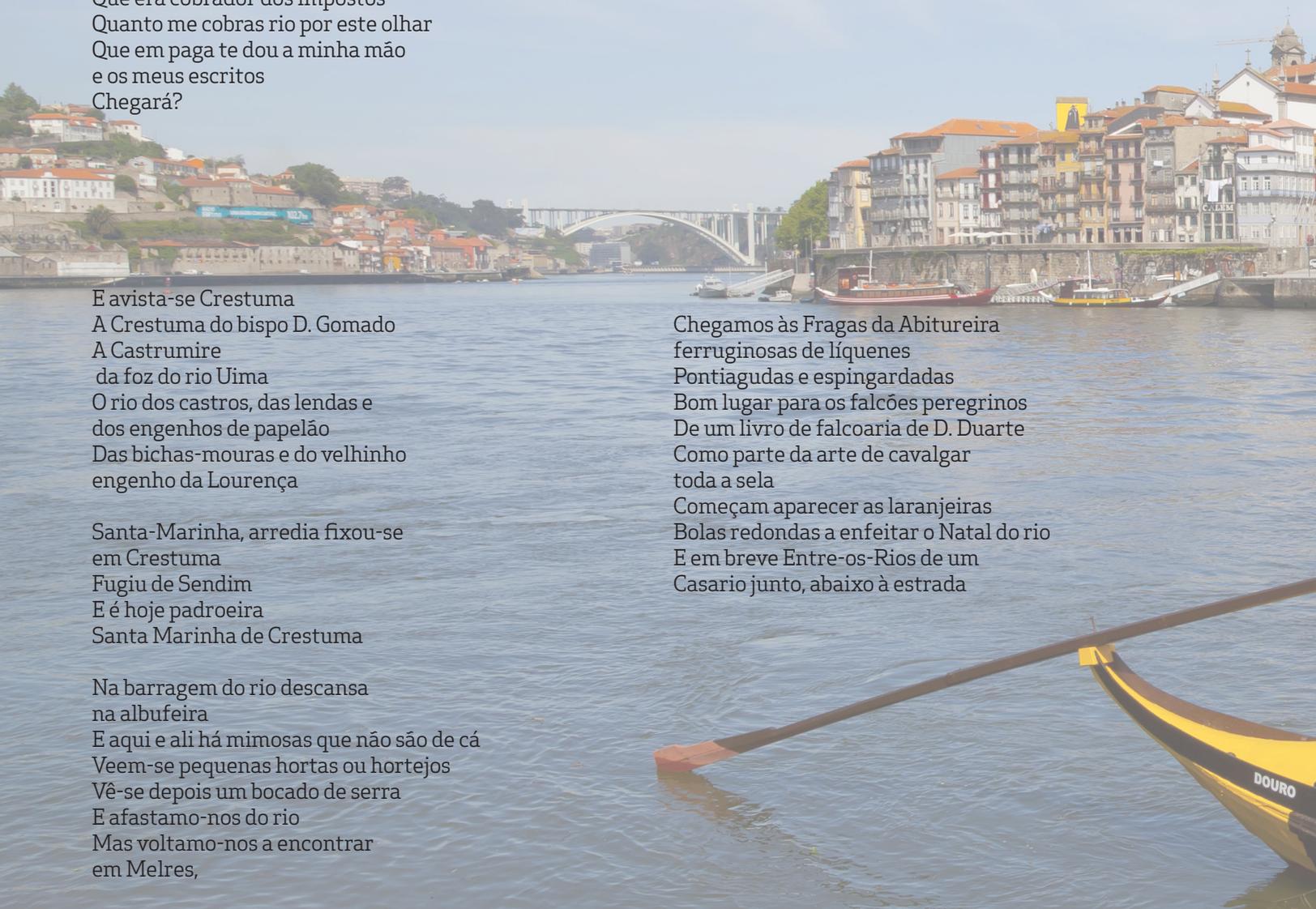
“Rio Douro, Rio Douro  
Rio de tanto penedo  
Ó rio que lá me tens  
O meu amor em degredo”

E depois Sebolido e a Serra da Boneca  
E dentes de pedra no cimo do monte

Do outro lado de S. Domingos que avista o Porto  
Perto de Raiva, terra de um cruel rival  
Do pai de Santo António, D. Martim  
De Bulhões que se bateu em duelo  
com ele

Marmoiral da Boavista

Chegamos às Fragas da Abitureira  
ferruginosas de líquenes  
Pontiagudas e espingardadas  
Bom lugar para os falcões peregrinos  
De um livro de falcoaria de D. Duarte  
Como parte da arte de cavalgar  
toda a sela  
Começam aparecer as laranjeiras  
Bolas redondas a enfeitar o Natal do rio  
E em breve Entre-os-Rios de um  
Casario junto, abaixo à estrada



Terra de Bem Viver,  
De Âncoras no Douro,  
De pequenas enseadas,  
Pelas águas recortadas  
Cais do rio no Torrão  
Cais das águas em Bitetos  
Muitas poalhas douradas  
Que tem o rio ao passar  
E o seu jeito de sonhar

Deixamos para trás as laranjeiras  
Quanto custa a vermelhinha?  
E uma certa velhinha  
Que em tenda vende cavacas  
E biscoitos da Teixeira  
(a Teixeira devia ser ama mulher doce, meiga, boa para amar)  
E os cobres areados decimais,  
Ponho o coração numas balanças  
Para que me cubram de açúcar

Cruzamos ao outro lado para o Torrão  
O Tâmega  
Chegou-se ali ao Douro  
E agora vamos à ilharga deste rio  
Em desafio aos montes  
Há pedreiras azuis.  
Ou pedrinha ou  
Com o Paiva do outro lado a passar  
debaixo da Ponte de Caminhas

Chegamos a Alpendurada  
Estimada pelos reis

Dona Teresa conhecia bem estas paragens  
E tendo avistado não sei que estrelas  
Logo mandou erguer mosteiro  
S. João de Alpendurada

Se eu fosse Rei  
Também mandava erguer aqui mosteiro  
E punha as águas em coro a rezar completas  
Sob direcção do Abade Rio  
E depois escriturava pescarias de  
sáveis e lampreias



# “POESIA TAMBÉM É PATRIMÔNIO”

Donzília Martins, Licenciada em História

“O Rosto com que fita é Portugal” – Mensagem, Fernando Pessoa, in O dos castelos.

“Deus quer o homem sonha e a obra nasce” – Mensagem, F. Pessoa, in O infante.

“O esforço é grande e o homem pequeno” – Mensagem, F. Pessoa, in O Padrão.

Olho a página em branco! Um mundo ali para eu pintar!

Abro o coração, deixo sair as tintas e o poema e eu nascemos juntos.

Mais uma vez, pelo segundo ano consecutivo, a Revista Cultural Orpheu/Paredes

vai espalhar magia com luzes catrapiscantes a iluminar a vida e a alma não só dos paredenses, mas também, num leque mais alargado, de todas as gentes que querem, vivem e amam a cultura.

Como não podia deixar de ser, o seu nome de batismo, Orpheu, remete-nos logo para o grande poeta Fernando Pessoa.

Daí, os versos se impunham, para tentar colorir com as palavras, a prosa didática e enriquecedora dos vários participantes desta belíssima obra cultural.

Há dias em que as palavras fluem, as ideias se catapultam, o céu se abre e é mais azul, os pássaros cantam a mesma belíssima canção da primavera e, quando se olham pedras, vemos delas brotar flores.

Porém há outros em que elas se escondem no mais recôndito fundo delas mesmas, num cantinho imemorial da alma e teimam em não cristalizar os olhos, colorir os lábios, dando-lhes voz e ignorando a mão que as chama!

Querem-se resguardadas, bem lá no fundo do coração que as prende, como se fossem dele o seu maior tesouro.

Vou pedir-lhes que subam comigo, que venham cantar, dizer, conviver, soletrar, partilhar, com todos os que as amam.

Hoje será POESIA.

Poesia?! Sim. Cantada a duas vozes...

A poesia é quando a alma dá voz ao coração;

Quando os olhos são lagos azuis, ou negros, ou verdes de esperança;

Quando, sendo pequenina, posso com ela

comunicar, deixar voar o sentimento e com ele viver um pouco daquilo que sou e no qual ponho toda a força do meu ser e a idade me permite.

Poesia é quando tenho medo de voar porque a primavera já passou e, mesmo assim, sou capaz de apanhar do chão as folhas amarelecidas amachucadas pelos ventos do outono e fazer delas molduras com cheiro a felicidade.

Poesia é, na dor da solidão, sentirmo-nos cercados de mãos que falam, de rostos que riem, de ombro no qual possamos repousar os cabelos brancos, de sabermos que ainda que cada um seja uma ilha fechada, ela possa abrir uma brecha para podermos entrar e repousar do cansaço.

Poesia é em cada dia aprender alguma coisa e ser agradecida.

Poesia é...

**“Deixem-me voltar lá atrás”...**

Venham comigo. Não tenham medo. Ele retrai e não deixa caminhar.

Tu, como eu, também querias lá voltar! Anda, desce, vem.

Queres mesmo entrar no ventre da tua mãe?

O canal estreito abre as margens para tu passares!

Espreitas e tens medo! Depois dás mais um puxo e uma dor alucinante rasga mais as carnes, o impossível acontece e começa a caminhar!

**“O esforço é grande e o homem é pequeno”<sup>(1)</sup>**

Tens frio e tremes. A luz fere-te o olhar!

Fechas os olhos, queres retornar, mas é tarde,

aqui não há mais volta. Este é o teu mundo.

O teu grito acorda os homens! És protesto e rejeição.

É então que sentes na tua pele o primeiro beijo,

o calor do coração a bater junto do teu.

Pegam-te como se fosses pedaço de tudo e nada!

Como se quisessem mastigar a hóstia da comunhão

porque és divino,

Como se trouxesses toda a luz das estrelas nas pontas dos dedos

e tivessem medo de se queimar com o teu calor.

Bailas de cá para lá, de colo em colo, numa aflição,

até que finalmente repousas no colo do amor.

Depois...

Depois cresces tão depressa! O tempo voa!

Tornas-te belo, único, diferente.  
As tuas palavras são música que entoa  
e já não és:

**“O mostrengo que está no fim do mar,”**<sup>(2)</sup>  
mas o menino da paz, da alegria, o mundo, a  
continuação da vida  
e sabes o que queres...

**“Ninguém sabe que coisa quer  
Ninguém conhece a alma que tem.”**<sup>(3)</sup>  
Mas tu sabes... sabes que queres ser feliz,  
que tens um destino a cumprir  
e qual o caminho a seguir, porque sonhas:

**“Deus quer, o homem sonha e a obra nasce”**<sup>(4)</sup>  
Deus quer que deixes rasto, que a tua semente seja farol,  
um hino, uma aleluia em cada Natal.

**“O rosto com que fita é Portugal”**<sup>(5)</sup>  
Porém, à medida que cresces ficas desiludido!  
Não era esse o país com que sonhaste no ventre da tua mãe.  
Não há lugar aqui. Queres ir e ficar. Estás dividido!

**“A alma é divina e a obra é imperfeita”**<sup>(6)</sup>  
Quem te roubou o chão? Quem te fez saltar a  
fronteira?  
Por que não te beija o mar se tu foste uma promessa?  
Por que não gritas mais alto do que o dia em que  
nasceste?

**“Aqui ao leme sou mais do que eu”  
Ó mar salgado quanto do teu sal são lágrimas de  
Portugal**<sup>(7)</sup>  
Foste e voltaste. Tu voltas sempre porque a tua alma  
é genuinamente deste mar, deste azul, destas serras,  
deste chão à beira mar plantado,  
desta gaivota que canta, deste rincão português,  
deste povo sofredor  
que alegre, chora o seu fado.  
Chegas e beijas o chão. Os teus olhos são faróis  
do tamanho de mil sóis  
e brilhos de luar em estradas no mar.  
Calas-te porque todas as palavras mordem a saudade.

**“Ah! O teu silêncio é um perfil de píncaro ao sol”**<sup>(8)</sup>  
Devagarinho entras regressando ao lar que nunca te  
viu partir.  
Não te conheces nem te reconhecem!  
És uma mistura do mundo, de línguas, de gentes, de  
paixão,  
de pedaços partidos, de janelas estilhaçadas num só  
coração.



**“Da última janela do castelo, só um girassol”**<sup>(9)</sup>  
É o que resta do teu ninho, do ventre que te pariu, dos  
amigos, da escola,  
das alegrias na praia, do tanto caminho andado, dos  
teus passos de glória.  
Mas não te sentes vencido porque:

**“A hora sabe a ter sido”**<sup>(10)</sup>  
Nessa hora, como o poeta na sua “Hora Absurda”,  
guitarás ao vento norte  
que te deu tamanha sorte:

**“Pendão de vencidos tendo escrito no centro este  
lema - Vitória”**<sup>(11)</sup>

POETISA DE CASTELÕES DE CEPEDA

**MARIA JOSÉ ALVES PEREIRA DA SILVA**

12 DE JUNHO DE 1925 – 14 DE MARÇO DE 2015

Rafael Telmo, Professor de Artes e Tecnologias

A.fe, Ilustração



Foto retirada do seu último livro editado em 1992, onde se encontra em frente à sua máquina de escrever na sua casa na Av. da República, em Paredes.

**Breve Nota Biográfica**

- "D. Maria José Alves Pereira da Silva vive, desde há muitos anos, na Vila de Paredes, entregue aos cuidados do seu lar, na discreta tranquilidade de quem olha o mundo da sua janela com olhos de tristeza, mas também de esperança. (...) Nas suas estrofes líricas, feitas de sangue e sonho, canta Maria José Alves Pereira da Silva as coisas simples e puras, a natureza e a Pátria, o amor e a virtude, a saudade da infância e os anseios de quem traz a alma voltada para o futuro. Beijem-lhe as mãos os que ainda não perderam o verdadeiro sentido da vida."

Excerto de um artigo do *Monsenhor Moreira das Neves*, em "*O Progresso de Paredes*" de 12 de setembro de 1980.

- A poetisa Maria José Alves Pereira da Silva veio a nascer em Luanda, em virtude de seu pai, Sebastião Monteiro Pereira da Silva, natural do lugar das Paredes,

Castelões de Cepeda, ter ido com a sua família numa comissão de serviço como guarda-redes do Ferroviário de Angola, devido à sua carreira como chefe de estação. Regressa com 14 meses e poucas memórias da terra que a viu nascer, sendo então, uma autêntica paredense até falecer aos 89 anos, na cidade de Paredes.

Publicou, em 1961, o seu primeiro livro de poemas intitulado "Ilha dos Amores", logo esgotado. Em 1964, publicou um novo livro "Labaredas em Prece", também esgotado.

Em 1992, publica "Estrelas do meu Céu", primeira parte e "Cais do Desencanto", segunda parte. Dois livros numa só capa.

Ao longo dos anos, em Concursos literários e Jogos Florais, recebeu algumas centenas de prémios, entre eles 3 penas de ouro e 2 de prata. Participou também em vários concursos internacionais.

## O ANSEIO DE POESIA

Eu agradeço a Deus o ter nascido  
E trazer em meu sangue a poesia.  
Espero ainda tê-la merecido,  
Ao cozer este pão de cada dia.

Sem ela, minha vida é sem sentido,  
Não pode haver fulgor, nem harmonia,  
De que me serviria ter vivido,  
Se o sublime jamais atingiria.

Quando abandono o ninho, as minha penas  
São leves como brancas açucenas,  
Translúcidas me vêm inspirar

Eu ponho a luz do sol em cada verso,  
Aperto no regaço o Universo,  
E dou asas à alma para voar.

Maria José Alves Pereira da Silva, fevereiro de 1998

POETA DE BALTAR

**DANIEL FARIA**

12 DE ABRIL DE 1971 – 9 DE JUNHO DE 1999

Faustino Sousa, Professor



Quadro adquirido pelo Município de Paredes, pintura de Daniel Faria da autoria de Olesya Mohosh.

Daniel Augusto da Cunha Faria nasceu em Baltar, Paredes, a 10 de Abril de 1971.

Frequentou o curso de Teologia na Universidade Católica Portuguesa - Porto, tendo defendido a tese de licenciatura em 1996.

Licenciou-se também em Estudos Portugueses, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A partir de 1990, e durante vários anos, esteve ligado à paróquia de Santa Marinha de Fornos, Marco de Canaveses, local onde demonstrou a sua veia criativa e o seu enorme potencial encenado com escassos recursos: *As Artimanhas de Scapan* e o *Auto da Barca do Inferno*.

Publicou em vida cinco livros:

- Uma Cidade com Muralha (1991)
- Oxálida (1992)
- A Casa dos Ceifeiros (1993)
- Explicação das Árvores e de Outros Animais (1998)
- Homens Que São Como Lugares Mal Situados (1998)

Após o seu falecimento, foram publicados dois livros:

- Legenda para uma casa habitada (2000)
- Dos Líquidos (2000).

Deixou alguns livros, nos quais demonstra seu talento em belos poemas, com uma pesquisa interessante das possibilidades, no fim do século, de uma lírica pura, pesquisa que liga sua poesia à linhagem de alguns dos primeiros modernistas, como Juan Ramón Jiménez, Henriqueta Lisboa ou Anna Akhmátova.

A poesia em língua portuguesa está marcada, como tantas outras, por passagens meteóricas de poetas que não tiveram ou não se deram o tempo para construir aquilo que editores e historiadores literários tão facilmente chamam, mais tarde, de Obra. Uns deixam poucos poemas muito bonitos e ainda estimulantes, como o próprio Torquato Neto ou Pedro Kilkerry (morto aos 32 anos), outros o arco incompleto de um trabalho que se esboçava, como Mário Faustino (morto também aos 32 anos) ou Ana Cristina César (morta aos 31 anos).

Nada mais distante da poesia atormentada pela dúvida de um Torquato Neto do que a poesia lírica de uma personalidade estóica, como a que Daniel Faria parece demonstrar nestes textos. Mas nós sabemos que há tempo para tudo sob o sol, como diz o Livro de Eclesiastes, ou, parafraseando os versos de Robert Browning, que há os que levam uma vida de fé, pontilhada pela dúvida, e os que levam uma vida de dúvida, pontilhada pela fé.

O poeta faleceu a 9 de Junho de 1999, após um acidente doméstico, pouco antes de terminar seu noviciado, ainda no mosteiro de Singeverga. Daniel Faria tinha 28 anos.

A visão do poeta com apenas 22 anos:

***“Creio que o mais egoísta dos homens é aquele que recusa dar aos outros a sua fragilidade e as suas limitações. Quem recusa aos outros a sua pequenez, comete um dos mais infelizes gestos de prepotência. E porque aí se rejeita, aos outros não poderá dar senão o sofrimento da perda. Querendo-se sem falha, será o mais incompleto dos seres”.***

Daniel Faria (1993)

***“Trazer um poema à superfície é uma experiência e um exercício de obediência”.***

Daniel Faria (1998)

*Sou gémeo de mim e tudo  
O que sou é  
Distância.  
Estou sentado sobre os meus joelhos  
Separado.  
Aquilo que une  
É um rumor.  
Não descanso. Sou urgência  
De outro sítio. E pudesse velar-me  
Longe  
Dos homens como se neles  
Adormecesse.*

*Magoa ver a magnólia cair. Acredita.  
O relâmpago vem  
Sobre ela. A tempestade.  
As plantas são tão frágeis como as cabanas dos homens.  
Somos muito frágeis os dois neste poema  
Com o relâmpago, a cabana, com a magnólia aos ombros  
Sem nenhum terreno pulmonar intacto  
Para depois de nos olharmos um de nós dizer  
Plantêmo-la aqui – aqui  
É o meu pulso, a minha boca  
É a retina com que procuras, é a madeira da porta  
Com que te fechas em casa. Prometo-te  
Eu nunca vou fechar os olhos.  
As mãos.*

*Homens que são como lugares mal situados  
Homens que são como casas saqueadas  
Que são como sítios fora dos mapas  
Como pedras fora do chão  
Como crianças órfãs  
Homens sem fuso horário  
Homens agitados sem bússola onde repousem  
Homens que são como fronteiras invadidas  
Que são como caminhos barricados  
Homens que querem passar pelos atalhos sufocados  
Homens sulfatados por todos os destinos  
Desempregados das suas vidas  
Homens que são como a negação das estratégias  
Que são como os esconderijos dos contrabandistas  
Homens encarcerados abrindo-se com facas  
Homens que são como danos irreparáveis  
Homens que são sobreviventes vivos  
Homens que são como sítios desviados  
Do lugar*

# PRÉMIO DE ARTES PLÁSTICAS “HENRIQUE SILVA” REGULAMENTO

1. A Câmara Municipal de Paredes, com o objetivo de estimular e contribuir para o aparecimento de novas obras no domínio das Artes Plásticas, promove o Prémio de Artes Plásticas “Henrique Silva”.
2. O Prémio de Artes Plásticas “Henrique Silva” destina-se a distinguir obras inéditas e consistirá na atribuição, ao premiado, do valor pecuniário de 250 euros (duzentos e cinquenta euros)
3. O júri poderá ainda atribuir dois Diplomas de Menção Honrosa. A todos os concorrentes será atribuído um Diploma de Participação.
4. Serão admitidas a concurso quaisquer obras no domínio das Artes Plásticas.
5. Os trabalhos do concurso devem ser entregues na Casa da Cultura de Paredes – Av<sup>a</sup> da República, 176, 4580 Paredes, até final do mês de junho do ano a que respeita o Prémio. No momento da receção das obras, será assinado um auto de receção, em duplicado, com o qual o autor deverá proceder ao levantamento posterior das obras.
6. As obras a concurso, devidamente assinadas e identificadas no verso, devem ser acompanhadas do auto de receção, em duplicado, no qual constará: nome, morada, telefone, um breve currículo artístico no máximo de ½ página A4, ficha técnica da obra, uma fotografia a cores por cada obra, indicando a posição correta e aceitação expressa das condições deste regulamento.
7. Todas as obras a concurso serão publicadas na Revista Cultural do Município, impressa ou digital.
8. De entre as obras apresentadas a concurso, proceder-se-á a uma seleção com vista a uma posterior exposição, pelo que todos os trabalhos apresentados devem estar em condições de serem expostos. A exposição decorrerá, num período previamente agendado, durante os meses de julho e agosto, no edifício da Casa da Cultura de Paredes.
9. O júri responsável pela seleção das obras a concurso será constituído pelos seguintes elementos: um representante da Câmara Municipal de Paredes, sem direito a voto, que presidirá, e três elementos de reconhecido mérito na área das Artes Plásticas.
10. As decisões do júri serão tomadas por unanimidade ou por maioria.
11. O Prémio poderá não ser atribuído se o júri entender que as obras apresentadas não reúnem a qualidade exigida.
12. Os membros do júri e os elementos da Câmara Municipal responsáveis pela organização do concurso não poderão concorrer a este Prémio.
13. A Câmara Municipal de Paredes dará conhecimento público das obras e dos autores premiados, através dos canais de comunicação do município.
14. A Câmara Municipal de Paredes não garantirá a devolução das obras, caso estas não sejam levantadas nos 60 dias posteriores à data de atribuição do Prémio, pelo que reverterão para o acervo do Município.
15. A organização não se responsabiliza por perdas, estragos, roubos e danos das obras ou por deterioração de obras frescas, nem por causas de força maior ou quaisquer outras, comprometendo-se, no entanto, a tratar com o maior zelo e cuidado as obras recebidas. Os concorrentes que desejarem poderão contratar, por sua conta e sob sua responsabilidade, qualquer tipo de seguro que entendam necessário.
16. Os artistas participantes autorizam a menção dos seus nomes e a reprodução fotográfica das suas obras para a sua promoção e divulgação.
17. Os concorrentes, a partir do momento em que entregarem os seus trabalhos, obrigam-se a aceitar as presentes normas.
18. Todos os casos omissos no presente regulamento serão apreciados e decididos pelo júri, não havendo lugar a recurso da decisão proferida.

**Mais informações:**Site: [www.cm-paredes.pt](http://www.cm-paredes.pt)Mail: [cultura@cm-paredes.pt](mailto:cultura@cm-paredes.pt)

Tel. 255 788 800

# PRÉMIO LITERÁRIO “ANTÓNIO MENDES MOREIRA”

## REGULAMENTO

1. O Prémio Literário “António Mendes Moreira” é promovido pela Câmara Municipal de Paredes, pretendendo contribuir e estimular a produção e divulgação literárias junto da população em geral.
2. O Prémio Literário “António Mendes Moreira” destina-se a distinguir textos inéditos, a editar pelo Município de Paredes e consistirá na atribuição dos seguintes Prémios:
  - 1º Prémio: o valor pecuniário de 250 euros (duzentos e cinquenta euros) e publicação na Revista Cultural do Município (impressa ou digital);
  - 2º prémio: publicação na Revista Cultural do Município (impressa ou digital) e um livro;
  - 3º prémio: publicação na Revista Cultural do Município (impressa ou digital).
3. Nos textos a publicar deverá constar o título do prémio - “Prémio António Mendes Moreira”, o lugar de classificação, bem como o ano da sua atribuição.
4. Os textos concorrentes têm de ser inéditos, escritos em língua portuguesa, respeitando a temática previamente proposta para o efeito.
5. Os textos concorrentes, constituídos no mínimo de duas páginas e máximo de seis páginas, devem ser apresentados em formato A4 impresso e em versão eletrónica no programa word, escritos em Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento de 1,5 entre linhas, devidamente paginados, e entregues em envelope fechado, sendo obrigatoriamente assinados com pseudónimo.
6. Os textos deverão ser enviados em envelope fechado para o Município de Paredes, com a indicação de “PRÉMIO LITERÁRIO”, Parque José Guilherme, 4580-229 Paredes, até final do mês de setembro.
7. Os textos deverão ser acompanhados de um sobrescrito lacrado, contendo no interior a identificação completa do autor, aparecendo no exterior somente o pseudónimo. Só será aberto o sobrescrito relativo às obras premiadas, devendo o secretariado do júri destruir os restantes.
8. O júri responsável pela seleção dos textos a concurso será constituído pelos seguintes elementos: um representante da Câmara Municipal de Paredes, sem direito a voto, que presidirá, e três elementos de reconhecido mérito na área da literatura.
9. As decisões do júri serão tomadas por unanimidade ou por maioria.
10. O Prémio poderá não ser atribuído se o júri entender que as obras apresentadas não reúnem a qualidade exigida.
11. Os membros do júri e os elementos da Câmara Municipal de Paredes responsáveis pela organização do concurso não poderão concorrer a este Prémio.
12. A Câmara Municipal de Paredes dará conhecimento público da obra e autor premiados nos canais do município destinados para o efeito.
13. A Câmara Municipal de Paredes não garantirá a devolução das obras não premiadas, caso estas não sejam levantadas nos 60 dias posteriores à data de atribuição do Prémio.
14. Os concorrentes, a partir do momento em que entregarem os seus trabalhos, obrigam-se a aceitar as presentes normas.
15. Todos os casos omissos no presente regulamento serão apreciados e decididos pelo júri, não havendo lugar a recurso da decisão proferida.

### Mais informações:

Site: [www.cm-paredes.pt](http://www.cm-paredes.pt)  
 Mail: [cultura@cm-paredes.pt](mailto:cultura@cm-paredes.pt)  
 Tel. 255 788 800

**Temática para 2020:**  
**“O Fado”**

*Nem ver um eclipse total,  
nem esperar o cometa Haley:*

*A luz das mães  
é a verdadeira magnificência*

Nuno F. Siva  
Poeta de Parada de Todeia  
Paredes



CÂMARA MUNICIPAL  
**PAREDES**